xistem indivíduos fortes, inteligentes, apaixonados, com grandes necessidades materiais e lectuais que, encontrando-se por acaso na classe dos oprimidos, procuram a todo custo ncipar-se e não recuam diante da idéia de ser, por sua vez, opressores: são indivíduos e se sentem aprisionados na sociedade atual e chegam a desprezar e odiar qualquer tipo ociedade; vendo que é absurdo querer viver fora da coletividade humana, procuram meter à sua própria vontade e à satisfação de suas paixões todos os homens, a sociedade eira. Às vezes, quando são intelectuais, consideram-se *super-homens*. Não têm escrúpulos, erem "viver sua vida"; ridicularizam a revolução e qualquer aspiração futura; querem r a vida "aqui e agora", a qualquer preço e às custas de quem quer que seja; sacrificariam umanidade inteira por uma única hora de "vida intensa" (conforme seus próprios termos). stes são rebeldes, mas não anarquistas. Possuem a mentalidade e os sentimentos do burguês trado e, quando podem, transformam-se efetivamente em burgueses, e não menos gosos.

*Errico Malatesta*
*(Pensiero e Volontà, 15 de junho de 1913)*

rganização anarquista deve ser a continuação de nossos esforços e da nossa propaganda; deve ser a conselheira libertária que nos guia em nossa ação de combate cotidiano. emos nos basear em seu programa para difundir a nossa ação em outros campos, em s as organizações especiais de luta particulares nas quais possamos penetrar e levar ssa atividade e ação: por exemplo nos sindicatos, nas sociedades anti-militaristas, nos pamentos anti-religiosos e anti-clericais, etc. Nossa organização especial pode servir lmente como um terreno para a concentração anarquista (não de centralização!), como campo de acordo, de entendimento e de solidariedade a mais completa possível entre . Quanto mais estivermos unidos menor será o perigo de que sejamos arrastados nas erências ou, que desviemos nosso ímpeto de luta para batalhas e escaramuças aonde, os que não estão de forma alguma de acordo conosco, poderiam cortar-nos as mãos.

*Luigi Fabbri*
*(A Organização Anarquista, Junho de 1907)*

*LUTA LIBERTÁRIA*
*Coletivo Editorial*

ERRICO MALATESTA & LUIGI FABBRI

ANARCO-COMUNISMO ITALIANO

LL

# ANARCO COMUNISMO ITALIANO

Malatesta dispensa grandes apresentações para quem já tem algum conhecimento da história anarquismo. Nascido em 14 de zembro de 1853, em Santa Maria ura Vetere, perto de Nápoles, de jovem indignado com as sticas sociais, sofreu sua primeira nção aos 14 anos de idade, por rever uma carta insolente ao Rei tália, desde então não cessou de r pela revolução social.

da jovem militou na Associação rnacional dos Trabalhadores e mesmo tempo na Aliança da mocracia Socialista, a organização rquista clandestina fundada por kunin.

parte da corrente anarco-munista, mas sempre polêmico, ergiu de Kropotkin em muitas sas. Foi um propagandista nsável do anarquismo, fundando olicações diversas em várias es do mundo por onde, em geral, ve exilado. Mas sua ação não se só no campo da propaganda, bém fundou organizações e ltatos. Malatesta é uma leitura damental para quem quer hecer o pensamento anarquista.

# ANARCO COMUNISMO ITALIANO

Errico Malatesta & Luigi Fabbri

# ANARCO COMUNISMO ITALIANO

*LUTA LIBERTÁRIA*
*Coletivo Editorial*

**Agradecimentos:**
Nosso coletivo é grato a todos os amigos e militantes que contribuíram e contribuem com nosso trabalho, aqui em São Paulo e em outros estados, em especial ao CELIP (RJ), FAG (RS), Coletivo Ruptura (CE), LEL (RJ), Coletivo Domingos Passos(RJ), Coletivo Libertário (MT) .

**Organização**
Luta Libertária

**Traduções**
Luta Libertária
Plínio A. Coelho
JCM

**Digitação**
Luta Libertária
André Braga dos Reis
Bruno César Braga dos Reis

**Revisão**
Velot Wamba

**Capa e Editoração**
Angelo Bruno

*LUTA LIBERTÁRIA*
***Coletivo Editorial***
Caixa Postal 11639, São Paulo/SP - 05049-970 - Brasil
lutalibertaria@hotmail.com

## *Sumário:*

Apresentação

Introdução
A Corrente Anarco-Comunista:
Histórico, Crítica e Permanência
9

Malatesta e Luigi Fabbri:
O Anarco-Comunismo Organicista
39

Sobre a Organização
55

A organização das massas operárias
contra o governo e os patrões
65

Anarquismo e Sindicalismo
69

Malatesta: fragmentos
77

A Organização Anarquista
95

O Conceito Anarquista de Revolução
127

Revolução e Expropriação
143

A Defesa da Revolução
159

A Função do Anarquismo na Revolução
173

O anarco-comunismo organicista
e o sentido da organização anarquista
187

Bibliografia
197

Outras questões como a da violência e do individualismo também são abordadas, tendo por base uma dimensão ética, que segundo Malatesta, os anarquistas não podem perder de vista, sob pena de pisotearem seus próprios valores de responsabilidade e solidariedade.

Os textos para compor e organizar o livro foram buscados em outros livros e documentos. Os de Malatesta, em sua maioria, foram traduzidos e editados anteriormente por Plínio Augusto Coelho e foram extraídos das compilações *Escritos Revolucionários* e *A Anarquia*, publicadas pela Novos Rumos Editora e posteriormente pela Editora Imaginário. Nós aqui repetimos a edição destes textos considerando que são atuais e que contribuem para a formação, estudo e discussão do pensamento libertário e suas concepções.

Também editamos neste livro excertos de outros textos de Malatesta, publicados em uma compilação feita pelo grupo francês *Primeiro de Maio*, editada no Brasil pela L&PM, pois pensamos que estes também se encontram dentro do mesmo critério de pertinência que os outros.

Já os textos de Luigi Fabbri são inéditos no Brasil, um é datado de 1907, e foi escrito por Fabbri por ocasião do Primeiro Congresso Anarquista Italiano, os outros, foram extraídos da obra *Ditadura y Revolución*, escrita por Fabbri concomitantemente a todo o processo da Revolução Russa.

Para este livro nosso coletivo editorial também preparou uma introdução histórica sobre o período posterior à morte de Bakunin, momento no qual é gerada a corrente anarco-comunista, uma das mais influentes na história do anarquismo. Dentro ainda deste histórico procuramos situar os dois autores em relação à sua época e corrente política, seus consensos e divergências.

E para fechar incluímos um texto nosso de discussão e reflexão, já que nosso coletivo não se propõe a simplesmente fazer um panegírico do passado, que geralmente fica apenas no culto aos mortos; mas sim, extrair das práticas históricas as lições para o presente e para o futuro, que é para nós, uma das funções do pensamento crítico.

Esta apresentação já se prolongou demais, que a leitura destes textos seja útil para todos aqueles que querem conhecer o anarquismo e discuti-lo e mais; que seja mais útil ainda àqueles que, além de conhecer e discutir, querem formular alternativas de luta contra a atual barbárie que assola o mundo.

Boa Leitura!

*Luta Libertária*

# INTRODUÇÃO

## A corrente anarco-comunista: histórico, crítica e permanência*

### A formação do anarco-comunismo

Não se entende o pensamento e a prática de Malatesta e Luigi Fabbri sem que se considere a corrente do anarquismo a qual pertenciam, o anarco-comunismo, mais ainda a variante organicista do anarco-comunismo, caracterizada por uma maior ênfase na necessidade de organização. É importante entender como se formou a corrente anarco-comunista na história, suas idéias gerais, bases teóricas, estratégia e táticas para podermos compreender a trajetória de Malatesta e Luigi Fabbri.

Na época de Bakunin, os anarquistas se diziam coletivistas e depois adotaram o termo comunista. A primeira diferenciação entre os anarquistas coletivistas e os anarquistas comunistas refere-se à forma de distribuição da riqueza numa sociedade pós-revolucionária. Para os coletivistas a retribuição individual seria proporcional ao trabalho realizado, já para os anarquistas comunistas valeria a lei *"de cada um segundo suas possibilidades e a cada um segundo suas necessidades"*, ou seja, cada um tomaria para si os produtos de acordo com suas necessidades e não de acordo com o trabalho realizado, o que obviamente não quer dizer que as pessoas poderiam simplesmente deixar de trabalhar e tomar para si o que desejassem, o trabalho seria para todos.

Uma outra questão decorrente da forma de organização da distribuição aparecia neste debate sobre coletivismo e comunismo. No caso do modelo coletivista, questionavam os anarquistas comunistas; sempre haverá uma instância de autoridade que só o comunismo poderá

eliminar. Ou seja, a repartição individual dos produtos, de acordo com o trabalho de cada um, exige uma infinidade de cálculos, um sem número de administradores, fiscais, etc., um aparato burocrático, enfim, cuja arbitragem termina por comprometer o ideal de uma organização social fundada nas relações de solidariedade[1]. No fundo, as diferenças eram determinadas pela questão da liberdade, temia-se no coletivismo a formação de um organismo central de administração, que poderia derivar algo semelhante a um Estado.

Esta polêmica entre os anarquistas ganhou grandes proporções por volta de 1876, ano da morte do coletivista Bakunin. Em fevereiro daquele ano, na cidade suíça de Genebra, François Dumartheray publicou um folheto intitulado *Aux travailleurs manuels partisans de l'action politique* (*Aos trabalhadores manuais partidários da ação política*). Nele Dumartheray anunciava para breve a edição de um outro folheto, no qual discorreria "sobre o assunto do comunismo anarquista"[2]. O novo folheto, diz Nettlau, acabou por não ser publicado; de qualquer modo, acrescenta, essa foi "a primeira vez, que eu saiba, que se imprimiram essas palavras juntas"[3]. No entanto, além das controvérsias sobre a forma de organização econômica da sociedade, muitos outros fatores diferenciam estas duas correntes, e mais do que recorrer a definições teóricas sobre cada uma delas, recorreremos a história do anarquismo para entendê-lo.

As raízes da versão comunista libertária encontram-se no movimento social suíço do final do século XIX, sobretudo nas atividades desenvolvidas pelos revolucionários das montanhas do Jura[4], grupo ao qual pertencia François Dumartheray. Os mais remotos eventos ligados à sua origem acham-se, de um lado, no ano de 1871, quando, na esteira das controvérsias que separavam os anarquistas coletivistas dos representantes marxistas do Conselho Geral da *Associação Internacional dos Trabalhadores*, foi criada a Federação Jurassiana (Congresso de Sonvillier, 12-11-1871)[5]; de outro, na iniciativa tomada por alguns dos seus mais expressivos representantes, de converter a referida federação ao comunismo libertário (Congresso da Federação Jurassiana, La Chaux-de-Fonds, 1880)[6], depois de terem reconhecido, na combinação da acracia com o comunismo, a mais desejável forma de organização para a sociedade futura, renunciando, dessa forma, ao coletivismo até então adotado, pela força da influência sobre eles exercida por Bakunin, entre outras razões.

Depois da cisão da *AIT* (*Associação Internacional dos Trabalhadores*, depois conhecida como a *1ª Internacional*) a Federação Jurassiana passou a ser o centro de uma significativa atividade tanto no



campo do pensamento, como no campo da organização do movimento anarquista europeu. Pouco tempo depois, chegaria a ocupar, neste movimento, uma posição de destaque. Quando, na sua mencionada história do anarquismo, Nettlau recorda que, em 1876, inaugurara-se uma fase de "belas expressões novas do pensamento anarquista"[7], referia-se principalmente, às atividades empreendidas pelos integrantes dessa federação. Até esta época, entre os anarquistas do Jura, não se falava em "comunismo libertário" ou "comunismo anarquista". Para todos os efeitos, a Federação Jurassiana vivia sob o impulso dado por Bakunin, e, desse modo, prevalecia entre os seus militantes a concepção "coletivista".

O ano de 1976, em virtude de uma série de coincidências, foi, de fato, bastante singular para o pensamento e o movimento anarquista. No mês de julho foi dissolvido o conselho geral da *AIT* em Nova Iorque, mesmo mês em que morreu Bakunin. No segundo semestre, Kropotkin retornou à Europa Ocidental na condição de exilado político, estabelecendo logo em seguida estreitos vínculos com os anarquistas jurassianos e se incorporando à discussão sobre o anarco-comunismo, que já existia bem antes de sua chegada. Malatesta disse numa carta ao amigo Luigi Fabbri sobre aquela época: *(...) éramos 'kropotkinianos' antes de Kropotkin. Kropotkin, na realidade encontrou, já dominante entre nós, aquelas que depois foram suas idéias, antes de ingressar na ala 'bakuninista' do movimento internacional* [8].

Também neste ano, James Guillaume, outra figura proeminente da Federação Jurassiana publicou *Ideés sur l'órganization sociale* (*Idéias sobre a organização social*), onde faz considerações favoráveis à concepção comunista do anarquismo[9], embora não o assumisse plenamente. Ainda em 1876, numa reunião internacional realizada em Lausane, Eliséé Reclus expôs, pela primeira vez em público, a sua concepção de anarquismo comunista[10], e, em Florença, por ocasião do Congresso da Federação Italiana, Malatesta, Cafiero e Covelli abandonam a concepção coletivista, por entenderem ser impossível separar claramente instrumento e produto do trabalho e por terem chegado à conclusão sobre a necessidade do livre acesso aos produtos do trabalho[11]. Finalmente, culminando com esta série de manifestações, o Congresso da Federação Jurassiana de 1880, reunido em La Chaux-de-Fonds, *se declarou ousadamente comunista anarquista* [12], conforme o relato de Kropotkin, um dos participantes do congresso que aderira à idéia. Alguns militantes, como Adhemar Schwitzguébel, resistiram à mudança mais por questão de termo do que por conteúdo. Mesmo se declarando comunista anarquista,

ele argumentava que o termo comunista era mal compreendido entre a população, que acreditava ser tal sistema restritivo de toda a liberdade. Para Schwitzguébel seria necessário um grande trabalho preparatório, para levar as populações a admitir o comunismo[13].

James Guillaume, por outro lado, preocupava-se com os termos anarquia e anarquistas, segundo ele "(...) as palavras anarquia e anarquistas são, a nossos olhos e aos de muitos amigos, termos cujo emprego se deveria renunciar, porque não expressam senão uma idéia negativa, sem indicar uma idéia positiva, - prestado-se, pois, a equívocos inoportunos"[14]. Por esta razão ele empregava as expressões *comunistas não-autoritários ou coletivistas*[15]. Apesar das divergências saiu vitoriosa a proposta de Kropotkin, apoiada por Reclus e Cafiero entre outros, de abandonar a expressão coletivismo. Kropotkin terminou sua participação no congresso com a seguinte afirmação: "É tempo de pôr um fim nesse mal-entendido, e, para isso, não existe senão um meio: abandonar a palavra coletivismo e declarar-se francamente comunistas, distinguindo a diferença que existe entre a nossa concepção de comunismo anarquista e aquela que foi divulgada pelas escolas comunistas místicas e autoritárias, antes de 1848". [16]

## O rompimento com o anarquismo bakuninista

Pode-se dizer que no anarquismo há um antes e um depois do anarco-comunismo, um divisor de águas no pensamento anarquista. Os primeiros anarco-comunistas saíram da região do Jura suíço e eram todos eles anarquistas bakuninistas ou coletivistas, foram todos eles sem exceção bakuninistas, pertencentes à *1ª Internacional* ou à *Aliança*. Portanto se vê que o anarco-comunismo não surgiu de forma independente, mas dentro do próprio bakuninismo. Isso pode nos dar uma falsa idéia de continuidade sem rupturas, de simples evolução dentro do mesmo rumo que o anarquismo seguiu com Bakunin, mas não foi bem assim. O grande respeito que os próprios anarco-comunistas tinham por Bakunin os fazia ressaltar muito mais as semelhanças com o anarquista russo, a herança que recolhiam do que as diferenças, as críticas, os rompimentos.

A concepção bakuninista era a de um partido anarquista clandestino, a *Aliança da Democracia Socialista*, atuando como vanguarda dentro do movimento de massas, como agente organizador, procurando trazer os elementos mais avançados para a organização secreta. Não havia propaganda anarquista aberta ou movimento



anarquista, mas apenas uma minoria ativa. A tarefa era sobretudo de tipo organizativo, procurando provocar insurreições populares: "Apodere-se uma vez de uma comuna; pratique-se aí a propriedade coletiva, organizem-se os corpos de ofícios e de produção, os grupos de bairro, de circunscrição; que os instrumentos de trabalho passem às mãos dos trabalhadores; os trabalhadores e suas famílias aos alojamentos saudáveis, e os vagabundos para a rua. Caso a comuna seja atacada, será defendida; se não se vencer pouco importa! A idéia estará lançada, não sobre o papel, não no jornal, mas sobre um quadro vivo; não será esculpida no mármore, nem talhada na pedra, nem fundida no bronze; marchará em carne e corpo, viva, diante do povo. O povo saudará a sua passagem"[17]. O interessante é que este trecho foi escrito no *Boletim Jurrassiano*, da Federação Jurrassiana em 5 de agosto de 1877, já depois da morte de Bakunin, o que nos mostra a continuidade de suas idéias. Intitulava-se *A propaganda pela ação*, não era assinado, mas foi atribuído segundo Max Nettlau, a Paul Brousse[18].

O próprio Kropotkin escreveu já em 1880, quando o anarco-comunismo estava mais consolidado, estas palavras: "(...)revolta permanente mediante a palavra, o escrito, o punhal, o fuzil, a dinamite (...) Tudo quanto caia na ilegalidade nos servirá"[19]. Recorda-se, também que a influência de Bakunin era ainda muito forte para fazer que Kropotkin, logo após a sua chegada a Europa Ocidental, fundasse, em 1877, juntamente com Paul Brousse, então membro da Federação Jurassiana, a *Nossa Intimidade Internacional*, sociedade secreta com a pretensão de dar continuidade às organizações do mesmo gênero criadas por Bakunin, entre 1865 e 1868.[20] No entanto, segundo Max Nettlau, teve curta duração, já a partir de 1882 e 1883 não se tem mais notícias da mesma.

O esquema bakuninista funcionou durante a *1ª Internacional*, e foi levado à prática em diversos momentos. Mas a partir de meados da década de 1870, com a derrota da Comuna de Paris, a repressão brutal que se seguiu e a crise da *Internacional* houve uma desarticulação do movimento operário e dos anarquistas da época. A frustração chegou e as avaliações sobre a derrota começaram a ser pensadas. Os anarquistas experimentaram contratempos que lhes deixaram marcas profundas, cuja lembrança muito influiu quando, posteriormente, trataram de definir os rumos futuros do movimento. Max Nettlau, retrata o essencial desse ambiente tumultuado: "as grandes derrotas e perseguições aos jovens movimentos revolucionários na França, na Espanha e na Itália, em 1871, 1873 e 1874, haviam colocado um fim provisório nas esperanças de uma revolução geral – que desta vez seria uma revolução social – abrigadas

antes de 1870 no mundo novo da Internacional" [21]. Chegada a hora do refluxo, essa geração anarquistas pôde ver, completamente expostas algumas fissuras nas bases de construção na qual seus adeptos se achavam empenhados até 1870, "ainda se conservava a esperança de que as massas se levantariam, e essa esperança diminuiu"[22], lê-se no mesmo texto de Nettlau. Veio, então, o trágico reconhecimento de que "estava-se mais isolado do que se acreditava".[23]

Isso foi revelado, particularmente, por alguns acontecimentos da Comuna de Paris. Uma passagem de *Evolução, revolução e ideal anarquista*, de Elisée Reclus, retrata, de modo eloqüente, o fenômeno assinalado por Nettlau, e traduz, sem dissimulações, o estado de ânimo dos anarquistas daquele momento. Na qualidade de participante domovimento e agora preocupado com o que chamou de "oscilações das multidões", Reclus evoca um episódio que era, provavelmente, uma lembrança ainda viva para ele e para muitos dos seus companheiros: "(...) da multidão dos indivíduos apertados uns contra os outros desprende-se facilmente uma alma comum inteiramente subjugada por uma mesma paixão, deixando-se arrastar aos mesmos gritos de entusiasmo ou às mesmas vociferações, formando um ser único com as suas mil vozes frenéticas de amor ou de ódio. Em alguns dias, em algumas horas, o redemoinho dos acontecimentos leva a mesma multidão às mais contrárias manifestações de apoteose ou maldição. Os que, dentre os nossos, combateram pela Comuna conhecem essas terríveis ressacas da vaga humana. À partida para os postos avançados, seguiam-nos com tocantes saudações, brilhantes lágrimas de admiração nos olhos dos que nos aclamavam, as mulheres agitavam os lenços ternamente. Mas que acolhimento se fez aos heróis da véspera que, tendo escapado à matança, voltaram como prisioneiros entre duas filas de soldados! Em muitos bairros, o populacho compunha-se dos mesmos indivíduos: mas que contraste absoluto em seus sentimentos e atitudes! Que concerto de gritos e maldições! Que ferocidade nas palavras de ódio! Morra! Morra! À metralhadora! Ao moinho de café! À guilhotina!"[24].

Outro testemunho do desalento existente entre os anarquistas encontra-se num texto de Andrea Costa, um dos responsáveis pela revolta de 1874, na Itália, redigido em 1877, antes, portanto, de abandonar as fileiras libertárias. Não só por isso, no entanto, ganha interesse o seu depoimento; nele, Costa faz uma severa crítica aos métodos que vinham sendo empregados para alcançar a revolução social e deixa umas tantas sugestões, as quais, mais tarde terminariam por se generalizar nos meios



comunistas libertários: "(...) por intermédio de conspiração pode-se alcançar uma mudança de forma de governo; pode-se, também, eliminar um princípio e substituí-lo por outro, porém desse modo não é possível realizar a revolução social (...) Para levá-la a cabo é necessário difundir amplamente os novos princípios entre a massa popular, ou melhor dizendo, reavivá-los em seu espírito, porque se encontram latentes por instinto, e organizar os trabalhadores e todo mundo de modo que a revolução se produza por si mesma, de baixo para cima, e não ao contrário, pelo império de leis e decretos, quando se termina por recorrer à força. E isso exige inevitavelmente publicidade, já que não se pode imaginar uma propaganda de tão vasto alcance no círculo forçosamente restrito de uma conspiração"[25]

Por fim, há uma sugestiva página de Kropotkin nesse sentido, no artigo "Teoria e Prática", publicado em *Le Révolté*: "se, em março de 1871, alguém tivesse questionado todos aqueles que se empenharam pelo advento da Comuna sobre o que era necessário para a solução da questão do pão e do trabalho – que terrível cacofonia de respostas contraditórias ouviria! Seria necessário tomar posse das fábricas em nome da Comuna de Paris? Poder-se-ia lançar mão das casas e proclamá-las propriedade da cidade insurreta? Seria necessário tomar posse de todos os víveres e promover o racionamento? Seria preciso proclamar todas as riquezas acumuladas em Paris propriedade comum do povo francês e utilizar esses meios poderosos na libertação de toda a nação? O povo não tinha nenhuma opinião formada sobre essas questões. Preocupada com as necessidades da luta imediata, a Internacional negligenciou a discussão profunda destas questões (...) Longe de nós a idéia de elaborar um programa prévio para o caso de uma revolução (...) Mas, o que importa fixar, é o fim que se pretende atingir. E não somente fixá-lo, mas divulgá-lo, pela palavra e pelos atos, de maneira a torná-lo eminentemente popular, tão popular que, no dia do movimento, ele esteja em todas as bocas. Tarefa muito maior e mais necessária do que geralmente se imagina (...)"[26].

Em tal ambiente, onde derrotas, perseguições e frustrações no terreno da ação revolucionária entrelaçavam-se com situações sociais e políticas novas, é que os anarquistas, como diz Max Nettlau, "intensificaram seja a teoria, seja o método de ação"[27], e "estas duas tendências", prossegue Nettlau, "conduziram, em 1876, à idéia do comunismo anarquista e à tática da ação insurrecional, ou propaganda pela ação"[28]. A maioria dos anarquistas se inclinou pela primeira opção, mas em ambos os casos havia uma desilusão com as massas, tidas como

inconscientes, inertes, apáticas etc. Os anarquistas do Jura tiraram em linhas gerais as seguintes conclusões: faltou mais consciência para o povo, à classe. Uma massa inconsciente nunca fará uma revolução. Para isso não bastaria um partido clandestino, pelo contrário, a organização deveria ser pública para exercer uma forte propaganda conscientizadora; a organização revolucionária concebida em nada se assemelhava às "sociedades secretas" dos tempos de Bakunin.

Mesmo revelando um grande entusiasmo revolucionário e um idêntico empenho à causa, os comunistas anarquistas não seriam lembrados por terem defendido com o fervor demonstrado pelos antigos companheiros bakuninistas, e os contemporâneos ainda impressionados com as suas táticas, às conspirações que tanto evocam as "sociedades secretas", seus "catecismos" e seus "militantes ocultos", como os chamava Nettlau.[29] Da mesma forma, embora reconhecessem o despreparo revolucionário das massas, como outros anarquistas, não chegariam a defender uma "ditadura coletiva e invisível"[30] considerada "o melhor meio para aproximar os dois pólos, as massas ainda pouco desenvolvidas e as grandes exigências reclamadas por uma revolução social"[31]. Bakunin esperava poder contar "com homens seriamente revolucionários, apaixonados pela destruição, que tenham o diabo no corpo"[32]. Não correspondem inteiramente a esse tipo, os revolucionários ideais descritos nas páginas de Kropotkin e de Reclus. Nem seria típica do comunismo libertário a idéia expressa certa vez por Bakunin, segundo a qual "não se deve ilustrar o povo, mas conduzi-lo à revolta"[33]. Com o anarco-comunismo é justamente o contrário que se dá, a estratégia se alterou, a linha mestra do anarco-comunismo será a de educar as massas de modo a prepará-las para o momento revolucionário. A palavra propaganda reflete a estratégia do anarco-comunismo. Malatesta, ao contrário de Bakunin, dizia que "Nosso primeiro dever, consiste, pois, em persuadir as pessoas"[a].

**A concepção teórica do anarco-comunismo**

O anarco-comunismo foi bem mais do que uma correção de rumo em relação ao bakuninismo ou uma mudança de perspectiva quanto a organização econômica da sociedade, em oposição ao coletivismo. Os anarco-comunistas construíram uma teoria, uma visão de mundo, diferenciada da que existia anteriormente, na qual se basearam as estratégias e táticas empregadas por eles.

Uma das mais importantes publicações dos anarco-comunistas foi



*Evolução, revolução e ideal anarquista*, de Elisée Reclus. A notável projeção alcançada pela obra de Kropotkin no cenário do pensamento anarquista daquele tempo é responsável, em certa medida, pelo fato de esse livro ser hoje, um tanto ignorado. Não obstante, ele contém o essencial daquilo que se pode denominar de teoria do "comunismo libertário". Esta obra foi muito conhecida pelos anarquistas do Brasil, onde foi publicada em 1904, numa tradução feita por Neno Vasco (Gregório Nanzianzeno de Vasconcellos), na ocasião radicado no Brasil. O livro de Reclus foi publicado em 1897, mas seu conteúdo já estava definido dezessete anos antes. Ele é, na verdade, a última versão de *Evolução e revolução*, um folheto publicado em 1891, que por sua vez, originou-se de uma conferência proferida e publicada em *Le Révolté*, em 1880[34], dez anos antes, portanto, de Kropotkin iniciar a publicação da série sobre a ajuda mútua na *Nineteenth Century* [b].

Neste livro Reclus aproxima os conceitos de revolução e evolução, recorrendo às ciências naturais: "nenhuma oposição se descobre entre essas duas palavras", elas pertencem à uma mesma ordem de fatos, "diferindo apenas na amplitude do movimento"; "a evolução é o movimento infinito de tudo o que existe", enquanto que "esses pequenos sucessos chamados revoluções, astronômicas, geológicas ou políticas (...) fazem parte desse movimento infinito"[35]. O tom evolucionista do anarco-comunismo era assumido como algo positivo e de nenhuma maneira disfarçado: "evolucionistas em tudo, igualmente em tudo somos revolucionários, sabendo que a própria história não é senão a série de execuções, sucedendo à das preparações. A grande evolução intelectual que emancipa os espíritos, tem como conseqüência lógica a emancipação efetiva dos indivíduos em todas as suas relações com outros indivíduos"[36]. Para Reclus as evoluções poderiam redundar em progresso e retrocesso, e o critério que definia em que sentido estava se dando a evolução era o "acréscimo de vida". Para averiguar este progresso, segundo Reclus, "seria necessário conhecer quanto aumentou durante o curso da história a proporção dos homens que pensam e agem conscientemente"[37].

Deste raciocínio Reclus tira algumas conclusões, francamente direcionadas contra os métodos bakuninistas: "não basta gritar: Revolução! Revolução! Para que caminhemos logo atrás de quem sabe arrastar-nos. É natural certamente que o ignorante siga o seu instinto: o touro alucinado corre sobre um trapo vermelho e o povo sempre tiranizado precipita-se enfurecido contra o primeiro que lhe indicarem. Uma revolução qualquer tem sempre um lado bom quando feita contra um amo ou contra

um regime de opressão; mas se deve provocar um novo despotismo, é lícito perguntar se não era melhor ter-lhe dado outra direção. Já é tempo de empregar unicamente forças conscientes; os evolucionistas, chegando enfim ao perfeito conhecimento do que pretendem realizar na próxima revolução, têm outra coisa a fazer do que se amotinar descontentes, lançando-os na refrega sem fim nem bússola"[38]. E mais adiante Reclus afirma que "já não basta, pois, repetir as velhas fórmulas vox populi, vox Dei[c], e soltar gritos de guerra fazendo estalejar bandeiras ao vento. A dignidade do cidadão pode exigir dele em tal ou qual conjuntura, o levantamento de barricadas e a defesa de sua terra, cidade ou liberdade; mas não imagine resolver a menor questão pelo acaso das balas. É nas cabeças e nos corações que as transformações têm que realizar-se antes de tenderem os músculos e de mudarem em fenômenos históricos"[39].

O anarco-comunismo era uma corrente que procurava se revestir de ares científicos, assim como outras correntes socialistas da época, o anarquismo seria então uma ciência da revolução: "a ciência social que ensina as causas da servidão, e de ricochete, os meios de emancipação, emerge pouco a pouco do caos das opiniões em conflito. O primeiro fato posto em foco por esta ciência é que nenhuma revolução pode fazer-se 'sem evolução prévia".[40] Sendo assim, "a condição primeira do triunfo é estarmos desembaraçados da nossa ignorância (...)"[41].

Ao lado da obra fundadora de Reclus podemos colocar a *A Ajuda Mútua como fator de progresso entre os animais e os homens*[d], como as duas obras fundamentais do anarco-comunismo, e sem dúvida foi Piotr Kropotkin o principal expoente desta corrente. Neste livro de Kropotkin certamente encontramos a teoria mais bem articulada do anarco-comunismo, pela riqueza da pesquisa e da argumentação. O livro foi fruto de uma série de artigos, segundo o próprio autor "minhas investigações sobre a ajuda mútua entre os animais e entre os homens foram impressas pela primeira vez na revista inglesa Nineteenth Century. Os dois primeiros capítulos, sobre a sociabilidade entre os animais e sobre a força adquirida pelas espécies sociáveis na luta pela existência eram uma resposta ao artigo do conhecido fisiólogo e darwinista Huxley, aparecido en Nineteenth Century, em fevereiro de 1888"[42].

Nas suas investigações sobre a vida animal, Kropotkin concluiu que, ao contrário do que a maioria dos darwinistas afirmavam, era a solidariedade, a ajuda mútua entre os membros de uma mesma espécie, que garantia a evolução. As espécies internamente mais solidárias sobreviviam e evoluíam, enquanto as demais pereciam. O interesse inicial



de Kropotkin nestas pesquisas era refutar as teorias desenvolvidas a partir de Darwin, o chamado darwinismo social, que estimulava a concorrência e a luta entre as pessoas. Vale lembrar que tudo isso foi escrito por Kropotkin na Inglaterra, país mais avançado nas relações capitalistas, onde o darwinismo social converteu-se em ideologia a serviço da manutenção e expansão das relações capitalistas. Kropotkin rejeitou que a luta pela existência, contrapondo os seres humanos entre si, fosse uma "lei natural": "não podia estar de acordo com este ponto de vista, porque já estava convencido de que reconhecer a desapiedada luta interior pela existência, nos limites de cada espécie, e considerar tal guerra como uma condição para o progresso, significaria aceitar algo que não só não havia sido demonstrado ainda, como de nenhum modo é confirmado pela observação direta"[43].

O estudo das sociedades humanas, em diferentes épocas históricas, revelou, para Kropotkin, algo bem diverso: sempre que em alguma sociedade observa-se algum "desenvolvimento progressivo", é porque as lutas entre os indivíduos foram restringidas ao mínimo, e, em seu lugar, atuaram poderosamente os princípios da ajuda mútua. O livro de Kropotkin encerra-se com uma afirmação rápida e amplamente assimilada pelos adeptos dessa concepção, servindo-lhes como uma espécie de divisa: "na ampla difusão dos princípios da ajuda mútua, mesmo na nossa época, vemos, também, a melhor garantia de uma evolução mais elevada do gênero humano"[44]. Estava indicada a estratégia para o anarquismo comunista. Mais adiante discutiremos que tipo de práticas e conseqüências gerou a aplicação desta estratégia.

Os textos de Kropotkin e Reclus trazem uma determinada concepção de história. Evolução, progresso, revolução, ciência, determinismo, natureza, são conceitos presentes e fundamentais no anarco-comunismo. A revolução seria uma tendência natural e inevitável na história, algo para o qual as pessoas deveriam se preparar, mas não forçar a marcha da história. A sociedade anarquista comunista seria a forma de sociabilidade mais elevada para a espécie humana. Dentro desta idéia, evidentemente se despreza a necessidade de preparação da nova sociedade ou da projeção de formas de organização social; isso se daria espontaneamente. O anarco-comunismo de Kropotkin traz embutido o espontaneísmo em termos de organização anarquista, ele nunca deu ênfase na necessidade de se construir uma organização anarquista, afinal se as coisas rumavam para o anarquismo isso era inútil e desnecessário. Também observamos um evolucionismo - pelo viés da espécie, biológico - que se assemelha muito

ao dos marxistas, trocando-se o "motor biológico" pelo desenvolvimento das forças produtivas.

Aliás, em relação ao marxismo, muitos anarquistas de hoje desferem uma crítica não somente ao determinismo econômico, como também a um pretenso cientificismo, do qual o anarquismo seria um eterno combatente. A imagem construída do marxismo é a de uma teoria absolutista, universalista, com pretensões de possuir a verdade e a ciência. Por outro lado, o anarquismo seria eterno combatente da verdade única, dos dogmas, de qualquer "socialismo científico". Por mais que isso corresponda a posição de muitos anarquistas nos dias de hoje, não era a postura dos anarco-comunistas daquele tempo. Vejamos o tipo de crítica que Kropotkin desfere contra o marxismo: "(...) ultimamente tem-se gabado muito o uso do método dialético preconizado pelos social-democratas na elaboração do seu ideal socialista. Por anticientífico, repudiamos absolutamente esse método que não se compara com o das ciências naturais que em tudo sobreleva aquele. O método dialético evoca na mente dos naturalistas qualquer coisa de anacrônico que fez sua época e desde há muito foi entregue ao olvido para a honra da ciência. De igual modo, quando se fala a um anarquista que, segundo Hegel, 'toda evolução representa uma tese, uma antítese e uma síntese' (...) o anarquista, virando as costas, pergunta a si mesmo: 'como é possível que, no meio do enorme desenvolvimento das ciências naturais, ainda haja indivíduos tão tacanhos que continuam a crer na efetividade desse oco palanfrório?"[45]

Para Kropotkin, as generalizações oriundas da dialética marxista não passavam de "asserções ingênuas". O interessante nestas passagens é que a crítica de Kropotkin não é contra o espírito científico do marxismo, mas justamente pela falta de espírito científico, por uma falsa ciência, segundo ele desprovida de rigor. É uma crítica totalmente oposta a de muitos anarquistas de hoje, que rejeitam qualquer conteúdo científico nas idéias socialistas ou anarquistas. Também neste ponto, apesar do texto tratar de Marx, há um rompimento com o pensamento de Bakunin, que fazia uso da dialética hegeliana também.

Por outro lado, alguns valores iluministas e liberais penetraram no anarco-comunismo. Não queremos dizer com isso que os anarco-comunistas tenham sido liberais, as diferenças entre eles são enormes para que se faça tal afirmação, mas é muito clara a penetração da ideologia burguesa no anarquismo desta época; fato que não se limitou ao campo da ideologia, mas que avançou para táticas semelhantes às liberais, e para a participação de muitos elementos da burguesia no movimento



anarquista, desenvolveremos melhor este assunto logo adiante.

Uma das idéias liberais fundamentais que o anarco-comunismo incorporou foi em relação à natureza humana. Estabeleceu-se uma noção de que o ser humano era bom por natureza, de que o capital e o Estado eram obstáculos artificiais, que uma vez derrubados dariam caminho ao livre desenvolvimento natural. Pensando assim, o que se gera, como já foi colocado, é uma visão espontaneísta do processo revolucionário. O conceito de natureza, de inclinações naturais do homem, harmonia natural, homem livre por natureza, são noções próprias dos clássicos do pensamento liberal. Da noção de uma natureza humana competitiva, "má", Kropotkin caiu no outro extremo, uma natureza humana naturalmente solidária, boa. James Joll relata que Kropotkin acreditava "na bondade natural do homem e na perfeição das instituições humanas, que se veriam automaticamente liberadas logo após o aniquilamento da ordem"[46]. Os comunistas libertários viam no princípio da ajuda mútua, tanto quanto no princípio da sociabilidade, qualidades "inatas na natureza humana"[47]. Este tipo de idéia, concebendo um indivíduo que nasce livre, que é naturalmente solidário, é muito próxima do ponto de vista Rousseau, coincidindo com a clássica noção de que o homem nasceria bom e a sociedade o corromperia. Noções como esta, já haviam sido refutadas de maneira veemente por Bakunin; para ele o autor de *O Contrato Social* era "(...) o escritor mais nefasto do século passado (século XVIII), o sofista que inspirou todos os revolucionários burgueses (...)"[e]. Neste aspecto, o anarco-comunismo marca outra diferença com o bakuninismo.

**Estratégia e táticas do anarco-comunismo**

Independente da opinião que se tenha sobre o anarco-comunismo, Kropotkin e Reclus conseguiram alcançar um extremo êxito na divulgação de suas concepções, tornando-se a maior referência dos anarquistas em geral e fazendo do anarco-comunismo a corrente hegemônica entre a militância anarquista por muitos anos.

Já mencionamos anteriormente aquela que consideramos ter sido a estratégia fundamental do anarco-comunismo, que consistia "na ampla difusão dos princípios da ajuda mútua, mesmo na nossa época, vemos, também, a melhor garantia de uma evolução mais elevada do gênero humano"[48]. Alguns poderão questionar: como uma corrente tão crédula numa evolução da sociedade rumo ao comunismo anarquista poderia traçar estratégias e táticas se imaginavam que o objetivo seria atingido

inevitavelmente? A resposta para tal questão é que nunca existiu uma corrente, por mais fatalista que fosse, que não colocasse alguma tarefa prática como forma de auxiliar a marcha da história. Isso é verdade tanto para os anarco-comunistas quanto para muitos marxistas, que apesar de acreditarem na evolução da sociedade por etapas, não deixaram de trabalhar da forma que pensavam auxiliar o processo histórico.

Entre os anarquistas comunistas não vamos encontrar uma posição única sobre a questão, o grau de influência que a ação dos anarquistas poderia ter varia muito de um militante para outro, de um pensador para outro. De qualquer maneira, todos eles, em maior ou menor grau, atribuem importância às atividades anarquistas. O que todos os anarco-comunistas têm em comum é a valorização da propaganda conscientizadora como a estratégia fundamental. Termos como convencimento, persuasão, conscientização, ilustração e educação foram utilizados constantemente pelos anarco-comunistas.

Esta estratégia ganhou vida através de várias táticas: a edição de inúmeros livros, publicação de periódicos, realização de cursos, abertura de centros de cultura, promoção de conferências públicas etc. De todas as formas se procurava difundir de maneira massiva o "ideal anarquista", termo que passou a ser cada vez mais freqüente na literatura anarquista comunista. A história era vista como a cavalgada do ideal, que se difundia, se alastrava, atravessava os tempos. Percebemos que se atribui um papel mais importante às idéias do que às práticas, a "idéia" vinha sempre antes, a prática depois. Retomamos alguns trechos já citados que evidenciam o que dizemos:

"A condição primeira do triunfo é estarmos desembaraçados da nossa ignorância (...)"[49]

"É já tempo de empregar unicamente forças conscientes; os evolucionistas, chegando enfim ao perfeito conhecimento do que pretendem realizar na próxima revolução, têm outra coisa a fazer do que se amotinar descontentes, lançando-os na refrega sem fim nem bússola"[50].

"É nas cabeças e nos corações que as transformações têm que realizar-se antes de tenderem os músculos e de mudarem em fenômenos históricos"[51].

Kropotkin falava na necessidade de que *as idéias novas, aquelas*



*que marcarão um novo ponto de partida da história da civilização, fossem esboçadas antes da revolução, fossem fortemente divulgadas entre as massas, (...) que as palavras anarquia, abolição do Estado, livre acordo dos grupos operários e das comunas, a comuna anarquista se tornassem familiares (...)* [52].

Em termos de visão de mundo, de concepção de sociedade, é muito clara a raiz idealista do anarco-comunismo. Para eles, é a idéia que move a história, que gera os fatos. Uma vez mais, notamos um rompimento com o pensamento de Bakunin, totalmente avesso ao idealismo e declaradamente materialista[f], acreditando mais nas ações do que nas palavras e idéias como instrumentos de transformação da realidade.

Conhecendo a estratégia do anarco-comunismo podemos entender sua postura em relação à questão da organização anarquista. Aparentemente é uma posição indefinida e contraditória em sua prática. Da mesma maneira que existiram anarco-comunistas que criaram federações e organizações anarquistas, existiram aqueles que nunca se preocuparam com tal coisa. É um posição distinta dos anarquistas individualistas, críticos ferrenhos da organização anarquistas em quaisquer de suas formas. Nosso entendimento é de que para a maioria dos anarco-comunistas[g] a organização não era algo estratégico, fundamental. A organização somente era necessária na medida em que viabilizasse a estratégia da propaganda. Caso esta estratégia pudesse se realizar através de um pequeno grupo que editasse livros ou periódicos, de um centro de cultura ou mesmo da formação de um ambiente intelectual de debate acadêmico a organização tornava-se desnecessária.

Uma das conseqüências da hegemonia do anarco-comunismo nos meios libertários foi o afastamento da classe trabalhadora. Os traumas com a Comuna de Paris e as insurreições européias do início da década de 1870, têm relação com este afastamento. Percebemos em vários textos do anarco-comunismo, certos indícios de raiva e amargura contra o povo, que na hora dos conflitos não os seguiu como eles esperavam. Termos como "populacho", "massas ignorantes", "bárbaros" e "canalha popular", são encontrados freqüentemente nos textos anarco-comunistas, sempre com conotação negativa. A partir de então, os anarquistas passaram a tratar com bastante desconfiança os movimentos populares e operários. A ignorância era o principal defeito das massas para os anarco-comunistas, tornando-as embrutecidas. Ao mesmo tempo este distanciamento gerou uma valoração oposta; o mesmo povo tido como ignorante e embrutecido, era considerado "puro", "naturalmente solidário", "generoso". Um

conceito muito próximo do "bom selvagem" de Rousseau. Nesta dúbia posição em relação ao povo oscilaram os anarco-comunistas em vários momentos. No nosso entender, ambas são valorações exageradas e resultantes do afastamento dos anarco-comunistas em relação à classe trabalhadora.

Por outro lado, as atividades desenvolvidas pelos anarco-comunistas, centradas no mundo das letras e da intelectualidade, não eram próprias para atrair grandes massas, em sua maioria analfabetas àquele tempo. Nesta trajetória, os anarco-comunistas, ao mesmo tempo em que desenvolviam suas teorias, publicavam inúmeros livros e periódicos, mas, como já foi dito, ficavam mais longe dos trabalhadores. Vem desta época a imagem do anarquista erudito, "encerrado numa torre de marfim".

Outra parcela dos anarquistas seguiu caminho distinto, foram os chamados "anarquistas de ação direta". Também para estes, havia um desprezo pela atuação nos meios populares e operários, também eles, a exemplo dos anarco-comunistas, julgavam o povo por demais ignorante e inconsciente. No entanto, militavam de outra forma, ao invés do campo das idéias, optaram pela prática pura. Por ação direta entendiam as ações de lançar bombas, dinamites e outros artefatos do gênero contra símbolos e membros da burguesia. A oposição ao anarco-comunismo é muito clara e estes anarquistas que se definiam como os adeptos da "propaganda pelo fato", em implícita crítica aos anarquistas que faziam propaganda somente pelas idéias. No entanto, a ação destes anarquistas tinha um sentido destrutivo, de fazer "propaganda pelo fato", como diziam, e atingiam vítimas de maneira indiscriminada, desde que fossem consideradas membros da burguesia. Em relação aos anarco-comunistas foram minoritários, o que não impediu que tivessem grande repercussão, motivassem e protagonizassem muitos debates entre os anarquistas sobre a questão da violência.

Tanto a ala anarco-comunista, quanto a ala dos anarquistas que praticavam a "propaganda pelo fato", contribuíram para um certo isolamento do anarquismo, na medida em que se perdiam os vínculos populares. O contato dos anarquistas com o movimento operário seria retomado somente em meados da década de 1890, no caso da França, através da corrente chamada de *sindicalista revolucionária*, que atraiu alguns anarquistas, mas não foi formada como um projeto ou tática anarquista para atuar no movimento operário, mas a partir do próprio movimento dos trabalhadores. Os anarquistas que aderiram ao



sindicalismo foram minoria e, naquele tempo, muitos diziam que o anarquismo estava morto no que se refere à inserção junto à classe operária, na verdade com o sindicalismo revolucionário da *CGT (Confederation Generale du Travail)* é que se retomou o vínculo com a classe trabalhadora: "As correntes domimantes até os anos 1870-1880, a do 'elogio do terrorismo individualista' e as que vivem em 'contínuas discussões acadêmicas', dão lugar aos que acreditam que o sistema burguês só poderia ser abatido pelo proletariado organizado"[53].

Porém, antes disso, os anarco-comunistas buscaram sair do isolamento. Para isso não diversificaram as atividades militantes, mas sim o público atingido por suas atividades. Aconteceu então uma grande novidade na história do anarquismo: a tentativa de aproximar a pequena burguesia e a burguesia ilustrada. As posições anteriores eram orientadas fundamentalmente pelas concepções de Bakunin, que, como observou Nettlau, "desejou, até o último momento, expor um conjunto de suas idéias ante o único público que reconhecia, o público de operários e rebeldes, a juventude do futuro, e não ante o público burguês, defensor de um mundo moribundo que ele desprezava"[54]. O fato de Bakunin ser oriundo da classe nobre na Rússia nada depõe contra isso, e não permite de maneira nenhuma que se atribua a ele uma concepção policlassista ou "humanista", para além das classes sociais. Toda a sua prática e todas as suas idéias foram orientadas pensando "as massas"[h] como sujeito revolucionário, termo com o qual ele designava um conjunto de explorados e oprimidos que continha desde os operários, *lumpens*, estudantes, jovens e camponeses.

Com o comunismo libertário, o assunto recebeu um tratamento diferente. O público operário não foi, decerto, ignorado, e nem minimizada a importância de sua participação no processo revolucionário, mas o "público burguês" não mereceria o desprezo demonstrado por Bakunin. Vejamos este trecho de Kropotkin que nos parece muito significativo: "(...) não tardei em reconhecer que não se produziria nenhuma revolução, pacífica ou violenta, enquanto as novas idéias e o novo ideal não tivessem penetrado profundamente na própria classe cujos privilégios econômicos e políticos estavam ameaçados (...) percebia que a idéia de uma emancipação dos operários do atual sistema de salários, abria o seu caminho até mesmo entre as classes médias (...) a parte oprimida da sociedade deve ter a idéia mais clara possível do fim que pretende atingir e dos meios que deseja empregar e deve impregnar-se do entusiasmo necessário para realizar sua obra; porque dessa forma terá certeza de

atrair os melhores elementos e as forças intelectuais mais capazes, na classe possuidora dos privilégios acumulados pelo passado (...)"[55].

A atividade literária foi o meio pelo qual os anarco-comunistas estabeleceram um canal com a burguesia, esta atividade literária foi responsável pela projeção conquistada no ambiente cultural europeu. Foi com indisfarçável contentamento que ao redigir o verbete *Anarquismo* para a Enciclopédia Britânica, em 1905, Kropotkin registrou o fato de que, no transcorrer da história do comunismo libertário, ele associou, além da concepção "anarco-cristã", de inspiração tolstoiana, uma outra "que se poderia denominar anarquismo literário, iniciado por alguns destacados escritores modernos"[56]. Kropotkin não se ocupou muito do "anarquismo literário" no referido verbete. O pouco que acrescentou a essa breve menção, revela-nos, todavia, a sua satisfação com a evolução da propaganda libertária nessa direção: "(...) seria impossível explicar aqui, nesse breve esboço, a presença, de um lado, das idéias anarquistas na literatura moderna, e a influência, por outro, que as idéias libertárias dos melhores escritores contemporâneos exerceram no desenvolvimento do anarquismo"[57]. Buscava-se mais apoio para o desenvolvimento de atividades militantes, que pelo fato de serem centradas na cultura e na educação, tinham necessidade de militantes ilustrados, formados intelectualmente, coisa difícil de se encontrar nos meios populares.

O pesquisador Henry Arvon observou que, no final do século XIX e no início do século XX, ele assumia a característica de "um verdadeiro fenômeno de civilização", "a reunião de duas vanguardas, uma revolucionária e outra artística, realizada pela primeira vez no curso do século XIX, na indefectível amizade entre Proudhon e Courbet, parece converter-se em um verdadeiro fenômeno de civilização. Especialmente durante o período que vai desde 1885 até 1900", prossegue Arvon, "a França da Belle Époque vê um grande número de artistas e de escritores confundirem suas causas com as dos companheiros anarquistas. As revistas e as publicações anarquistas se convertem em privilegiados lugares de encontro"[58]. Desta forma, o anarquismo conseguiu superar o isolamento de que tanto se queixavam os seus adeptos. Definia-se uma nova imagem do movimento anarquista, bem distante daquela identificada com a época de Bakunin.

Neste processo de aproximação e de envolvimento do anarquismo com um público mais amplo, nem tudo foi congraçamento. Prova disso foram os atritos constantes com os romancistas e artistas em geral. De um lado, os artistas buscaram no anarquismo a liberdade estética total, a



soltura, a fuga dos padrões, a criação livre; como definiu Oscar Wilde buscava-se "o resultado único de um temperamento único"[59]. Por outro lado, os militantes anarquistas desejavam vincular a arte às exigências de compromisso social, o que para os artistas era uma forma de limitação. Kropotkin é muito claro sobre este ponto: "(...) vós poetas, pintores, escultores, músicos, se vós compreendestes vossa verdadeira missão e os interesses da própria arte, vinde então pôr vossa pena, vosso pincel, vosso buril, ao serviço da revolução. Contai-nos em vosso estilo cheio de imagens ou em vossos quadros impressionantes as lutas titânicas dos povos contra seus opressores; inflamai os jovens corações com este belo sopro revolucionário que inspirava nossos ancestrais; (...) Mostrai ao povo o que a vida atual tem de inconveniência; dizei-nos o que uma vida racional teria sido, se ela não se chocasse a cada passo contra as inépcias e as ignomínias da ordem social atual"[60].

Mas, no próprio meio dos militantes, levantaram-se vozes reclamando contra os excessos do "anarquismo intelectual" ou do "anarquismo literário". Uma destas vozes foi Malatesta: "(...) sindicatos, agrupações, iniciativas culturais, sim; todas essas coisas são belas e também necessárias, porém tudo isso se torna inútil sem a luta e a revolta diretas e ativas, sem atos revolucionários concretos (...) Parece-me que atualmente os anarquistas foram levados por um defeito oposto ao dos excessos de violência (...) É preciso reagir, agora mesmo, contra certas tendências ao congraçamento e à vida sossegada que se manifestam em nossos ambientes. É mais urgente, agora, reavivar o ardor revolucionário que se enlanguesce, o espírito de sacrifício, o amor ao perigo"[61].

O próprio Max Nettlau, inicialmente um entusiasta desta vertente do anarquismo, mudou de opinião algum tempo depois, e chegou mesmo a atribuir ao fenômeno do "anarquismo literário" o declínio da importância e da posição do anarquismo nos meios revolucionários: "(...) havia 'Universidades Populares', 'teatros do povo', educação da infância e outras atividades úteis e simpáticas a um período de grande repouso, que, porém, não davam senão poucas forças novas às idéias anarquistas", para ele "os anarquistas tinham então de fazer outra coisa, tal me pareceu sempre, ao invés de entregar-se ao esperanto, ao neomalthusianismo sexual e a desvios semelhantes. Não o fizeram, e isso os relegou a um plano secundário"[62]. No entanto, o próprio Nettlau reconheceu isso somente dez anos depois, quando admitiu que naquele tempo era grande a sua "fé na possibilidade, por assim dizer, mecânica, de uma propaganda ilimitada das idéias, pelos meios pedagógicos de educação e de agitação"[63]

## A nossa crítica

Ao longo deste texto já transpareceu muito de nossa posição crítica em relação ao pensamento e prática dos anarco-comunistas. Porém, nesta parte final, sentimos a necessidade de apontar de maneira mais direta as nossas principais críticas. Não existe de nossa parte nenhuma intenção de condenar moralmente ou desqualificar a corrente anarco-comunista ou qualquer um de seus militantes. O anarco-comunismo contou com militantes que dedicaram sincera e honestamente suas vidas ao anarquismo e à luta revolucionária, sofrendo por isso mesmo todo tipo de reação do Estado e da burguesia. Nesse sentido eles são para nós, companheiros de outra época, que buscaram por caminhos que julgaram ser os melhores atingir os mesmos fins que nós pretendemos atingir.

Por outro lado, uma das finalidades de nosso coletivo é através da publicação dos textos, fazer um balanço histórico do anarquismo em suas variadas expressões e este balanço é necessariamente crítico para nós. Neste caso, a crítica não é um mero exercício que se faz à toa, é uma necessidade para conhecer os erros e acertos da época, entender a herança que esta ou aquela corrente deixou viva no meio anarquista até os dias de hoje, e finalmente selecionar aquilo que nós avaliamos como útil e coerente para hoje, aquilo que rejeitamos e aquilo que julgamos necessário atualizar para nosso tempo.

Para muitos, os anarquistas não deveriam fazer críticas em relação ao próprio anarquismo, pensam que isso pode manchar a imagem do anarquismo perante o público em geral. Na maioria dos casos se pretende "preservar" os clássicos do anarquismo. Nossa opinião é de que isso é contraditório com a própria posição dos anarquistas de não cultuar as pessoas, de não produzir mitos e ídolos, o dito "espírito iconoclasta", que os anarquistas voltam sempre contra os outros, mas que muitos evitam dentro do próprio anarquismo. Um outro motivo para nos preocuparmos em entender e criticar o anarco-comunismo é que eles foram uma corrente de grande força na formação do anarquismo brasileiro e deixaram marcas profundas, vivas até hoje entre os que reivindicam-se anarquistas; não se trata portanto de uma questão distante de nós. Porém, o motivo mais forte pelo qual damos importância para a crítica é a necessidade de gerar um projeto anarquista para hoje, para atuar hoje, por isso o esforço em separar o joio do trigo, de selecionar o que nos parece útil e coerente para os dias hoje.



O primeiro ponto do qual divergimos foi a avaliação dos anarco-comunistas sobre a derrota dos movimentos insurrecionais do início da década de 1870, Comuna de Paris, Itália etc. Mesmo concordando com parte do que os anarco-comunistas avaliaram, discordamos no essencial. Para eles faltou um trabalho de conscientização prévio, as massas não tinham o ideal revolucionário nos corações e mentes, este foi o principal motivo da derrota. Para nós, este elemento realmente faltou e poderia ter contribuído para evitar a derrota. Porém, não podemos esquecer que a Comuna de Paris não foi a aplicação à risca do projeto bakuninista. Todos aqueles que estudaram a Comuna de Paris são unânimes em afirmar que os militantes da Internacional em nenhum momento foram a força majoritária entre as correntes socialistas e democratas atuantes no movimento, pelo contrário, a influência da Internacional foi minoritária, e a ala bakuninista não era absoluta dentro da Internacional, ou seja, os bakuninistas não tiveram a extensão necessária no movimento para influenciá-lo a seu modo. Nos inclinamos muito mais a avaliar a derrota pela falta de uma maior inserção e extensão dos membros da Internacional que pudessem influenciar mais o movimento. Além disso, faltou preparo dos militantes para antever situações revolucionárias e se posicionar no momento correto etc. Em resumo, na nossa opinião, faltou muito mais preparo organizativo, antes e depois, do que propaganda.

A partir desta distinta avaliação da derrota, todas as deduções que se tiram dela tendem ser discordantes. No plano teórico o anarco-comunismo procura dar um sentido evolutivo e determinista à história, associa uma lógica das ciências naturais ao anarquismo e à revolução, pretende dar um caráter científico ao anarquismo fundado nesta lógica, chamada por eles próprios de mecanicista. Os fatores naturais, biológicos pesariam muito mais do que os fatores históricos e sociais, e isso certamente acaba numa subestimação do papel ativo das pessoas no processo de transformação. Discordamos deste modo de conceber a história radicalmente. Para nós foi um retrocesso em relação às concepções de Bakunin.

Por outro lado, o único espaço deixado para a intervenção dos militantes é no campo das idéias, e muitas vezes apenas cumprindo o papel de explicar às pessoas o rumo da história, de prepará-las para o que inevitavelmente virá, muito mais do que para protagonizarem a ação. Há uma contradição interna mal resolvida pelo anarco-comunismo. De um lado se afirma que a revolução vem de maneira quase inevitável pela evolução da espécie, de outro lado aposta na propaganda conscientizadora

para alastrar os princípios, o ideal, e aí sim fazer a revolução, com toda a massa, ou grande parte dela, consciente.

Não acreditamos em nenhum deste dois caminhos para a revolução. Por um lado rejeitamos qualquer pretensão de que a história tenha uma finalidade socialista, comunista ou anarquista. Estes são objetivos traçados e pelos quais nos organizamos e lutamos, é um projeto de sociedade e não um destino. Também não avaliamos que o trabalho de propaganda tenha a importância central que o anarco-comunismo lhe destina. Certamente é uma das formas de trabalho necessárias para um processo revolucionário, menosprezada no bakuninismo, mas não é a única forma e muito menos a central. Outras atividades militantes no campo da organização popular e da preparação dos meios materiais para se proceder a revolução são essenciais a nosso ver, atividades menosprezadas pelos anarco-comunistas.

Na medida em que os anarco-comunistas tomaram o plano das idéias como centro e a propaganda como estratégia estão afirmando uma concepção idealista do mundo. Primeiro transformar as mentes, depois o mundo. Também neste ponto vemos um retrocesso em relação ao bakuninismo, pois se adota um idealismo antes negado. Porque negamos esta via? Primeiro porque ela é objetivamente impossível de ser adotada e segundo porque mesmo que fosse possível adotá-la, isto é, conscientizar a massa, ou uma parte expressiva dela, isso não bastaria para fazer a revolução. Finalmente temos discordâncias quanto a forma de fazer avançar a consciência imaginada pelos anarco-comunistas. Mas tratemos uma coisa de cada vez.

Admitindo que conscientizar as pessoas fosse realmente o caminho para a revolução, tentemos imaginar como faríamos isso, levando em conta que para os anarco-comunistas, não se trata de conscientizar uma parte pequena da sociedade, mas a grande massa. Vejamos os meios, as táticas. Livros, jornais, revistas, teatro, cursos, debates e conferências; estas eram as atividades da época. Que possibilidades materiais existiram para a extensão em larga escala desta conscientização? De que recursos financeiros se dispunha para custear tais atividades levando em conta que na sociedade capitalista é preciso comprar papel, pagar gráficas, alugar espaços, adquirir materiais e produtos? A resposta é óbvia, são recursos limitados, ou melhor, foram recursos limitados, uma vez que estamos falando de algo que aconteceu na história e não de uma suposição nossa. Estes motivos limitaram a extensão destas atividades, isto é um fato e não uma opinião.

Podemos pensar esta estratégia nos dias de hoje e as coisas se



tornam mais complicadas ainda. Se no final do século XIX e primeiras décadas do século XX esta estratégia encontrou enormes dificuldades de realização, hoje em dia a situação é bem mais complexa. Naquela época ainda não havia se constituído a enorme indústria de entretenimento que existe hoje e que ocupa o tempo livre do povo. Naquela época as pessoas moravam mais próximas do trabalho, os trabalhadores de uma mesma fábrica moravam quase sempre no mesmo bairro, tinham uma rotina diária semelhante, enfim, conviviam mais. Não havia rádio, TV, internet, vídeo-game, etc. Mesmo cinemas e teatros não eram coisas com tão forte presença. O ensino ainda não estava universalizado e o povo não tinha total acesso à educação. Neste cenário sindicatos e centros de cultura concentravam atividades teatrais, bibliotecas, cursos, debates etc. Eram o espaço de socialização para boa parte do povo e não encontravam a concorrência do aparato de entretenimento que a burguesia possui nos dias de hoje. O meio de comunicação principal eram os jornais e mesmo sem ter a tiragem e distribuição dos jornais da burguesia várias organizações populares, de trabalhadores, socialistas e anarquistas conseguiam imprimir semanários e em alguns casos jornais diários.

Era uma realidade mais propícia do que a de hoje para intervir no campo da propaganda e mesmo assim esta estratégia não teve o sucesso que pretendia. Nos dias de hoje é possível a algum grupo revolucionário dispor de uma TV? De uma Rádio? De um jornal de grande circulação? Há brechas certamente que é preciso aproveitar, como a internet, as rádios comunitárias, a edição de periódicos, e tudo o mais que for possível, mas sem que se aposte todas as nossas esperanças neste trabalho. Quando expomos esta situação, muitos argumentam que mesmo assim não é um trabalho a se desprezar, tem a sua importância mesmo com os limites do alcance. Mas nós também achamos isso. Concluir que mesmo com limites estes trabalhos têm importância e admitir que o alcance é realmente limitado quantitativamente, é admitir a inviabilidade do projeto anarco-comunista, é admitir a impossibilidade de uma extensão massiva de em um trabalho deste tipo, real pretensão do anarco-comunismo.

Podemos também supor que, de alguma forma, conseguíssemos estender em larga escala as táticas anarco-comunistas, senão para a totalidade do povo, pelo menos para uma parte muito expressiva da população. Supondo que isto aconteça, e que o trabalho, além disso, conseguisse conscientizar todos os envolvidos, o que mudaria? Nos basta um grande número de pessoas conscientes? Deixaria de existir Estado, propriedade privada, exploração pelo simples fato das pessoas terem se

conscientizado? A não ser que acredite em poderes telepáticos ou em coisas como a "força do pensamento", nada mudaria. Seríamos explorados e oprimidos conscientemente. Alguns poderiam nos responder que a conscientização seria o primeiro passo apenas e que isso facilitaria todo o restante. Estariam apenas nos dando razão, admitindo que a conscientização por si só nada muda, que são necessárias outras medidas para se derrubar o capitalismo. Mas esta possibilidade foi apenas uma suposição de nossa parte, como já dissemos, e nada nos demonstrou que esta "conscientização massiva" seja possível.

Outro ponto que seria necessário aprofundar um pouco mais, mas que foge aos limites deste texto, é a própria noção de conscientização. Os anarco-comunistas tinham uma noção bem tradicional sobre este processo. De um lado estavam os militantes, no papel de "educadores", de outro lado o povo, ignorante, como público a ser atingido. Conscientização neste caso seria a transmissão de conhecimento para o povo. Imaginava-se muito a conscientização pelo caminho da leitura e do conhecimento. No nosso entender o processo da consciência também passa por outros caminhos, pelas experiências vividas pela classe no cotidiano, pelas lutas nas quais a pessoa esteve engajada etc. Não queremos dizer com isso que a prática por si só vai gerar consciência, mas que é a partir da realidade, das práticas e das lutas que surge a possibilidade de saltos de consciência, a vontade de adquirir formação para suprir carências, corrigir problemas que limitaram a própria luta.

A corrente anarco-comunista deixou marcas profundas no anarquismo, que seguem até os dias de hoje. Em dois momentos históricos cruciais o anarco-comunismo influenciou, em nossa opinião, de maneira negativa a atuação dos anarquistas. Na Rússia, influenciados pelas idéias evolucionistas de Kropotkin, que julgava desnecessária a construção de qualquer organização que pretendesse impulsionar uma revolução de maneira artificial, os anarquistas jamais constituíram uma organização ampla, permaneceram em pequenos grupos descoordenados entre si. Quando chegou o momento da Revolução Russa pagaram um preço alto pela fragmentação e falta de unidade de ação em toda a Rússia. Mesmo na Ucrânia, com o movimento makhnovista, onde os anarquistas mais se destacaram, a coordenação entre os grupos anarquistas e a formação de uma organização foi algo que se tentou fazer em meio ao processo revolucionário. A *Plataforma de Organizàção*, escrita já no exílio por volta de 1926-1927 aponta muito claramente como o anarquismo foi



prejudicado pela ausência de uma organização mais ampla em toda a Rússia. Simbolizou o espontaneísmo de Kropotkin a sua atitude diante da revolução, depois de 40 anos de exílio na Inglaterra, ele voltou à Rússia na qualidade de principal referência do anarquismo. Aguardado pelos militantes anarquistas, Kropotkin não se envolveu diretamente na revolução, não declarou apoio ao movimento makhnovista, por exemplo, para enorme decepção de seus discípulos.

Na revolução espanhola a vigência da noção de uma "harmonia natural" entre os seres humanos, funcionou como barreira para que se planejasse melhor as formas da futura organização social. Com o argumento de que eliminando o capital e o Estado tudo se resolveria espontaneamente, sem necessidade de maiores planificações, a questão foi deixada de lado, exceto no campo da economia, cujo planejamento foi feito com antecedência o que garantiu sucesso na produção e distribuição dos produtos, aumento de produtividade e conversão de fábricas para produção de armamentos e equipamentos para guerra ao fascismo. No entanto, não se pensou na forma de organização do poder na nova sociedade. Aliás, identificava-se poder e Estado. Algumas propostas de se pensar uma forma de poder libertário e horizontal foram rechaçadas pela maioria dos anarquistas, que temiam que isso se tornasse uma ditadura. No entanto, no momento da revolução, os anarquistas pagaram um preço alto por isso. Nada aconteceu "naturalmente", "espontaneamente".

Na Catalunha, contradizendo tudo que os anarquistas afirmaram na história, deixaram o Estado de pé, inicialmente esvaziado de poder, mas que logo depois retomaria o comando da sociedade. O organismo de poder real, o Comitê de Milícias Antifascista, teve uma composição independente da força real de cada organização social ou política. A *CNT* e *FAI* juntas tinham atrás de si 80% dos trabalhadores organizados da região, mas tinham uma representação igual a do *POUM*, *PSUC* e outras forças que tinham pouquíssima expressão social na região. O medo de ser ditadores fez com que fossem injustos e permitissem o crescimento de forças sem base social. Alguns meses depois o pior viria. *CNT* e *FAI*, por maioria, decidiram entrar no governo. Muitos dos anarquistas mais "puros", que rechaçavam qualquer proposta de se conceber um poder popular libertário defenderam, depois, a entrada no governo republicano, junto com socialistas, comunistas, etc. Quatro ministros teve a *CNT*, defenderam a dissolução das milícias revolucionárias e incorporação no

exército regular sob comando do *PCE*, defenderam o fim das coletivizações e apoiaram a repressão e prisão de alas anarquistas da própria *CNT* e *FAI* em 1937. Por aí se vê que do espontaneísmo, do purismo, pode-se chegar facilmente ao extremo oposto quando não se tem projeto. Não vamos nos aprofundar neste processo aqui, isto merecerá de nossa parte uma edição especial para tratar do assunto, mas apenas demarcamos o quanto pode ser prejudicial adotar posturas teóricas equivocadas.

Também no Brasil o anarco-comunismo teve muita força. O fato dos anarquistas daqui militarem nos sindicatos os associou ao *anarco-sindicalismo*, mas na verdade esta concepção foi minoritária no Brasil, sendo o *sindicalismo revolucionário* predominante. Edgar Leuenroth era um anarco-comunista que atuava nos sindicatos e sempre defendeu a neutralidade sindical, contra as pretensões de fazer propaganda anarquista nos sindicatos. É um tema polêmico e que merece ser tratado de maneira mais aprofundada. Para os limites deste livro basta assinalar que no Brasil o anarco-comunismo foi uma corrente que teve muita força.

Também na atualidade os anarquistas seguem adotando idéias e práticas do anarco-comunismo, embora muitos não tenham consciência disso. Muita gente segue a estratégia e aplica as táticas do anarco-comunismo sem nem mesmo conhecer Reclus ou Kropotkin, por exemplo. Isso mostra o quanto, os valores do anarco-comunismo foram sendo incorporados informalmente pelo movimento anarquista. Continua vigente a noção de que a revolução se faz através da conscientização das pessoas, a mesma estratégia dos anarco-comunistas. Em torno desta "estratégia inconsciente", já que a maioria sequer pensa isso como estratégia, diversos grupos anarquistas se assemelham, mesmo que a princípio sejam grupos distintos.

Para boa parte dos grupos anarquistas as principais atividades se relacionam com publicações (zines e boletins principalmente, além de uma ou outra tentativa de editar um periódico ou revista de mais fôlego); disseminação de informações (através das publicações e mais recentemente, da internet); palestras e debates em centros de cultura; músicas que supostamente teriam como efeito a conscientização. Também no campo universitário, têm surgido a algum tempo grupos de estudo, núcleos libertários e intelectuais anarquistas ou simpatizantes. Em todos estes casos há uma enorme semelhança com as táticas adotadas pelos anarco-comunistas do final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Tudo conflui para o objetivo de conscientizar as pessoas e nós já falamos o suficiente sobre os limites deste caminho.



Nossa opinião é que todas estas atividades têm a sua importância e nós próprios atuamos neste campo quando publicamos livros, boletins, realizamos palestras etc, mas este é apenas um campo de ação do anarquismo, um campo de propaganda, um campo de idéias. Pensamos que existem outros campos de ação, cuja importância é maior do que a propaganda, que tem sido deixados de lado pela maioria dos anarquistas. Trata-se da participação nos movimentos populares, da inserção social junto ao povo. Isso faltou no anarco-comunismo do passado e falta no movimento anarquista de hoje.

**Notas:**

* Este texto foi escrito tomando por base a introdução da tese de doutorado de LUIZETTO, Flávio Venâncio. *Presença do Anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional, 1900-1920*. Tese de Doutorado, FFLCH, USP, 1984. A maioria das notas e trechos integrais foram tomados da introdução da tese, onde o autor examina com competência a formação e histórico da corrente anarco-comunista. Nossa participação neste texto se deu acrescentando dados, desenvolvendo algumas linhas de raciocínio indicadas pela tese sobretudo fazendo nossa avaliação e crítica do anarco-comunismo, sobre as quais o autor da tese não tem qualquer responsabilidade. As notas de rodapé oriundas da tese estão numeradas, as de responsabilidade do coletivo editorial estão indicadas com letras.

[1] NETTLAU, Max. "La idea anarquista: su pasado, su porvenir". In: *La Revista Blanca*, Barcelona, nº 57, outubro de 1925, cap. 14, p. 22.

[2] NETTLAU, Max. *Op. Cit.* p. 21. (grifado no original)

[3] *Idem, Ibidem*. p. 21. Consulte-se também NETTLAU, Max, *La internacional antiautoritaria hasta el año 1877* (Congreso de Verviers) e "Los origenes del anarquismo comunista en 1876 y en 1880". In: *La anarquia a través de los tiempos*. Madri, Jucar, 1975. p. 116.

[4] Além dos trabalhos citados, consulte-se a esse respeito, ENCKELL, Marianne. *La Fédération jurassienne. Les origenes de l'anarchisme en Suisse*. Lausanne, La Cité Éditeur, 1971.

[5] ROSAL, Amaro del. "El congreso de los grupos escisionistas del Jura en Sonvelillier". In: *Los congresos obreros internacionales en el siglo XIX*. Barcelona, Grijalbo, 1975. p. 219-226.

[6] "Le congrés de la fédération jurassienne de 1880". In: GUÉRIN, Daniel. *Ni Dieu ni Maître*. Paris, Maspero, 1979. v. 2, p. 105-126.

[7] NETTLAU, Max. "La internacional antiautoritaria hasta el año de 1877" In: *La anarquía a través de los tiempos*, Madri, Jucar, 1975, p. 115.

[8] Carta de Malatesta a Luigi Fabbri, 11 de julho de 1931. In: FABBRI, Luis. *Malatesta*. Buenos Aires, Editorial Americalee, 1945. p. 179-180.

[9] NETTLAU, Max. *Op. Cit.* p. 115.

[10] NETTLAU, Max. "Los primeros anarquistas comunistas". In: *La anarquía a través de los tiempos*, Madri, Jucar, 1975, p. 65.

[11] NETTLAU. Max. *Op. Cit.* p. 116. Também em NETTLAU, Max. "La idea anarquista: su pasado, su porvenir". In: *La Revista Blanca*, Barcelona, nº 57, outubro de 1925, cap. 14, p. 22.

[12] KROPOTKIN, Piotr. *Em torno de uma vida, memórias de um revolucionário.* São Paulo, José Olympio, 1946. p. 420.

[13] "Le congrés de la fédération jurassienne de 1880". In: GUÉRIN, Daniel. *Ni Dieu ni Maître.* Paris, Maspero, 1979. v. 2, p. 110.

[14] NETTLAU, Max. "La idea anarquista: su pasado, su porvenir". *La Revista Blanca*, Barcelona, nº 57, outubro de 1925, cap. 14, p. 21. (grifado no original)

[15] NETTLAU, Max. *Op. Cit.* p. 21

[16] "Le congrés de la fédération jurassienne de 1880". In: GUÉRIN, Daniel. *Op. Cit.* p. 109.

[17] NETTLAU, Max. *Op. Cit.* nº 59, novembro de 1925, cap. 14, p. 22.

[18] LUIZETTO, Flávio Venâncio. *Presença do Anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional, 1900-1920.* Tese de Doutorado, FFLCH, USP, 1984. p. 62.

[19] JOLL, James. *Los anarquistas.* Barcelona, Grijalbo, 1978. p. 115.

[20] GUERIN, Daniel. "Pierre Kropotkine (1842-1921)". In: GUÉRIN, Daniel. *Op. Cit.* p. 95.

[21] NETTLAU, Max. *Op. Cit.* p. 21.

[22] *Idem, ibidem.* p. 21.

[23] *Ibidem.* p. 21.

[24] RECLUS, Elisée. *Evolução, revolução e ideal anarquista.* Tradução de Neno Vasco. São Paulo, La Tribuna Espanhola, 1904. p. 23-24.

[25] JOLL, James. *Op. Cit.* p. 111.

[26] KROPOTKIN, Piotr. "Théorie et pratique". In: *Paroles d'un révolte.* Paris, Flammarion, 1978. p. 231-232. (grifado no original)

[27] NETTLAU, Max. *Op. Cit.* p. 21.

[28] *Idem, ibidem.* (grifado no original)

[29] NETTLAU, Max. "Las origenes del colectivismo antiautoritario en la Internacional y en los grupos formados por Bakunin desde 1864, en los años 1864-1868 (otoño)". In: *La Anarquia a través de los tiempos.* Barcelona, Jucar, 1977. cap. 8, p. 91.

[30] BAKUNIN, M. "Dictadura colectiva". In: DRESDEN, Wolfgang. *Antiautoritarismo y anarquismo: debate Bakunin-Marx.* Barcelona, Anagrama, 1978, p. 99.

[31] NETTLAU, Max. "La idea anarquista: su pasado, su porvenir". *La Revista Blanca.* Barcelona, nº 53, 1 agosto de 1925, cap. 12, p. 28.



[32] BAKUNIN, Mikhail. *Obras.* Barcelona, Júcar, 1977. v.3, p. 22.

[33] JOLL, James. *Op. Cit.* p. 83.

[a] MALATESTA. Errico. "Nosso Programa". In: *Escritos Revolucionários.* Brasília, Novos Tempos, 1989. Este livro ganhou uma nova edição recentemente através da editora Imaginário.

[34] NETTLAU, Max. "Anarquistas y socialistas revolucionários. Pedro Kropotkin. Eliseo Reclus. El comunismo anarquista en Francia en los años 1877 a 1894". In: *La anarquia a través de los tiempos.* Barcelona, Jucar, 1977. cap. 11, p. 121.

[b] Esta era a mais importante revista científica inglesa da época.

[35] RECLUS, Elisée. *Op. Cit.* p. 1-2.

[36] *Idem, Ibidem.* p. 7.

[37] *Ibidem.* p. 25.

[38] *Ibidem.* p. 21.

[c] "A voz do povo é a voz de Deus"

[39] RECLUS, Elisée. *Op. Cit.* p. 29-30.

[40] *Idem, ibidem.* p. 27-28.

[41] *Idem, ibidem.* p. 38.

[d] Dependendo da tradução a obra é conhecida também como *Apoio mútuo...*

[42] KROPOTKIN, Piotr. *El apoyo mutuo como factor de progreso entre los animales y los hombres.* Buenos Aires, Editorial Alianza, 1946. p. 9. Essa edição foi traduzida de outra russa, aparecida em 1920, para a qual Kropotkin preparou um "Prólogo", de onde retiramos a citação acima.

[43] KROPOTKIN, Piotr. *Op. Cit.* p. 16.

[44] *Idem, ibidem.* p 336.

[45] KROPOTKIN, Piotr. "Lugar do anarquismo na ciência moderna". In: *A questão social: o anarquismo em face da ciência.* São Paulo, Biblioteca Prometeu, s/d., p. 116-118. (grifos dos editores)

[46] JOLL, James. *Op. Cit.* p. 78

[47] KROPOTKIN, Piotr. *El apoyo mutuo como factor de progreso entre los animales y los hombres.* Buenos Aires, Editorial Alianza, 1946. p. 184.

[e] BAKUNIN, Mikhail. *Socialismo e Liberdade.* São Paulo, Luta Libertária, 2002. p. 99.

[48] KROPOTKIN, Piotr. *Op. Cit.* p 336.

[49] RECLUS, Elisée. *Op. Cit.* p. 38

[50] *Idem, Ibidem.* p. 21.

[51] *Idem, Ibidem.* p. 29-30.

[52] KROPOTKIN, Piotr. *Oeuvres.* p. 289. (grifado no original)

[f] BAKUNIN, Mikhail. *Op. Cit.* p. 45-51.

[g] Malatesta e Luigi Fabbri são exceções neste aspecto, trataremos do assunto mais adiante.

[53] CARONE, Edgar. *Socialismo e Anarquismo no início do século*. Petrópolis, Vozes, 1996. p. 132.

[54] NETTLAU, Max. *Bakunin: obras*. Barcelona, Jucar, 1977. p. 19. (prólogo)

[h] Apesar de muitos imaginarem o termo massa como designando pessoas manipuladas por um partido qualquer, normalmente associados ao marxismo, o termo foi cunhado por Bakunin no século XIX para desenvolver um conceito de classe mais amplo.

[55] KROPOTKIN, Piotr. *Em torno de uma vida, memórias de um revolucionário*. São Paulo, José Olympio, 1946. p. 275-277.

[56] KROPOTKIN, Piotr. "Anarquismo". In: *Folletos revolucionários*. v.2, p. 137. (grifado no original)

[57] KROPOTKIN, Piotr. *Op. Cit.* p. 140.

[58] ARVON, Henri. *El anarquismo en el siglo XX*. Madrid, Taurus, 1979. p. 136.

[59] WILDE, Oscar. *A alma do homem sob o socialismo*. Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1975. p. 36.

[60] KROPOTKIN, Piotr. "Aux jeunes gens". In: *Paroles d'un révolté*. Paris, Flammarion, 1978. p. 67.

[61] FABBRI, Luis. *Op. Cit.* p. 120.

[62] NETTLAU, Max. "El anarquismo frances desde 1895 a 1914. Una ojeada sobre los años 1914 a 1934. La guerra; el comunismo; las actividades libertarias". In: *La anarquía a través de los tiempos*. Barcelona, Jucar, 1977. p. 225.

[63] NETTLAU, Max. *Crítica libertaria*. Barcelona, Editorial Moderna, 1922, p. 26.

# Malatesta e Luigi Fabbri: O anarco-comunismo organicista

Os dois autores dos textos publicados neste livro, foram anarco-comunistas, mas não os chamaríamos de anarco-comunistas organicistas (defensores da organização no âmbito específico e social) à toa[1]. Eles se identificaram com o anarco-comunismo, mas romperam com o anarco-comunismo clássico, em vários pontos importantes. O pensamento e a vida militantes de cada um deles se entrelaça, por isso mesmo decidimos acompanhar um pouco desta trajetória, que nos auxilia a entender a formação de pensamento de cada um deles.

Malatesta nasceu em 14 de dezembro de 1853 em Santa Maria Capura Vetere, perto de Nápoles, na província de Caserta, sul da Itália. De uma família de classe média, estudou em Liceu e depois Medicina na universidade de Nápoles, não concluiu o curso. Na década de 1860, na sua juventude, foi republicano radical, atraído pelos movimentos de Garibaldi e Mazzini. Em 25 de março de 1868 acontece sua primeira prisão de Malatesta aos 14 anos, por escrever "uma carta insolente" ao Rei da Itália.

Em 1869 ouviu falar da *AIT*, a *Internacional*. Em 1871, entusiasmado com a Comuna de Paris, conheceu Fanelli e Gambuzzi, dois bakuninistas da *Aliança*, e ingressou na seção napolitana da *AIT*, tinha 18 anos. Com a *AIT* fora da lei, Malatesta participou de sua reconstituição clandestina, sob o nome de *Federação Operária Italiana*, da qual foi secretário. Em agosto de 1872, aos 18 anos, participou do congresso da seção italiana da *AIT* em Rimini como delegado. Editou em Nápoles os periódicos *Ordine* e *La Campana*.

Em setembro de 1872 foi a Zurique e encontrou-se com Bakunin, delegados italianos e espanhóis que voltavam do congresso que rachou a *AIT* em Haya. Participou do congresso de fundação da Internacional anti-autoritária de Saint-Imier e de reuniões da *Aliança da Democracia Socialista*. De Bakunin, Malatesta tem esta lembrança do primeiro encontro: "Partimos para a Suíça, Cafiero e eu. Nesta época eu estava mal de saúde, escarrava sangue e diziam que eu estava tísico, ou coisa do gênero, ainda mais que eu perdera meus pais, uma irmã e um irmão, todos acometidos por uma doença do peito. Atravessando o Gothard, à noite (na época não havia túnel, e era preciso atravessar a montanha sob a neve, de diligência), apanhei frio e cheguei à noite, com febre e tossindo, a Zurique, na casa em que estava Bakunin. Após as primeiras palavras de boas vindas, Bakunin instalou-me numa cama quente, convidou-me, quase me forçando, a deitar-me, cobrindo-me com todos os cobertores e sobretudos que pôde acumular, ofereceu-me um chá bem quente e recomendou-me que ficasse tranqüilo e dormisse. Tudo isso com uma solicitude e uma ternura paternal que me comoveram. Enquanto todos pensavam que eu dormia, bem agasalhado nos cobertores, ouvi Bakunin falar bem de mim, em voz baixa, e acrescentar em seguida em um tom melancólico: 'Pena que ele esteja tão doente, nós o perderemos em seguida. Ele não tem seis meses de vida". Na verdade, Bakunin sabia que Malatesta ouviria suas palavras e queria apenas provocá-lo. Na volta desta viagem foi preso em Bolonha quando retornava da Suíça.

Em 1874 participou de insurreições populares em Apúlia, no sul da Itália, junto com Andréa Costa e Carlo Cafiero, sob clara inspiração de Bakunin. Os planos fracassaram e os revolucionários se dispersaram para fugir da polícia. Vai para Nápoles, e depois dirige-se para Locarno, mas é preso em Pesaro e é levado a julgamento devido à insurreição, entre 1 a 5 de agosto de 1875, sendo absolvido. O julgamento torna a *Internacional* mais popular na Itália e muitos se filiam a ela. Malatesta vai para Suíça depois disso, onde acorda com Bakunin uma viagem a Espanha. Em 1875 esteve pela Espanha onde conheceu militantes da *Internacional*, que era ilegal e clandestina na época; tinham como missão libertar o militante internacionalista Alerini da cadeia.

De volta à Nápoles entrou para a maçonaria, esperando influenciá-la e trazê-la para o campo revolucionário; pouco tempo depois desiste. No final de 1876 vai para a Áustria-Hungria engajar-se na luta dos sérvios contra os turcos na Herzegovina. Chegou apenas até Neusatz na Croácia, onde foi preso e devolvido para Udine, na Itália, sendo preso novamente.



De volta à Itália, em Florença, decidiu passar do coletivismo ao comunismo anárquico e reorganizar a *Internacional*.

Em abril de 1877 organiza a insurreição camponesa de Benevento, sul da Itália. Cerca de 30 revolucionários armados, bandeira vermelha na cabeça, tomam a vila de Letino e outras próximas, distribuem armas aos camponeses e queimam os documentos oficiais. O exército intervém depois de 12 dias. Um "carabineri" foi morto e outro ferido. Tudo fracassa, são presos 23 revolucionários. Na prisão de Santa Maria Cápua Vetere, Cafiero escreve *Resumo do Capital*, Stepniak *A Rússia Subterrânea*, Malatesta um relatório dos fatos para a *AIT*. Em agosto de 1878 foram julgados em Benevento e absolvidos. Seguido sempre pela polícia e ameaçado de "domicilio coatto" (prisão em desterro nas ilhas da costa italiana) Malatesta vai para seu primeiro exílio em 1878, aos 25 anos de idade.

Decide ir para o Egito onde existia uma colônia de trabalhadores italianos e ali se estabeleceu. Porém, quando o anarquista Passanante tentou matar o Rei Humberto, emitiram uma ordem de prisão contra Malatesta e ele foi preso em Alexandria e entregue às autoridades italianas. Mas o capitão do barco o deixa em Beirute. Dali é embarcado para Esmirna na Turquia. Novamente contando com a ajuda do capitão do barco, não desembarca em Liorna, na Itália, onde as autoridades o aguardavam, conseguindo desembarcar livre em Marselha, na França. Daí parte imediatamente para Genebra a fim de ajudar Kropotkin a publicar *A Revolta*, que seria uma das mais importantes e duradouras publicações anarquistas da história.

Expulso pouco tempo depois, partiu para a Romênia, voltando à França em fins de 1879, onde foi novamente preso e expulso em maio de 1880. Esteve na Bélgica em 1881 e ficou por lá algumas semanas; depois foi a Londres. Em junho foi decretada anistia aos presos da Comuna de Paris, Malatesta e muitos outros revolucionários correram rapidamente à França para comemorar e rever os antigos companheiros presos. Ali foi novamente preso por ignorar a condenação de exílio, passou quatro meses numa solitária nas prisões de *Santé* e *La Roquette*. Posto em liberdade foi para Lugano na Suiça, onde foi novamente detido em 21 de fevereiro de 1881, duas semanas depois foi levado até a fronteira para que saísse do país.

Novamente vai para Bélgica e depois de duas semanas vai para Londres, onde ficaria até 1882. Na cidade inglesa, Malatesta se sustenta inicialmente como vendedor de sorvetes e bombons, até abrir uma oficina

mecânica. Ali conseguiu alguma tranqüilidade e editou um periódico em italiano, *L'Insurrezione*. Entre 14 e 19 de julho de 1881 participou junto com outros anarquistas do Congresso Internacional Socialista, como representante da Federação Toscana.

Foi novamente ao Egito em agosto de 1882 para lutar na insurreição árabe de Arabi Pasha contra os ingleses, mas não conseguiu chegar até a linha de frente. Decidiu retornar dali à Itália pelo porto de Liorno, de onde seguiu clandestinamente até Florença. Ali fez propaganda anti-parlamentar e trabalhou como mecânico numa oficina. Acabou preso em maio por "conspiração", acusado depois de "associação para delinqüência", por publicar um manifesto recordando a Comuna de Paris. Ficou seis meses na cadeia. Uma vez solto, mesmo em liberdade condicional, continuou suas atividades em Florença, publicou seu melhor periódico até então, *La Questione Sociale*, entre os anos de 1883 e 1884.

Continuava em andamento o seu processo em Roma e no mês de janeiro de 1884 decidiu-se a sentença final: três anos de cadeia. Malatesta recorreu, permaneceu em liberdade condicional e voltou à Florença. No entanto, em meados de 1884 foi a Nápoles para ajudar como médico na epidemia de cólera, cuidou de uma seção de enfermos, mobilizou toda a cidade para ajudar com alimentos e remédios doados. Foi declarado cidadão benemérito de Nápoles e recusou o título. Oferecem a Malatesta a possibilidade de se eleger para adquirir imunidade e escapar da condenação, também recusa. Por outro lado conseguiu amotinar o povo contra o governo em meio à epidemia. No manifesto que os revolucionários lançam dizem que *A verdadeira causa da cólera é a miséria, e o único remédio para evitar sua volta só pode ser encontrado na revolução social.*

No final de 1884 regressou à Florença, mas perseguido pela polícia e prevendo a confirmação de sua condenação, fugiu do país escondido dentro de um caixote que supostamente teria uma máquina de costura. Em março de 1885 estava em Buenos Aires na Argentina, onde ficou até 1889. Na Argentina fez conferências e organizou sindicatos, também passou um bom tempo no Uruguai. Chegou até mesmo a procurar ouro na Patagônia, extremo sul da Argentina, para financiar o movimento operário e anarquista.

Voltou à Europa entre julho e agosto de 1889, para Nice na França, com a intenção de formar um Partido Anarquista[2]. Para isso lançou um manifesto, um programa e publicou vários artigos num periódico fundado para este fim, *L'Associazione*. No final de 1889 teve que fugir de Nice devido a perseguições da polícia francesa. Porém continuou a publicar o



periódico até janeiro de 1900. Foi repudiado com ódio pelos anarquistas anti-organizadores e individualistas. Por sua vez Malatesta tinha verdadeiro asco pelo "que chamava gozo aristocrático de conhecer a verdade e viver a própria vida, isso não lhe satisfazia como revolucionário. Em muitos italianos influía o movimento francês, que constituía um culto à própria autonomia e superioridade, longe do povo, com o ideal intimo ou declarado, secreto ou patente, de viver à margem da sociedade e às custas do inimigo, às custas do capitalismo, quer dizer, através do esforço dos que são bastante estúpidos para trabalhar e procurar mais riquezas"[3]

Mas o trabalho de propaganda e organização de Malatesta não foi em vão. Um congresso reuniu-se em Capolago, região suíça próxima à fronteira italiana, entre 4 e 6 de janeiro de 1891 criando o *Partido Socialista Revolucionário Anárquico Italiano*, que aprovou um programa e um manifesto aos socialistas e ao povo da Itália[4]. Depois do congresso passou por todas as principais cidades do norte italiano divulgando o partido. No retorno, quando passava pela Suíça, em Lugano, foi novamente detido por desobedecer a ordem de desterro emitida contra ele. Fica preso mais três meses e a Itália pediu sua extradição. Conseguiu sair livre e foi à Espanha novamente entre novembro de 1891 e fevereiro de 1892, com o objetivo de preparar uma insurreição para maio deste ano. Porém, as coisas se precipitaram e estourou uma insurreição popular em Jerez, imediatamente Malatesta passou a ser procurado pela polícia espanhola e decidiu fugir para Inglaterra, onde voltou ao ofício de mecânico.

Depois de um tempo em Londres, Malatesta foi à Bélgica em 1893 e participou de greves combativas naquele país se encontrando com o anarquista Malato. Dali mesmo foi à Itália, passou pela Sicília, Carrara, Milão e Ancona entre o final de 1893 e 1894. Ao final, uma vez mais, voltou à Londres.

Voltaria à Itália somente em 1897, clandestinamente. Fixando-se em Ancona começou a publicar outro periódico *L'Agitazione*, que funcionou entre 1897 e 1898. Escrevia ao dia e circulava pela cidade, com gorro de ferroviário, escondendo o rosto, falava em manifestações com outros nomes e sempre disfarçado. Defendeu uma vez mais a organização dos anarquistas em partido, se contrapôs ao espontaneísmo de Kropotkin e apoiou a entrada dos anarquistas nos sindicatos e a atuação entre a classe operária. É nesta época que os contatos com Luigi Fabbri se intensificaram. Fabbri era 25 anos mais novo que Malatesta, nascera em 22 de dezembro de 1877, em Fabriano, uma pequena cidade da Itália central, perto de Ancona, vivendo a maior parte da vida entre Roma e

Bolonha. Depois de uma passagem pelos meios republicanos na juventude, Fabbri passou a integrar o movimento anarquista e participar diretamente do jornal *L'Agitazione*.

"Em janeiro de 1898 em vários pontos da Itália se protestava contra o aumento do pão, Malatesta e Fabbri estavam envolvidos na organização destes protestos e foi novamente preso junto com outros companheiros, acusados de "associação ilícita". Aguardaram o processo durante meses na cadeia, sendo que Fabbri ficou detido em Macerata. Uma grande campanha pela liberdade dos presos políticos acontece na Itália, e até mesmo republicanos e socialistas somaram-se neste momento aos protestos anarquistas."

Os anarquistas aproveitaram o processo para defender o direito a associação, 3000 anarquistas firmaram um abaixo assinado declarando sua opção política, afirmando serem membros de um partido e estarem de acordo com os acusados. O processo se converteu numa grande oportunidade de propaganda anarquista. Mesmo assim, Malatesta e Fabbri foram condenados a sete meses de cadeia em 1898. Todavia, ao término da pena, se vivia uma grande agitação social em toda a Itália. Temendo possíveis ações de Malatesta, Fabbri e dos demais anarquistas, eles foram deportados em "domicilio coatto" para ilha de Utica e a seguir para a ilha de Lampedusa, considerada mais segura. Meses depois, no dia 9 de maio de 1899 Malatesta conseguiu fugir de barco para Malta e de lá para Londres, ainda em maio de 1889.

Fez uma viagem aos EUA, foi a Paterson e New Jersey. Polemizou com individualistas intransigentes, inspirados em Bejamin Tucker e Thoreau. Durante um debate sofreu uma agressão a tiro de um anarquista em Paterson, um individualista chamado Pazzaglia. Foi a Cuba em fevereiro de 1900, onde realizou conferencias em espanhol, mesmo sendo obrigado pela polícia local a não pronunciar a palavra anarquia. De Cuba voltou a Nova Iorque e rumou para Londres.

Ficou em Londres praticamente 13 anos, excetuando-se uma ou outra viagem curta que fez. Sempre trabalhando como mecânico em sua oficina e dando aulas de italiano e francês para se manter. Neste período aproveitou para ler bastante, e mesmo assim não deixou de manter contato com as atividades militantes na Europa. Publicou alguns periódicos de curta duração neste tempo: *Lo Sciopero Generale*, *La Rivoluzione Sociale* e *L'Insurrezione*. Também publicou folhetos como *Germinal*, sobre o 1° de Maio e *La Settimana Sanguinosa*. Também mandou uma série de artigos para *Le Reveil* de Genebra, nos quais critica o individualismo e o



amoralismo nietzscheano-stirneriano.

Luigi Fabbri permaneceu na Itália. Em 1903 fixou-se em Roma e fundou, juntamente com o anarquista Pietro Gori, a revista *Il Pensiero*, que seguiu sendo publicada até dezembro de 1911 Dentro desta revista Fabbri assumiu grande parte do trabalho de redação e combateu o niilismo individualista e o sindicalismo puro defendido por muitos anarquistas de então. Nota-se a mesma linha de conduta entre Fabbri e Malatesta, mesmo distantes pelo exílio do último. Neste período trabalha sempre como professor na Itália. Destacamos que durante o longo exílio de Malatesta, Luigi Fabbri foi o principal expoente do anarquismo na Itália.

Em 1907 os dois vão se reencontrar e atuar juntos no Congresso Internacional Anarquista de Amsterdã, ocasião em que polemizaram com os anarquistas adeptos do sindicalismo puro, isto é, sem a necessidade de uma organização específica dos anarquistas atuando no sindicato. Também criticaram os anarquistas individualistas inspirados em Stirner. Para este congresso Fabbri havia escrito *A Organização Anarquista* e Malatesta defendeu o texto perante ao congresso, o texto foi aprovado pela maioria, mas não sem grandes resistências. Nesta oportunidade Malatesta foi "acusado" pelos anarquistas individualistas de ser "bakuninsta" e não "espontaneísta". Vale lembrar que uma das palavras favoritas de Malatesta era "spingere", que em português quer dizer impulsionar, empurrar, mostrando o quanto ele apostava na ação e na vontade organizada como elemento revolucionário. Voltando a Londres seguiu sua vida trabalhando na oficina, mas não escapou de ficar preso 3 meses pelo envolvimento com atividades militantes. Malatesta já tinha 50 anos e sua saúde piorava, com problemas pulmonares.

Em 1912 temos um fato interessante, a criação da *União Sindical Italiana* (*USI*), em novembro de 1912 em Modena. Foi uma central sindical impulsionada desde a fundação por anarquistas, ainda que não somente por anarquistas. Malatesta e Fabbri estavam entre seus impulsores. Isso pode parecer estranho para muitos que conhecem textos de Malatesta e Fabbri criticando o sindicalismo, mas tem uma explicação. O que eles criticavam na verdade não era o sindicalismo em si, mas sobretudo uma certa concepção de sindicalismo, o sindicalismo revolucionário francês, na qual muitos anarquistas enxergaram a alternativa revolucionária única e abriram mão de uma organização específica ou partido anarquista. A crítica de Malatesta e Fabbri jamais foi contra o movimento operário em si ou ao sindicato em si. Por isso mesmo se fundou a *União Sindical Italiana*.

Em junho de 1913 Malatesta retornou para a Itália,, já com 60 anos. De pronto reorganizou o partido dos anarquistas em Ancona e juntamente com Luigi Fabbri fundou um novo periódico *Volontá*, que saiu entre 1913 e 1914. Os dois viajaram por toda a Itália, realizando palestras, buscando por em relação os anarquistas e os socialistas revolucionários com esperanças na revolução. Seus passos eram seguidos pela polícia, mas a estrutura orgânica e o cuidados com a segurança fizeram parte do currículo de Malatesta, um relato interno do Capitão dos Caribineri de Ancona informa que *É difícil penetrar no trabalho organizativo de Malatesta devido a prudência com que atua, ao silêncio que conservam seus seguidores, à desconfiança de que se rodeia.*

Uma grande agitação popular se estendeu pela Itália e redundou em greve geral na "semana vermelha" de junho de 1914. No entanto a central sindical socialista a *CGT* (*Confederação Nacional do Trabalho*) suspende a greve geral e boicotou o movimento na prática. Tudo terminou em sangue, repressão e prisões. Malatesta escapou por pouco da polícia e retornou a Londres. Fabbri conseguiu sair do país e se exilar na Suiça entre 1914 e 1915.

Em novembro de 1914, a guerra já estava declarada. Surgiram então alguns anarquistas, minoritários mas de renome, apoiando os aliados na 1ª Guerra Mundial, entre eles Kropotkin, Jean Grave, Tcherkessov, Verbelen e Malato. Todos eles firmariam em 1916 o "manifesto dos 16", declarando apoio aos aliados. Malatesta os criticou com firmeza e indisfarçável tristeza. Uma grande polêmica acontece no meio anarquista sobre esta questão, que dividiu os anarquistas em dois campos.

Na Itália a discussão sobre a guerra também repercutiu. Dentro da *USI* surgiram sérias discussões sobre o apoio ou não aos aliados durante o congresso de Parma, em setembro de 1914. Uma ala minoritária pró-militarista saiu da *USI* e fundou a *União Italiana do Trabalho (UIL)*, que mais tarde formaria os primeiros sindicatos fascistas de Mussolini.

O período entre 1915 e 1926 é um dos mais intensos da vida militante de Luigi Fabbri. Vivendo em Bolonha, Fabbri trabalha em tarefas de propaganda, organização e formação de militantes. Malatesta ainda demoraria alguns anos para voltar à Itália. Neste período Fabbri seguia trabalhando como professor na Escola Primária de Corticella, em Bolonha. Suas atividades, dentro e fora de sala de aula, são constantemente vigiadas pela polícia.

Em 28 de dezembro de 1919 Malatesta voltou à Itália pelo porto



de Gênova, onde os portuários pararam o trabalho e aclamaram o anarquista italiano. Muitos o esperavam para ser a liderança da revolução e o chamavam para o desgosto de Malatesta, de "o Lênin da Itália", Rapidamente se engajou em movimentos no norte da Itália, em Toscana e Marcas. Em todas as partes foi calorosamente acolhido pela classe trabalhadora italiana. Mesmo assim foi preso novamente e levado à Florença, mas a pressão popular foi tanta que foram obrigados a soltá-lo.

O clima social estava agitado. A situação econômica da Itália piorava dia após dia, os resultados da 1° Guerra Mundial tinham sido catastróficos para o país, que havia perdido colônias e partes do território. O fascismo avançava e ao mesmo tempo avançava a esquerda como um todo. Nas eleições de 1919 os socialistas obtiveram 30% dos votos, 156 entre as 508 cadeiras do parlamento; Mussolini havia alcançado somente 5 mil votos contra 135 mil do candidato socialista. No campo, terras eram ocupadas. Nas cidades, desde 1919, haviam movimentos de ocupação de fábrica. O fascismo ainda não tinha a força que adquiriu pouco tempo depois.

Neste ano Mussolini já estava fora dos meios socialistas, fundava os "Fasci do Cambattimento", grupo que daria origem ao *Partido Nacional Fascista* em 9 de novembro de 1921. Também neste clima foi fundado em abril de 1919, na cidade de Florença. o partido anarquista que Malatesta tanto lutou para construir, adotando as linhas gerais do programa escrito por Malatesta em 1890 para o *Partido Socialista Revolucionário Anárquico Italiano.* Chamou-se *União Comunista Anarquista Italiana.* Em fevereiro de 1920 apareceu o primeiro número do jornal anarquista *Umanitá Nova*, convertido em porta-voz da recém-fundada organização e dirigido por Malatesta e Fabbri, que rapidamente atingiu 50 mil exemplares de tiragem diária. No ano seguinte, em julho de 1920, um novo congresso anarquista realizado em Bolonha altera o nome da organização anarquista para *União Anarquista Italiana (UAI).* No plano sindical também a *USI* (*União Sindical Italiana)*, onde militavam os anarquistas, atingia mais de 500 mil filiados. Em várias ocasiões desta época, Malatesta escapou de atentados da polícia italiana e de fascistas, que sequer eram dissimulados. Vivia-se um clima pré-revolucionário.

Em junho de 1920 aconteceu a sublevação de Ancona. Em agosto começou o movimento de obstrução operária, no final do mês e a partir de setembro o movimento já era de ocupação das fábricas. Em Milão haviam mais de 280 fábricas ocupadas noite e dia e protegidas por "guardas vermelhas" criadas pelos operários; em Turim eram 200 fábricas

ocupadas, na Itália toda o movimento se generalizava e se convertia em greve geral.

Os socialistas da *CGT* boicotaram o movimento e eles foram derrotados com uma repressão brutal. Em 17 de outubro de 1920 Malatesta foi preso. Também o anarquista Borgui, secretário da *USI* e mais oitenta anarquistas foram presos neste momento. Em março de 1921 fizeram greve de fome na cadeia. Em julho foram julgados e absolvidos. Malatesta mudou para Roma neste período e continuou dirigindo o jornal *Umanitá Nova*.

Em 1921 foi fundada a *Aliança do Trabalho* com a presença de anarquistas, comunistas e socialistas de esquerda. Visava agrupar as forças anti-fascistas. Em julho de 1922, a *Aliança do Trabalho* proclamou a Greve Geral, mas a atitude não contou com grande adesão e foi sufocada pelos fascistas e pela polícia à força. Em 27 de outubro de 1922 teve início a "Marcha sobre Roma", promovida pelos fascistas. Queimaram na praça Cavour, o retrato de Malatesta. O jornal *Umanità Nova* foi interditado e Malatesta uma vez mais processado como diretor do jornal. Toda a esquerda sofre repressão.

Em 30 de outubro deste ano, constituiu-se o novo governo de Mussolini. Malatesta passou a viver em Roma. A polícia seguia de perto seus passos. Em setembro de 1922 vai a Suíça, para as cidades de Biel e Sant-Imier. Comemorava-se o aniversário de 50 anos do congresso fundador da Internacional de Saint Imier. Malatesta era então o único sobrevivente do congresso de 1872.

Fabbri escreve em 1923 *A contra-revolução preventiva*, texto onde analisa a ascensão do fascismo. Malatesta tinha nesta época 69 anos e retornou a seu ofício de mecânico e eletricista. Em 1924, os dois juntos lançaram a revista anarquista *Pensiero e Volontà*. O fascismo, no início, manteve alguma liberdade de imprensa, mas a censura se torna cada vez mais severa e em 1926 se proíbe a revista. A oficina de Malatesta foi destruída pelos fascistas: ele junto com sua companheira, Elena Melli, e sua filha Gemma, tiveram que viver desde então da ajuda dos companheiros anarquistas. Recusou-se a deixar a Itália. Do final de 1926 até a sua morte viveu em Roma em prisão domiciliar. Um policial vigiava sempre sua porta, quem o visitasse era preso, suas cartas abertas ou retidas. Mesmo assim continua enviando artigos para os periódicos *Il Risveglio* e *L'Adunata dei Refrattari*. Malatesta tinha mais de 70 anos e sérios problemas respiratórios.



Quanto a Fabbri, negou-se a fazer o juramento ao governo fascista e por isso perdeu sua profissão de professor, a partir de então foi sempre ameaçado por bandos fascistas, o que o obrigou a exilar-se clandestinamente na França entre 1927 e 1929. Mesmo clandestino publicou junto a Camilo Bernieri e Gobbi a revista *Lotta Umana*. A revista e outras atividades militantes acabaram por provocar a sua expulsão da França. De lá foi para a Bélgica onde ficou por pouco tempo, o suficiente para se encaminhar rumo ao Uruguai.

Chegou em Montevidéu no dia 18 de maio de 1929. Nesta época o Uruguai era tido como um país democrático e aberto, um dos poucos refúgios seguros numa América Latina marcada por golpes e ditaduras. No Uruguai fundou a revista *Studi Sociali*, a mais regular publicação anarquista da década de 30 naquele país. O clima democrático não resistiria muito e em 1933 um golpe de Estado instalou uma ditadura no país, declaradamente simpática ao eixo e com apoio logístico da embaixada italiana em Montevidéu. Depois disso, os italianos residentes no Uruguai são perseguidos e muitos deportados para a Itália, onde ficariam a mercê do fascismo.

Luigi Fabbri dizia que apenas sistematizava e difundia o pensamento de Malatesta, uma vez que este, pela agitada vida de organizador e propagandista nunca dedicou muito tempo para escrever textos longos. Mesmo com intervalos de prisão e desterro, causados por sua ativa militância anarquista, manteve-se, de perto ou de longe, em estreita colaboração com Malatesta. No Uruguai traduziu textos de Malatesta ao espanhol e escreveu uma biografia do amigo. Talvez seja um dos anarquistas mais desconhecidos no Brasil, o que não se justifica pela importância que teve na história do anarquismo e pelo volume de textos que escreveu.

Errico Malatesta morreu em casa no dia 23 de julho de 1932 aos 78 anos de idade. Não se permite o acesso de quase ninguém à casa, exceto de uns poucos familiares e amigos. Os fascistas temiam que a morte de Malatesta se convertesse numa manifestação. No enterro em 23 de julho, o corpo segue num carro fechado da polícia, rodeado de policiais. No cemitério a polícia retirou os ramos de cravos vermelhos depositado pela afilhada de Errico Malatesta e também as flores enviadas foram todas retiradas. O cadáver foi enterrado em vala comum e colocaram de maneira provocativa uma cruz sobre a sepultura. Luigi Fabbri morreu no Uruguai em 29 de junho de 1935.

## Características do anarco-comunismo organicista

Malatesta e Fabbri se consideraram anarco-comunistas, mas sempre ressaltaram as diferenças que guardavam com o pensamento de Kropotkin, representante maior do "anarco-comunismo clássico". Um dos pontos de ruptura mais claros foi em relação ao anarquismo concebido como ciência e como destino histórico da humanidade. Dizia ele que "o cientificismo (não digo a ciência) que prevaleceu na segunda metade do século XIX, produziu a tendência de considerar como verdades científicas, isto é, como leis naturais, e, portanto, necessárias e fatais, o que somente era o conceito correspondente aos diversos interesses e às diversas aspirações de cada um a respeito da justiça, do progresso etc., da qual nasceu o 'socialismo científico' e também o 'anarquismo científico' que, apesar de professados por nossos maiores, a mim sempre pareceram concepções barrocas, pois confundiam coisas e conceitos distintos por sua natureza"[5]. Malatesta não entendia muito bem como Kropotkin podia "conciliar sua filosofia mecanicista com o seu anarquismo"[6]. Parecia-lhe um despropósito, enfim, o fato de ele ser "muito severo com o fatalismo dos marxistas", e cair "no fatalismo dos mecanicistas, que é muito mais paralisante"[7].

Esta diferença de concepção teórica teve conseqüências práticas muito grandes. Malatesta foi sobretudo um homem de ação, basta olhar um pouco para sua própria vida, para percebermos o quanto ele foi ativo. Isso não foi um mero traço de personalidade dele, mas resultado de uma concepção teórica que rejeitava determinismos históricos e punha acento na ação humana, na vontade organizada. Malatesta questionou uma das contradições do anarco-comunismo quando perguntava "(...) que significado podem ter as palavras vontade, liberdade, responsabilidade? Se não se pode modificar o curso premeditado dos acontecimentos humanos, como não se pode alterar o curso dos astros ou o crescimento de uma flor, para que servirá a educação, a propaganda, a rebelião?"[8]. Neste aspecto teve a coragem de criticar uma das maiores figuras do anarquismo, coisa que para muitos, até hoje, é no mínimo complicado. Malatesta disse em 1931 sobre Kropotkin que "(...) durante muitos anos, apesar do espírito iconoclasta e progressista dos anarquistas, a maior parte se limitou, tanto em teoria como em propaganda, a estudar e repetir Kropotkin. Discordar de sua opinião era, para muitos, uma *heresia*"[9].

Esta ênfase maior na ação, não deixou de dar um papel destacado ao trabalho de propaganda, no que Malatesta e Fabbri pareciam estar



afinados com a estratégia do anarco-comunismo. Neste ponto, Fabbri foi mais ortodoxo, porém Malatesta nunca se contentou somente com a ação resumida à propaganda. A participação dele em várias tentativas insurrecionais e sobretudo a atuação no movimento operário na maior parte de sua vida fizeram a marca distintiva neste anarquista italiano. Talvez por uma herança bakuninista mais permanente - afinal Malatesta conhecera pessoalmente Bakunin, suas práticas e idéias - os anarco-comunstas italianos nunca tiveram o afastamento do movimento operário que ocorreu na França, por exemplo. Também podemos levar em consideração que o ambiente italiano era bem diferente da França por exemplo, e não era tão fácil a aplicação de táticas de tipo educacionista, culturalista, e certas aproximações com a pequena burguesia, o mundo acadêmico e o artístico.

Outro ponto fundamenal é que Malatesta e Fabbri nunca perderam de vista a diferenciação entre a esfera da organização anarquista, do partido (como ambos diziam), e do movimento social, sindicatos ou associações operárias em suas variadas formas. Esta maior ênfase na ação e a diferenciação entre o âmbito anarquista e social, fizeram com que Malatesta e Fabbri lutassem a vida inteira pela organização anarquista e contra as tendências anti-orgânicas, espontaneístas ou individualistas, em parte influenciadas pelo anarco-comunismo de Kropotkin. Foi com o anarco-comunismo de Kropotkin que se começou a pensar o anarquismo em termos de um movimento anarquista de massas, de uma "cultura anarquista", de uma forma que se perdia a distinção entre o que era um âmbito próprio dos anarquistas e o que era um âmbito do movimento social.

São inúmeros os textos de Malatesta e de Fabbri defendendo a organização dos anarquistas e a própria noção de organização. Não se tratou apenas de uma defesa de idéias, mas de realizações práticas. É conhecido o trabalho de organização impulsionado por Malatesta, tanto no plano sindical, quanto no plano especificamente anarquista. O *Partido Socialista Revolucionário Anárquico Italiano, A União Anarquista Italiana* no âmbito específico do anarquismo; *União Sindical Italiana, Aliança do Trabalho* e o sindicatos na Argentina no campo da organização operária, são exemplo já mencionados neste texto.

Max Nettlau diz que Malatesta e Kropotkin: "(...) não estavam de acordo na maior parte dos assuntos (...)"[10]. Malatesta criticava o otimismo e esperanças de Kropotkin, que segundo ele careciam de base realista. A espontaneidade criadora, a abundância , a cooperação harmoniosa

quase automática, tudo isso era exagerado para Malatesta e Fabbri. Além destas divergências uma outra, pontual porém séria marcou a relação com Kropotkin: o apoio deste aos aliados na I Guerra Mundial. Sintetizando podemos dizer que o anarco-comunismo organicista se caracterizou por:
1) negar que houvesse qualquer sentido de evolução natural ou mecânica rumo ao socialismo ou anarquismo;
2) negar qualquer caráter de ciência ao socialismo ou anarquismo;
3) afirmar como fator fundamental nas mudanças históricas o elemento humano;
4) propor e lutar para construir a organização específica dos anarquistas, o Partido Anarquista;
5) combate ao individualismo e espontaneísmo dentro do movimento anarquista;
6) diferenciar dois campos de atuação distintos e complementares, a organização específica anarquista e as organizações sociais;
7) valorizar a atuação nos movimentos da classe trabalhadora, que na época, principalmente os sindicatos e conselhos de fábrica;
8) colocar a tarefa da propaganda como estratégia central para os anarquistas, tema no qual mostram afinidade com o anarco-comunismo clássico.

Malatesta e Luigi Fabbri sempre causaram polêmica por suas idéias, durante suas vidas foram atacados rispidamente por anarquistas individualistas, espontaneístas, alguns sindicalistas, parte dos anarco-comunistas kropotkinianos, além dos socialistas e logicamente da direita. Malatesta, no entanto, alguns anos depois de sua morte, como num passe de mágica, tornou-se figura de consenso no movimento anarquista. Ultimamente algumas pessoas do meio libertário tem repetido a afirmação de que Malatesta foi individualista em algum momento de sua vida. Uma mentira grosseira, que não encontra argumento em nenhum texto ou atitude de Malatesta, que até o final da vida conservou-se lúcido e combateu o individualismo. É certo que terminou a vida isolado, guardado em prisão domiciliar pela polícia fascista, sem poder receber visitas, sem poder escrever suas cartas e receber sua correspondência. Foi isolado pelo fascismo, reduzido à "individualidade" à força. Foi de fato "individualizado" pelas mãos fascistas.

Este homem simples, que trabalhou a vida inteira como mecânico e eletricista, viveu 10 anos em diversas prisões da Europa, passou 35 anos de sua vida no exílio, que jamais recebeu um centavo de um sindicato



e que nunca se meteu na sujeira da política tradicional, quando recebeu a herança de sua família, distribuiu as terras entre aqueles que nela trabalhavam e gastou todo o seu dinheiro em propaganda revolucionária. Quando morreu não deixou nenhum bem, mas deixou como herança alguns escritos e sobretudo uma vida dedicada à luta e organização. Estes "bens" chegaram até nós e com este livro queremos distribuir um pouco desta herança de generosidade revolucionária que Malatesta deixou.

**Notas:**

[1] O termo anarco-comunismo organicista foi utilizado pelo historiador argentino Osvaldo Bayer para designar esta corrente e nós também utilizamos esta conceituação porque a consideramos precisa.

[2] Nestes textos aparecerá em vários momentos o termo partido, sinônimo de organização para Malatesta. Em nenhum dos casos o termo significa partido de tipo eleitoral.

[3] NETTLAU, p. 25.

[4] Como esta questão sobre partido ainda é muito polêmica informamos que este dado aparece em vários autores: NETTLAU, Max. *La anarquia atraves de los tiempos*. Madri, Jucar, 1975. p. 142. RICHARDS, Vernon. *Malatesta, vida e ideas*. Barcelona, Tusquets, 1977. p. 306. NETTLAU, Max. "Prólogo". In: MALATESTA, Errico. *Socialismo y anarquía*. Madri, Ayuso, 1977. p. 18. CAPPELLETTI, Jose Angel. *El Pensamiento de Malatesta: idealismo etico y socialismo libertario*. Montevidéu, Recortes, 1990. p. 19.

[5] RICHARDS, Vernon, p. 37

[6] MALATESTA, E. Pedro p. 290.

[7] Idem, ibidem, p. 289.

[8] Malatesta, E. citado em Fabbri, op. cit. p. 197-198.

[9] Malatesta, Errico. "Pedro Kropotkin: recuerdos y criticas de un viejo amigo". In: RICHARDS, Vernon. *Malatesta: vida e ideas*. Barcelona, Tusquets, 1977. p. 284. (grifado no original)

[10] NETTLAU, Max. "Prólogo". In: MALATESTA, Errico. *Socialismo y anarquía*. Madri, Ayuso, 1977. p. 14.

# Sobre a Organização

*Errico Malatesta*

## Organização I

*L'Agitazione* de Ancone, 04/07/1897

Há anos que muito se discute entre os anarquistas esta questão. E como freqüentemente acontece quando se discute com ardor à procura da verdade, acredita-se, em seguida, ter a razão. Quando as discussões teóricas são apenas tentativas para justificar uma conduta inspirada por outros motivos, produz-se uma grande confusão de idéias e de palavras.

Lembremos, de passagem, sobretudo para nos livrarmos delas, as simples questões de frases empregadas, que, às vezes, atingiram o cúmulo do ridículo, como por exemplo: "Não queremos a organização, mas a harmonização", "Opomo-nos à associação, mas a admitimos", "Não queremos secretário ou caixa, porque é sinal de autoritarismo, mas encarregamos um camarada para se ocupar do correio e outro do dinheiro"; passemos à discussão séria.

Se não pudermos concordar, tratemos pelo menos de nos compreender.

Antes de mais nada, distinguamos, visto que a questão é tripla: a organização em geral, como o princípio e condição da vida social, hoje, e na sociedade futura; a organização do partido anarquista e a organização das forças populares, e, em particular, a das massas operárias, para resistir ao governo e ao capitalismo.

A necessidade de organização, na vida social - direi que organização e sociedade são quase sinônimos - é coisa tão evidente que mal se pode

acreditar que pudesse ter sido negada.

Para darmos conta disso, é preciso lembrar que ela é a função específica, característica do movimento anarquista, e como homens e partidos estão sujeitos a se deixarem absorver pela questão que os interessa mais diretamente, esquecendo tudo que a ela se relaciona, dando mais importância à forma que ao conteúdo e, enfim, vendo as coisas somente de um lado, não distinguindo mais a justa noção da realidade.

O movimento anarquista começou como uma reação contra o autoritarismo dominante na sociedade, assim como todos os partidos e organizações operárias, e se acentuou com os adventos de todas as revoltas contra as tendências autoritárias e centralistas.

Era natural, em conseqüência, que inúmeros anarquistas estivessem hipnotizados por esta luta contra a autoridade e que eles combatem, para resistir à influência da educação autoritária, tanto a autoridade quanto a organização, da qual ela é a alma.

Na verdade, esta fixação chegou ao ponto de fazer sustentar coisas incríveis. Combateu-se todo tipo de cooperação e de acordo porque a associação é a antítese da anarquia. Afirma-se que sem acordos, sem obrigações recíprocas, cada um fazendo o que lhe passar pela cabeça, sem mesmo se informar sobre o que fazem os outros, tudo estaria espontaneamente em harmonia: que anarquia significa que cada um deve bastar-se a sí mesmo e fazer tudo que tem vontade, sem troca e sem trabalho em associação. Assim, as ferrovias poderiam funcionar muito bem sem organização, como acontecia na Inglaterra (!). O correio não seria necessário: alguém de Paris, que quisesse escrever uma carta a Petersburgo... podia ele próprio levá-la (!!) etc.

Dir-se-à que são besteiras, que não vale a pena discuti-las. Sim, são besteiras, mas estas besteiras foram ditas, propagadas: foram recebidas por grande parte de pessoas como a expressão autêntica das idéias anarquistas. Servem sempre como armas de combate aos adversários, burgueses ou não, que querem conseguir uma fácil vitória sobre nós. E, também estas "besteiras" não são sem valor, visto que são a conseqüência de certas premissas e que podem servir como prova experimental da verdade, ou pelo menos, dessas premissas.

Alguns indivíduos, de espírito limitado, mas providos de espírito lógico poderoso, quando aceitam premissas, extraem delas todas as conseqüências até que, por fim, e se a lógica assim o quer, chegam, sem se desconcertar, aos maiores absurdos, à negação dos fatos mais evidentes. Mas há outros indivíduos mais cultos e de espírito mais amplo que



encontram sempre um meio de chegar a conclusões mais ou menos razoáveis, mesmo ao preço de violentação da lógica. Para eles os erros teóricos têm pouca ou nenhuma influência na conduta prática. Mas, em suma, desde que não se haja renunciado a certos erros fundamentais, estamos sempre ameaçados por silogismos exagerados, e voltamos sempre ao começo.

O erro fundamental dos anarquistas adversários da organização é crer que não há possibilidade de organização sem autoridade. E uma vez admitida esta hipótese, preferem renunciar a toda organização, ao invés de aceitar o mínimo de autoridade.

Agora que a organização, quer dizer, a associação com um objetivo determinado e com as formas e os meios necessários para atingir este objetivo, é necessária à vida social, é uma evidência para nós. O homem isolado não pode sequer viver como um animal: ele é impotente (salvo em regiões tropicais e quando a população é muito dispersa) e não pode obter sua alimentação; ele é incapaz, sem exceção, de ter uma vida superior àquela dos animais. Conseqüentemente, é obrigado a se unir a outros homens, como a evolução anterior das espécies o mostra, e deve suportar a vontade dos outros (escravidão), impor sua vontade aos outros (autoritarismo), ou viver com os outros em fraternal acordo para o maior bem de todos (associação). Ninguém pode escapar dessa necessidade. Os antiorganizadores mais imoderados suportam não apenas a organização geral da sociedade em que vivem, mas também em seus atos, em sua revolta contra a organização, eles se unem, dividem a tarefa, *organizam-se* com aqueles que compartilham suas idéias, utilizando os meios que a sociedade coloca à sua disposição; com a condição de que estes sejam fatos reais e não vagas aspirações platônicas.

Anarquia significa, *sociedade organizada sem autoridade*, compreendendo-se autoridade como a faculdade de *impor* sua vontade. Todavia, também significa o fato inevitável e benéfico que aquele que compreende e sabe fazer uma coisa, consegue fazer aceitar mais facilmente sua opinião. Ele serve de guia, quanto a esta coisa, aos menos capazes que ele.

Segundo nossa opinião, a autoridade não é necessária à organização social, mais ainda, longe de ajudá-la, vive como parasita, incomoda a evolução e favorece uma dada classe que explora e oprime as outras. Enquanto há harmonia de interesses em uma coletividade, enquanto ninguém pode frustrar outras pessoas, não há sinal de autoridade. Ela aparece com a luta intestina, a divisão em vencedores e vencidos, os

mais fortes confirmando sua vitória.

Temos esta opinião e é por isso que somos anarquistas, caso contrário, afirmando que não pode existir organização sem autoridade, seremos autoritários. Mas ainda preferimos a autoridade que incomoda e desola a vida, à desorganização que a torna impossível.

De resto, o que seremos nos interessa muito pouco. Se é verdade que o maquinista e o chefe de serviço devem forçosamente ter autoridade, assim como os camaradas que fazem para todos um trabalho determinado, as pessoas sempre preferirão suportar sua autoridade a viajar a pé. Se o correio fosse apenas esta autoridade, todo homem são de espírito a aceitaria para não ter de levar, ele próprio, suas cartas. Se se recusa isto, a anarquia permanecerá o sonho de alguns e nunca se realizará.

## Organização II

*L'Agitazione* de Ancone, 11/07/1897

Estando admitida a existência de uma coletividade organizada sem autoridade, isto é, sem coerção, caso contrário, a anarquia não teria sentido, falemos da organização do partido anarquista.

Mesmo nesses casos, a organização nos parece útil e necessária. Se o partido, ou seja, o conjunto dos indivíduos que tem um objetivo em comum e se esforçam para alcançá-lo, é natural que se entendam, unam suas forças, compartilhem o traballho e tomem todas as medidas adequadas para desempenhar esta tarefa. Permanecer isolados, significa condenar-se à fraqueza, desperdiçar sua energia em pequenos atos ineficazes, perder rapidamente a fé no objetivo e cair na completa inação.

Mas isto parece de tal forma evidente que, ao invés de fazer sua demonstração, responderemos aos argumentos dos adversários da organização.

Antes de mais nada, há uma objeção, por assim dizer, formal. "Mas de que partido nos falais? Dizem-nos, nem sequer somos um, não temos programa". Este paradoxo significa que as idéias progridem, evoluem continuamente, e que eles não podem aceitar um programa fixo, talvez válido hoje, mas que estará com certeza ultrapassado amanhã.

Seria perfeitamente justo se, se tratasse de estudantes que procuram a verdade, sem se preocuparem com as aplicações práticas. Um matemático, um químico, um psicólogo, um sociólogo podem dizer que não há outro programa senão o de procurar a verdade: eles querem



conhecer, mas sem *fazer* alguma coisa. Mas a anarquia e o socialismo não são ciências: são proposições, projetos que os anarquistas e os socialistas querem por em prática e que, conseqüentemente, precisam ser formulados como programas determinados. A ciência e a arte das construções progridem a cada dia. Mas um engenheiro, que quer construir ou mesmo demolir, deve fazer seus planos, reunir seus meios de ação e agir como se a ciência e a arte tivessem parado no ponto em que as encontrou no início de seu trabalho. Pode acontecer, felizmente, que ele possa utilizar novas aquisições feitas durante seu trabalho sem renunciar à parte essencial de seu plano. Pode acontecer do mesmo modo que as novas descobertas e os novos meios industriais sejam tais, que ele se veja na obrigação de abandonar tudo e recomeçar do zero. Mas ao recomeçar, precisará fazer um novo plano, com base no conhecimento e na experiência; não poderá conceber e por-se a executar uma construção amorfa, com materiais *não produzidos*, a pretexto que amanhã a ciência poderá sugerir melhores formas e a indústria fornecer materiais de melhor composição.

Entendemos por partido anarquista o conjunto daqueles que querem contribuir para realizar a anarquia, e que, por conseqüência, precisam fixar um objetivo a alcançar e um caminho a percorrer. Deixamos de bom grado às suas elocubrações transcedentais os amadores das verdade absoluta e do progresso contínuo, que, jamais colocando suas idéias à prova, acabam por nada fazer ou descobrir.

A outra objeção é que a organização cria chefes, uma autoridade. Se isto é verdade, se é verdade que os anarquistas são incapazes de se reunirem e de entrarem em acordo entre si sem se submeter a uma autoridade, isto quer dizer que ainda são muito pouco anarquistas. Antes de pensar em estabelecer a anarquia no mundo, devem pensar em se tornar capazes de viver como anarquistas. O remédio não está na organização, mas na consciência perfectível dos membros.

Evidentemente, se em uma organização, deixa-se a alguns todo o trabalho e todas as responsabilidades, se nos submetemos ao que fazem alguns indivíduos, sem por a mão na massa e procurar fazer o melhor, esses "alguns" acabarão, mesmo que não queiram, substituindo a vontade da coletividade pela sua. Se em uma organização todos os membros não se interessam em pensar, em querer compreender, em pedir explicações sobre o que não compreendem, em exercer sobre tudo e sobre todos as suas faculdades críticas, deixando a alguns a responsabilidade de pensar por todos, esses "alguns" serão os chefes, as cabeças pensantes e dirigentes.

Todavia, repitamos, o remédio não está na ausência de organização. Ao contrário, nas pequenas como nas grandes sociedades, excetuando a força brutal, a qual não nos diz respeito no caso em questão, a origem e a justificativa da autoridade residem na desorganização social. Quando uma coletividade tem uma necessidade e seus membros não estão espontaneamente organizados para satisfazê-la, surge alguém, uma autoridade que satisfaz esta necessidade servindo-se das forças de todos e dirigindo-as à sua maneira. Se as ruas são pouco seguras e o povo não sabe se defender, surge uma polícia que, por uns poucos serviços que presta, faz com que a sustentem e paguem, impõe-se a tirania. Se há necessidade de um produto e a coletividade não sabe se entender com os produtores para que eles enviem esse produto em troca por produtos da região, vem de fora o negociante que se aproveita da necessidade que possuem uns de vender e outros de comprar e impõe os preços que quer a produtores e consumidores.

Como vêdes, tudo vem sempre de nós: quanto menos estávamos organizados, mais nos encontrávamos sob a dependência de certos indivíduos. E é normal que tivesse sido assim.

Precisamos estar relacionados com os camaradas das outras localidades, receber e dar notícias, mas não podemos todos nos correspondermos com todos os camaradas. Se estamos organizados, encarregamos alguns camaradas de manter a correspondência por nossa conta; trocamo-os se eles não nos satisfazem, e podemos estar informados sem depender da boa vontade de alguns para obter uma informação. Se, ao contrário, estamos desorganizados, haverá alguém que tenha os meios e a vontade de corresponder; ele concentrará em suas mãos todos os contatos, comunicará as notícias como bem quiser, a quem quiser. E se tiver atividade e inteligência suficientes, conseguirá, sem nosso conhecimento, dar ao movimento a direção que quiser, sem que nos reste, a nós, a massa do partido, nenhum meio de controle, sem que ninguém tenha o direito de se queixar, visto que este indivíduo age por sua conta, sem mandato de ninguém e sem ter que prestar contas a ninguém de sua conduta.

Precisamos de um jornal. Se estamos organizados, podemos reunir os meios para fundá-lo e fazê-lo viver, encarregar alguns camaradas de redigi-lo e controlar sua direção. Os redatores do jornal lhe darão, sem dúvida, de modo mais ou menos claro, a marca de sua personalidade, mas serão sempre pessoas que teremos escolhidos e que poderemos substituir. Se, ao contrário, estamos desorganizados, alguém que tenha



suficiente espírito de empreendimento fará o jornal por sua própria conta: encontrará entre nós os correspondentes, os distribuidores, os assinantes, e fará com que sirvamos seus desígnios, sem que saibamos ou queiramos. E nós, como muitas vezes aconteceu, aceitaremos e apoiaremos este jornal, mesmo que não nos agrade, mesmo que tenhamos a opinião de que é nocivo à Causa, porque seremos incapazes de fazer um que melhor represente nossas idéias.

Desta forma, a organização, longe de criar autoridade, é o único remédio contra ela e o único meio para que cada um de nós se habitue a tomar parte ativa e consciente no trabalho coletivo, e deixe de ser instrumento passivo nas mãos dos chefes.

Se não se fizer nada e houver inação, então, certamente, não haverá nem chefe, nem rebanho, nem comandante, nem comandados, mas neste caso, a propaganda, o partido, e até mesmo a discussão sobre a organização, cessarão, o que, esperamos, não é o ideal de ninguém...

Contudo, uma organização, diz-se, supõe a obrigação de coordenar sua própria ação e a dos outros, portanto violar a liberdade, suprimir a iniciativa. Parece-nos que o que realmente suprime a liberdade e torna impossível a iniciativa é o isolamento que produz a impotência. A liberdade não é direito abstrato, mas a possibilidade de fazer algo. Isto é verdade para nós como para a sociedade em geral. É na cooperação dos outros que o homem encontra o meio de exercer sua atividade, seu poder de iniciativa.

Evidentemente, organização significa coordenação de forças com um objetivo comum, e obrigação de não promover ações contrárias a este objetivo. Mas quando se trata de organização voluntária, quando aqueles que dela fazem parte têm de fato o mesmo objetivo e são partidários dos mesmos meios, a obrigação recíproca que a todos engaja obtém êxito em proveito de todos. Se alguém renunciar a uma de suas idéias pessoais por consideração à união, isto significa que acha mais vantajoso renunciar a uma idéia, que, por sinal, não poderia realizar sozinho, do que se privar da cooperação dos outros no que acredita ser de maior importância.

Se, em seguida, um indivíduo vê que ninguém, nas organizações existentes, aceita suas idéias e seus métodos naquilo que têm de essencial, e que em nenhuma organização pode desenvolver sua personalidade como deseja, então estará certo em permanecer de fora. Mas, se não quiser permanecer inativo e impotente, deverá procurar outros indivíduos que pensem como ele, e tornar-se iniciador de uma nova organização.

Uma outra objeção, a última que abordaremos, é que, estando organizados estamos mais expostos à repressão governamental.

Parece-nos, ao contrário, que quanto mais unidos estamos, mais eficazmente nos podemos defender. Na realidade, cada vez que a repressão nos surpreendeu enquanto estávamos desorganizados, colocou-nos em debandada total e aniquilou nosso trabalho precedente. Quando estávamos organizados, ela nos fez mais bem do que mal. Assim também no que concerne ao interesse pessoal dos indivíduos: por exemplo, nas últimas repressões, os isolados foram tanto e talvez mais gravemente atingidos do que os organizados. É o caso, organizados ou não, dos indivíduos que fazem propaganda individual. Para aqueles que nada fazem e ocultam suas convicções, o perigo é certamente mínimo, mas a utilidade que oferecem à Causa também o é.

O único resultado, do ponto da vista da repressão, que se obtém por estar desorganizado é autorizar o governo a nos recusar o direto de associação e tornar possível monstruosos processos por associação delituosa. O governo não agiria dessa forma em relação às pessoas que afirmam de modo altivo e público, o direito e o fato de estarem associados e, se ousasse fazê-lo, isto se voltaria contra ele em nosso proveito.

De resto, é natural que a organização assuma as formas que as circunstâncias aconselham e impõem. O importante não é tanto a organização formal, mas o espírito de organização. Podem acontecer casos, durante o furor da reação, em que seja útil suspender toda correspondência, cessar todas as reuniões: será sempre um mal, mas se a vontade de estar oganizado subsiste, se o espírito de associação permanece vivo, se o período precedente de atividade coordenada multiplicou as relações pessoais, produziu sólidas amizades e criou um real acordo de idéias de conduta entre os camaradas, então o trabalho dos indivíduos, mesmo isolados, participará do objetivo comum. E encontrar-se-á rapidamente o meio de nos reunirmos de novo e repararmos os danos sofridos.

Somos como um exército em guerra e podemos, segundo o terreno e as medidas tomadas pelo inimigo, combater em massa ou em ordem dispersa: o essencial é que nos consideremos sempre membros do mesmo exército, que obedeçamos sempre as mesmas idéias diretrizes e que estejamos sempre prontos a nos reunirmos em colunas compactas quando for necessário e quando se puder fazê-lo.

Tudo o que dissemos se dirige aos camaradas que são de fato adversários do princípio da organização. Àqueles que combatem a



organização, somente porque não querem nela entrar, ou não são aceitos, ou não simpatizam com os indivíduos que dela fazem parte, dizemos: façam com aqueles que estão de acordo com vocês outra organização. É verdade, gostaríamos de poder estar, todos nós, de acordo, e reunir em um único feixe poderoso todas as forças do anarquismo. Mas não acreditamos na solidez das organizações feitas à força de concessões e de restrições, onde não há entre os membros simpatia e concordância real. É melhor estarmos desunidos que mal unidos. Mas gostaríamos que cada um se unisse com seus amigos e que não houvesem forças isoladas, forças perdidas.

---

Texto extraído do livro "Escritos Revolucionários" editora Novos Tempos, São Paulo, 1989.

# A organização das massas operárias contra o governo e os patrões

*Errico Malatesta*

*L'Agitazione* de Ancone, 1897

Nós já o repetimos: sem organização, livre ou imposta, não pode existir sociedade; sem organização consciente e desejada, não pode haver nem liberdade, nem garantia de que os interesses daqueles que vivem em sociedade sejam respeitados. E quem não se organiza, quem não procura a cooperação dos outros e não oferece a sua, em condições de reciprocidade e de solidariedade, põe-se necessariamente em estado de inferioridade e permanece uma engrenagem inconsciente no mecanismo social que outros acionam a seu modo, e em sua vantagem.

Os trabalhadores são explorados e oprimidos porque, estando desorganizados em tudo que concerne à proteção de seus interesses, são coagidos, pela fome ou pela violência brutal, a fazer o que os dominadores, em proveito dos quais a sociedade atual está organizada, querem. Os trabalhadores se oferecem, eles próprios (enquanto soldado e capital), à força que os subjuga. Nunca poderão se emancipar enquanto não tiverem encontrado na união a força moral, a força econômica e a força física que são necessárias para abater a força organizada dos opressores.

Houve anarquistas, e ainda há, que, ainda que reconhecendo a necessidade de organização na sociedade futura e a necessidade de se organizarem agora para a propaganda e para a ação, são hostis a qualquer organização que não tenha por objetivo direto a anarquia e não siga os

métodos anarquistas. E alguns se afastaram de todas as associações operárias que propunham a resistência e a melhoria das condições na ordem atual das coisas, ou se associaram com o objetivo declarado de desorganizá-las; outros, ainda que admitindo que se podia fazer parte das associações de resistência existentes, consideraram quase uma defecção tentar organizar novas associações.

Para esses camaradas, todas as forças, organizadas em um objetivo que não fosse radicalmente revolucionário, seriam, talvez, subtraídas à revolução. Acreditamos, ao contrário, e a experiência já nos mostrou isso bem, que seu método condenaria o movimento anarquista a uma perpétua esterilidade.

Para se fazer propaganda é preciso estar no meio das pessoas. É nas associações operárias que o trabalhador encontra seus camaradas e, em princípio, aqueles que estão mais dispostos a compreender e a aceitar nossas idéias. E mesmo que se quisesse fazer intensa propaganda fora das associações, isto não poderia ter efeito sensível sobre a massa operária. Excetuando um pequeno número de indivíduos mais instruídos e capazes de reflexões abstratas e de entusiasmos teóricos, o operário não pode chegar de uma só vez à anarquia. Para se tornar anarquista, de modo sério, e não somente de nome, é preciso que comece a sentir a solidariedade que o une a seus camaradas, é preciso que aprenda a cooperar com os outros na defesa dos interesses comuns e que, lutando contra os patrões, compreenda que patrões e capitalistas são parasitas inúteis e que os trabalhadores poderiam assumir a administração social. Quando compreende isso, o trabalhador é anarquista, mesmo que não carregue o nome.

Por outro lado, favorecer as organizações populares de todos os tipos é a conseqüência lógica de nossas idéias fundamentais e, assim, deveria fazer parte integrante de nosso programa.

Um partido autoritário, que visa controlar o povo para impor suas idéias, tem interesse em que o povo permaneça uma massa amorfa, incapaz de agir por si mesma e, conseqüentemente, sempre fácil de dominar. É lógico, portanto, que só deseje um certo nível de organização, segundo a forma que ajude na tomada do poder: organização eleitoral, se espera atingir seu objetivo pela via legal; organização militar, se conta com a ação violenta.

Nós, anarquistas, não queremos *emancipar* o povo, queremos que o povo se *emancipe*. Nós não acreditamos no fato imposto, de cima, pela



força; queremos que o novo modo de vida social saia das entranhas do povo e corresponda ao grau de desenvolvimento atingido pelos homens e possa progredir à medida que os homens avançam. Desejamos, portanto, que todos os interesses e todas as opiniões encontrem, em uma organização consciente, a possibilidade de se colocar em evidência e influenciar a vida coletiva, na proporção de sua importância.

Nós assumimos como objetivo lutar contra a atual organização social e destruir os obstáculos que se opõem à realização de uma nova sociedade, onde a liberdade e o bem-estar estarão assegurados a todos. Para perseguir esse objetivo, unimo-nos em partido e procuramos nos tornar os mais numerosos e os mais fortes possível. Mas os outros também estão organizados em partido.

Se os trabalhadores permanecessem isolados como tantas unidades indiferentes uma das outras, ligadas a uma cadeia comum; se nós mesmos não estivéssemos organizados com os trabalhadores enquanto trabalhadores, não poderíamos chegar a lugar algum, ou, no melhor dos casos, poderíamos apenas nos impormos...e então não seria o triunfo da anarquia, mas o nosso. E não poderíamos mais dizermo-nos anarquistas, seriamos simples governantes, incapazes de fazer o bem, como todos os governantes.

Fala-se com freqüência de revolução e acredita-se por esta palavra resolver todas as dificuldades. Mas o que deve ser, o que pode ser essa revolução à qual aspiramos?

Abater os poderes constituídos e declarar extinto o direito de propriedade, é desejável: um partido pode fazê-lo...se bem que, para isso, é ainda preciso que este partido, além de suas forças, conte com a simpatia das massas e com uma suficiente preparação da opinião pública.

Todavia, e depois? A vida social não admite interrupções. Durante a revolução ou a insurreição, como queiram, e imediatamente após, é preciso comer, vestir, viajar, imprimir, tratar dos doentes etc, e estas coisas não se fazem por si mesmas. Hoje, o governo e os capitalistas se organizam para delas tirar proveito; quando eles tiverem sido abatidos, será preciso que os próprios operários o façam em proveito de todos, senão verão surgir, sob um nome ou outro, novos governantes e novos capitalistas.

E como os operários poderiam prover as necessidades urgentes se eles não estão agora habituados a se reunir e a discutir, juntos, os interesses comuns, e ainda não estão prontos, de certo modo, a aceitar a herança da velha sociedade?

Numa cidade onde os cerealistas e os donos de padarias tiverem perdido seus direitos de propriedade e, por conseguinte, o interesse em abastecer o mercado, será preciso, a partir do dia seguinte, encontrar nas padarias o pão necessário à alimentação do público. Quem pensará nisso se os empregados das padarias já não estiverem associados e prontos a trabalhar sem os patrões, e se, esperando a revolução, eles não tiverem pensado de antemão em calcular as necessidades da cidade e os meios de abastecê-la?

Todavia, nós não queremos dizer que para fazer a revolução seja preciso esperar que todos os operários estejam organizados. Seria impossível, tendo em vista as condições do proletariado, e felizmente não é necessário. Mas é preciso que pelo menos haja núcleos em torno dos quais as massas possam reagrupar-se rapidamente, tão logo elas sejam liberadas do peso que as oprime. Se é utopia querer fazer a revolução somente quando estivermos todos prontos e de acordo, é ainda mais utópico querer fazê-la sem nada e ninguém. É preciso uma medida em tudo. Enquanto esperamos, trabalhemos para que as forças conscientes e organizadas do proletariado cresçam tanto quanto seja possível. O resto virá por si só.

---

Texto extraído do livro "Escritos Revolucionários" editora Novos Tempos, São Paulo, 1989.

## Anarquismo e Sindicalismo

*Errico Malatesta*

*Freedom,* novembro de 1907

A questão de saber que posição nós devemos tomar em relação ao movimento sindical é certamente uma questão da maior importância para os anarquistas.

Apesar de longas discussões e diversas experiências, ainda não se chegou a um completo acordo sobre essa questão; talvez a razão disso seja o fato de que esta questão não permita solução completa e permanente, devido às diferentes condições e às circunstâncias mutantes da luta.

Acredito, entretanto, que nosso objetivo poderia nos sugerir um critério de conduta aplicável às diversas contingências.

Nós desejamos a elevação moral e material de todos os homens; desejamos realizar uma revolução que dará, a todos, a liberdade e o bem-estar, e estamos convencidos de que isso não pode vir de cima, através de leis e decretos, mas deve ser conquistado pela vontade consciente e pela ação direta daqueles que o desejam.

Assim, temos necessidade, mais do que todos os outros, da cooperação consciente e voluntária daqueles que, sofrendo mais do que ninguém a presente organização social, têm o maior interesse na revolução social.

Não nos basta - ainda que isso seja certamente útil e necessário - elaborar um ideal tão perfeito quanto possível, e formar grupos para a propaganda e para a ação revolucionária.

Devemos converter ao nosso ideal a grande massa dos trabalhadores, porque, sem ela, não podemos derrubar a sociedade existente nem construir uma nova. E, para que a grande massa de proletários liberte-se do estado de submissão no qual ela vegeta, e alcance a concepção anarquista e o desejo de realizá-la, é necessário uma evolução que não se opere unicamente sob a influência da propaganda; visto que as lições que derivam dos fatos da vida cotidiana são muito mais eficazes do que todos os discursos doutrinários, nós devemos absolutamente tomar uma parte ativa na vida das massas e empregar todos os meios que as circunstâncias nos permitem para despertar gradualmente o espírito de revolta, e mostrar à massa, com a ajuda desses fatos, o caminho que conduz à emancipação.

É evidente que um dos melhores meios é o movimento sindical, e seria um grande erro negligenciá-lo. Neste movimento, encontramos grande quantidade de operários que lutam pela melhoria de sua situação.

Esses operários podem se enganar no que concerne ao objetivo que eles se propõem atingir, e nos meios que eles adotam para alcançá-lo; e, em nossa opinião, eles geralmente se enganam.

Mas, pelo menos, esses operários não se resignam mais à opressão e não a encaram mais como sendo justa; eles acreditam e lutam. Podemos, nestes operários, despertar mais facilmente este sentimento de solidariedade para com seus camaradas explorados, e de ódio contra a exploração, o que levará necessariamente à luta definitiva pela abolição da dominação de um homem sobre o outro.

Nós podemos levar esses operários a pedir cada vez mais, e a pedí-lo por meios cada vez mais enérgicos, e, deste modo, nós nos deixamos arrastar e arrastamos os outros para a luta, aproveitando-nos das vitórias a fim de exaltar a força da união e da ação direta, e aproveitando também dos reveses que nos ensinam a necessidade de empregar meios mais enérgicos e soluções mais radicais.

Além do mais - e isto não é uma vantagem negligenciável - o movimento sindical pode preparar esses grupos de operários profissionais que, durante a revolução, poderão empreender a organização da produção e da troca, fora e contra todo poder governamental.

Mas com todas essas vantagens o movimento sindical tem também seus defeitos e seus perigos, os quais devemos levar em consideração quando se examina a questão da posição que nós devemos tomar em relação a isso enquanto anarquistas.



A constante experiência em todos os países nos mostra que o movimento sindical, que começa sempre como um movimento de protesto e de revolta, e que é animado no começo por um grande espírito de progresso e de fraternidade humana, tende muito rapidamente a degenerar. Quanto mais forte se torna este movimento, mais ele se torna egoísta, conservador, ocupado exclusivamente com os interesses imediatos e restritos, e desenvolve em seu seio uma burocracia que, como sempre, não tem outro objetivo senão o de se fortalecer e de crescer. É este estado de coisas que induziu muitos camaradas a se retirarem do movimento sindical e até mesmo a combatê-lo como algo reacionário e nocivo. Mas disso resultou que nossa influência entre esses operários diminuiu e o campo foi deixado livre àqueles que desejavam explorar o movimento com um interesse pessoal ou com um interesse de partido, que nada tinha de comum com a causa da emancipação operária. Em pouco tempo só se achavam organizações com um espírito estreito, essencialmente conservador, das quais as trade-unions inglesas são o tipo, ou sindicatos que, sob a influência de políticos com muita freqüência "socialistas", eram simples máquinas eleitorais servindo para içar ao poder certos indivíduos.

Felizmente outros camaradas acreditavam que o movimento sindical tinha sempre em si mesmo um princípio são, e que, ao invés de abandoná-los aos políticos, era melhor empreender a tarefa de trazer de volta estas organizações a seu objetivo primeiro e de tirar delas todas as vantagens que eles oferecem à causa anarquista. E estes camaradas conseguiram criar, especialmente na França, um novo movimento que, sob o título de "sindicalismo-revolucionário", procura organizar os operários, independentemente de qualquer influência burguesa e política, a fim de conquistar sua emancipação pela ação direta contra seus senhores.

Sem sombra de dúvida, esse é um grande passo para a frente; mas não devemos exagerar sua importância e imaginar, como o fazem certos camaradas, que realizaremos a anarquia naturalmente, pelo desenvolvimento progressivo do sindicalismo.

Cada instituição possui uma tendência a desdobrar suas funções, a se perpetuar e a se tornar seu próprio objetivo. Assim, não é surpreendente que os iniciadores desse movimento, aqueles que representam o papel mais importante se habituem pouco a pouco a olhar o sindicalismo como o equivalente do anarquismo, ou pelo menos como o meio supremo, substituindo sozinho todos os outros meios, para realizar a anarquia.

Mas isto torna ainda mais necessário para evitar o perigo e definir muito bem nossa posição.

O sindicalismo, apesar de todas as declarações de seus partidários mais ardentes, contém em si, pela própria natureza de suas funções, todos os elementos de degenerescência que corromperam os movimentos operários no passado. Com efeito, sendo um movimento que propõe defender os interesses presentes dos operários, ele deve necessariamente se adaptar às condições existentes e tomar em consideração os interesses que vêm em primeira linha na sociedade, tal como ela existe hoje.

Todavia, quando os interesses de uma seção de trabalho coincidem com os interesses de toda a classe operária, o sindicalismo é, em si mesmo, uma boa escola de solidariedade; quando os interesses dos operários de um país são idênticos aos interesses dos operários de outros países, o sindicalismo é um bom meio para desenvolver a fraternidade internacional; quando os interesses do momento não estão em contradição com os interesses do futuro, o sindicalismo é em si uma boa preparação para a revolução. Mas, infelizmente, as coisas não são sempre assim,

A harmonia dos interesses, a solidariedade entre os homens é um ideal ao qual nós aspiramos, é o objetivo pelo qual nós lutamos, mas esta não é a condição atual entre os homens da mesma classe ou entre os homens de classes diferentes. Hoje, a regra é o antagonismo e a interdependência dos interesses, simultaneamente; a luta de cada um contra todos e de todos contra um. E não pode ser de outro modo em uma sociedade onde, em conseqüência do sistema capitalista de produção (isto é, uma produção fundada sobre o monopólio dos meios de produção e organizada internacionalmente para o proveito de certos indivíduos) há, em geral, mais braços do que trabalho a fazer e mais bocas do que pão para enchê-las.

É impossível se isolar, quer como indivíduo, quer como classe ou como nação, visto que a condição de cada um depende mais ou menos diretamente das condições gerais de toda a humanidade. É impossível viver em um verdadeiro estado de paz porque é necessário defender-se e, freqüentemente, atacar, se não quiser perecer.

O interesse de cada pessoa é assegurar para si um emprego, e, como conseqüência, entra-se em antagonismo - quer dizer, em concorrência com os desempregados do mesmo país e com os emigrantes dos outros países. Cada um deseja conservar ou obter o melhor lugar contra os outros operários da mesma indústria. Cada um tem interesse em vender caro e



comprar barato e, conseqüentemente, como produtor ele se acha em conflito com todos os consumidores e, quando ele é consumidor acha-se em conflito com todos os produtores.

União, entendimento, luta solidária contra o explorador, são coisas que só podem ser obtidas hoje se os operários, animados pela concepção de um ideal superior, aprenderem a sacrificar seus interesses exclusivos e pessoais aos interesses comuns, os interesses do momento aos interesses do futuro; e esse ideal de uma sociedade de solidariedade, de justiça, de fraternidade, só pode ser realizado pela destruição - desafiando qualquer legalidade - das instituições existentes.

Oferecer aos operários este ideal; colocar os interesses amplos do futuro antes dos interesses estreitos e imediatos; tornar impossível a adaptação às condições presentes; trabalhar sempre pela propaganda e pela ação que conduzirão e realizarão a revolução, eis os objetivos aos quais devem tender os anarquistas nos sindicatos e fora deles.

O sindicalismo não pode fazer isso, ou só pode fazê-lo muito pouco; ele deve contar com os interesses presentes e esses interesses não são sempre, infelizmente, os da revolução. O sindicalismo não pode ou não deve exceder muito os limites da legalidade e em certos momentos ele deve tratar com os patrões e as autoridades. Ele deve se ocupar mais dos interesses de certas seções de operários do que dos interesses do público em geral, dos interesses dos sindicatos mais do que da massa dos sem-trabalho e dos interesses da classe operária.

Se o sindicalismo não fizesse isso, ele não teria nenhuma razão particular de existir e perderia sua utilidade principal que é a de educar e habituar as massas despreparadas à luta.

E como os sindicatos devem permanecer aberto a todos, a todos aqueles que desejem obter melhores condições de vida de seus patrões, então as opiniões dos sindicatos sobre a constituição geral da sociedade são de pouca importância; eles são levados naturalmente a moderar suas aspirações, primeiro para não assustar os operários despreparados que eles querem atrair, e segundo porque à medida em que o sindicato aumenta numéricamente, as pessoas avançadas, os iniciadores do movimento se perdem na maioria que se ocupa unicamente dos pequenos interesses do momento.

Assim, pode-se ver desenvolver-se em todos os sindicatos que atingiram uma certa posição influente a tendência a assegurar - em acordo, ao invés de contra os patrões - uma situação privilegiada, a criar

dificuldades para a admissão de novos membros, para a admissão dos aprendizes nas fábricas; uma tendência a entesourar fundos que eles temem depois comprometer; a procura a favor dos poderes públicos; a absorver inteiramente na cooperação e em todas as espécies de mutualidades e a se tornar, finalmente, um elemento conservador na sociedade.

Após tudo isso, parece-me claro que o movimento sindical não pode substituir o movimento anarquista, e pode servir como meio de educação e preparação revolucionária somente se é posto em movimento pela impulsão, pela ação e pela crítica anarquistas. Os anarquistas devem se abster de se identificar com o movimento sindicalista; eles não devem tomar por objetivo aquilo que é apenas um dos meios de propaganda e de ação. Eles devem permanecer no sindicato para dar uma impulsão à arrancada e tentar fazer dos sindicatos, tanto quanto possível, instrumentos de combate em vista à revolução social. Eles devem trabalhar para desenvolver nos sindicatos tudo o que pode aumentar sua influência educativa, sua combatividade, a propaganda de idéias, as greves, o espírito de proselitismo, a desconfiança e o ódio pelas autoridades e pelos políticos, a prática da solidariedade para com os indivíduos e os grupos em luta com os senhores do dia.

Os anarquistas, nos sindicatos, devem combater tudo o que tende a torná-los egoístas, pacíficos, conservadores - o orgulho profissional, o espírito corporativista, as grandes cotizações, a acumulação dos capitais investidos, os serviços de seguro, a confiança nas boas funções do governo, as relações amigáveis com os patrões, a nomeação dos empregados burocratas remunerados e permanentes.

Nestas condições, a participação dos anarquistas no movimento sindical pode dar bons resultados, mas somente nestas condições.

Esta tática pode algumas vezes parecer, ou ser verdadeiramente nociva aos interesses imediatos de certos grupos, mas isto não tem nenhuma importância quando se trata da causa anarquista, isto é, do interesse geral e permanente da humanidade. Nós desejamos certamente, esperando a revolução, arrancar, dos governos e dos patrões, o máximo de liberdade e de bem-estar possível, mas nós não comprometemos jamais o futuro por qualquer vantagem momentânea que, por sinal, é com muita freqüência ilusória ou obtida às expensas de outros operários. Protejamo-nos de nós mesmos. O erro de ter abandonado o movimento operário fez muito mal à anarquia, mas pelo menos deixou-a pura, com seu caráter distintivo.

O erro de confundir o movimento anarquista com o sindicalismo será muito mais grave. Acontecerá concosco o que aconteceu com os



social-democratas logo após eles terem entrado na luta parlamentar. Eles ganharam em força numérica mas se tornaram cada dia menos socialistas. Nós também nos tornaremos cada dia mais numerosos, mas cessaremos de ser anarquistas.

---

Texto extraído do livro "A Anarquia e Outros Escritos" editora Novos Tempos, São Paulo, 1989.

# Malatesta: fragmentos

## Sobre o Individualismo

É anarquista, por definição, aquele que não quer ser nem oprimido, nem *opressor*, aquele que quer o máximo de bem-estar, o máximo de liberdade, o maior desenvolvimento possível para *todos* os seres humanos. Suas idéias e sua vontade têm sua origem no sentimento de simpatia, de amor e de respeito por todos os humanos: sentimento que deve ser bastante forte para levá-lo a desejar o bem dos outros tanto quanto o seu próprio, e a renunciar a toda vantagem pessoal cuja aquisição implicaria o sacrifício de outrem. Senão, por que não ser inimigo da opressão e não tentar tornar a si próprio um opressor?

O anarquista sabe que o indivíduo não pode viver fora da sociedade e que ele só existe enquanto indivíduo porque traz consigo a soma total do trabalho de incontáveis gerações passadas e se beneficia, ao longo de sua vida, com a colaboração de seus contemporâneos.

Ele sabe que a atividade de cada um tem uma influência, direta ou indireta, na vida de todos e, por isso mesmo, reconhece a grande lei da solidariedade que prevalece na sociedade humana assim como na natureza. E como deseja a liberdade para todos, é preciso que deseje também que a ação desta solidariedade essencial não seja imposta e sofrida inconsciente e involuntariamente, nem deixada ao acaso e explorada em benefício de alguns em detrimento da maioria, mas que, ao contrário, ela se torne consciente e voluntária e se faça, por isso mesmo, em benefício de todos igualmente.

Ser oprimido, ser opressor ou cooperar voluntariamente para o maior bem de todos; não há outra alternativa possível, e os anarquistas

são voltados naturalmente – não podem deixar de sê-lo – para a cooperação deliberada e livre.

Que não venham "filosofar" e nos falar de egoísmo, de altruísmo e de outros quebra-cabeças. Estamos de acordo: somos todos egoístas, todos procuramos nossa própria satisfação. Contudo, é anarquista aquele cuja maior satisfação é lutar para o bem de todos, para a construção de uma sociedade onde, irmão entre seus irmãos, ele possa viver entre homens sãos, inteligentes, cultos e felizes. Em contrapartida, aquele que pode adaptar-se e viver contente entre escravos, e tirar proveito do trabalho dos escravos, este não é e não pode ser anarquista.

*Pensiero e Volontà,* 15 de junho de 1913

Existem indivíduos fortes, inteligentes, apaixonados, com grandes necessidades materiais e intelectuais que, encontrando-se por acaso na classe dos oprimidos, procuram a todo custo emancipar-se e não recuam diante da idéia de ser por sua vez opressores; são indivíduos que se sentem aprisionados na sociedade atual e chegam a desprezar e odiar qualquer tipo de sociedade; vendo que é absurdo querer viver fora da coletividade humana, procuram submeter à sua própria vontade e à satisfação de suas paixões todos os homens, a sociedade inteira. Às vezes, quando são intelectuais, consideram-se *super-homens*. Não têm escrúpulos, querem "viver sua vida"; ridicularizam a revolução e qualquer aspiração futura: querem gozar a vida "aqui e agora", a qualquer preço e às custas de quem quer que seja; sacrificariam a humanidade inteira por uma única hora de "vida intensa" (conforme seus próprios termos).

Estes são rebeldes, mas não anarquistas. Possuem a mentalidade e os sentimentos do burguês frustrado e, quando podem, transformam-se efetivamente em burgueses, e não menos perigosos.

Pode ocorrer que na vicissitude da luta, nós os encontremos às vezes ao nosso lado; mas não podemos nem devemos e nem queremos ser confundidos com eles. E eles sabem disso muito bem. Contudo, alguns gostam de proclamar-se anarquistas. É certo – e lamentável.

Não podemos impedir ninguém de tomar o nome que lhe agrade, assim como não podemos, nós, abandonar o nome que exprime em uma palavra nossas idéias e que nos pertence lógica e historicamente. A única coisa que poderíamos fazer é cuidar para que não haja confusão possível, ou ao menos tentar limitá-la ao máximo.

*Pensiero e Volontà,* 15 de junho de 1913



## Sobre Violência, Liberdade, Pacifismo e Terrorismo

Entre os anarquistas, há revolucionários que acreditam que a força é necessária para abater a força que mantém a ordem presente, a fim de criar um meio onde seja possível a livre evolução dos indivíduos e das coletividades. Há também os "educacionistas" que acreditam poder chegar a uma transformação da sociedade mudando, num primeiro momento, apenas as pessoas pela educação e pela propaganda. Há também os partidários da não-resitência ou da resistência passiva que têm horror da violência, mesmo quando ela serve para repelir a violência, e os que admitem a necessidade da violência e que, por conseguinte, dividem-se por sua vez conforme a natureza, o alcance e o limite da violência que admitem. Há desacordos sobre a atitude que devem ter os anarquistas diante do movimento sindical, sobre a necessidade ou não de uma organização específica anarquista; desacordos também permanentes ou ocasionais, sobre as relações entre os anarquistas e os *partidos revolucionários*.

Sobre estas questões e sobre outras do mesmo tipo, é preciso tentar chegar a um entendimento; ou se, como parece, o acordo não é possível, é preciso saber tolerar-se: trabalhar juntos quando se está de acordo e, quando não se está, deixar cada um fazer como acha melhor e não prejudicarem-se mutuamente. Porque, considerando-se todos os aspectos, ninguém está absolutamente certo de ter razão e ninguém tem sempre razão.

*Pensiero e Volontà,* 1º de abril de 1926

Nettlau se engana, na minha opinião, quando acredita que a diferença entre os anarquistas que se dizem comunistas e os que se dizem individualistas vem, na verdade, da idéia que eles possuem respectivamente da vida econômica (produção e repartição dos produtos) em uma sociedade anarquista. Estas são questões que dizem respeito ao futuro; certamente, o ideal, o último objetivo, é a luz que guia ou deveria guiar a conduta dos homens; mas é ainda mais verdadeiro que o que determina antes de tudo o acordo e o desacordo, não é o que se pensa fazer amanhã mas o que se faz e se quer fazer hoje. Em geral, nos entendemos melhor e temos mais interesse em fazê-lo com aqueles que percorrem o mesmo caminho, mesmo se às vezes eles seguem para um lugar diferente, do que com aqueles

que seguem uma direção oposta afirmando que querem ir ao mesmo lugar que nós. Eis como, embora todos queiram no fundo a mesma coisa, anarquistas de tendências diferentes encontram-se, na vida e sobre questões de propaganda, em posições francamente opostas.

Uma vez admitido o princípio fundamental do anarquismo, isto é, que ninguém deveria ter nem o desejo nem a possibilidade de submeter os outros, nem obrigá-los a trabalhar para si, é óbvio que entram no quadro do anarquismo todos – e somente – os modos de vida que respeitam a liberdade e reconhecem a cada um o igual direito de gozar dos bens da Natureza e dos produtos de sua própria atividade.

*Pensiero e Volontà,* 1° de abril de 1926

Na natureza, fora da natureza humana, a força domina, simplesmente a força brutal, impiedosa, sem limites, pois ainda não existe esta força nova à qual a humanidade deve sua diferenciação e sua elevação: a força da vontade consciente.

Toda a vida especificamente humana é uma luta contra a natureza exterior, e cada progresso é uma adaptação, uma ultrapassagem de uma lei natural.

A lei natural é o combate, o massacre, a destruição ou a opressão do vencido: e no plano social, quanto maior for a tirania, mais próximo se estará do estado de natureza.

A noção de liberdade para todos, que implica necessariamente o princípio segundo o qual a liberdade de uns é limitada pela igual liberdade dos outros, é uma idéia humana; é uma conquista e uma vitória da humanidade sobre a natureza, talvez a mais importante de todas.

*Umanità Nova,* 30 de setembro de 1922

É muito verdadeiro que os interesses, as paixões, os gostos dos homens não estejam naturalmente em harmonia e, como é preciso que vivam juntos em sociedade, é preciso que cada um tente adaptar-se, conciliar seus desejos com os dos outros, a fim de chegar a um modo de viver e de agir que possa satisfazê-lo da melhor forma possível, assim como aos demais. Isto significa limitação da liberdade e demonstra que a liberdade, tomada em seu sentido absoluto, não poderia resolver o problema de uma vida em sociedade deliberada e feliz.

O problema só pode ser resolvido pela solidariedade, a fraternidade



e o amor que fazem com que o sacrifício dos desejos incompatíveis com os dos outros se faça voluntariamente e com prazer.

Mas quando se fala de liberdade em política, e não em filosofia, ninguém pensa na quimera metafísica do homem abstrato, existindo fora do meio cósmico e social e que, poderia, qual um deus, fazer o que melhor lhe aprouvesse, no sentido absoluto da expressão.

Quando se fala de liberdade, queremos falar de uma sociedade na qual ninguém poderia ser violento em relação aos outros sem encontrar uma resistência eficaz, e sobretudo uma sociedade na qual ninguém poderia englobar a força coletiva e utilizá-la para impor sua própria vontade aos outros nem às próprias coletividades que fornecem a força.

Todos estão de acordo que o homem não é perfeito. Mas esta é justamente uma razão a mais, a melhor talvez, para não dar a ninguém os meios de "pôr um freio na liberdade individual".

O homem não é perfeito. Mas então onde encontrar homens não somente tão bons para viver em paz com os outros, mas ainda capazes de reger autoritariamente a vida dos outros? E, supondo que existam, quem os designaria? Eles próprios impor-se-iam? Mas quem os protegeria contra a resistência, os atentados dos "maus"? Ou então, caberia ao "povo soberano" elegê-los, este povo tido como o mais ignorante e o mais "canalha" para viver em paz, mas que muitas vezes apresentam as boas qualidades necessárias quando lhes pedem para eleger seus senhores?

A sociedade harmônica só pode nascer das livres vontades que se harmonizam livremente sob a pressão das necessidades da vida e para satisfazer esta necessidade de fraternidade e de amor que floresce sempre entre os homens desde que são liberados do medo de serem esmagados e de lhes faltar o necessário para si e para suas famílias.

*Umanità Nova,* 24 de setembro de 1920

Nosso orgulho é de ser, primeiramente e antes de tudo, os defensores da liberdade; liberdade não somente para nós, mas para todos; liberdade não somente para o que nos parece ser a verdade, mas também para o que pode ser ou parecer um erro...

Reclamamos simplesmente o que poderíamos chamar a liberdade social, isto é, igual para todos e igualdade de condições tal que ela possa permitir a todos e a cada um agir como entender tendo como único limite o imposto pelas necessidades naturais inelutáveis e pela igual liberdade de todos...

Seria ridículo pensar que nós, partidários da liberdade, quiséssemos que cada um tivesse a liberdade de matar seus semelhantes...
A liberdade que queremos não é o direito abstrato de agir como se entende, mas o poder de fazê-lo; o que supõe portanto, para cada um os meios de poder viver e agir sem submeter-se à vontade dos outros. E como a primeira condição para viver é produzir, a livre disposição para todos do solo, das matérias-primas e dos instrumentos de trabalho é a condição preliminar da liberdade.

*Umanità Nova,* 24 de novembro de 1921

Os anarquistas são contra a violência. Todo mundo sabe. A idéia central do anarquismo é a eliminação da violência na vida social, é a organização das relações sociais baseada na livre vontade de todos e de cada um, sem intervenção do policial. É por isso que somos inimigos do capitalismo que, apoiando-se na proteção do policial, obriga os trabalhadores a se deixarem explorar por aqueles que detêm os meios de produção, ou até a ficarem sem trabalho e a sofrerem fome quando os patrões não têm interesse em explorá-los. É por isso que somos inimigos do Estado que é a organização coercitiva, violenta, da sociedade.

Mas se um homem de honra diz que considera estúpido e bárbaro discutir com um porrete na mão e que é injusto e mau obrigar alguém a submeter-se à vontade de outro sob a ameaça de um revólver, será razoável deduzir que este homem vai deixar-se espancar e submeter-se à vontade de outrem sem recorrer aos meios de defesa mais extremos?

... A violência só se justifica quando for necessária para defender a si mesmo, ou defender os outros contra a violência. O delito começa onde termina a necessidade.

... O escravo está sempre em estado de legítima defesa e portanto, sua violência contra o senhor, contra o opressor, é sempre moralmente justificável; ela deve ter como regra um único critério: a utilidade e a economia do esforço e dos sofrimentos humanos.

*Umanità Nova,* 25 de agosto de 1921

Há, sem dúvida, outros homens dos partidos, outras escolas de pensamento tão sinceramente ligadas ao bem geral que podem ser os melhores entre nós. Contudo, o que distingue os anarquistas de todos os



outros, é precisamente seu horror à violência, o desejo e a intenção de eliminar a violência, isto é, a força material, das relações humanas.

Poderíamos, portanto, dizer que a idéia específica que distingue os anarquistas, é a abolição do policial, a eliminação nos fatores sociais de toda regra imposta pela força brutal, tanto legal quanto ilegal.

Mas então, nos perguntarão, por que na luta atual contra as instituições político-sociais que julgamos opressivas, os anarquistas preconizaram e praticaram, quando podem, o emprego de meios violentos que estão em contradição evidente com seus próprios objetivos? E isto a tal ponto que em certos momentos, muitos adversários de boa-fé acreditaram (e todos que são de má-fé fingiram acreditar) que o traço específico do anarquismo é precisamente a violência.

A questão pode parecer embaraçosa mas a resposta cabe em poucas palavras. Para que duas pessoas vivam em paz, é preciso que estas duas pessoas queiram a paz; se uma das duas obstina-se e empregar a força para obrigar a outra a trabalhar para ela e servi-la, a outra, apesar de seu amor pela paz e o entendimento, será obrigada a resistir à força com os meios adequados, se quiser conservar sua dignidade de homem e não ser reduzido a um escravo abjeto.

*Pensiero e Volontà,* 1° de setembro de 1924

A luta contra o governo é, definitivamente, uma luta física e material.

O governo faz a lei. Deve, portanto, dispor, para impor a lei, de uma força material (exército, polícia), senão só obedeceriam aqueles que quisessem e a lei cessaria de existir para tornar-se uma simples série de proposições e todos seriam livres para aceitá-las ou recusá-las. Os governos têm, portanto, esta força e dela se utilizam para poder fortificar as classes privilegiadas, oprimindo e explorando os trabalhadores.

O único limite à opressão do governo é a força com que o povo se mostra capaz de opor-lhe.

O conflito pode ser aberto ou latente, mas há sempre conflito: pois o governo não se dá conta do descontentamento e da resistência do povo, até que sinta o perigo de insurreição.

Quando o povo se submete docilmente à lei, e quando o protesto é fraco e platônico, o governo segue tranqüilamente sem preocupar-se com as necessidades populares; contudo, quando os protestos são vivos,

insistentes e ameaçadores, o governo cede, ou ainda reprime, conforme sinta-se mais ou menos inspirado. Entretanto, a insurreição volta sempre porque, se o governo não cede, o povo termina por revoltar-se; e se o governo cede, o povo adquire confiança em si mesmo e quer sempre mais, até que a incompatibilidade entre liberdade e autoridade se torne evidente e que ocorra o conflito violento.

É preciso, pois, preparar-se moral e materialmente para que a vitória seja do povo quando eclodir a luta violenta.

*Programma Anarchico,* Bologna, julho de 1920

Esta revolução deve necessariamente ser violenta, ainda que a violência seja, em si, um mal. Ela deve ser violenta porque seria insensato esperar que os privilegiados reconheçam os males e a injustiça que nascem de seus privilégios e se decidam a renunciar a eles por livre e espontânea vontade. Ela deve ser violenta porque a violência revolucionária transitória é o único meio de pôr fim à violência bem maior e permanente que mantém a maioria dos homens em escravidão.

*Umanità Nova,* 12 de agosto de 1920

Esta necessidade da luta violenta nos entristece; nós que preconizamos o amor e que lutamos para construir uma sociedade onde a concórdia e o amor entre os homens sejam possíveis; sofremos, mais ainda do que os outros, com a necessidade de termos que nos defender pela violência contra a violência das classes dominantes. Mas quando a violência é o único meio de pôr fim aos sofrimentos cotidianos da grande massa dos homens e aos horríveis massacres que enlutam a humanidade, renunciar a esta violência libertadora seria tornar-nos cúmplices das violências por interesse sórdido, tornar-nos responsáveis pelo ódio que deploramos e pelos males decorrentes do ódio.

*Umanità Nova,* 27 de abril de 1920

Nada queremos impor pela força e não queremos nos submeter a nenhuma obrigação imposta.

Queremos empregar a força contra o governo porque é pela força que ele nos subjuga.



Queremos desapropriar os proprietários pela força porque é pela força que eles detêm as riquezas naturais e o capital, fruto do trabalho, e dele se utilizam para obrigar os outros a trabalhar em seu proveito.

Lutaremos pela força contra quem quiser pela força manter ou reconquistar os meios de impor sua própria vontade e de explorar o trabalho de outrem.

É pela força que resistiremos a qualquer "ditadura" ou "constituinte" que tentarem substituir as massas revolucionárias. E lutaremos contra a república, como lutamos contra a monarquia, se, por república, entender-se um governo que, qualquer que seja o modo pelo qual chegou ao poder, fizer as leis e dispuser de meios militares e penas para impor obediência às pessoas.

Salvo nos casos mencionados, onde o emprego da força se justifica porque é uma defesa contra a força, estamos sempre contra a violência e pela livre vontade.

*Umanità Nova,* 9 de maio de 1920

Somos, por princípio, contra a violência e é por isso que queremos que a luta social, enquanto houver luta, seja a mais humana possível. Isto não significa de modo nenhum que queiramos que esta luta seja menos enérgica e menos radical; ao contrário, pois acreditamos que as meias medidas só conseguem prolongar indefinidamente esta luta, torná-la estéril e gerar ainda mais este tipo de violência que queremos evitar. Isto também não significa que o direito de defender-se seja apenas, para nós, o direito de resistir à agressão material e iminente. Para nós, o oprimido está sempre em estado de legítima defesa e tem sempre, plenamente, o direito de revoltar-se sem esperar que atirem nele; e sabemos muito bem que, seguidamente, o melhor modo de defender-se é atacar.

Entretanto, temos que levar em consideração uma questão de sentimento, e, para mim, o sentimento vale mais do que todos os raciocínios.

... fala tranqüilamente de "matar o inimigo quando estiver reduzido à impotência, mesmo se as regras morais e os costumes condenem um ato deste gênero". Este é um estado de espírito que podemos, de agora em diante, chamar de fascista porque os fascistas incluíram nos costumes, infelizmente, o emprego das piores violências contra quem se encontrasse em situação de impossibilidade de defender-se; deixando-se de fora

qualquer teoria, isto é algo que me parece indigno dos que lutam para a emancipação do homem.

A vingança, o ódio persistente, a obstinação contra o vencido reduz ao estado de impotência; são reações compreensíveis, que podem até ser desculpáveis, no momento de ódio, naqueles que foram cruelmente ofendidos em sua dignidade e em seus sentimentos mais sagrados; mas pregar sentimentos ferozes de ódio contra o homem, fazer disto um princípio e uma tática de partido, é o que se pode imaginar de pior e de mais contra-revolucionário. Contra-revolucionário porque, para nós, revolução não quer dizer substituição de um opressor por um outro, de uma dominação por uma outra. Mas elevação material e espiritual do homem, desaparecimento de qualquer separação entre vencedores e vencidos, fraternidade sincera entre todos os homens – sem o que a história seria ainda esta alternância de opressão e de revoltas que sempre foi, em prejuízo do verdadeiro progresso e de todos, em definitivo, vencedores e vencidos.

*Fede,* 28 de outubro de 1923

A violência é infelizmente necessária para resistir à violência adversa; devemos preconizá-la e prepará-la se não quisermos que persista e piore a condição de escravidão que é atualmente a de uma grande parte da humanidade. Contudo, a violência apresenta o perigo de transformar a revolução em um combate brutal, sem a luz de um ideal e sem que dela possamos tirar nada de proveitoso; eis porque é preciso insistir nos objetivos morais do movimento, na necessidade e no dever de conter a violência nos limites da mais estreita necessidade.

Não firmamos que a violência seja boa quando somos nós que a empregamos e má quando são os outros que a empregam contra nós. Dizemos que a violência é justificável, para defender-se ou defender os outros contra as pretensões dos violentos; ela não é boa, é "imoral" se for usada para violar a liberdade dos demais.

Não somos "pacifistas" porque a paz não é possível se não for desejada pelos dois campos.

Pensamos que a violência é necessária, que é um dever, quando é defensiva e somente quando for defensiva. E por defensiva queremos dizer contra a agressão física, direta, imediata, mas também contra todas as instituições que mantêm, graças à violência, as pessoas em escravidão.

Somos contra o fascismo e gostaríamos de vencê-lo opondo à sua



violência uma violência ainda maior. Somos contra todo governo porque o governo é a violência permanente.

*Umanità Nova,* 21 de outubro de 1922

... Nossa solução a esta possível incapacidade do povo não é ocupar o lugar dos antigos opressores. Só a liberdade ou a luta pela liberdade pode ser a escola da liberdade.

Mas, para começar a levar a cabo uma revolução, é preciso dispor de uma força armada e organizada. Quem duvida? Mas esta força armada, ou melhor, as múltiplas organizações armadas dos revolucionários realizarão uma tarefa revolucionária se servirem para libertar o povo e impedir qualquer formação de governo autoritário; serão, ao contrário, os instrumentos da reação e destruirão sua própria obra se forem utilizadas para impor um certo tipo de organização social ou o programa específico de um determinado partido.

Fede, 25 de novembro de 1923

A revolução, sendo necessariamente um ato de violência, tende a desenvolver o espírito de violência e não a destruí-lo. Mas a revolução, conduzida como concebem os anarquistas, é a menos violenta possível e procura impedir a violência desde que cesse a necessidade de opor a força material à força material do governo e da burguesia.

Os anarquistas só admitem a violência como legítima defesa: e, se são hoje a favor da violência, é porque consideram que os escravos estão sempre em estado de legítima defesa. Entretanto o ideal dos anarquistas é uma sociedade onde tiver desaparecido completamente o fator violência e este ideal serve para frear, corrigir e destruir este espírito de violência que a revolução, como ato material, tenderia a desenvolver.

Em todo o caso, o remédio nunca poderia ser a organização e a consolidação da violência nas mãos de um governo (ou de uma ditadura) que só pode basear-se na força material e levaria necessariamente à consagração da ordem policial e militar.

*Umanità Nova,* 18 de julho de 1920

Um erro, oposto ao que cometem os terroristas, ameaça o movimento anarquista. Um pouco como reação ao abuso praticado nesses últimos anos, um pouco em virtude da sobrevivência das idéias cristãs, e

muito devido à influência da pregação mística de Tolstoi que se tornou popular devido a suas grandes qualidades morais e ao seu gênio, a atitude de resistência passiva começa a adquirir uma certa importância entre os anarquistas. Deixar-se perseguir e desprezar em lugar de prejudicar o agressor, esta é a base desta atitude.

É o que chamamos de anarquismo passivo.

Impressionados por minha aversão pela violência inútil e prejudicial, alguns quiseram atribuir-me tendências ao tolstoísmo, para elogiar-me ou denegrir-me, não sei exatamente. Aproveito, pois a ocasião para declarar que, para mim, esta doutrina embora parecendo sublimemente altruísta, nada mais é do que a negação do instinto e dos deveres sociais. Se for muito cristão, um homem pode suportar pacientemente qualquer espécie de provocação sem se defender com todas as armas possíveis, e ainda ser um homem moral. Mas, na prática, ele não seria, mesmo sem o querer, terrivelmente egoísta se deixasse os outros continuarem a ser perseguidos sem fazer nenhum esforço para defendê-los? Se, ao invés de ferir o opressor em sua carne, preferisse por exemplo, ver toda uma classe reduzida à miséria mais abjeta, um povo oprimido pelo invasor, um homem frustrado em sua vida e em sua liberdade?

A resistência passiva talvez seja, em certos casos, uma arma eficaz; seria, então, sem dúvida, a melhor das armas; a que mais poupasse os sofrimentos humanos. Mas, freqüentemente, professar a resistência passiva significa acalmar o medo que sentem os opressores diante da revolta e, portanto, trair a causa dos oprimidos.

É curioso observar que tanto os terroristas quanto os tolstoianos, justamente porque são, uns e outros, místicos, chegam a conclusões práticas quase semelhantes. Para fazer triunfar a idéia, os primeiros não hesitariam em destruir a metade da humanidade; para não violar um princípio, os segundos estariam prontos a deixar a humanidade inteira suportar para sempre o peso dos piores sofrimentos.

Quanto a mim, estou pronto a violar todos os princípios do mundo para salvar um homem: o que, efetivamente, seria uma questão de respeito aos princípios porque, na minha opinião, todos os princípios morais e sociológicos reduzem-se a um só: o bem dos homens, de todos os homens.

*Anarchia* - Número Único, Londres, agosto de 1896

Lembro-me que, por ocasião de um atentado anarquista que



repercutiu muito, um socialista, na época entre os principais chefes do partido e que acabava de voltar da guerra greco-turca, proclamou em altos brados, com a aprovação de seus camaradas, que a vida humana é sempre sagrada e que contra ela não se pode atentar, nem mesmo em nome da liberdade. Aparentemente, ele abria uma exceção com a vida dos turcos e com a causa da independência grega. Falta de lógica ou hipocrisia?

*Pensiero e Volontà,* 1° de setembro de 1924

McKinley, o chefe da oligarquia norte-americana, o braço direito e o defensor dos gigantes do capitalismo, o traidor dos cubanos e dos filipinos, o homem que deu o sinal verde para o massacre dos grevistas de Hazleton e para as torturas dos mineiros de Idaho, o carrasco dos trabalhadores da "República modelo", McKinley que encarnava a política militarista, expansionista e imperialista da próspera burguesia americana, McKinley tombou sob as balas de um anarquista.

O que lamentar, se não a sorte que aguarda o homem generoso que, de maneira oportuna ou não, por boas ou más razões taticamente falando, ofereceu-se em sacrifício pela causa da igualdade e da liberdade...

Os que condenaram o ato de Czolgosz poderiam dizer que a causa dos trabalhadores não avançou um passo, que McKinley foi substituído por um outro, equivalente, Roosevelt, e que tudo continua como antes, salvo que a situação dos anarquistas tornou-se um pouco mais difícil. Talvez tenham e é até provável que este seja o caso, do que eu conheço da América.

Mas isto significa simplesmente que, assim como há, numa guerra, operações brilhantes e outras erradas, há combatentes prudentes e outros que se deixam facilmente levar pelo entusiasmo, tornando-se um alvo fácil para o inimigo, podendo mesmo comprometer a situação de seus camaradas. Isto significa que cada um deve aconselhar, defender e praticar os métodos que parecem os mais aptos para obter a vitória no tempo mais curto e com o menor sacrifício possível. Mas isto não muda nada no fato fundamental e evidente de que aqueles que lutam, bem ou mal, contra o inimigo comum, no nosso mesmo objetivo, são nossos amigos e estão no direito de esperar de nós uma calorosa simpatia, mesmo se não pudermos dar-lhes nossa aprovação incondicional.

Que o combatente seja uma coletividade ou um único indivíduo,

não pode mudar o aspecto moral do problema. Uma insurreição armada desencadeada de modo inoportuno pode prejudicar de modo real ou aparente a guerra social que empreendemos, assim como um atentado individual que fere a sensibilidade popular. Mas se a insurreição se produzir para conquistar a liberdade, ninguém ousará recusar o caráter de combatentes sócio-políticos aos insurrectos vencidos. Por que seria diferente quando o insurrecto é um único indivíduo?

Não se trata aqui de discutir táticas. Se fosse o caso, eu diria que em geral prefiro a ação coletiva à ação individual, inclusive porque a ação coletiva exige qualidades que são simplesmente mais comuns e tornam possível, em certa medida, a repartição das tarefas, enquanto que não podemos contar com o heroísmo exigido pelo sacrifício individual, heroísmo que é excepcional e, por natureza, esporádico. Trata-se de um problema de uma outra ordem, mais elevada. É uma questão de espírito revolucionário, deste sentimento quase instintivo de ódio pela opressão, sem o qual os programas permanecem infuncionais, por mais libertárias que sejam as proposições que encerram. É uma questão de espírito de combatividade sem o qual mesmo os anarquistas acabam por ser domesticados, e terminam, por uma via ou por outra, no lodaçal do legalismo.

*L'Agitazione,* 22 de setembro de 1901

O fim justifica os meios. Muito se denegriu esta máxima: mas, de fato, é uma regra de conduta universal. Contudo, seria melhor dizer: a todo fim correspondem determinados meios. Considerando-se que é no fim que é preciso procurar a moral, o meio é fatal.

Uma vez fixado o fim que se deseja obter, por escolha ou por necessidade, o grande problema da vida é encontrar o meio que, conforme as circunstâncias, leva mais seguramente e com a maior economia ao fim a que nos propomos. Conforme o modo pelo qual o problema é resolvido, na medida em que depende da vontade humana, um homem ou um partido atinge, ou não, o fim a que se propõe e pode ser útil a sua causa ou servir, sem querer, à causa inimiga. Encontrar o meio ideal, é o segredo dos grandes homens e dos partidos que deixaram sua marca na história.

O fim dos jesuítas é, para os místicos, a glória de Deus e, para os outros, o poder da Companhia. Estes últimos devem pois, esforçar-se por embrutecer as massas, aterrorizá-las e colocá-las sob seu jugo.



O fim dos jacobinos, e de todos os partidos autoritários que acreditam possuir a verdade absoluta, é impor suas próprias idéias à massa de profanos. Eles devem, pois, esforçar-se para tomar o poder, submeter as massas e condenar a humanidade ao leito-de-Procusto ideológico.

No que nos diz respeito, a coisa é muito diferente: nosso fim é inteiramente outro, portanto, nossos meios devem sê-lo.

Não é para ocupar o lugar dos exploradores e dos opressores de hoje que lutamos; também não é para fazer triunfar uma abstração vã. Não somos absolutamente como este patriota italiano que dizia: ''O que importa que todos os italianos morram de fome, desde que a Itália seja grande e gloriosa?''; mas também não somos como este companheiro que confessa ser-lhe indiferente que três quartos dos humanos se matassem, desde que a Humanidade fosse livre e feliz.

Em nossa opinião, tudo que nos aproxima do fim a que nos propomos, tudo que tende a acabar com a opressão econômica e política, tudo que pode elevar o nível moral e intelectual dos homens, dar-lhes a consciência de seus próprios direitos e de suas próprias forças e convencê-los a ocuparem-se, eles mesmos, com seus próprios interesses, tudo que gera o ódio da opressão e o amor entre os homens, tudo isto é bom com esta única exigência: calcular quantitativamente, a fim de obter o máximo de efeito útil em relação ás forças de que dispomos. Em compensação, tudo que estiver em contradição com o fim que é nosso, tudo que tender a conservar o atual estado de coisas, tudo que tender a sacrificar um homem, contra sua vontade, para o triunfo de um princípio, tudo isto é mau.

Queremos o triunfo da liberdade e do amor.

Mas, será preciso renunciar, para isto, a empregar meios violentos? Absolutamente não. Nossos meios são os que as circunstâncias nos permitem e nos impõe.

Certamente, nós gostaríamos de não fazer mal a ninguém; gostaríamos de secar todas as lágrimas, e não fazer derramar nenhuma. Contudo, o mundo sendo como é, é preciso lutar, sob pena de não sermos mais do que doces e sonhadores estéreis.

Chegará o dia, acreditamos firmemente, em que será possível fazer o bem dos homens sem que isto implique o mal para si mesmo ou para os outros; mas, hoje, é impossível. Mesmo o mais puro e o mais doce dos mártires, destes que se deixariam levar ao patíbulo pelo triunfo do bem, sem opor resistência e benzendo seus carrascos como o Cristo da lenda,

mesmo ele praticaria o mal. Sem falar do que ele faria a si mesmo, o que não se pode negligenciar, ele faria todos os que o amam derramarem lágrimas amargas.

Trata-se, pois, sempre, em todos os atos da vida, de escolher o mal menor, de procurar causar o menor mal possível para obter o maior bem possível.

Certamente, a revolução causará muitos malefícios, muitos sofrimentos; mas mesmo se ela causasse cem vezes mais, ela seria sempre uma bênção, comparada com a quantidade de dores causadas hoje por este mal: a sociedade tal como está constituída.

*L'En Dehors,* 17 de agosto de 1882

Efetivamente, é impossível ao homem viver sem aproveitar-se do trabalho de outrem, e isto só se pode fazer de dois modos: seja graças à associação fraternal, igualitária e libertária, praticando consciente e voluntariamente a solidariedade que liga entre si todos os seres humanos; seja lutando uns contra os outros para que os vencedores possam submeter, oprimir e explorar os outros.

Nós queremos instaurar uma sociedade na qual os homens considerem-se como irmãos e ajudem-se mutuamente para o maior bem estar, a maior liberdade, o maior desenvolvimento físico e intelectual de todos.

Não há outras vias possíveis: ou opressor ou oprimido, ou homem livremente associado aos outros.

Em todos os casos, o homem mais forte é aquele que está menos isolado, o homem independente é aquele que estabelece as relações mais variadas, o maior número de amigos e, portanto, o campo mais amplo para escolher seus colaboradores mais próximos; o homem mais desenvolvido é aquele que pode e que sabe melhor aproveitar-se da herança comum da humanidade e da obra atual de seus contemporâneos.

*Umanità Nova,* 2 de setembro de 1922

---

Texto extraído do livro "Malatesta - Textos Escolhidos" editora LPM, porto Alegre, 1989.

# A Organização Anarquista

*Luigi Fabbri*

Advertência:

Como conclusão ao relatório que se segue sobre a "a ação individual e coletiva no movimento anarquista", apresentado ao 1º Congresso Anarquista Italiano, reunido em Roma de 16 à 20 de junho de 1907, foi proposta a seguinte moção:

O Congresso:

Considerando que na luta contra as forças organizadas do capitalismo e dos governos é necessária a união das forças anarquistas, aspira que tal união se determine sempre mais forte e mais extensa, sobre a base da solidariedade e do concurso consciente de todas as vontades individuais; conseqüentemente retém que os anarquistas,de acordo não somente no plano das idéias, mas também sobre os seus métodos de luta, unam suas forças constituindo-se por grupos em toda a parte e associando tais grupos entre si, conservando naturalmente a autonomia individual nos grupos e a autonomia dos grupos em suas uniões; declara que, ainda que mantendo como necessária esta associação de energias para a ação coletiva, é igualmente necessário que permaneça a ação individual, nos seus desenvolvimentos mais conscientes, de cada um segundo suas forças.

O Congresso, pela unanimidade menos um, aprovou esta moção de caráter teórico e tomou, para a Itália, a seguinte deliberação de ordem prática:

O Congresso recomenda aos camaradas das diferentes localidades formar rapidamente grupos para poder proceder, no menor lapso de tempo possível, à formação de uma Aliança Socialista Anarquista Italiana, sobre as bases da mais completa autonomia, encarregando os grupos já existentes do trabalho preparatório.

Apresentando o mesmo relatório teórico e tático ao Congresso Internacional Anarquista de Amsterdam, eu espero que resoluções idênticas e ainda mais precisas sejam lá tomadas e que da afirmação doutrinária se passe rapidamente ao terreno dos fatos com a constituição de uma Associação Internacional Anarquista.

Viva a Internacional Libertária!

Roma, 20 de agosto de 1907

*Luigi Fabbri*

Camaradas:

Há muitos anos que o movimento anarquista, tendo começado tão esplendidamente no seio da Internacional, se debate em uma crise sem solução, sobretudo por falta de boa vontade entre nós.

Nós anarquistas, é preciso confessá-lo, se jamais fomos abatidos pelas perseguições que chovem sobre nós, sempre tivemos um medo maldito de um fantasma que nós mesmos criamos. Nós nos resignamos a ser vítimas de todos os loucos, de todos os extravagantes, de todos os exagerados que, com o pretexto da lógica, pretenderam não apenas justificar tudo aquilo que eles consideravam inconveniente e ignóbil nos burgueses, mas também impedir e demolir todo o trabalho de reconstrução que outros camaradas tentaram, lançando permanentemente o espectro da incoerência com as idéias.

A idéia anarquista tem, como base primeira, a liberdade individual, mas aqueles que pretendem que a liberdade individual na anarquia seja infinita e absoluta, seriam utopistas no sentido mais ridículo do termo, pois o infinito e o absoluto são conceitos abstratos, configurações mentais sem possibilidade de realização prática. Pois bem, é sempre em nome da liberdade individual que numerosos anarquistas, segundo lhes seja conveniente, ou proclamam o direito de fazer seja lá o que for, inclusive



atingir a liberdade e o direito do outro, ou declaram incoerente toda a tentativa de realização revolucionária e de organização pela propaganda.

Esperamos nos ocupar, no presente relatório, das objeções que são lançadas contra a idéia de organização.

Ouvimos dizer que a organização é um método e não um fim; isto é um erro. O princípio da organização não se propagou somente porque organizando-nos hoje poderemos melhor preparar a revolução, mas também porque o princípio da organização em si é um dos postulados principais da doutrina anarquista.

Na sociedade burguesa, que o Estado e a Igreja se encarregam de manter unida pela hierarquia para poder explorá-la em sua vantagem, a vontade individual é absorvida e freqüentemente anulada pelo mecanismo social, que pretende prover a tudo e a regular a vida dos indivíduos desde o seu nascimento até a morte. Nesta sociedade, cuja organização é monopolizada pelo Estado e pelo capitalismo, a única organização concebível é aquela para luta contra a opressão e a exploração.

Mas a sociedade preconizada pelos anarquistas, onde não haverá nem homens nem institutos "providenciais", que se baseará sobre o concurso de todos os indivíduos na produção e na associação, necessitará que a organização se estenda até o último indivíduo e que cada um concorra voluntariamente à harmonia geral. E como a participação de cada um deve ser espontânea, voluntária e livre, pois sem existir coerção ninguém faltará ao dever de solidariedade, é preciso que, em primeiro lugar, esteja disseminada a consciência da necessidade da organização, de maneira que esta organização signifique a satisfação de uma necessidade verdadeira, tanto material quanto moral. Eis porque, em nossa opinião, a propaganda da organização deve ser feita ininterruptamente, bem como a propaganda de todos os outros postulados do ideal anarquista.

Como criticamos as instituições atuais do Estado, da propriedade, da família, para preconizar o advento da anarquia, do comunismo e do amor livre, nós sentimos igualmente a necessidade de atacar e de criticar o sistema de organização autoritária, para propagar a idéia da organização libertária.

Quando ouvimos alguns camaradas dizer-nos para "acabar com esta questão ultrapassada da organização", experimentamos a mesma impressão que experimentaríamos se nos dissessem para acabar com a propaganda anarquista. Infelizmente ainda estamos muito distantes de ter convencido todos os anarquistas da necessidade da organização

libertária: eis porque não deixamos de discutir com eles e de fazer a propaganda no sentido que nos parece corresponder à verdade.

Visto que, como se sabe, a melhor propaganda é a que se faz pelo exemplo - a propaganda pelo fato - nós buscamos nos organizar, constituir grupos, federar-nos. Nossos adversários nos atacam precisamente neste ponto, criticando o nosso trabalho e as organizações existentes ou que já existiram. Cada um dos defeitos, dos erros e das incoerências nelas existentes, tornam-se uma arma eficaz para combater a idéia. Eles não se apercebem que os erros e defeitos são inevitáveis nos detalhes, pois nada de perfeito existe no mundo, e que isto, de resto, não destrói a utilidade geral do conjunto, da mesma forma que as desventuras da vida não constituem razão suficiente para negar a vida em si.

Sem organização a anarquia é tão inconcebível quanto o fogo sem a matéria para fazê-lo. E nós propagamos esta idéia não somente pelas razões que iremos enunciar, mas também porque estamos tão persuadidos de que as consciências modernas devam impregnar-se deste seu espírito, sobretudo as consciências dos anarquistas. A organização para metas gerais, com pessoas de outros partidos e outras idéias é útil; mas para formar a consciência anarquista, para precisá-la naqueles que já são anarquistas, temos que adotar a organização dos próprios anarquistas, que deve esforçar-se por ser a mais libertária possível. É neste esforço de tornar libertária a organização dos anarquistas, que consiste a elaboração da nova consciência anti-autoritária entre nós, cujo anarquismo é amiúde limitado à uma convicção unicamente doutrinária.

Não sei se nós, que somos seus partidários, conseguiremos verdadeiramente construir esta organização que aspiramos e vencer este espírito de reticência que existe para se fazer qualquer coisa que demande um certo trabalho, longo e paciente. Mas nós queremos iniciar este trabalho paciente e longo para não negligenciar este forte meio de propaganda que é a tentativa e o exemplo. Pode ocorrer que, apesar de todas as nossas razões, muitas coisas impeçam o aparecimento de organizações anarquistas verdadeiras e duráveis, na medida em que o bloqueio dos antiorganizadores não cesse.

Pode ser que tenhamos que continuar ainda este deprimente trabalho de Sísifo, começando a coisa por um lado enquanto outros a destroem por outro, como é hábito acontecer entre nós há alguns anos. Não sei por quanto tempo poderá durar este fato de que nossas organizações apareçam aqui ou acolá para impulsionar a nossa propaganda, respondendo à uma



necessidade premente, mas tendo um caráter esporádico. Tais organizações aliás caem mais freqüentemente nestes erros próprios de sua juventude, que se repetem, pois lhes falta a continuidade de existência e de ação... .

Que importa? Antes de mais nada o próprio fato de que as organizações existentes ou finadas terem existido ou terem uma tão breve existência, as desculpas dos erros cometidos, que apenas são evitados através da experiência adquirida pela prática e não somente com as noções apreendidas em brochuras e jornais.

Nós pensamos que a mais bela e perfeita organização estará destinada a morrer se seus membros, por mais sábios que sejam em teoria, permanecerem inertes. A vantagem das organizações consiste no fato de que, em igualdade de outras condições, é preferível que pessoas decididas à ação estejam organizadas que não organizadas. É natural que um indivíduo isolado atuante valha mais que mil pessoas inaptas e não organizadas.

Quer a propaganda para fazer surgir em curto prazo a organização anarquista que cremos necessária frutifique ou não, isto, até certo ponto, não é importante. Não nos agradará não termos sucesso, pois assim não poderemos colher todos os frutos que esperamos, mas ao menos teremos feito a propaganda de um conceito que é inseparável da idéia de anarquia, teremos lançado sementes que, mais dia menos dia, germinarão. A propaganda pela organização dos anarquistas se imporá pela necessidade das coisas; e será mérito desta propaganda se a organização surgida for a nossa e não uma mercadoria avariada que nos seria legada por nossos adversários.

O ridículo com o qual tentam nos cobrir cairá conseqüentemente no vazio. Nós já sabemos que, enquanto existir a sociedade burguesa, nossas tentativas não vingarão ou continuarão imperfeitas, mas tal convicção não nos faz renunciar à "propaganda pelo fato".

No fundo o que é a luta revolucionária senão uma série de inumeráveis tentativas, das quais apenas uma, a derradeira, tem sucesso? Quem teria vencido se não houvesse os fracassos antecedentes? Da mesma forma, no que tange à organização, tentaremos com todas as nossas forças obter sucesso; cada derrota nos aproximará da vitória, mas em cada vez faremos com que nossa tentativa seja melhor e que tenha um resultado menos imperfeito. Isto será mil vezes mais útil para formar consciências que a predicação doutrinária somente.

Por outro lado, aqueles que se declaram inimigos da organização,

o são geralmente porque sentem-se incapazes da solidariedade libertária e no fundo não sabem sair deste dilema: comandar ou serem comandados. Não possuem a consciência "libertária" e portanto não vêem teoricamente outra garantia para a liberdade individual senão o isolamento, a ausência de qualquer pacto e de qualquer vínculo livremente aceitos. Na prática são eles que querem dirigir o movimento e à primeira tentativa de alguém para subtrair-se de suas diretivas, ao primeiro sinal de independência daquele que obstina-se a pensar e a agir à sua maneira, logo se verá tais indivíduos lançarem excomunhões, gritar por incoerência e traição e afirmar que aquele que não age e não pensa como eles não é anarquista. Assim fizeram os padres de todos os tempos e de todas as religiões. Alguém de boa fé se ergueria mais contra a forma do que contra a substância.

Eles não querem a organização mas falam de acordo, de entendimento, de livre pacto e de associação! Não nos ocuparemos destas questões terminológicas e nos limitaremos a relembrar, de uma vez por todas, que organização não significa nem autoridade, nem governo, nem vexação, mas apenas: associação harmoniosa dos elementos do corpo social.

Como queremos que todos os homens um dia, estejam associados harmonicamente, preconizamos hoje, na luta pela preparação de um tal futuro, a associação harmoniosa dos anarquistas. A organização é um meio para atingir este fim, e um meio mais condizente com as finalidades sociológicas do anarquismo.

* * *

Não perderei muito tempo demonstrando como, em linhas gerais, a organização libertária é uma necessidade. Já mostrei, em outro lugar, que a organização, longe de limitar a liberdade individual, a estende e a torna verdadeiramente possível, pois ela oferece ao indivíduo uma soma maior de forças para vencer obstáculos e para melhorar, forças estas que faltariam a cada indivíduo tomado isoladamente.

"A maior satisfação possível de seu eu - dizia eu então - o maior bem estar material e moral, a maior liberdade são possíveis somente quando um homem estiver ligado ao outro pelo pacto de ajuda mútua. Um homem de acordo com a sociedade é sempre mais livre que um homem em luta



contra a sociedade. Os anarquistas combatem a organização social atual justamente porque ela impede a existência de uma sociedade relativamente útil a todos os indivíduos e trabalham para que a sociedade inteira não seja mais regulada pela luta a mais encarniçada e feroz, sobre a exploração e sobre a violência tirânica do homem sobre o homem.

Podemos nos rebelar contra esta má organização da sociedade, mas não contra a sociedade em si, como pretendem alguns individualistas. A sociedade não é um mito, nem uma idéia, nem um órgão pré-ordenado e feito por alguém, para que seja possível não reconhecê-la e tentar destruí-la. Ela nem mesmo é - como nos acusam de pensar os stirnerianos - uma coisa superior aos indivíduos e à qual é necessário fazer o sacrifício do seu eu como diante de um fetiche. A sociedade é simplesmente um fato do qual nós somos os atores naturais e que existe na medida em que lá estamos. A sociedade é o conjunto dos indivíduos vivos e cada indivíduo é, por sua vez, tal qual as influências externas, sem excluir as sociais, o formam.

Tudo isso é um fato natural, ligado à vida universal do cosmos. Rebelar-se contra este fato é rebelar-se contra a vida, morrer. Cada indivíduo existe na medida em que ele é o fruto material, moral e intelectual da união de outros indivíduos; ele somente pode continuar vivo, somente pode ser livre, somente pode desenvolver-se fisicamente com a condição de viver em sociedade."

Muitos nos objetam que o homem é egoísta e que sempre é o egoísmo que impele o homem a agir, mesmo quando, aparentemente, os pensamentos e ações são altruístas. Negando o altruísmo, estes opositores chegam logicamente a negar o espírito de solidariedade e de associação.

Não há nada mais perigoso, de certo modo e especialmente para cérebros pouco refletidos, do que se apossar da lógica e levá-la às últimas conseqüências à partir de um princípio dado. Isto vale especialmente quando, à partir do mesmo princípio, pode-se chegar a conclusões absolutamente opostas. Ocorre muitas vezes que, construindo teorias mais ou menos justas no seu ponto de partida, ao evoluir com a lógica chegamos a um ponto ao qual não esperávamos ou não queríamos chegar. Isto acontece especialmente quando tratamos com doutrinas abstratas, abandonando completamente o campo experimental dos fatos.

Isto acontece de fato com muitos anarquistas individualistas de todos os matizes, desde o individualismo stirneriano anti-socialista até o individualista comunista anti-organizador.

Conduzidos pela lógica abstrata, estes camaradas chegam a perder de vista o interesse da propaganda anarquista e revolucionária. Eles isolam-se da sociedade ao ponto de não mais poder exercer sobre ela influência alguma e isso equivale a condenar nossa idéia a permanecer perpetuamente no estágio de utopia. Se, ao pretender para cada ato de propaganda ou de ação revolucionária a coerência absoluta com o princípio abstrato da anarquia ou de sua própria interpretação deste princípio, se (e esta talvez seja a razão mais verossímil) diante da inegável dificuldade de se agir libertariamente, afastarmos toda a forma de ação na qual tal dificuldade seja a mais forte, acabaríamos por fazer muito pouco ou nada - exatamente como Orígenes que, para se manter puro (ou antes porque não possuía forças para assim se manter) decepou seus órgãos sexuais.Toda a ação anarquista assim concebida acaba por se limitar à parte crítica da obra de outrem, à propaganda teórica - muitas vezes caótica e cheia de contradições - e a algum ato isolado de rebelião que, na melhor das hipóteses contém justamente o erro de exigir um esforço muito grande para poder ocorrer e assim exercer alguma influência visível sobre os acontecimentos.

De resto, tanto a propaganda teórica quanto a propaganda pelo fato (não nego a utilidade desta última) podem ser úteis, mas tal propaganda, de forma unicamente individual não basta. Para que a propaganda teórica seja mais eficaz é preciso que ela esteja coordenada; para que o fato seja mais útil, é preciso que ele seja meditado e razoável.

É verdade que um gênio ou um herói fazem mais propaganda ou desenvolvem mais energia sozinhos que muitos medíocres. Mas o mundo é feito de medíocres e não de gênios ou heróis; seria ótimo se um gênio ou um herói brotassem entre nós, mas enquanto isso não ocorre nosso dever é, se quisermos ser positivos e ter a segurança de atingir nossa meta, contar igualmente e sobretudo com a ação contínua e incansável da maioria. Mas a maioria é uma força somente quando está unida; cada indivíduo forma, completa ou afina a sua consciência na união. Não nos esqueçamos que os gênios e os heróis podem também se enganar, e quando isto ocorre fazem mais mal que os outros. Existem, além disso, formas de atividade necessárias para as quais o trabalho de um só, mesmo que seja excepcional, não basta e que necessitam da cooperação de muitos, atividades para as quais muitas vezes um gênio ou um herói não sabe se dobrar. A cooperação, a organização com base em uma idéia e um método livremente aceitos e que não excluam os melhores, mas sim que os pressuponham, são métodos que muitos anarquistas de tendência



individualista negam. Eles os negam somente porque, ou de acordo com os adoradores do Estado, não crêem possível organização alguma sem autoridade, ou talvez, porque não tenham a coragem de afrontar a dificuldade de começar a ser anarquista organizando-se em bases anarquistas, por temer as primeiras e inevitáveis quedas.

Quando uma criança aprende a andar, ela começa por cair, mas isso não é razão suficiente para se sustentar que a marcha é nociva e que tem por conseqüência quebrar a cabeça. Os anarquistas que chegam à afirmação individualista e à negação da organização pensam, ao contrário, desta forma: que à partir do momento em que nos organizamos poderemos cair e cairemos fatalmente no erro ou na incoerência.

Negando-se a organização, nega-se no fundo a possibilidade de vida social e também da vida em anarquia. Dizer que a negamos somente hoje nada significa, pois negá-la hoje implica em suprimir o meio de prepará-la para o amanhã. De resto, neste terreno a lógica continua a pregar-nos as suas peças. Quando se nega a organização operária, alguém já começou a negar a possibilidade de uma organização comunal na sociedade futura. Simplesmente porque não se consegue perceber, dentro deste mesmo erro de ótica, que a comuna do futuro, formada pelo complexo de organizações livremente federadas, seja distinta do mir patriarcal russo, que ela poderá também possuir suas assembléias de discussão dos interesses da comunidade, mas que não herdará necessariamente todo o caráter autoritário, de violência impositiva deste último, que tal comuna não será em nada semelhante a tais comunas burocráticas de hoje, com seus impostos, seus guardas municipais, seus guardas florestais e seu prefeito nomeado pela monarquia.

A questão de que o homem é egoísta e que isto basta para negar a associação apoia-se em uma interpretação absurda de um conceito verdadeiro. Sim, todos os homens são egoístas, mas de modo diferente. O homem que tira o pão da boca para alimentar o seu semelhante é um egoísta na medida em que ele interiormente sente, sacrificando-se, uma satisfação maior do que a de comer tudo sozinho, sem nada dar ao outro. Isso acontece igualmente com relação aos outros sacrifícios, mesmo os mais sublimes que a história nos lembra. Mas a satisfação do explorador burguês, que faz com que seus operários morram de fome, ao invés de lhes sacrificar uma única noite de teatro, também é egoísmo.

Um e outro são egoísmos, mas - cáspite! - ninguém negará que são egoísmos distintos um do outro. Tal diferença encontrou sua expressão

na linguagem humana, que batizou a forma mais nobre de egoísmo com o nome altruísmo.

Este altruísmo é uma manifestação da solidariedade humana, que responde à necessidade de ajuda mútua - existente entre os homens, assim como em várias outras sociedades animais.

Existem individualistas que não negam a solidariedade, mas negam a organização, que é um meio de manifestar e de exercer a solidariedade. A solidariedade é um sentimento e a organização o fato que corresponde a este sentimento; o fato pelo qual a solidariedade torna-se o elemento ativo da revolução nas consciências e nos eventos.

A solidariedade é um licor cheio de força e aroma que tem a necessidade de um vaso para contê-lo para que não se perca, espalhando-se inutilmente e evaporando.

Este vaso, esta forma, esta explicação da solidariedade, é a organização libertária, aonde as consciências não apenas não se deterioram, mas sim se completam quando não são bem formadas, ou quando o são nela se refinam. A organização não significa - repito - uma diminuição do eu, mas sim a possibilidade para este de atingir, com a ajuda dos outros, o máximo de suas satisfações. Ela não significa a compressão ou a violação do egoísmo natural dos indivíduos, mas sim o seu contentamento, o seu enobrecimento, de modo a provocar no indivíduo um gozo que tenha a necessidade do bem do outro e não do mal.

Como se denomina tal forma de egoísmo na linguagem natural de altruísmo, para distingui-la da outra espécie brutal, hoje presente em nossa sociedade de patrão e de escravos, de governo e súditos, e que consiste na satisfação de si mesmo em detrimento de todos os outros sem critério algum de proporção e de relatividade, e sem fazer uso de tantos sofismas ou de finezas filosóficas, concluo que o altruísmo é alguma coisa de positivo e de concreto que é formado e que existe no homem.

Esta divagação doutrinária foi necessária para que eu pudesse demonstrar como esta questão da organização, não apenas pelo lado do método mas também por sua finalidade, enlaça-se e conforma-se com a idéia mãe do anarquismo; para que se compreenda que a divisão que existe neste ponto entre os anarquistas é muito mais profunda do que o que normalmente se acredita, e que supõe igualmente uma inconciliável discordância teórica.

Digo isto para responder aos meus bons amigos, favoráveis a um acordo a qualquer preço, que afirmam: "Não criemos problemas de



método! A idéia é uma só e a meta é a mesma; permaneçamos pois unidos sem nos rasgarmos por um pequeno desacordo sobre a tática". Eu, ao contrário, dei-me conta há muito tempo atrás, que nos dilaceramos justamente porque estamos muito próximos, por que estamos artificialmente próximos. Sob o verniz aparente da comunidade de três ou quatro idéias - abolição do Estado, abolição da propriedade privada, revolução, antiparlamentarismo - existe uma diferença enorme na concepção de cada uma destas afirmações teóricas. A diferença é de tal monta que nos impede de tomarmos o mesmo caminho sem querelarmo-nos e sem neutralizar reciprocamente o nosso trabalho ou, se assim quisermos, permanecer em paz sem renunciarmos àquilo que acreditamos ser verdadeiro. Repito: não existe apenas uma diferença de método, mas sim uma grande diferença de idéias.

Muitos objetam serem apenas adversários da organização na sociedade atual, pois consideram tal organização impossível, no sentido verdadeiramente libertário, antes da revolução. Mas esquecem que a revolução não virá por si mesma como um maná do céu, em virtude apenas das trombetas de Jericó da propaganda teórica tão somente e nem ao menos virá como decorrência do estampido de uma bomba isolada. Eles esquecem que, depois da revolução, a anarquia não brotará por si mesma como um cogumelo após a chuva, se não encontrar organismos adaptados para responder à necessidade da vida social e que substituam os velhos organismos abatidos. É até mesmo possível que, dada a ausência de organismos libertários, a necessidade de viver sugira aos homens a necessidade de restabelecer organizações autoritárias.

Mas os inimigos da organização negligenciam sobretudo - como negligenciam muitas vezes os seus amigos - de considerar a questão do ponto de vista da preparação revolucionária.

Certamente, aqueles que meteram na cabeça a idéia de que as revoluções não são feitas pelos homens, mas sim que ocorrem naturalmente,como os cataclismos e os terremotos, podem ser contrários a toda organização e contentar-se com a propaganda verbal e escrita ou com algum belo gesto isolado a cada dois ou três anos. Ora, reconhece-se atualmente que as idéias avançam com os homens e que as revoluções são geradas pelo seu pensamento e realizadas por seus braços, mas que também são elas provocadas por fatores sociais e econômicos tornados inevitáveis pelo encadeamento de efeitos cujas causas remontam às épocas bem anteriores a nossa.

Uma revolução artificial, feita em proveito de um partido ou de uma única classe seria inevitavelmente votada ao fiasco, se não se voltasse para interesses mais gerais ou se não supusesse condições favoráveis a uma reviravolta cuja necessidade fosse sentida mais universalmente.

Sabe-se que a questão social assume atualmente o aspecto quase exclusivo do problema operário e a ele é preciso consagrar todas as forças para realmente sublevar o mundo, buscando sempre não desviar pelas sendas da política, do intelectualismo ou do esporte revolucionário e libertário. Isto não nega o fato de que, para que se resolva a questão operária, para que também se resolva, conjunta e integralmente, a questão do pão e da liberdade - sem que caiamos miseravelmente no egoísmo de classe que é o produtor do reformismo - não se deva considerar esta questão sobre o prisma o mais amplo possível.

É preciso demonstrar que a emancipação do proletariado do monopólio capitalista, depende também da resolução da liberdade individual do homem e de todos os problemas que oprimem a consciência contemporânea.

É preciso também que os interessados nesta sublevação, os proletários, tornem-se conscientes de seus direitos, das necessidades e da força que têm em suas mãos, desde que assim o queiram. Para que se crie uma atmosfera revolucionária, é preciso que os trabalhadores se ressintam da privação enorme na qual vivem, que não permaneçam numa atitude de descaso e numa resignação muçulmana. É preciso igualmente que eles tenham uma visão relativamente clara do remédio necessário ao mal que padecem e sobretudo é preciso uma concepção nítida e precisa sobre o modo de destruir e abater a atual ordem das coisas. Devemos nos ocupar, antes de mais nada, em formar esta consciência no proletariado e o meio mais eficaz para tanto continua sendo a propaganda, isto é, o exercício contínuo da luta contra o capital e o Estado.

Mas é preciso também preparar os meios para derrubar o capital e o Estado e eis o ponto aonde se apresenta a necessidade da organização revolucionária. O primeiro meio, o mais importante, é a união - não caótica, irregular, local e fragmentada - mas sim constante e contínua no tempo e no espaço.

Aqueles que não toleram este vínculo moral que resulta do compromisso assumido de auxiliarmo-nos reciprocamente para um dado fim, dirão que isto diminui a sua autonomia individual, e isto pode ocorrer. Mas a liberdade e a autonomia absolutas são conceitos abstratos;



deveremos retornar aos fatos, àquilo que queremos realmente e o que podemos obter desta autonomia e liberdade.

A autoridade contra a qual combatemos - a do padre, a do patrão, a do policial - bem merece, para que dela nos desembaraçemos, que façamos um mínimo de sacrifício voluntário de nosso orgulho individual, para que possamos trabalhar com os outros e nos livrarmos da dominação burguesa e estatal, mesmo com aqueles que não tenham a nossa força e consciência, tão duramente formada.

Não sei se a humanidade conseguirá ser um dia um conjunto de indivíduos tão livres um do outro que não dependam reciprocamente por qualquer tipo de interesses materiais ou morais. É certo entretanto que a meta da revolução social e libertária que se anuncia, e cujo advento desejamos, não será outra, pelo momento, senão a emancipação do proletariado do privilégio do monopólio capitalista e do jugo de todos os indivíduos que detêm a autoridade coercitiva e violenta do homem sobre o homem.

Para realizar tal tarefa, temos que lutar contra forças formidáveis: a coalizão dos patrões apoiada pelos padres, a burocracia, o exército, a magistratura e a polícia. Para combater tais forças, para destruir todas estas pavorosas engrenagens maculadas de sangue da máquina capitalista autoritária, é bom unir os oprimidos em um pacto mútuo e solidário, voluntariamente aceito (para aqueles que não toleram vínculos), por uma disciplina moral.

Não basta que os homens estejam conscientes de seus direitos e necessidades e que saibam qual é o meio para reinvindicá-los; é preciso que todos estejam em condições de adotar estes meios de reivindicação.

A vontade dos revolucionários toma neste ponto toda a sua importância. Uma revolução de inconscientes seria quase inútil; mas a consciência das necessidades e dos direitos por sua vez também permanece quase tão inútil, tanto na coletividade quanto nos indivíduos, se não existir a força e a vontade de agir, de colocar em prática aquilo que se aprendeu em teoria. Eis porque é preciso unir-se e organizar-se: primeiro para discutir, depois para reunir os meios para a revolução, e finalmente para formar um todo orgânico que, armado com seus meios e fortalecido por sua união possa, quando soar o momento histórico, varrer do mundo todas as aberrações e todas as tiranias da religião, do capital e do Estado.

* * *

"A organização que os socialistas anarquistas defendem não é naturalmente a organização autoritária que vai da Igreja católica à Igreja marxista, mas sim a organização libertária, voluntária, de numerosas unidades individuais, associadas com vistas a uma meta comum e que empregam um ou vários métodos considerados bons e livremente aceitos por cada um dos membros. Uma tal organização é impossível, se os indivíduos que a compõem não estão habituados à liberdade e não estejam desembaraçados de preconceitos autoritários. É necessário, por outro lado, estar organizados, para se tentar viver livremente associados...", isso para se habituar ao uso da liberdade.

Assim, a necessidade de organização permanece. Por organização, entendemos a união dos anarquistas em grupos e a união federal dos grupos entre si, sobre a base de idéias comuns e de um trabalho prático comum a realizar. Tal organização, deixará naturalmente a autonomia dos indivíduos nos grupos e dos grupos na federação, com plena liberdade dos grupos e federações para se formarem segundo as oportunidades e circunstâncias, por ofício, por bairro, por província ou por região, por nacionalidade ou por língua etc.

A organização federal assim concebida, sem órgãos centrais e sem autoridade é útil e necessária. Útil simplesmente porque a união faz a força; necessária porque...Nos esforçaremos por dar outras razões, além das já enunciadas, sem entretanto ter a pretensão de ter enunciado a todas.

Existem tantas pessoas que se dizem anarquistas no mundo, batiza-se de anarquia tantas idéias nos dias de hoje, tantas opiniões e táticas diferentes, que impõe-se a quem luta alguma escolha para saber quem são aqueles que possuem aspirações comuns às suas, pois alguns, embora dizendo-se anarquistas, têm idéias totalmente opostas . Se alguns seguem uma via totalmente contrária à nossa e utilizam meios de luta que são contraditórios, neutralizantes e destrutores dos efeitos que obtivemos, tais diversidades e contradições dependem dos significados e de interpretações diferentes, muitas vezes completamente opostas, que são dadas ao termo anarquia.

Ora, se tivéssemos tratando de pura academia cientifica e filosófica, não haveria necessidade de tanto se diferenciar nas formas e de tanto separar grupos. Nem ao menos existiria a necessidade de agruparmo-nos. Mas o anarquismo, em minha opinião é, segundo creio, na opinião de muitos outros, se ele é na teoria uma tendência cientifica e filosófica,



uma doutrina especulativa, ele se quer igualmente na prática um movimento humano de luta e de revolução. Um movimento que possui meios definidos de ação e que fixou como ponto de partida algumas verdades dadas em torno das quais concordam todos aqueles que atuam neste sentido. Pois bem, como será possível anunciar um movimento enérgico e resoluto se nós que acreditamos estar mais que os outros na posse da verdade e que nos parece ser nosso dever propor bons métodos revolucionários para se avançar para a integral liberdade da anarquia, como faríamos nós se não nos reuníssemos, não nos organizássemos de maneira alguma, de modo que a obra de alguns não fosse contraditada e neutralizada pela de outros? Como poderíamos mesmo saber quem, muito embora dizendo-se anarquista está conosco e quem está contra nós?

Se quisermos nos mexer, se quisermos fazer alguma coisa a mais do que aquilo que o isolamento permite a cada um de nós, deveremos saber com quais dos ditos camaradas, podemos estar de acordo e com quais estamos em desacordo. Isto é especialmente necessário quando falamos de ação, de movimento, de métodos com os quais é preciso trabalhar com muitas mãos para conseguirmos obter alguns resultados que caminhem em nossa direção.

Visto que existem iniciativas, movimentos e ações que não são possíveis sem o concurso de inúmeros indivíduos, de legiões ou de nações inteiras, eis que aparece a necessidade da organização não apenas entre indivíduos ou grupos de uma mesma cidade mas também entre grupos de uma cidade e de outra e - porque não? - entre grupos de diferentes nações.

A necessidade de se diferenciar, organizando-se entre anarquistas que têm formas e métodos de luta coletiva e de propaganda em comum, impõe-se também pela clareza das idéias diante dos adversários. Enquanto permitirmos que nos tomem todos em bloco sob a denominação comum de anarquistas, será sempre permissível que nos inquiram qual é a nossa anarquia. Existem aqueles que dizem ser ela uma escola do socialismo e outros que, ao contrário, a batizam como sua negação; há os que nela buscam o triunfo do indivíduo contra a humanidade e que a interpretam como uma luta contínua *dentibus et rostius* entre os homens e há quem a interprete como a solidariedade humana por excelência.

As piores extravagâncias desenvolveram-se como a quintessência da filosofia anarquista; alguém mesmo afirmou, recentemente, a função social útil do delito em anarquia...

Não temos pretensões à infalibilidade; poderemos até mesmo estar

errados, mas cremos entretanto, estar com a razão e, enquanto pensarmos estar com a razão, buscaremos fazer com que nossa idéia não seja tomada pelo contrário do que ela é. Temos muita dificuldade em reunir nossos parcos recursos para fazer a propaganda na qual acreditamos e recusamo-nos a apoiar aquela que consideramos nociva.

Nem mesmo remotamente queremos nos solidarizar com idéias e métodos que não são os nossos e, conseqüentemente, desejamos evitar a confusão que nos une indiscriminadamente e que torna a nossa propaganda caótica, contraditória e sem resultado.

Parece que as diferentes interpretações da anarquia reconhecem-se nos métodos e nas vias de fato, elas também são bastante distintas e contraditórias e algumas de tal forma anti-sociais e antilibertárias, que fazem mais obstáculo à nossa propaganda que a mais feroz das reações.

Vós, que sois partidários da organização sindical, por exemplo, fareis uma conferência para aconselhar aos operários que se organizem! Pois bem, no mesmo local em que falastes a favor da organização, da greve geral, da agitação revolucionária pelas oito horas em nome da anarquia, ouvireis amanhã alguém que virá dizer que a organização operária é um emplastro inútil, que a greve geral é uma utopia ou um conto da carochinha, que a conquista das oito horas é uma reforminha indigna de ser defendida por autênticos revolucionários; tudo aquilo, enfim, que muitas vezes li em jornais anarquistas de tendência anti-organizativa.

Tentai escrever para exprimir a vossa opinião ao jornal e no próximo número, verás um outro que a contradirá completamente e, se não tiveres a sorte de ser o manipulador supremo do jornal, não tereis por vezes nem mesmo a liberdade necessária para discutir.

Mas depois, mesmo que possais discutir livremente, conseguireis apenas um bom debate acadêmico, pois não podereis agir e nem reunir em vosso entorno para a ação aqueles que aprovam a vossa idéia, talvez nem consigais ver aprovada a vossa idéia pelo número indispensável de pessoas. É preciso que vos diferencieis, que vos associeis com aqueles com os quais estejais de acordo, dizendo: "Pronto! Somos anarquistas que querem fazer isso e aquilo, e que sobre tal ponto pensamos assim ou assado. Ponhamo-nos à obra, pois".

É preciso não esquecer que a organização é um meio de se diferenciar, de se precisar um programa de idéias e de métodos estabelecidos, um tipo de bandeira de reunião para se partir ao combate sabendo-se com quem se pode contar e tendo-se consciência da força que



se pode dispor.

As formas desta organização importam menos; o nome é por vezes a única diferença que distingue a organização inconfessa daqueles que dizem não estar organizados. Assumimos o nome porque ele precisa a nossa idéia e as nossas proposições, porque ele possui o valor de um programa. Dizemos, por exemplo, partido anarquista, entendendo simplesmente por isso o conjunto de todos aqueles que combatem pela anarquia. Quando dizemos federação socialista-anarquista, pensamos na união pré-estabelecida dos indivíduos e grupos aderentes que, em determinada localidade, puserem-se de acordo em torno de um programa de idéias e métodos.

É curioso que seja justamente este termo federação, mais do que o termo genérico partido, que provoque disputas; nós o escolhemos justamente porque ele implica (como era também a intenção de Bakunin) o conceito de organização decentralizada, de baixo para cima, ou melhor (posto que não deve haver nem baixo e nem alto) do simples ao composto. Nós dizemos precisamente nos federar por que este termo já vem adquirindo um significado oposto e negativo com relação à centralização. Em um sentido muito mais relativo, por exemplo, existem republicanos federalistas em oposição aos republicanos unitários.

Nós anarquistas que, em alguns locais como em Roma, temos nos organizado, formulamos um programa. Todos aqueles que o aceitam formam a organização cujo programa foi assim auto-estabelecido, sejam eles grupos ou indivíduos; cada grupo e cada federação decide, através de sua correspondência, dos jornais, dos congressos etc., a maneira pela qual concordam para desenvolver a ação comum, as formas de organização federal e os grupos e modalidades internas. Um grupo ou uma federação, poderão exagerar em certos formalismos e, mesmo que alguns erros sejam cometidos, serão tais que, mesmos aqueles contrários à organização e que se unem somente uma vez com vistas à uma ação, podem também cometê-los.

Consideramos necessário, que nos ponhamos francamente em marcha por um caminho bem definido, com nossos meios e assumindo a responsabilidade de nossas ações, de modo que aquilo que façamos não seja destruído pelos outros. São muitos aqueles que, tanto na propaganda teórica quanto na ação dizem e fazem muitas idéias e coisas que não nos parecem anarquistas, ou que, ao menos, em nossa opinião, não são úteis ao movimento, antes pelo contrário.

Aqueles que não se decidem a ficar conosco por medo de uma palavra, embora agindo de acordo com nossa prática, e assim procedendo apenas para não desagradar aqueles que, no fundo, são nossos adversários, dão prova de fraqueza e perpetuam o equívoco. Eles cobrem com sua bandeira e com sua boa intenção muita mercadoria avariada. É então preferível que eles separem-se de nós.

Entretanto, organizar-se e diferenciar-se daqueles que, em algum ponto essencial, não estão de acordo conosco na interpretação do termo e dos métodos da anarquia, não significa que pretendamos o monopólio do termo e do movimento anarquista ou que queiramos excluir quem quer que seja da grande família libertária. Mas sermos todos da mesma família, não significa que tenhamos todos as mesmas idéias e o mesmo temperamento, nem que queiramos fazer a mesma coisa e que estejamos de acordo sobre tudo. Na maioria das famílias é antes o contrário o que ocorre.

Pode ocorrer que não apenas as idéias nos dividam na prática, mas também que o temperamento atue um pouco e que ele determine a união ou a desunião de alguns. Sinto-me pessoalmente bastante senhor de mim mesmo, quer dizer, indivíduo o bastante e me sinto mais forte quando tenho atrás, diante e ao meu lado a solidariedade de outros. Não parece-me que me diminua quando me enlace, em torno de um pacto mútuo, com meus companheiros de jornada. Esta questão do temperamento reforça, em lugar de enfraquecer, a minha tese. Se existem correntes incapazes de permanecer unidas por causa do temperamento, é melhor que cada um tome o seu caminho e que elas se diferenciem.

Insisto em sustentar a necessidade da organização, mesmo diante daqueles que, embora admitindo-a de fato e na prática, a repelem na teoria e no nome. Estou convicto - e creio não me enganar - que muitos daqueles que se dizem em desacordo conosco, o estão mais nos termos do que nas idéias, mais na aparência do que nos fatos. Eles são, em parte, vítimas de uma ilusão; seu medo do termo nada mais é que um indício de uma certa contrariedade inconsciente e inconfessa com a substância.

* * *

Mas muitos camaradas, que tem mais medo do termo do que da substância, sacrificam uma à antipatia da outra. Eles dizem que não é necessário fazer a organização, pois ela existe já por si mesma.



É verdade, o homem que pensa e que luta é um ser sensível, organizável e organizado por excelência. Assim, mesmo aqueles companheiros que se dizem opostos à organização são, no fundo, organizados.

A diferença é que tal organização, não tendo nome nem formas exteriores, parece não existir e serve para que possamos dizer: Vejam! Sem organização andamos muito bem! Isto serve também para mascarar e para dissimular aquilo que pode existir de pouco coerente com o conceito de autonomia integral no funcionamento interno de uma tal organização. Tais incoerências são inevitáveis na sociedade atual e eu não me sirvo delas para combater o método anti-federalista, mas apresso-me em observar que lá onde faltam as formas exteriores da organização, falta também um meio importante de controle, para verificar até que ponto tal organização continua libertária. Quando, ao contrário, a organização é visível, sua substância é denunciada pela forma e ela se presta melhor à crítica: pode-se conseqüentemente melhor combater e eliminar, na medida do possível, de seu seio as manifestações anti-libertárias.

A organização consciente é útil porque ela é o melhor meio - quando real e substancial e não apenas formal - para impedir um indivíduo ou um grupo de concentrar em si todo o trabalho de propaganda e de agitação, tornando-se assim um árbitro do movimento.

Os não organizados, ou melhor, aqueles que estão organizados sem o saber e que por isso se crêem mais autônomos que os outros, têm maior probabilidade que os organizados, de serem presas do conferencista que passa, do camarada mais ativo, do grupo mais empreendedor e do jornal mais bem feito. Eles são inconscientemente organizados pelo conferencista, pelo agitador e pelo jornal. Enquanto estes últimos fazem o seu trabalho, tudo corre bem, mas se eles tomam uma direção falsa...boa noite! E antes que se perceba passará um bom tempo. Os anarquistas que estão organizados, ao contrário, sabendo já o que fazem pois as próprias formas exteriores lhes relembram constantemente que estão associados, que discutem do seu ponto de vista toda a proposição, venha de onde venha, estão menos expostos às surpresas. Justamente porque a união faz a força, eles podem opor uma maior força de resistência às sugestões dos camaradas mais inteligentes, mais simpáticos ou mais ativos. Eles sabem organizar-se e é reconhecidamente mais difícil manipular uma massa de pessoas conscientes de sua situação, do que uma numerosa quantidade de inconscientes.

Mas os organizados são homens também e nem todas as virtudes da organização podem impedi-los de cair no erro. Na sociedade atual, a perfeita coerência libertária de uma organização é impossível (aliás, mesmo em anarquia seria ela possível?). Eles também, em menor medida, oferecerão flancos à crítica dos puros em teoria. Poderá ocorrer que sua organização assuma, vez por outra, aspectos incoerentes, ou que produza algumas manifestações de centralismo ou de autoritarismo.

Mas estes seus erros, ao contrário dos erros dos anti-organizadores consistem em que o cisco que tem nos olhos esteja sempre imediatamente visível, porque existe uma organização pública, enquanto que a trava que existe nos olhos dos outros não se vê imediatamente - o que não impede que isso provoque grandes danos ao princípio da anarquia.

Nunca será demais insistir sobre esta verdade: a ausência de organização visível normal e aceita por cada um de seus membros torna possível o estabelecimento de organizações arbitrárias , menos libertárias ainda, que crêem ter vencido todo o perigo do autoritarismo apenas negando a sua essência. Tais organizações inconscientes constituem um perigo maior porque colocam o movimento anarquista à mercê e a serviço dos mais hábeis e dos mais intrigantes.

Hoje, o conjunto dos anarquistas está desorganizado; esta desorganização formal faz com que a massa dos camaradas submeta-se à dominação intelectual incontrolada de um diretor de jornal ou de um conferencista... Mesmo assim, isto é uma forma de organização, só que menos anarquista porque mais centralizada e mais pessoal.

Queremos de fato uma organização consciente que dependa de nossa vontade, para não estarmos obrigados a nos submeter a uma organização inconsciente e involuntária. Tentando fazer triunfar algo de determinado e preciso, existe a necessidade de organizar-se de fato e não apenas hominalmente, porque há necessidade de quantidade e não somente de consciência. Sermos numerosos em nada nos atrapalha... Não se pense, porém que queiramos colocar em antítese os termos consciência e quantidade. Poderemos ser numerosos, mantendo nossa consciência, de resto, mesmo se os conscientes forem pouco numerosos, ter o auxílio dos menos conscientes não os tornará decerto inconscientes. Isto sem contar com o fato de que os menos conscientes, em contato com os mais conscientes na organização, adquirem a consciência que lhes falta, mais ou menos segundo a sua inteligência e boa vontade. Mesmo quando não se está organizado, não ocorre igualmente que muitos inconscientes sejam



atraídos para a órbita da ação por algum grupo ou indivíduo mais simpático, inteligente ou ativo? A diferença, neste caso é somente a de que muitos daqueles que poderiam ser atraídos para o terreno da luta, para auxiliá-la e em seguida tornar-se conscientes da ausência de organização, são deixados na obscuridade e na inércia...

Mas entendamo-nos bem sobre esta bendita consciência!

"Se nos dizem: ou vossa organização reúne conscientes, sendo então inútil (existe um erro, mas deixemos de lado) ou ela reúne inconscientes e então é perigosa porque desvia-se e torna-se centralizada e autoritária etc."

Lembremo-nos primeiramente que se aqueles que se dizem anti-organizadores, na prática são obrigados a organizar-se, se não querem isolar-se da vida e da luta; a objeção vale também para aqueles que usam a organização. Mas o dilema acima é uma falsa objeção. Não existem conscientes ou inconscientes de maneira absoluta; a consciência é uma coisa relativa e multiforme. Existem os mais conscientes e os menos conscientes; e entre o absoluto (inexistente, aliás) da consciência/virtude e da inconsciência/vício, existe uma escala de gradações tão longa quanto a escada de Jacó. Alguém pode ser desta forma um revolucionário consciente e um anarquista pouco coerente ao mesmo tempo; ao passo que um anarquista coerente até o escrúpulo carola pode tornar-se diretamente a própria negação de um revolucionário. Não obstante, tanto um quanto o outro são úteis para a anarquia.

De resto, se alguns destes ditos inconscientes aceitam permanecer em uma organização anarquista e nos auxiliam na luta, isto será sempre melhor e sempre nos trará mais ganho do que a hipótese contrária; de qualquer forma, estes serão mais conscientes do que aqueles que permanecem no obscurantismo e jazem na inação, o que, pior ainda, militam contra nós como força bruta nas mãos do padre ou do delegado de polícia. Se a organização servisse apenas para criar número (e ela, ao contrário, serve para fazer muitas outra coisas) - mesmo sem ter em conta a cultura que difunde, o conhecimento de idéias que o contato contínuo com os organizados permite aumentar - mesmo que se tratassem só de números, dizíamos, ela ainda seria útil como fator de consciência individual e coletiva.

Mas, a propaganda determinada pelos anarquistas organizadores é também uma forma de manifestação para preparar a sociedade futura: trata-se de uma colaboração com a finalidade de constituir um jeito de

influenciar o meio ambiente e de modificar as suas condições. Outros também trabalham de acordo com a mesma obra. Nós queremos trabalhar da maneira que acreditamos seja a mais eficaz, escolhemos assim certas formas de luta que estão mais conforme à nossa maneira de ver e até mesmo ao nosso temperamento, se assim se quiser. De qualquer forma este seria apenas um modo, como outro qualquer, da divisão de trabalho.

Justamente, por contribuir mais poderosamente para a formação de um meio livre, por influenciar o proletariado e por lançá-lo na luta contra o capital da maneira mais proveitosa e orgânica, nós, que temos uma concepção especial da luta e do movimento, pretendemos doravante colocarmo-nos em acordo sobre o modo que, sem desperdiçar nossas forças, possamos dar uma tal contribuição e exercer tal influência.

Se isso atrair o proletariado para as nossas fileiras, para nosso partido, melhor; isto significa que soubemos fazer bem a propaganda e que soubemos nos aproximar da revolução e do triunfo da anarquia.

A organização anarquista deve ser a continuação de nossos esforços e da nossa propaganda; ela deve ser a conselheira libertária que nos guia em nossa ação de combate cotidiano. Podemos nos basear em seu programa para difundir a nossa ação em outros campos, em todas as organizações especiais de luta particulares nas quais possamos penetrar e levar nossa atividade e ação: por exemplo nos sindicatos, nas sociedades anti-militaristas, nos agrupamentos anti-religiosos e anti-clericais etc. Nossa organização especial pode servir igualmente como um terreno para a concentração anarquista (não de centralização!), como um campo de acordo, de entendimento e de solidariedade a mais completa possível entre nós. Quanto mais estivermos unidos menor será o perigo de que sejamos arrastados nas incoerências ou, que desviemos nosso ímpeto de luta para batalhas e escaramuças aonde, outros que não estão de forma alguma de acordo conosco, poderiam cortar-nos as mãos.

E se nossa organização chegar a ser assim, não somente de nome mas também de fato, se ela conseguir estabelecer vínculos sólidos e seguros de amizade e de camaradagem entre todos os anarquistas e se obtiver o seu acordo ativo sobre os principais postulados de nosso programa, então tal organização será um órgão poderoso e útil para a ação, depois de ter sido um instrumento de preparação. Uma organização adaptada a tal finalidade não se improvisa. Não podemos esperar vê-la surgir dos eventos ao invés de prevê-los, agindo assim corremos dois riscos: ou nos vemos na obrigação de subitamente nos colocarmos de acordo sobre bases pouco



seguras e pouco libertárias, ou nos deixaremos surpreender (o que infelizmente é o caso mais provável) como tolos pelos próprios eventos.

* * *

Uma das objeções mais freqüentes ao conceito de organização não apenas local mas também regional e nacional, realizada através do método federalista é a de que ela pode nos fazer cair na incoerência com o conceito anti-autoritário da anarquia.

Para mais uma vez falar desta coerência bendita, é necessário que tornemos preciso o seu conteúdo! Muitos são aqueles que possuem a "coerência", que se torna tão elástica ao ponto de ampliar-se ou restringir-se segundo aquele que a adapta.

Podemos aplicar muitas vezes aos anarquistas das diferentes frações, parafraseando-a, a conhecida divisa que Ferrero atribui aos selvagens: "aquilo que faço, eu e meus amigos, é coerente; aquilo que fazem os que pensam diferentemente de mim é incoerente. E dessa maneira podemos nos excomungar mutuamente até o infinito, pois cada um saberá encontrar uma maneira de demonstrar que seu adversário é incoerente com as idéias e que portanto não é um bom anarquista". Isso é tanto mais verdade quanto os princípios de anarquia que são tomados por base variam de interpretação de indivíduo para indivíduo e de um grupo para outro.

O que significa esta coerência que se arvora a todo momento, especialmente por aqueles que nada fazem, contra aqueles que gostam de mexer-se e de agir?

Isto significa nada fazer na prática, que esteja em contradição com a teoria. Uma proibição que, como se vê, os individualistas são os primeiros a não reconhecer, eles que se dizem escrupulosamente, ou melhor, literalmente partidários do "faz o que queres" de Rabelais, mal digerido.

Para que exista coerência entre teoria e prática, é preciso antes de mais nada que seja definido o programa teórico, nos limites do qual a prática se apoie para não contradizê-lo. E o nosso programa já o foi muitas vezes A anarquia significa ausência de governo, ausência de qualquer organização autoritária e violenta através da qual, com violência ou ameaça de violência, obrigue-se o homem a fazer aquilo que não quer e a não fazer aquilo que quer. Ausência portanto não apenas de organismo governamental, cujas leis proíbem e/ou impõem fazer aquilo que os legisladores estabeleceram, mas também ausência do patrão que impõe a

sua vontade dando ao seu bel prazer mais ou menos pão aos estômagos dos proletários; ausência também do padre que impele a todos a inclinar-se diante dele, impelindo especialmente o povo a obedecer o governo e o patrão, com a violência moral da religião (ameaça de uma violência terrível: o inferno após a morte).

Ora, para ser incoerente com os princípios da anarquia em uma organização de anarquistas, seria preciso que esta organização se opusesse a um tal programa, criando em seu seio uma autoridade que tivesse a autorização e a possibilidade de impor ao seus associados, com a violência de sua vontade ou com a vontade da maioria. Qualquer um vê que em nossas organizações tal coisa é praticamente impossível, para não dizer absolutamente impossível. Como querer que uma coletividade de anarquistas autorize uma ou várias pessoas a impor a sua vontade? Na hipótese absurda de que eles assim o quisessem (e então ela não seria mais uma associação de anarquistas, pelo próprio fato de que estes últimos quiseram tal coisa), onde conseguiriam um meio de constituir tal autoridade que pudesse constranger com violência seus subordinados a fazer aquilo que não querem?

O movimento revolucionário anarquista é uma luta contra a manifestação violenta e coercitiva da autoridade. E os partidos nos quais tal coerção não se exerça - e para que não se falsifiquem minhas palavras, entendo por violência, a violência material direta ou a ameaça de tal, contra quem o constrangimento se exerce - tais partidos não são autoritários na prática. Para sê-lo, mesmo não possuindo organismos violentos, é preciso que optem pela violência deliberadamente, por programa e por princípio.

Por exemplo, o partido republicano, o partido socialista e numerosas organizações operárias são autoritárias não porque verdadeiramente exerçam uma autoridade violenta, não porque estejam organizados, mas simplesmente porque sua finalidade é autoritária, suas idéias e seus programas admitem ou até mesmo exigem como necessária a autoridade, seus métodos de luta política apoiam-se, através do legalismo e do parlamentarismo, na autoridade, na ação dos governos e da sociedade burguesa.

Para os anarquistas tal coisa é impossível, do momento em que uma insuperável barreira os separa duplamente dos meios governamentais e burgueses: a idéia anti-autoritária e a prática intransigente, extra legal, anti-parlamentar e revolucionária.



Ocorre com as organizações aquilo que acontece com muitas coisas. Já vimos degenerar os partidos políticos existentes até hoje e alguns atribuem a razão disto ao fato de eles serem organizados. Mais aí inverte-se a causa e o efeito. A organização republicana, socialista e operária degenerou-se, em um sentido autoritário e legalista pela simples razão de conter em si o gérmen de tantos males. A própria idéia de que sem autoridade nada pode subsistir, este gérmen, foi cultivada intensamente com a prática legalista da participação nas funções autoritárias dos organismos estatais e burgueses.

A organização anarquista possui um forte antídoto contra este gérmen do autoritarismo: a tática anti-parlamentar e anti-legislativa, intransigente para com todos os organismos governamentais. É por isso que sou anti-parlamentarista intransigente, é por isso que tantos anarquistas não cedem uma linha sequer - sem pretexto algum de oportunismo ou utilidade momentânea - eles poderão enfraquecer um pouco, por outras razões, seu espírito revolucionário, mas permanecerão sempre anarquistas na alma e na palavra; e então o espírito revolucionário ressurgirá pelo próprio impulso da idéia. Se a sua organização tem como fundamento um programa que precise a ação, não é possível que a idéia se torne autoritária, porque ela não tem necessidade, nem possibilidade, nem mesmo a oportunidade de tal transformação, sem ter que renegar completamente a idéia, de toda a prática, toda a história e mesmo o próprio termo anarquia.

Para assim fazê-lo, seria preciso deliberadamente e aprioristicamente mudar totalmente o caminho, dar as costas à teoria e o movimento e dizer: não somos mais anarquistas.

A organização não é um órgão consciente em si, que guie os seus membros; são estes membros que a fazem segundo seus próprios critérios teóricos e práticos. A organização não pode transformar anarquistas em não-anarquistas, mas sim os anarquistas que mudando-se a si mesmos podem transformar uma organização anarquista em autoritária. Pois bem, enquanto os anarquistas estando organizados, permaneçam anarquistas, conservando o ideal e continuando a fazer a sua propaganda, e a perseguir a tática sustentada até agora, o medo de desvios e incoerência gerado apenas pelo fato da organização, permanece irrealista e até mesmo pueril.

Já disse que é preciso conceber a coerência com as idéias de maneira relativa, que é preciso conceber todas as coisas e idéias de maneira relativa, porque não quero excluir, mesmo que isso me pareça impossível, a possibilidade do erro.

Falando da abolição da autoridade e da liberdade, existem alguns anarquistas que entendem por isso também a eliminação da autoridade não coercitiva, da disciplina moral que surge da necessidade de união de várias pessoas, no terreno de um pacto recíproco de convivência e ajuda mútua.

Eles não pensam que a liberdade absoluta do homem não existe, não consideram que ela seja uma coisa totalmente relativa determinada por causas exteriores e submetidas a estas.

A liberdade é em suma a possibilidade de poder satisfazer todas as nossas necessidades físicas e psíquicas e de não suportar predominância alguma por parte dos outros. Tal liberdade é impossível sem organização.

E prestem atenção, não estou me referindo apenas aos tempos felizes quando viveremos em anarquia! Quero dizer que, organizando-nos, podemos mesmo hoje gozar de maior liberdade do que a que teríamos se estivéssemos isolados. Unidos podemos melhor resistir à dominação do patrão e do governo, unidos podemos melhor satisfazer nossa necessidade de ação propagandística e revolucionária, temos assim diante de nós um campo mais vasto de lutas e maiores meios à nossa disposição; e isso não impede a cada um de nós de explicar a mesma coisa e de exercer melhor as formas de atividade essencialmente individuais.

Quando afirmamos querer nos organizar, fixamos também o porquê da nossa organização; esta deve servir para agir lá aonde, isolados ou em pequeno número, a coisa fosse impossível ou difícil. Naturalmente, quando a força de um só basta, este, mesmo estando organizado, atua por si sem recorrer aos outros, porque suas forças lhe bastam. Da mesma forma o grupo não recorre aos outros grupos federados para coisas que pode realizar sozinho.

Toda organização libertária aparece na medida em que há necessidade da união em grupo para realizar uma dada meta; assim como, para realizar outras, é necessário federar grupos, e assim por diante.

Muitos nos objetam que toda coletividade é suscetível de dividir-se em maioria e minoria, e que, em muitos casos a organização fará com que a minoria deva submeter-se a maioria. Nós, ao contrário, não admitimos dominações deste tipo, e por isso não damos nem à maioria nem à minoria o direito e os meios de poder se impor.

Certamente, uma divisão de pontos de vista e de opiniões podem surgir. Se a discórdia brota das idéias e da tática fundamental, é preciso que as duas partes se separem, pois elas constituem, a partir de então,



dois partidos distintos. Foi desta forma que nós, anarquistas, quando a diferença apareceu como irremediável e muito grande, separamo-nos dos socialistas autoritários no seio da Internacional.

Ao contrário, se existem divisões sobre questões de importância menor, que não dizem respeito ao movimento e às idéias gerais, cada um pensa e atua, fora da organização, à sua maneira, sem erguer obstáculos ao trabalho comum da organização.

Mas, se for no próprio seio da organização que o desacordo surgir, que a divisão entre maioria e minoria aparecer por questões secundárias, sobre modalidades práticas ou sobre casos especiais, então não se pode acusar de incoerência nenhuma parte nem outra; então poderá ocorrer com maior ou menor facilidade que a minoria se incline a fazer conforme a maioria. Mas, como esta condescendência somente pode ser voluntária, todo o caráter de autoridade e coerção está ausente. Se o partido quer fazer um congresso e todos são unânimes na vontade de se reunir com anarquistas do mundo inteiro, se existe apenas uma diferença sobre o local da reunião, uns propondo Roma e outros Paris, por exemplo, é preciso que uns ou outros cedam. E naturalmente cederão, se neles for forte a necessidade e o desejo de reunir-se; como é natural que sejam os menos numerosos que cedam pois mesmo estes serão da opinião de que é preferível, para a economia geral das forças, que seja uma minoria e não uma maioria quem suporte um dado inconveniente.

É conhecido o fato de que os adversários da organização federal, por oposição a nós, declarem-se autonomistas, e denominem autônomos seus grupos; é bom lembrar, de uma vez por todas, que todos somos autonomistas, quer dizer partidários da autonomia individual nos grupos, da autonomia dos grupos na federação e no partido. Isto para evitar, mesmo sob forma lingüistica, as derradeiras aparências de formalismo que nos são reprovadas.

Este termo formalismo é erroneamente empregado a nosso respeito: ou ele quer dizer dar forma às idéias e a luta, e isto então é tão natural que todos são obrigados a utilizá-lo, ou então significa a adoração das formas com a negligência da substância, e então nós, anarquistas, não merecemos tal pecha, que não se justifica por nenhum fato positivo.

São justamente estas vagas acusação de "formalismo", "autoritarismo", "artificialismo", que formam o patrimônio polêmico dos adversários da organização. Estas palavras abstratas possuem um significado tão amplo e uma interpretação tão vasta, que podem ser

lançadas contra qualquer adversário contra o qual não se tenha outros argumentos válidos. Certamente elas causam efeito, e sempre é embaraçoso defender-se delas; elas são muito úteis àquele que possui a habilidade de delas servir-se primeiro. Mais são palavras ocas de sentido, a partir do momento em que ninguém torna preciso qual formalismo ou qual autoritarismo é verdadeiramente nocivo e conflitante com as doutrinas anarquistas e possíveis em uma organização anarquista. Não se trata, portanto, do vago espantalho do formalismo, mas sim de certas formas autoritárias e determinadas de organização, que bem conhecemos, que é necessário combater dentro de nós, assim como as que criticamos em outros partidos. Tais formas são tão visíveis, que não devemos temer que seduzam o mais inconsciente dos anarquistas, muito menos ainda uma coletividade anarquista inteira.

Outra grave acusação que se faz à organização federal dos anarquistas é de ser "artificial". Mas todas as coisas que se fazem, que são feitas pelo homem, salvo os movimentos totalmente involuntários, são artificiais; isto porque as coisas naturais não bastam, e são muitas vezes perigosas. O raio é natural, mas contra ele preferimos adotar o artificial pára-raios, e muito embora sejam o câncer e a tuberculose igualmente naturais, milhares de médicos esgotam-se a buscar um meio artificial para curá-los, e fazem muito bem. A propaganda é também uma coisa artificial; que quanto mais for feita com arte, mais proveitosa será. Por que não poderia existir uma organização, com fins de propaganda, a partir do momento que esta se tornasse importante?

Todo o medo dos anti-organizadores vem da forma, do artifício, do método; eles observam que uma forma de organização, um nome, um método foram adotados por nossos inimigos e daí concluem pela condenação em bloco destes. Não conseguem realizar o raciocínio muito simples de que muitas destas formas, destes termos e destes métodos são inofensivos em si, e que não tem outro valor senão o do seu conteúdo. Se lhes for dado um conteúdo anarquista, estarão com perfeita coerência com a anarquia. Existem também, naturalmente, formas que são unas com a substância, e estas podem ser ou não anarquistas; mas este não é o caso da organização, ela sozinha não basta para fazer surgir uma autoridade, ao contrário, composta por anarquistas, ela se torna um obstáculo à autoridade.

Encontra-se outro motivo de incoerência na pretensa facilidade com a qual, nas organizações, os indivíduos mais inteligentes, mais



simpáticos, mais ativos ou mesmo mais falsos possam se tornar verdadeiras autoridades sobre a massa, apresentando o perigo de fazê-la desviar-se. Demonstrei acima que este perigo é maior entre os não-organizados, e que, ao contrário, a organização serve para combater e não para facilitar tal perigo.

De qualquer maneira, o perigo permanece, mesmo que reduzido e mesmo que o elemento determinante não seja a organização. Mas haveria uma verdadeira incoerência disto com a idéia anarquista? Não o creio, porque se assim o fosse, a anarquia seria impossível. Os homens nunca serão psíquica e fisicamente iguais e mesmo que as disparidades enormes tendam a desaparecer, sempre haverá homens de talento e homens medíocres, ativos e inativos, simpáticos e antipáticos e uns terão sempre sobre os outros uma indiscutível superioridade moral e talvez isto fique muito mais claro quando não houver mais tiranias materiais.

A anarquia, como aspiração positiva de batalha, é a destruição das tiranias materiais, ela nada mais tem a opor às autoridades morais se não a ciência. A própria ciência representa uma fonte de autoridades morais. Quem não reconheceria em anarquia a autoridade do médico em questões de higiene ou do arquiteto em construção? Da mesma forma existiria a autoridade moral do gênio, do homem simpático, do ativo etc.; a anarquia não deixaria de existir por isso, a partir do momento em que nem o médico, nem o arquiteto, nem o homem genial ou ativo e nem o falso puderem fazer valer a sua autoridade sem que os outros queiram a ela se submeter. A organização social anarquista não colocará à disposição nenhum meio de constranger a vontade do outro. Tal fenômeno trará com certeza inconvenientes mas jamais pensamos que na anarquia inconvenientes como esse desaparecessem e que nós, de alguma forma, nela retornássemos ao paraíso terrestre.

Nem mesmo ousamos afirmar que, nas organizações anarquistas que existem no seio da sociedade atual, não possam ocorrer muitos inconvenientes. Ao contrário, eles não são fruto da organização, pois existiriam mesmo sem ela, talvez até mais intensos; não representam em si mesmos uma incoerência com a idéia anarquista.

"Mas e os cargos? - poderá alguém objetar - não se assiste nas organizações anarquistas à nomeação de comitês executivos, comissões de correspondências, secretariados etc? Não seriam estas já verdadeiras autoridades e governos em miniatura?" Respondo que não, antes de mais nada porque estes indivíduos não dispõem de nenhum meio para impor

sua vontade aos associados, sendo dado que eles devem fazer aquilo que foram autorizados a fazer. Não são autoridades porque, se o fossem, a própria existência da sociedade civil e humana não seria possível.

Em toda a convivência existe divisão de trabalho entre os associados; alguns deles devem se encarregar de funções sociais necessárias e úteis a todos. Tais funções possuem hoje em dia um caráter autoritário porque são exercidas em grande parte por organismos autoritários, mas não são em si a autoridade.

Muitos recaem no equívoco seguinte: eles vêem uma função indiscutivelmente útil exercida de maneira dominadora e má pelo governo ou pelo capitalista; concluem que a origem desta coisa má e desta dominação é a função e exigem a sua supressão. Creio que nenhum anarquista sustentará que em anarquia se deva abolir o serviço postal ou o ferroviário somente pelo fato de que hoje os correios e estradas de ferro são geridos de maneira infame pelo estado capitalista. O que vale para a sociedade futura vale para as organizações anarquistas, que delegam a alguns de seus membros responsabilidade para cumprir uma função determinada e não para exercer um poder. Delegação de função e não delegação de poder. Não se pode fazer mais do que a delegação de função no momento em que em certo círculo não podem todos os camaradas ser ao mesmo tempo o tesoureiro ou o secretário, da mesma forma de que não podem todos por-se a realizar uma função para qual basta o trabalho de um só.

A necessidade de tais mandatos amplia-se e torna-se mais forte quando a organização é maior e o seu campo de atividade mais amplo. Mas basta, para suprimir todo o perigo de autoritarismo delimitar e definir muito bem as funções que devem ser cumpridas; que os delegados não possam agir em nome da associação a não ser quando seus membros lhes tenham explicitamente autorizado; eles devem executar somente aquilo que os associados decidiram e não ditar aos associados o rumo a seguir. Agindo assim, mesmo a mais longínqua suspeita de incoerência fica afastada.

Se algum gérmen de autoridade pode se personificar nestes representantes da associação este seria uma autoridade moral, sem perigo de que possa se transformar em autoridade coercitiva de fato. E um tal tipo de autoridade assim surgida nunca seria tão forte como aquela que um companheiro ativo e inteligente pode desenvolver em um meio desorganizado. Hoje, até mesmo nas associações burguesas, um



tesoureiro, um secretário ou um comitê executivo, mesmo que tenham prerrogativas formais, na prática não concentram tanto poder. Por que isto seria possível em uma associação anarquista? Não se trata simplesmente de um inútil sofisma doutrinário?

É uma besteira dizer que os anarquistas querem se organizar para macaquear os partidos autoritários, porque crêem que estes devem os seus progressos ao fato de estarem organizados.

A verdade é que os partidos autoritários fizeram progressos não somente na maneira de estarem organizados, mas também na própria organização; uma não exclui a outra e a união resultante tem uma força apreciável.

A organização não possui, é verdade, uma vida mágica, mas ela pode acrescentar força e capacidade de ação aos aderentes desde que eles sejam "homens e não carneiros". Uma organização feita por anarquistas com uma meta anarquista, seja qual for o termo pelo qual ela se define, velho ou novo, não pressupõe em si nenhum espírito autoritário inerente. Ela deverá o seu caminho apenas parcialmente à organização, pois segue uma idéia libertária; do mesmo modo que os partidos autoritários depois de terem tanto caminhado através da organização, começam agora a recuar não por causa da organização, mas simplesmente porque a sua meta residia nos meios e fins deliberadamente autoritários e anti-revolucionários.

Assim, por exemplo, a insurreição será útil para a revolução, mas podem existir igualmente insurreições reacionárias. Houve insurreições sanfedistas ou favoráveis aos Bourbons, mas seria este o motivo para os patriotas italianos negarem a utilidade da insurreição para a libertação do jugo estrangeiro? A organização em suas formas serve aos autoritários, mas nelas não existe nada de contraditório que nos proíba de delas nos servirmos também.

Todas as dificuldades residem no fundo nas denominações; a uns não agrada o termo "partido", a outros o de "organização". Desta forma alguns criticaram o fato dos anarquistas terem constituído uma federação do Lacio e quererem construir uma italiana bem como existam federações e partidos alemães, holandeses, boêmios, etc. Como se quiséssemos desta forma reconstruir o princípio das nacionalidades! Aí reside verdadeiramente o formalismo, e do pior!...

De maneira alguma, o conceito de organização federal de indivíduos em grupos e de grupos em federações regionais, nacionais e internacionais, é contraditório com os princípios de liberdade do anarquismo.

Esta coerência com o método libertário, no seio da sociedade burguesa, não está reservada às organizações anarquistas. Existem e podem existir associações compostas também por não anarquistas que em seu funcionamento interno sejam libertárias, isso em nada atrapalha, mas ao contrário, facilita as suas metas particulares. Elisée Reclus encontrou exemplos de agrupamentos libertários em povos primitivos que não são regidos pela anarquia; Pedro Kropotkin nos fala de associações libertárias entre animais, entre selvagens, entre os artesãos e nas comunas da idade média. Para demonstrar a existência, na sociedade moderna, de uma forte tendência para o comunismo e a anarquia, Kropotkin e Eliseé Reclus nos trazem numerosos exemplos de associações comerciais, industriais, de beneficência, científicas e artísticas que, muito embora não tendo uma finalidade anarquista, são em sua organização interna bastante libertárias. Se uma tal possibilidade não se exclui para indivíduos não anarquistas, associados para metas absolutamente burguesas, por quê deveríamos excluí-la para nós? Por quê deveríamos negar a possibilidade de associar-nos em bases libertárias nós, que somos anarquistas e que nos propomos uma meta essencialmente anti-burguesa e anti autoritária?

Autonomia e organização estão longe de serem termos contraditórios: ao contrário, exprimem com precisão o conceito que os anarquistas tem do indivíduo e da sociedade. "Autonomia e federação são as duas grandes fórmulas do futuro" - diz nosso amigo Charles Malato - a partir de hoje, é nesta direção que se orientarão os movimentos sociais". Esta é também nossa idéia, pois pensamos que a organização encontra na forma federativa a melhor forma de se desenvolver em um sentido verdadeiramente anarquista.

Roma, 15 de Junho de 1907

# O Conceito Anarquista de Revolução

*Luigi Fabbri*

Uma revolução que, ao menos na Europa latina e especialmente na Itália, não levasse em conta os anarquistas e acreditasse possível desenvolver-se independentemente deles ou contra eles, se defrontaria com os mais graves perigos: o primeiro entre todos seria a guerra civil no seio da própria revolução, o perigo de suscitar uma revolução dentro da própria revolução, antes mesmo que toda possibilidade contra-revolucionária houvesse desaparecido.

Deve-se pensar que na Itália os anarquistas dispõem hoje de uma força numérica nada desprezível[1], que tem uma influência e uma força de irradiação por todos reconhecida e que, num período revolucionário, não poderia senão multiplicar-se.

Trata-se de uma força revolucionária, e não de listas e cédulas eleitorais, com a qual tem que contar todo aquele que deseja seriamente fazer uma revolução, não como um peso-morto que vai ser explorado materialmente no devido tempo, mas como uma força consciente, que tem uma orientação e uma vontade de ação determinadas, com quem as desavenças poderiam ser prejudiciais, não só para os partidos em desacordo, mas também, e sobretudo, para a causa da revolução.

Não se trata, da parte dos anarquistas, de uma questão de honra, de uma presunção ou de um tolo desejo de ser levado em consideração. Os anarquistas têm escasso espírito de partido; não se propõem nenhum fim imediato que não seja a extensão de sua propaganda. Não são um partido de governo, nem um partido de interesses – a menos que por interesse se entenda o do pão e da liberdade para todos os homens -, mas

apenas um partido de idéias. É esta sua debilidade, pela qual lhe está vedado todo o êxito material; e os outros, mais astutos, ou mais fortes, exploram e utilizam os resultados parciais de sua obra.

Porém, esta é também a força dos anarquistas, pois somente encarando as derrotas, eles – os eternos vencidos – preparam a vitória final, a verdadeira vitória. Não possuindo interesses próprios, pessoais ou de grupo, para fazer valer, e rechaçando toda pretensão de domínio sobre as multidões, em cujo meio vivem, e com as quais compartilham as angústias e esperanças, não dão ordens que elas devam obedecer, não lhes pedem nada, mas dizem-lhes: "Vossa sorte será tal qual a forjeis, a salvação está em vocês mesmos, conquiste-a com vosso melhoramento espiritual, com vosso sacrifício e vosso risco. Se quereis, vencereis. Nós não queremos ser, na luta, mais que uma parte de vós."

Se, por conseguinte, os anarquistas fazem freqüentes chamamentos para uma aliança entre todos aqueles que trabalham pela revolução, preocupam-se pelas possíveis discórdias no seio da revolução, o que os motiva é unicamente o desejo de que não se acabe por prejudicar a própria revolução ou por fazê-la mais difícil, com uma intransigência que é mais intolerância, não com as classes e partidos burgueses – diante dos quais não se poderá nunca ser bastante intransigente – mas também em relação as forças e frações proletárias, sinceramente revolucionárias, anti-capitalistas, internacionalistas e inimigas sem concessões das instituições atuais, como são indubitavelmente os anarquistas.

* * *

A intolerância de muitos socialistas, revolucionários também, frente ao anarquismo depende em grande parte de sua absoluta ignorância das idéias, dos fins e dos métodos dos anarquistas.

É assombroso comprovar como pessoas inteligentes do campo socialista, de uma vasta cultura política e econômica, quando se trata de anarquismo não sabem dizer outra coisa que lugares comuns sem sentido, difundidos pela o que há de pior na imprensa burguesa: as afirmações mais absurdas e difamatórias, as interpretações mais tolas. Toda a ciência socialista sobre o anarquismo parece condensada naquele velho libelo no qual Plekhanov, em 1903, despeja sua bílis anti-anarquista, sem respeito algum pela verdade e sem nenhuma honestidade intelectual[2]; ou o bem conhecido livro de Lombroso* sobre os anarquistas, que toma por



documentos verdadeiros informes da polícia e de diretores de presídios, e cataloga, entre os anarquistas, sabe-se lá porque, gente que, em noventa por cento dos casos jamais sonhou em se considerar anarquista.

Nos periódicos, nos livros, nas revistas, têm aparecido inúmeras refutações socialistas do anarquismo; mas salvo louváveis exceções, quase sempre se refutam idéias que não têm absolutamente nada de anarquistas, atribuídas aos anarquistas por ignorância ou por artifício polêmico. Especialmente sobre o conceito de revolução, foram colocadas em circulação pretensas teorias anarquistas tão extravagantes que nos fazem duvidar da boa fé daqueles que as enunciam. Quanta tinta desperdiçada para demonstrar aos "iludidos anarquistas" que a revolução não se faz com pedras, com velhos fuzis ou com alguns revólveres, que as barricadas já não correspondem às necessidades da luta atual! Que os movimentos isolados e improvisados não bastam! Que os atentados individuais, por si só, não fazem a revolução! Que o motim é uma coisa e a revolução é outra! E assim sucessivamente, com descobertas peregrinas de semelhante teor, ignorando, ou fingindo ignorar, que os anarquistas têm da revolução social um conceito mais exato e mais prático ao mesmo tempo, segundo o significado etimológico, tradicional e histórico da palavra.

A revolução, na linguagem política e social – e também na linguagem popular -, é um movimento geral, através do qual um povo ou uma classe, saindo da legalidade e transformando as instituições vigentes, despedaçando o pacto leonino imposto pelos dominadores às classes dominadas, com uma série mais ou menos larga de insurreições, revoltas, motins, atentados e lutas de toda a espécie, abate definitivamente o regime político e social ao qual até então estava submetido e instaura uma nova ordem.

A derrubada do regime se faz em geral num tempo relativamente breve: em poucos dias a revolução de julho de 1830 substituiu na França uma dinastia por outra; em pouco mais de um ano, a revolução italiana de 1848; em seis ou sete anos a revolução francesa de 1789; em uma dezena de anos a revolução inglesa da metade do século XVII. A revolução, é portanto, a demolição de fato de um regime político e social preexistente, é em essência a culminação de uma evolução anterior que se traduz na realidade material rompendo violentamente as formas sociais e o invólucro político que deixou de ser apto para contê-la. Acaba com o retorno a um estado normal, quando a luta cessou, seja porque a vitória permitiu à revolução instaurar um novo regime, seja porque sua derrota, parcial ou

total, restaure, em parte ou totalmente, o antigo, dando lugar a contra-revolução.

A característica principal, pela qual se pode dizer que a revolução começou, é o rompimento da legalidade, a ruptura do equilíbrio e disciplina estatais, a ação impune e vitoriosa das ruas contra a lei. Antes de fatos específicos e resolutos deste gênero não há revolução ainda. Pode haver um estado de ânimo revolucionário, uma preparação revolucionária, uma conjunção de fatores mais ou menos favoráveis a revolução; podem acontecer episódios mais ou menos afortunados de revoltas, tentativas insurrecionais, greves violentas ou não, demonstrações sangrentas, atentados etc. Porém, enquanto a força se encontrar ao lado da velha lei e do velho poder, não entramos todavia num período revolucionário.

A luta contra o Estado, defensor armado do regime, é pois, a condição sine qua non da revolução. Esta tende a limitar o máximo possível o poder do Estado e a desenvolver o espírito de liberdade; a impulsionar até o máximo limite o povo, os súditos da véspera, os explorados e oprimidos, em direção ao uso de todas as liberdades individuais e coletivas.

No exercício da liberdade, não limitada por leis e governos, é que reside a salvação de toda revolução, a garantia de que ela não seja limitada nem detida em seus progressos; sua melhor salvaguarda contra as tentativas internas e externas de despedaçá-la.

* * *

Alguns dizem: "Compreendemos que vocês, sendo anarquistas, contrários a toda idéia de governo, sejam adversários da ditadura, que é a sua expressão mais autoritária; mas não se trata de propô-la como um fim e sim como um meio, antipático talvez, mas necessário, como a violência é também um meio necessário, mas antipático durante o período provisório revolucionário, indispensável para vencer as resistências e os contra-ataques burgueses."

Uma coisa é a violência e outra a autoridade governamental, seja esta uma ditadura ou não. Ainda que, é verdade, todas as autoridades governamentais se baseiem na violência, seria inexato e errôneo dizer que toda "violência" é um ato de autoridade, deduzindo disso que, se é necessária a primeira, se faz necessária a segunda.

A violência é um meio que assume o caráter da finalidade para qual é adotada, da forma em que é empregada e das pessoas de que dela



se servem. É um ato de autoridade quando se adota para impor aos demais uma conduta ao gosto de quem manda, quando é emanação governamental ou patronal e serve para manter a escravidão dos povos e classes, para impedir a liberdade individual dos súditos, para fazer obedecer pela força. É, ao contrário, violência libertária, quero dizer, ato de liberdade e de libertação, quando é empregada contra quem manda por quem já não quer obedecer; quando está dirigida a impedir, diminuir ou destruir uma escravidão qualquer, individual ou coletiva, econômica ou política, e é adotada pelos oprimidos diretamente, indivíduos, povos ou classes, contra o governo e as classes dominantes. Tal violência é a revolução em ação. Mas cessa de ser libertária, e por conseguinte, revolucionária, quando logo depois de vencido o velho poder, que ela mesma combateu, converte-se em poder e se cristaliza em uma forma qualquer de governo.

Este é o momento mais perigoso de toda revolução: quando a violência libertária e revolucionária vencedora se transforma em violência autoritária e contra-revolucionária, moderadora e limitadora da vitória popular insurrecional; é o momento em que a revolução pode devorar-se a si mesma, quando adquire tendências jacobinas, estatais, que até agora, através do socialismo marxista, se manifestaram favoráveis ao estabelecimento de um governo ditatorial. Um dever específico dos anarquistas, derivado de suas próprias concepções teóricas e práticas, é o de reagir contra tais tendências autoritárias e liberticidas com a propaganda hoje e com a ação amanhã.

Aqueles que fazem uma distinção entre o anarquismo teórico e o anarquismo prático, para sustentar que o anarquismo prático não deveria ser anarquista, mas sim ditatorial, não compreenderam bem a essência do anarquismo, na qual não é possível dividir a teoria da prática, já que para os anarquistas a teoria surge da prática, e esta por sua vez é um guia de conduta, uma verdadeira pedagogia da ação.

* * *

Muitos acreditam que o anarquismo consiste somente na afirmação revolucionária e ideal de uma sociedade sem governo para instaurar no futuro, sem relação com a realidade atual. Assim sendo, hoje poderíamos e deveríamos trabalhar em contradição com os fins a que nos propomos, sem escrúpulos ou limites. Assim, enquanto se espera o futuro, nos aconselham a votar provisoriamente nas eleições, assim como hoje nos

propõe que aceitemos provisoriamente a ditadura chamada de proletária ou revolucionária.

Mas nada disso. Se fôssemos anarquistas somente nos fins e não nos meios, nosso partido seria inútil; porque a frase de Bovio de que é anárquico o pensamento e em direção ao anarquismo marcha a história pode ser dita e aprovada (e com efeito, muitos dizem assinar embaixo) também por aqueles que militam em outros partidos progressistas. O que nos distingue na prática, é que não apenas temos um propósito anarquista, como também um movimento anarquista, uma metodologia anarquista, e pensamos que o caminho a percorrer, seja durante o período preparatório de propaganda, seja no revolucionário, é o caminho da liberdade.

A função do anarquismo não é tanto a de prefigurar um futuro de liberdade, mas a de prepará-lo. Se todo o anarquismo se resolvesse numa visão longínqua de uma sociedade sem Estado, ou na afirmação de direitos individuais, ou numa questão puramente espiritual, ainda a liberdade vivida e conferente somente às consciências particulares, não haveria nenhuma necessidade de um movimento político e social anarquista. Se o anarquismo fosse uma simples ética individual, para que cada um a cultivasse dentro de si mesmo, adaptando-se ao mesmo tempo na vida material a atos e movimentos contraditórios com ela, poderíamos nos chamar anarquistas e pertencer ao mesmo tempo a diversos partidos; e poderiam ser chamados de anarquistas muitos, que apesar de serem no terreno espiritual e intelectual emancipados, são e permanecem no terreno prático nossos inimigos.

Porém, o anarquismo é outra coisa. Não é um meio para fechar-se numa torre de marfim, e sim uma manifestação do povo, proletária e revolucionária, uma ativa participação no movimento de emancipação humana com critério e finalidade igualitários e libertários ao mesmo tempo. A parte mais importante de nosso programa não consiste somente no sonho, que todavia desejamos que se realize, de uma sociedade sem patrões e sem governos, mas sobretudo, na concepção libertária da revolução, na revolução contra o Estado e não por meio do Estado, na idéia de que a liberdade não somente é o calor vital que animará o novo mundo, mas também, e sobretudo hoje mesmo, uma arma de combate contra o velho mundo. Neste sentido, o anarquismo é uma verdadeira teoria da revolução.

Tanto a propaganda de hoje, como a revolução de amanhã, têm e terão, por conseguinte, necessidade do máximo possível de liberdade para desenvolver-se. Isto não impede que deva e possa prosseguir o mesmo



estado de coisas, ainda que uma porção menor ou maior de liberdade nos seja tirada; mas nosso interesse é ter e querer a maior liberdade possível. De outro modo, não seríamos anarquistas. Em outras palavras, nós pensamos que quanto mais libertariamente trabalhemos, tanto mais contribuiremos, não só para aproximação rumo ao anarquismo, mas também para consolidar a revolução; ao contrário, nos distanciaremos e debilitaremos a revolução toda vez que recorramos a sistemas autoritários. Defender a liberdade para nós e para todos, combater por uma liberdade cada vez mais ampla e completa, tal é, nossa função de hoje, de amanhã e de sempre, na teoria e na prática.

* * *

Liberdade também para nossos inimigos? Nos perguntam. A pergunta é ingênua e equivoca. Com os inimigos não se reconhece nem a liberdade, nem sequer a de viver. Se eles forem somente inimigos... teóricos, se os encontramos desarmados, na impossibilidade de atentar contra nossa liberdade, despojados de todo o privilégio e portanto em igualdade de condições, então seria admissível. Porém, preocupar-nos com a liberdade de nossos inimigos, quando nos temos somente um pobre diário e uns poucos semanários, enquanto eles possuem centenas de diários de grande tiragem; quando eles estão armados e nos desarmados; enquanto eles estão no poder e nos somos os súditos; enquanto eles são ricos e nós pobres; seria ridículo! Seria reconhecer a um assassino a liberdade de matar-nos! Tal liberdade nos negamos e negaremos sempre, ainda no período revolucionário, enquanto eles conservem suas condições de carrascos e nos não tenhamos conquistado completamente nossa liberdade, não apenas de direito, mas de fato.

No entanto, esta liberdade, não poderemos conquistá-la senão empregando-a também como instrumento, onde a ação dependa de nós; quer dizer, dando, desde hoje, uma direção sempre mais livre e libertária a nosso movimento, ao movimento proletário e popular; desenvolvendo o espírito de liberdade, de autonomia e de livre iniciativa no seio das massas; educando a estas numa intolerância cada vez maior contra todo poder autoritário e político, estimulando o espírito de independência de juízo e de ação contra todos os chefes de toda a espécie; acostumando o povo ao desprezo em relação a todo limite e disciplina impostos pelos outros e desde cima, quer dizer, que não seja um limite da própria consciência e a

disciplina livremente escolhidas e aceitas, apoiadas enquanto sejam consideradas boas e úteis aos fins revolucionários e libertários a que nos propomos.

É claro que uma massa educada nesta escola, um movimento que tenha esta direção (como é o movimento anarquista) encontrarão na revolução a ocasião e o meio para desenvolverem-se em seu sentido próprio até limites hoje sequer inimagináveis, e este será o obstáculo natural e voluntário, ao mesmo tempo, para a formação e respaldo a qualquer governo mais ou menos ditatorial. Entre este movimento rumo a uma crescente liberdade e a tendência centralizadora e ditatorial, não pode existir mais que um conflito, mais ou menos forte e violento, com maiores ou menores tréguas segundo as circunstâncias. Mas nunca poderá haver harmonia!

E isto há de ocorrer não por uma ilusão exclusivamente doutrinária e abstrata, mas porque os negadores do poder – é este, repetimos o ponto mais importante da teoria anarquista, que quer ser a mais prática das teorias – pensam que a revolução sem liberdade nos levaria a uma nova tirania; que o governo, pelo simples fato de sê-lo, tende a deter e limitar a revolução. É de interesse da revolução e de seu progressivo desenvolvimento combater e obstaculizar toda a centralização de poderes, impedir a formação de todo governo, se é possível; ou impedir ao menos que se reforce, se faça estável e se consolide. Vale dizer que, o interesse da revolução é contrário a tendência de ditadura, por proletária ou revolucionária que se diga, a fazer-se forte, estável e sólida.

* * *

Mas não! Replicam outros; se trataria de uma ditadura provisória, enquanto dure o trabalho de destruição da burguesia, com o fim de combatê-la, de vencê-la, de expropriá-la. Quando se diz ditadura, se subentende sempre provisória, ainda no significado burguês e histórico da palavra. Todas as ditaduras, nos tempos passados, foram provisórias nas intenções de seus promotores e, normalmente, também de fato.

As intenções em tal caso valem pouco, já que se trata de formar um organismo complexo que seguiria sua natureza, suas leis e anularia toda intenção anterior contrária ou limitadora. O que devemos ver é: primeiro, se as conseqüências do regime ditatorial são mais daninhas que vantajosas para a revolução; segundo, se os fins destrutivos e



reconstrutivos para os quais se quer a ditadura não podem ser alcançados também, ou melhor ainda, sem ela, pelo amplo caminho da liberdade.

Nós acreditamos que isto é possível, e que a revolução é mais forte, mais difícil de derrotar, quando não tem um centro onde possa ser ferida; quando está em todas as partes, sobre todos os pontos do território e em todas as partes o povo procede livremente e realiza os fins principais da revolução: a destruição da autoridade e a expropriação dos capitalistas.

* * *

Quando censuramos, na concepção ditatorial da revolução, o grave erro de impor a vontade de uma pequena minoria sobre a grande maioria da população, nos respondem que as revoluções são feitas pelas minorias.

Também na literatura anarquista se encontra amiúde repetida esta expressão, que contém efetivamente uma grande verdade histórica. Todavia, é preciso compreendê-la em seu verdadeiro significado revolucionário e não dar-lhe, como os bolcheviques o fizeram, um sentido que nunca teve antes de agora.

Que as revoluções sejam feitas pelas minorias é verdade ... até certo ponto. As minorias, na realidade, destroçam as primeiras portas, abatem os primeiros obstáculos, já que se atrevem a realizar aquilo que amedronta as maiorias inertes ou medrosas, em seu amor à vida sossegada e em seu temor aos riscos. Porém, se uma vez destroçadas as primeiras travas, as massas populares não seguem as minorias audazes, o ato destas será seguido pela reação do velho regime, que busca a revanche, ou então a situação se resolve simplesmente com a substituição de uma dominação por outra. Enfim, é preciso que a minoria rebelde tenha mais ou menos o consentimento da maioria, que interprete suas necessidades e sentimentos latentes e, vencido o primeiro obstáculo, realize as aspirações populares, deixe as massas em liberdade, para organizar-se a seu modo e chegue a ser, em certo sentido, maioria.

Se isto não ocorrer, não diremos por isso que a minoria deixe de ter o mesmo direito que antes à revolta. Segundo o conceito anarquista de liberdade, todos os oprimidos têm direito a rebelar-se contra a opressão, o indivíduo e a coletividade, as minorias e as maiorias. Mas, uma coisa é rebelar-se contra a opressão e outra é converter-se em opressor, como muitas vezes temos dito. Ainda quando as maiorias toleram a opressão

ou sejam cúmplices dos opressores, a minoria que se sinta oprimida tem o direito a rebelar-se, a desejar sua liberdade. Porém o mesmo, ou maior, direito teria a maioria contra qualquer minoria que pretendesse subjugá-la com algum pretexto.

Ademais, nos fatos reais, os opressores constituem sempre uma minoria, seja quando oprimem abertamente em seu próprio nome, seja quando exercem a opressão em nome de hipotéticas coletividades ou maiorias. Por conseguinte, a revolta é a princípio, obra de uma minoria consciente, insurgente em meio de uma maioria oprimida, contra outra minoria tirânica; mas para que tal revolta se transforme em revolução, podendo ter eficácia renovadora e libertadora, é preciso que, com seu exemplo, consiga sacudir a maioria, arrastá-la, colocá-la em movimento, conquistar seu apoio e adesão.

Abandonada ou rechaçada pelas maiorias populares, a revolução, se é derrotada, passará à História como um movimento heróico e malogrado, fecundo precursor dos tempos, etapa sangrenta, mas indispensável, de uma segura vitória no futuro. Por outro lado, se resulta vencedora a minoria rebelde, e se converte em dona do poder, mesmo sem o apoio da maioria, um novo jugo cairá sobre o colo dos súditos, a minoria acabaria matando a mesma revolução por ela suscitada.

Em certo sentido, se poderia dizer que se uma minoria rebelde não logra com seu ímpeto arrastar atrás de si a maioria dos oprimidos, seria mais útil para a revolução que fosse derrotada e sacrificada. Já que, se com a vitória ela se visse transformada em opressora, acabaria extinguindo nas massas toda fé na revolução, fazendo talvez odiosa uma revolução da qual surge nada menos que uma nova tirania, cujo peso e cujo mal seria sentido por todos os revolucionários, qualquer que fosse o pretexto ou nome com o qual se cubrisse.

* * *

Especialmente depois da Revolução Russa, a idéia do poder ditatorial da revolução está sendo difundida como um meio necessário de luta contra os inimigos internos, contra as tentativas dos ex-dominadores, desejosos de reconquistar o poder econômico e político. O governo serviria, pois, para organizar nos primeiros momentos, de maior perigo, o terrorismo anti-burguês na defesa da revolução.[3]

Não negamos absolutamente a necessidade do uso do terror,



especialmente quando correm em auxílio dos inimigos internos, com suas forças armadas, os inimigos externos. O terrorismo revolucionário é uma conseqüência inevitável toda vez que o território onde a revolução não se afirmou suficientemente é invadido por exércitos reacionários. Toda emboscada da contra-revolução no interior é demasiado funesta em tais circunstâncias, e por isso, deve ser exterminada a sangue e fogo.

A lenda de Brutus, que manda ao patíbulo seus filhos, cúmplices, no interior dos Tarquínios expulsos de Roma, e ameaçam a liberdade romana encabeçando um exército estrangeiro, é o símbolo desta trágica necessidade do terror. Assim, na França, em 1792, se sentiu a necessidade de exterminar aos nobres, sacerdotes e reacionários, quando Brunswick se aproximava de maneira ameaçadora de Paris, guiado por emigrados.

O terror se faz inevitável quando a revolução está assediada por todas as partes. Sem a ameaça externa, as ameaças contra-revolucionárias internas não causariam muito medo, basta para deixá-las inativas a visão de sua impotência material. Deixá-las tranqüilas pode ser igualmente um erro, e quiçá um perigo para o futuro, mas não constitui risco imediato.

Por isso, podem alguns deixar-se arrastar por um sentimento de generosidade e piedade para com seus inimigos. Mas, quando estes inimigos têm, para lá das fronteiras, forças armadas prontas para intervir em seu socorro, então se convertem num perigo, que se faz tanto mais forte quanto mais avança desde fora o outro perigo. Sua supressão chega então a ser questão de vida ou morte.

Quanto mais inexorável é a revolução em tais emergências, tanto melhor consegue evitar maiores lutas no futuro. Uma excessiva tolerância de hoje poderia amanhã fazer necessário um rigor duplamente grave[4]. Se depois esta tolerância tivesse por conseqüência a derrota da revolução, tremendos estragos, muito maiores, viriam a castigar a debilidade com o terror branco da contra-revolução!

Não é preciso, por outro lado, valorizar demasiadamente a retórica de alarde que faz a imprensa burguesa para vituperar e caluniar o terrorismo revolucionário. Há cinco anos não fazem mais do que falar dos horrores e matanças, das infamias, das desordens revolucionárias de Petrogrado e de Moscou. Todavia, se alguém tiver a paciência de ir às bibliotecas, revisar os diários de Roma, Turim, Viena, Coblenza, Berlim, Londres e Madri, desde 1789 até 1815 aproximadamente, leria idênticas palavras de horror sobre as matanças, as infâmias e as desordens da revolução francesa, que hoje é chamada por todos de A Grande Revolução.

Os que recordam a época da Comuna de Paris de 1871, lembrarão com que linguagem repugnante se falava das "matanças" dos comunalistas: não havia palavras o bastante para que os degradassem como aos piores assassinos. Não obstante, quantos apologistas da comuna parisiense existem hoje entre os detratores da comuna moscovita!

Os patriotas italianos sinceros devem recordar as infâmias que se escreviam nos periódicos moderados e bonapartistas parisienses – de acordo com os periódicos clericais vienenses - contra a república romana de 1849, e como então se escandalizaram e horrorizaram as almas puras pelas matanças atribuídas aos carbonários e aos mazzinianos. Também sobre a Revolução Russa se saberá um dia a verdadeira realidade, e talvez muitos de seus atuais difamadores se convencerão. Então, provavelmente, os únicos que persistirão na crítica serão... os anarquistas!

* * *

Nenhum direito tem a burguesia de escandalizar-se com o terrorismo da Revolução Russa, quando em suas revoluções fizeram largo uso do terror em seu benefício, empregando-o contra o povo com uma ferocidade que nenhuma revolução alcançou jamais, toda vez que se tentou sacudir o jugo do poder.

Como anarquistas, no entanto, nós expressamos todas as nossas reservas, não contra o uso do terror em linhas gerais, mas contra o terrorismo codificado, legalizado, convertido em instrumento de governo, ainda que se diga um governo revolucionário. O terrorismo autoritário, na realidade, pelo fato ser tal coisa, cessa de ser revolucionário, transforma-se numa ameaça perene para a revolução e causa de sua debilidade. A violência encontra sua justificativa na luta e na necessidade de se libertar de uma opressão violenta; mas a legalização da violência, o governo violento, é por si mesmo uma prepotência, uma nova opressão.

Resulta em debilidade para o terrorismo revolucionário, ser exercido não em forma livre pelo povo e somente contra seus inimigos, mas unicamente pelo governo, com a conseqüência natural de que o governo persiga, ao mesmo tempo, os verdadeiros inimigos da revolução e também os revolucionários sinceros, mais avançados que ele, mais incômodos. Além disso, o terrorismo, como ato de autoridade governamental é mais suscetível de recolher aquelas antipatias e aversões populares que sempre se voltam contra todo governo, de qualquer espécie



que seja, e somente porque é governo. O governo, ainda quando recorra a medidas radicais, como conseqüência da responsabilidade que pesa sobre ele e de todo conjunto de influências que sofre do exterior e do interior, é levado, inevitavelmente, à considerações e a atos mais violentos ou mais suaves por critérios sugeridos muito mais do que pelo interesse do povo e da revolução, pela necessidade de defender seu poder, sua segurança pessoal presente, futura ou o mero bom nome de seus componentes.

Para desembaraçar-se em cada lugar da burguesia, para proceder a realização daquelas medidas sumárias que podem ser necessárias numa revolução, não há necessidade de ordens de cima. Pois, quem está no poder por um sentido natural de responsabilidade, pode ter vacilações e escrúpulos perigosos que as massas não têm. A ação direta popular – que poderíamos chamar de terrorismo libertário – é, portanto, sempre mais radical, sem contar que, localmente, se pode saber onde e como atuar muito melhor que desde o poder central, o qual está obrigado a confiar em tribunais, muito menos justos e ao mesmo tempo mais ferozes que a sumária justiça popular. Estes tribunais, ainda quando realizam atos de verdadeira justiça, não trabalham por sentimento e sim por mandato, se fazem, por conseguinte, antipáticos ao povo por sua frieza e se sentem inclinados a cercar seus atos de crueldade, talvez necessária, da teatralidade inútil e da hipócrita ostentação de uma igualdade legislativa inexistente e impossível.

Em todas as revoluções, tão logo a justiça popular se torna legal, organizada de cima, se transforma em injustiça. Se faz mais cruel e é levada também a ferir aos próprios revolucionários, a respeitar freqüentemente aos inimigos, a converter-se num instrumento do poder central no sentido cada vez mais repressivo e contra-revolucionário. Mas, não somente como instrumento da violência destrutiva se pode prescindir do poder do Estado na revolução, como também a própria violência é mais eficaz e radical quanto menos se concentra numa autoridade determinada.

* * *

Àqueles que, contra nossos argumentos, opõem os fatos da Rússia, responderemos que lá o experimento está, todavia, em curso e que é demasiado prematuro tomá-lo como base que sirva como prova de verdade. Citam aqui e acolá os decretos emanados do governo dos soviets,

mas para compreender se são bons, seria preciso saber como e até que ponto foram aplicados, conhecer seus resultados etc. Para deduzir que lá se fez bem seria necessário que o experimento tivesse acabado, com a vitória ou com a derrota, a fim de saber e compreender se a ditadura ajudou ou atrapalhou, mais num ou noutro sentido. Atualmente podem garantir os partidários da ditadura revolucionária que uma das causas das condições terríveis nas quais a Revolução Russa se debate não sejam justamente sua direção excessivamente autoritária ditatorial? Não, por certo.

Nós, com o maior sentido de objetividade que nos foi possível, dada nossa paixão de homens de partido, examinamos num capítulo precedente as condições criadas na Rússia pela ditadura e sua relação com a questão da liberdade. E, por este lado, as conclusões não são na verdade muito alentadoras. Mas, nosso fim não é o de se erigir em juízes, nem tampouco o de fazer da crítica histórica um fim em si mesmo, mas examinar as idéias e os fatos tendo em conta o que poderia ser a revolução em nossos países. Nós podemos admitir ainda que na Rússia as coisas não puderam ir de outro modo e que nada se pode fazer de forma diferente do que foi feito. Porém, é certo que nos países ocidentais não se poderá fazer o mesmo que na Rússia.

Nossas considerações aspiram, sobretudo, a serem válidas no lugar onde vivemos, como norma e guia de uma eventual revolução mais ou menos próxima. Temos o dever de não imitar cegamente o que se diz ou imaginamos que tenha sucedido na Rússia ou em outra parte, mas preparar de maneira positiva o terreno para nossa revolução, vendo o que convém e o que não convém para seu triunfo, dadas as nossas condições, os meios de que dispomos e os fins a que nos propomos com a revolução aqui, em nosso ambiente, com nossos sentimentos e nossas idéias.

Aqueles que citam aqui e acolá a Lênin, devem recordar com este propósito o honesto conselho que ele deu aos revolucionários da Hungria, quando estourou ali a desgraçada revolução que há pouco acabou, advertindo-os que tivessem cuidado em não copiar o que havia acontecido na Rússia, porque ali haviam cometido erros que eram necessários evitar, e também porque o que podia ser útil, necessário e inevitável na Rússia, podia ser, ao contrário, supérfluo ou nocivo em outras partes. O conselho de Lênin é bom para os revolucionários de todos os países, inclusive os da Itália.



## Notas:

[1] A revelação desta força, no Congresso da *União Anarquista Italiana*, acontecido em Bolonha de 1º a 4 de julho de 1920, foi uma surpresa para os próprios anarquistas. Existem hoje na Itália dezenas de milhares de anarquistas, reunidos em algumas centenas de grupos. Além de seis ou sete periódicos, semanais ou quinzenais, o anarquismo tem na Itália um diário (*Umanitá Nuova*, de Milão) que recolheu em um ano mais de um milhão de liras em assinaturas voluntárias, com um movimento de caixa que supera o milhão e com uma tiragem que flutua ao redor de 50 mil exemplares. Por outro lado, existe ao lado do movimento anarquista, o movimento operário da *União Sindical Italiana* que, ainda sendo completamente autônoma de toda a política de partido, tem um sentido explicitamente libertário, conta com dirigentes que são em sua maioria anarquistas militantes e com mais de 300 mil filiados.
(1922) Quando foi escrita a nota acima, o ciclo incendiário e homicida fascista não havia destruído ainda grande parte de tudo isso: organizações e periódicos. Porém, os homens, exceção feita a poucas defecções, estão de pé. Portanto, podemos dizer que nada foi perdido.

[2] Mais da metade deste livro já estava impresso quando apareceu, publicado em *Avanti!* (Milão, 1920) , um novo livro de Lênin, *Stato e Rivoluzione*, no qual ele reconhece a superficialidade de Plekhanov, que tratou do tema *evitando completamente aquilo que era mais atual e politicamente essencial* nas diferenças entre o socialismo e o anarquismo, acompanhando a parte histórica *com considerações filistéias e vulgares tendendo e demonstrar que um anarquista dificilmente pode ser distinguido de um bandido.* Lênin, *Stato e Rivoluzione*, p. 118.

[*] Cesare Lombroso foi o criminalista italiano que classificou o anarquismo como um desvio de personalidade de tipo criminoso, chegando a traçar parâmetros como tamanho de crânio, formato de nariz, de olhos etc., que caracterizariam biologicamente um anarquista, fez isso em um livro intitulado *Los Anarquistas*. Ainda hoje no Brasil, nas academias de polícia, se estudam livros de Lombroso, e os policiais aprendem a identificar criminosos natos, ou "biocriminosos" por traços da face.

[3] Falamos de "terrorismo" não em seu significado particular de política terrorista de governo, mas no sentido geral de uso da violência até os extremos limites mais mortíferos, que pode realizar-se tanto por um governo, por intermédio de seu corpo armado, como diretamente pelo povo, no curso de um motim e durante a revolução.

[4] Neste sentido Bovio dizia que a Revolução "comete piedosamente atos cruéis e evita a feminina piedade; absolve um assassinato e condena aos Soderini" (família de muitas posses na época). G. Bovio. *Dottrina dei pertiti in Europa*. Nápoles, 1886. p. 137.

# Revolução e Expropriação

*Luigi Fabbri*

Da revolução surgirá um estado de coisas que será o resultado do livre desenvolvimento das forças populares no seio da própria revolução, da vontade do proletariado, emancipado do jugo patronal e governamental, e reorganizado na forma que acreditar mais conveniente. Os organismos novos que se formem para prover as necessidades da vida social, as várias agrupações, pequenas ou grandes, locais ou regionais, nacionais ou internacionais, criadas pelo impulso das mais variadas necessidades, serão o que seus componentes queiram.

O importante (afim de que a revolução não tenha sido feita inutilmente) é que ninguém possa explorar o trabalho alheio, que ninguém se encontre obrigado a trabalhar para outros, que as pessoas não devem ser forçadas a viver numa forma de organização imposta por outros, e que as distintas agrupações sejam livres para desenvolver sua própria atividade na órbita do bem coletivo (quer dizer de forma que não se prejudique os demais) e de cooperar com aqueles com os quais possuem identidade ou alguma necessidade comum.

Quando o proletariado tiver se desembaraçado de seus dominadores políticos e econômicos, o maior dos erros seria impor, contra a sua vontade, um tipo único de organização social que, por perfeita que seja em teoria, perderá toda as suas virtudes, pelo simples fato de ser imposta pela força. A imposição violenta, por obra de um governo central e ditatorial, poderá ter o êxito momentâneo e aparente das coisas feitas por imposição. Porém, quando naturalmente o esforço violento dos ditadores se esgotar, a revolta, por muito tempo comprimida, estourará; e os governantes deverão admitir

que por sua conta e risco contribuíram para tornar odioso entre as massas aquele ideal em nome do qual haviam exercido a autoridade e a coerção.

* * *

Uma das razões favoráveis à ditadura, que levantam os socialistas, é que teremos necessidade de um período de "governo forte" proletário, durante e depois da revolução, para fazer e levar ao fim a expropriação dos capitalistas. "Conquistemos com a revolução o governo e, por meio dos poderes públicos formados eleitoralmente ou insurrecionalmente somente pelos proletários, de um modo gradual, por um período mais ou menos grande, mas sempre de alguns anos, procederemos a expropriação legal da burguesia. *Continuarão existindo burgueses não expropriados todavia; haverá ainda duas classes: o proletariado, classe dominante, e a burguesia, dominada e a caminho de sua gradual eliminação.*[1]

Aqueles que falam assim concebem a revolução segundo o velho sentido político. Ou seja, querem uma revolução política. Assim, como pensam que chegarão ao poder os socialistas, depois, segundo eles, serão estes que farão por meio do governo a revolução social. É uma daquelas formas de socialismo utópico que Friedrich Engels criticava perto de 1878 polemizando com Dühring, demonstrando como sendo a força econômica a causa primeira do poder político, este não pode manter-se em mãos do proletariado se ele não transforma, antes de tudo, os instrumentos de produção em propriedade do Estado, quer dizer se primeiro não se leva a cabo a expropriação.

Os anarquistas, como se sabe, querem fazer de outro modo a expropriação, e já dissemos como é distinta a nossa concepção das relações entre Estado e capitalismo. Os instrumentos de produção deverão passar diretamente às mãos dos trabalhadores, de seus organismos de produção. Nós pensamos, além disso, que o poder político não é somente efeito da força econômica, mas que um e outro são, alternadamente, causa e efeito. Disso já nos ocupamos detalhadamente em páginas anteriores.

Mas, ainda que abrindo mão das razões particulares sugeridas pela concepção anarquista, e seguindo as idéias gerais admitidas pelos socialistas, em especial pelos marxistas, nos parece que é radicalmente errônea a opinião daqueles que tentam subtrair da ação insurrecional das massas a tarefa da expropriação, para confiá-la a um governo revolucionário ou pós-revolucionário.



Nós não acreditamos nas virtudes reconstrutivas e organizadoras do Estado e por isso somos anarquistas; mas também aqueles que não o são, ainda que pensando que uma forma estatal pode ser necessária para manter unido o corpo social, se são socialistas, e marxistas por conseguinte, não podem admitir como possível a existência de um Estado proletário e socialista enquanto perdure o sistema patronal, ou seja, enquanto o proletariado siga vítima da exploração e do domínio econômico parte da burguesia.

Como poderia o proletariado ser classe dominante no plano político e permanecer ao mesmo tempo como classe economicamente submetida? A nós, isto parece um erro gravíssimo daqueles que, sugestionados pelo exemplo russo, não se dão conta de que os socialistas não só podem equivocar-se como também ser obrigados pela força das circunstâncias a fazer o que não seria aconselhável de nenhum modo em situações distintas. E a Rússia é um mundo essencialmente distinto da Europa Ocidental.

Se o proletariado, ou em seu nome uma minoria consciente, conseguir com a revolução abater o governo central burguês e não aproveitar imediatamente a ausência do cão de guarda da burguesia para expropriá-la em todos os pontos do território; se imediatamente a ação das grandes massas não se aliar ao lado da minoria que abriu o caminho, de modo que os proletários tomem em suas mãos a administração da propriedade; e se ao contrário, deixarem a propriedade em pé (ou seja, deixarem que os burgueses fiquem como proprietários da riqueza), contentando-se em chegar a ser governantes, ou melhor, como nomeá-los e ter simplesmente como privilégio o direito de votar, é fácil prever os graves acontecimentos que ocorreriam, sem necessidade de termos nenhum dote de profeta.

A previsão é completamente marxista, mas não por isso menos justa. Passado o primeiro momento de comoção, o governo político voltará a ser determinado pelo fator econômico. Que os governantes se digam, ou tenham sido, socialistas ou proletários, tem pouca importância; eles, para permanecer no poder, não poderão ser mais que a expressão mais ou menos dissimulada da classe que permaneceu economicamente privilegiada. Se a maioria dos trabalhadores estiver ainda debaixo da dependência econômica da burguesia, quando tiver que eleger seus representantes elegerá em grande parte aqueles que deseja a burguesia... igual a hoje.

Hoje votam também os burgueses, mas seus votos isolados, não

bastam de maneira alguma para constituir uma maioria parlamentar; e se a maioria do parlamento é burguesa, deve-se ao fato de que a maioria dos proletários vota por seus exploradores. Depois da revolução, se os patrões permanecem como tais, o sufrágio universal proletário servirá apenas para criar uma nova forma de politicagem e burocracia, integrada por mediadores entre a classe operária e a classe burguesa, os quais, como todos os mediadores, com roupagens e nomes novos, acabarão trabalhando no interesse dos mais fortes economicamente.

A existência do governo no dia seguinte à revolução, enquanto não seja possível abolí-lo, será um perigo permanente para a própria revolução; mas o perigo será duplo se ao seu lado, ainda que seja formalmente hostil, continue existindo o privilégio econômico. Os dois privilégios, o do poder e o da riqueza, antes ou depois, acabarão pondo-se de acordo contra as massas populares e os frutos da revolução serão certamente dizimados. O governo, ainda que se diga socialista, não escapará das leis de sua natureza; mudarão as pessoas privilegiadas, as formas do privilégio, as divisões de classes, haverá desmoronamentos das riquezas etc., mas o Estado, ao continuar existindo como fonte de privilégios políticos, tenderá sempre a refletir os interesses da classe que goze do privilégio econômico e portanto, a conservá-los, abatendo seus ramos secos, mas favorecendo sua contínua reprodução.

Para impedir tudo isso, ainda segundo o conceito marxista que dá ao Estado uma tarefa de reconstrução e de reorganização, enquanto deixa a tarefa destrutiva para a revolução, é absolutamente necessário que a revolução, desde seu primeiro momento, seja radicalmente expropriadora. Isso é mais necessário ainda para nós anarquistas, que temos todas as razões para temer que um novo Estado, eventualmente surgido da revolução, acabe apoiando-se na burguesia sobrevivente, toda vez que a esta seja deixada a enorme força que constitui a riqueza. Quem tem o poder sobre as coisas tem o poder sobre as pessoas, como dizia Malatesta. A burguesia, que fica sendo dona da propriedade por um período mais ou menos largo, mas sempre mensurável por anos, terá todo o tempo que necessite para recompor-se e voltar a assenhorar-se da autoridade política.

* * *

Negar a função expropriadora da revolução, entendida como um ato resoluto que rompe as resistências políticas e armadas da burguesia,



é inconcebível, impraticável e inconciliável com o triunfo da própria revolução. Porém, talvez por sorte, seja impossível evitar esta função.

O povo, o proletariado, não concebe a revolução senão como um ato de expropriação. Se dissermos ao povo: "Deixe as riquezas aos senhores e vamos nós para o governo, e depois os faremos entregá-la pouco a pouco", corremos o risco de rirem na nossa cara e nos dizerem que não desejam arriscar a pele nas trincheiras da revolução por nossa linda cara! Para interessar desde o primeiro momento as grandes massas na causa da revolução é preciso que esta tenha imediatamente um conteúdo, uma finalidade, um objetivo prático e imediato de *caráter econômico*.

Se deixarmos somente ao poder revolucionário central a tarefa de expropriação, ocorrerá também a desgraça de que as grandes massas, distantes dos centros urbanos perderem todo o interesse na revolução, poderiam pouco a pouco ver diminuído seu entusiasmo e ainda mais, serem ganhas pela reação, com motivos e pretextos oriundos das tradições e superstições do passado.

É preciso que, em toda cidade, em toda localidade e aldeia, assim como nos campos, vencida a resistência do poder político, os proletários sejam chamados imediatamente - isso se não fizerem espontaneamente como é mais provável - a apoderar-se localmente da propriedade territorial, industrial, bancária etc., a colocar fogo imediatamente em todos os títulos de propriedade, nos arquivos cadastrais, notoriais etc.

Muitos burgueses, é natural, nos primeiros momentos dos conflitos *desaparecerão* nas formas mais diversas. Porém, se os proletários quiserem acrescentar também a expropriação contra os sobreviventes - uma espécie de "seqüestro de pessoas", seja como reféns, seja como algo necessário para prosseguir tecnicamente a produção -, este será um assunto para tratar no terreno dos fatos e de modo algum é coisa para ser descartada de antemão. O modo prático de proceder é uma questão para ser discutida, mas somente depois de estar de acordo com o princípio geral, de que se deve desde o primeiro momento insurrecional, lançar mão da expropriação. Sobre o restante será fácil entender-se rapidamente. Não faltam para cumprir esta tarefa os organismos proletários necessários - grupos locais, organizações e sindicatos proletários e corporativos, comitês ou conselhos operários, por comuna, por província ou região etc. -, através e por meio dos quais o proletariado exercerá, com sua ação direta, sua própria força expropriadora, sem confiar esta missão a um Estado central, proletário de nome, mas de fato composto por umas poucas pessoas de um só partido.

Como se pode negar que isso seja possível, até o ponto de preferir a ação problemática do Estado, não o compreendemos. No entanto, não apenas nós vemos esta possibilidade como também alguns socialistas, entre eles (como nos foi relatado) uma parte dos bolcheviques russos que, precisamente por isso, se chamam ou são chamados de "imediatistas".

Mais que possível, a expropriação desde o primeiro momento insurrecional, dizíamos acima, é talvez inevitável. A expropriação, ou seja a tomada de posse das fábricas, dos estabelecimentos, dos instrumentos de trabalho de maneira geral e de todos os produtos acumulados é uma das formas pelas quais começará a revolução; de certo modo isso poderia também preceder a própria insurreição. Depois da ocupação operária dos fábricas metalúrgicas italianas em setembro de 1920, é fácil prever que todo movimento proletário um pouco sério, todo movimento do povo, será de agora em diante acompanhado precedido ou provocado por tentativas similares de tomar posse da propriedade dos capitalistas. É bom recordar, além disso, que antes mesmo que surgisse a idéia da ocupação das fábricas, uma fórmula bastante em voga entre os socialistas, os sindicalistas e os anarquistas, e em geral entre a classe operária de tendências avançadas, foi a da *greve geral expropriadora*.

* * *

Tudo isso é uma demonstração do quanto é errônea aquela espécie de fatalismo pelo qual certos socialistas marxistas acreditam que é *impossível expropriar a burguesia desde os primeiros atos revolucionários*. São palavras textuais que temos visto empregadas nos periódicos que defendem o bolchevismo, mas em vão buscamos entre eles argumentos concretos, fora das afirmações axiomáticas e apriorísticas, que demonstrem esta pretensa impossibilidade.

É verdadeiramente tão difícil para os operários seguir trabalhando por sua própria conta depois de haverem expulsado seus senhores? Os operários já estão nas fábricas, os inquilinos nas casas e os camponeses na terra etc. E ainda onde é preciso proceder diretamente à ocupação, uma vez vencida a resistência armada governamental, se apossar e trabalhar não pode exigir mais que um esforço mínimo. Para que confiar tal missão expropriadora a um governo ditatorial central, que complique as coisas e as postergue indefinidamente? Deixemos de lado a questão da utilidade ou inutilidade da existência do Estado numa sociedade socialistas da conciliação ou não do Estado com a sociedade socialista, porque apesar



da questão estar relacionada é diferente, pode ser tratada de maneira separada e nossas idéias sobre a questão já foram expostas.

Isolemos um pouco a questão da possibilidade histórica, social e técnica de iniciar a expropriação por parte do proletariado desde o primeiro momento da revolução durante o período insurrecional. Mesmo aqueles que citam em seu apoio o *Manifesto Comunista* de 1847 se equivocam; e a custa de fazer-lhes repetir (como se já não tivessem dito, e algo semelhante dizia também Plekhanov de Bakunin) que falamos de um marxismo que conhecemos de ouvido; insistimos em sustentar o conceito essencialmente marxista: que o governo é sempre a expressão da classe economicamente mais forte, cúmplice e aliado desta. Supondo, mas não aceitando, que um Estado deva existir depois da revolução, passado o período insurrecional, se neste período os burgueses não foram expropriados, ou seja, convertidos nos mais débeis economicamente, em breve voltariam a ser os mais fortes até no plano político; melhor dizendo no governo, ainda que com o nome e aparências socialistas, voltaria a ser na realidade um governo burguês.

Não há nada no *Manifesto Comunista* que revele em seus autores uma opinião contrária a esta. No final do segundo capítulo se trata *a intervenção despótica do proletariado, por meio do domínio político em cujas mãos centralizará todos os instrumentos de produção, no direito de propriedade e nas relações de produção burguesa*; conceito discutível desde o ponto de vista anarquista, mas nada irreconciliável com uma expropriação que se realize no primeiro período insurrecional, contemporaneamente à destruição do governo burguês ou imediatamente depois. É claro que nós não acreditamos na possibilidade de uma "socialização instantânea", já que nem sequer a insurreição poderia ser instantânea. Além disso, nós estamos falando da expropriação, do ato material de tirar a riqueza dos capitalistas, e não no processo de organização socialista, que exigirá um tempo maior, se bem que o espaço de uma geração imaginado pelo bolchevique russo Radek nos parece excessivo.

Voltando a Marx, para um maior aprofundamento, agreguemos que este final do capítulo II, que somente em aparência ou de maneira bem distante, e não de um modo certo e direto, se aproxima do conceito ditatorial, remonta a 1847; e os próprios Marx e Engels advertiram num prólogo de 1872 que "a aplicação prática dos princípios gerais dependerá em todo lugar e em toda época das condições históricas do momento; e não se deve dar por isso demasiada importância às propostas

revolucionárias que se leêm ao final do capítulo II, que poderiam ser distintas em vários aspectos". Mais adiante, eles mesmos advertem que *não basta, como demonstrou a Comuna, que a classe operária tome posse da máquina do Estado tal como é, para dirigi-la a seus próprios fins.*[2]

Acreditamos não contradizer, mas sim completar este pensamento acrescentando: é preciso também tomar posse da riqueza social, das engrenagens da produção e de consumo, sem admitir logicamente, desde nosso ponto de vista, que a máquina estatal deva ser conquistada em vez de destruída; e tudo isso desde o primeiro momento.

* * *

Karol Radek escrevia, faz algum tempo, que "a ditadura é a forma de domínio pela qual uma classe impõe, sem maiores considerações, sua vontade sobre as demais classes". Nós pensamos que não é necessária uma ditadura para trabalhar sem consideração alguma contra a burguesia e nos parece que, com a ditadura ou sem ela, com a ação governamental ou com a ação direta proletária, o melhor meio de trabalhar sem *considerações* contra o capitalismo é começar por expropriá-lo desde os primeiros instantes da revolução. Porém Radek acrescenta: *A revolução socialista é um longo processo que começa com o destronamento da classe capitalista, mas termina somente com a transformação da economia capitalista em economia socialista, na república cooperativa operária; este processo exigirá no mínimo uma geração de ditadura proletária etc.*[3] Deixando de lado por um instante a questão das ditaduras, porque ainda admitindo a ditadura persiste a necessidade da expropriação insurrecional da burguesia, observamos que o *longo processo* a que se refere Radek inclui toda a complexa revolução socialista e não somente o fato material da expropriação. Que este processo deve *começar o destronamento da classe capitalista*, estamos de acordo, mas sustentamos que é impossível "destronar uma classe" somente arrancando-a do poder político, ou seja, sem retirar-lhe a formidável arma da riqueza.

Vale dizer que uma insurreição bem sucedida pode tirar do governo os burgueses e fazer com que os operários (ou o que é mais provável os advogados dos operários) o ocupem, mas se os burgueses não são expropriados insurrecionalmente e se espera que um governo o faça mais tarde, por leis, decretos etc., será, na verdade, como dizer ao cavalo que



espere o capim crescer para comê-lo! A insurreição pode romper com as leis do determinismo econômico por um período breve, ou seja, vencer as resistências armadas de uma classe economicamente poderosa, mas para chegar à vitória é necessário que transforme as condições econômicas com a mesma violência, no breve ciclo de sua ação, de tal modo, que estas determinem por sua vez, um maior desenvolvimento da revolução e a derrota definitiva dos elementos burgueses que quiserem levantar novamente a cabeça.

Para isso é necessário tirar a propriedade dos burgueses desde o primeiro momento, de maneira que não sejam jamais os privilegiados. Depois... quem não trabalha não come! Porém, se não se age assim e se confia a tarefa de expropriação ao governo ditatorial socialista, para que este faça este trabalho em não menos de uma geração, se, portanto, se dá tempo à burguesia de respirar em seus palácios, em suas terras e em suas fábricas, não passará muito tempo sem que ela volte a ter *seu* governo, pouco importa que seja de nome socialista ou proletário.

Quando muito mudaremos para isto: certos burgueses desaparecerão na tempestade ou se converterão em proletários; a burguesia se renovará, incorporando-se a ela certas *elites* de operários privilegiados, de homens de partido, dirigentes, mas a revolução não terá alcançado seu fim: o comunismo.

* * *

Perguntamos anteriormente, que dificuldades reais (vencida a oposição governamental) poderiam impedir que a atividade expropriadora se desenvolvesse com rapidez, como tarefa paralela à insurreição, ou o que sucedesse em seguida à derrubada do poder estatal. Um raciocínio abstrato ou puramente dialético, por marxista que seja, não basta para nos fazer compreender como e porque os camponeses deverão continuar aceitando o proprietário e levando-lhe uma parte ou todos os frutos da terra por eles trabalhada? Porque os trabalhadores dos estabelecimentos e fábricas não poderão expulsar o patrão e continuar trabalhando para a comunidade popular? Porque o povo não poderá se apoderar de todo material útil para manter-se, vestir-se e esquentar-se, distribuindo rapidamente entre todos o mais necessário, e reunindo o restante nos armazéns postos à disposição da comunidade? O que, em suma, pode impedir os proletários de trabalhar à sua maneira e tomar o que desejem

desde o momento em que já não exista um governo que defenda aos proprietários e aos capitalistas? É provável que eles desapareçam, ao menos enquanto um novo governo não lhes devolva uma certa segurança de poder reaparecer tranqüilamente!

Porque há de ser impossível tudo isso? Quem ou como poderá impedi-lo? Sua possibilidade técnica, tal como nós entendemos, será, sem dúvida, difícil de explicar na linguagem pseudo-científica preferida pelos marxistas, porque as coisas muito simples se dizem somente com uma linguagem simples e comum. Porém, quando estas coisas são ditas aos proletários, eles compreendem, e compreendem perfeitamente que aquilo que se precisa fazer não é muito difícil e que o fariam bastante bem por si mesmos.

Certamente não basta tirar a riqueza dos patrões, não basta tirar-lhe os meios de produção; é necessário também continuar produzindo. É preciso, portanto, organizar a produção de um modo socialista. Também isto há se ser feito rapidamente, porque sem comer, tampouco se vive no período revolucionário. Porém, com isso entramos em outro terreno, que já não é o da expropriação, o da espoliação da classe burguesa, mas o concernente à maneira de organizar e utilizar a riqueza social retirada dos capitalistas.

Como se poderá organizar a produção e o consumo no dia seguinte da revolução é um problema que não foi colocado hoje na mesa de discussão, e nós teríamos que repetir inutilmente o que outros já disseram se quiséssemos estender este ponto. Escritores socialistas e anarquistas, e outros não socialistas mas que trataram objetivamente a questão, dedicaram a este tema livros e folhetos. Além disso, certas novelas chamadas utópicas, como as geniais de Bellamy e de Morris, poderiam ser proveitosamente consultadas.

Do ponto de vista anarquista, o problema do armazenamento das mercadorias alimentícias, de moradia, de vestuário e em geral da produção e do consumo, foi objeto de estudo para Kropotkin em seu conhecidíssimo livro *A Conquista do Pão*. Em vários pontos este livro foi superado hoje, porque muitos problemas não se apresentam sob o mesmo aspecto que possuíam há trinta ou quarenta anos. Além disso, alguns de seus erros foram esclarecidos e corrigidos implicitamente pelo próprio autor em suas obras posteriores: especialmente o excessivo otimismo e a visão da atividade produtiva encarada demasiadamente do ponto de vista da grande indústria.



Seria muito útil a revisão daquele livro, sua "atualização" como se diz na linguagem burocrática da estatística. E já que o autor não está em condições de fazê-lo, podem fazê-lo seus leitores por si mesmo, com seu próprio critério. Neste caso, deverão levar em conta uma obra muito recente de Kropotkin, muito interessante, na qual estuda-se com mais atenção o problema da produção, e demonstra-se a possibilidade de combinar a produção material com a agrícola e o trabalho manual com o intelectual, de modo que se obtenha o máximo rendimento com o menor esforço e também com os menores sacrifícios da liberdade e da individualidade humanas.[4]

No entanto, para o que mais nos preocupa hoje, muitas páginas de *A Conquista do Pão* são todavia de atualidade e deveriam ser consultadas. Nelas se demonstra não só como é possível, mas também proveitosa, a distribuição e a produção de uma maneira igualitária, imediatamente, no ato mesmo da revolução, tão logo a derrota das forças armadas burguesas nos permita dispor livremente dos meios de produção e dos artigos de primeira necessidade já produzidos. Porém, Kropotkin comete um erro, esclarecido por Saverio Merlino pouco depois da aparição do livro[5] - quando diz brilhantemente como se poderia agir - de não especificar quem deveria agir, de não estudar os organismos especiais que deverão ser utilizados para as necessárias funções de produção e distribuição. Fala genericamente do povo e confia demasiadamente na espontaneidade das massas, quase na sua improvisação, diríamos.

Verdadeiramente, naqueles tempos de 1880 a 1890, se vivia num período de elaboração de idéias e de propaganda, no qual talvez tivesse sido difícil e parecido arbitrário e utópico imaginar os organismos proletários que surgiriam mais tarde. A isto se deve a lacuna citada. Além disso, poderia justificar-se um certo otimismo pelas condições gerais mais prósperas, enquanto que a crise atual nos obriga a olhar com mais rigor, e com cores mais sombrias, o problema da produção. Mas, hoje estamos em condições de integrar bem melhor que há trinta anos, com idéias práticas, a visão de conjunto projetada então, uma vez que há toda uma rede de organismos novos que o proletariado foi criando desde aquele tempo até nossos dias.

* * *

Podem nos responder que a expropriação, ou ao menos o fato de que não existam mais proprietários, dependerá também da possibilidade de viver sem eles, de substituí-los vantajosamente na organização da produção. Não deixamos de reconhecer que para chegar à socialização completa será necessário um período muito maior que o insurrecional e expropriador. No entanto, isso não significa que desde o primeiro momento, ainda que seja um regime comunista organizado de maneira imperfeita, ainda que seja com bastante dificuldade, não se possa viver de tal modo, que nenhum de nós tenha necessidade de deixar-se explorar e oprimir pelos demais.

Porque, na realidade, o mais importante para o socialismo é isso: *que cada um possa satisfazer suas necessidades sem deixar-se explorar e oprimir pelo outro*. É isso o que querem os trabalhadores e o meio de conseguir tal coisa e mantê-la, ou seja, o tipo de organização social que se haverá de adotar, vem em segundo lugar e somente como meio necessário para alcançar o fim expressado.

Nós somos comunistas, com efeito, porque estamos convencidos de que este resultado pode obter-se de maneira durável e definitiva somente por meio da socialização da propriedade em sentido comunista. Porém, o que importa é que o resultado seja alcançado; e a primeira condição para alcançá-lo, o primeiro passo, é retirar dos ricos os meios de explorar os pobres: ou seja, despojá-los de suas riquezas privadas.

Eis aqui porque a expropriação é a condição primeira do desenvolvimento e ainda do triunfo da revolução. Os meios termos, o deixar subsistir formas de exploração, quer dizer, deixar aos capitalistas a força econômica, que para eles é o meio de ação específica, equivale a deixar os dentes para a víbora. Deveria-se seguir lutando contra eles então, e não se chegaria nunca a estar seguro de vencê-los completamente. Se a insurreição, ao contrário, for expropriadora, a víbora se faria inerte, os capitalistas já não teriam dentes para morder e a liberdade não colocaria em suas mãos nenhuma arma.

Realizada a expropriação, a liberdade (que não se deve confundir com a livre concorrência, com a liberdade econômica de produção e exploração do regime capitalista) não estará em luta com as necessidades da produção para todos e com a igualdade social. A contradição existente hoje devido às divisões sociais de classes e do monopólio burguês será suprimida e ficará impossibilitada com a expropriação.

Marx e Engels, no seu *Manifesto*, chegaram até a afirmar que "o



comunismo não retira de ninguém a possibilidade de apropriar-se dos produtos sociais, *impede somente de valer-se deles para escravizar o trabalho alheio*". Que o trabalho não seja escravizado: eis aqui o princípio verdadeiramente socialista; ou seja, o socialismo é uma afirmação e não uma negação da liberdade.

Certamente, uma vez derrubado o Estado burguês e expropriador dos capitalistas, a obra de socialização definitiva não se fará instantaneamente, mas - tanto dentro de uma direção autoritária, como seguindo as normas libertárias, porém, melhor com estas últimas - através de um período de organização experimental. A organização socialista da produção e do consumo, como a das outras relações sociais, poderá ter seu princípio, e é bom que a tenha, desde o primeiro momento da revolução, mas não poderá ser bastante completa, nem definitiva, enquanto o povo não possa dedicar-se a ela sem nenhuma outra preocupação, enquanto, na calma e na paz, não se possam ensaiar suas formas mais apropriadas, aperfeiçoá-la e terminá-la.

Enquanto durar o trabalho de reorganização, desde o momento em que o Estado burguês tenha sido derrubado e o capitalismo expropriado, o mais importante será evitar a possibilidade de qualquer nova exploração e opressão dos trabalhadores, porque é isso que poderá fazer renascer o capitalismo das suas próprias cinzas. Para evitá-lo, o remédio preventivo mais radical é a expropriação imediata por meio da insurreição. Quando os trabalhadores tiverem tomado em suas mãos a propriedade e não exista por outro lado a violência estatal para mantê-los submetidos, nem para defender os ricos que tentem resistir ou a qualquer pobre que queira enriquecer-se, os ricos não poderão mais existir e não haverá tampouco assalariados. Quer dizer, será impossível aquele *submetimento do trabalho alheio* de que fala Marx, ainda quando a reorganização social não tenha sido todavia terminada.

A menos... a menos que o perigo venha da eventual ditadura socialista que, vencidas as resistências do velho regime, chegue a converter-se por sua vez em opressora da nova sociedade, transformando os trabalhadores de escravos do capital privado em escravos do Estado. Voltamos assim à nossa preocupação constante, uma das preocupações que nos fazem ser anarquistas.

* * *

Uma coisa é expropriação e outra é a organização comunista da sociedade. A primeira é o ato com que se destrói o direito de propriedade, o que é mister realizar com rapidez; a outra é um ato de reconstrução, que também é preciso considerar de imediato, mas que será necessariamente mais extenso e complexo do que o da destruição.

É mister, desde o primeiro momento, não somente continuar produzindo para viver, mas também, começar a organizar com métodos, a produção, prosseguí-la e ao mesmo tempo organizar a distribuição e o consumo. Porém, para tudo isso, o meio mais inábil e incompetente de todos, é um governo composto de poucas pessoas que o dirigem desde um posto central. E isto será assim, tanto se estas pessoas subiram ao poder por um golpe, como se foram levadas a ele por meio de eleições proletárias.

Maiores e melhores virtudes organizadoras (sem os defeitos e perigos da burocracia estatal), têm a ação direta proletária e popular, que age pela sua própria iniciativa, mediante seus próprios organismos livres, saídos e formados por ela própria. Tais organismos, através dos quais se encaminharão as funções de produção e distribuição - e que ao mesmo tempo garantirão o mínimo de ordem e de coordenação indispensáveis - serão, além dos núcleos que surjam em forma espontânea da revolução, precisamente aquelas agrupações já constituídas, proletárias, socialistas, sindicalistas, anarquistas, os sindicatos e as uniões de ofício, organizados por localidade ou por indústria conforme o caso, as cooperativas de classe, as ligas camponesas, os conselhos de fábrica, enfim, aqueles comitês ou *soviets* comunais, regionais e inter-regionais, cujo exemplo nos chega da Rússia e dos quais se está pensando que na Itália também poderão ser logo órgãos da economia socialista.

Recordemos, apesar de já termos dito, que aqui nós consideramos os *Soviets* como associações de produtores, para a produção e consumo comunistas, as quais não tem de nenhuma maneira necessidade de serem sobrepostas por um governo ditatorial que somente estancaria e estorvaria sua útil função econômica.

A todos estes distintos tipos de organização podem somar-se outros. Organizações operárias e profissionais, que hoje são pouco comuns ou demasiadamente tímidas e moderadas, serão certamente utilizadas pela revolução: sociedades de socorros mútuos, corporações de empregados, de ferroviários, de telegrafistas, do pessoal técnico, engenheiros, químicos etc., assim como também certas instituições de origem e natureza burguesa (depois de haver expulsado os capitalistas e toda direção não



exclusivamente técnica, bem entendido), porém assimiláveis e facilmente transformáveis em organismos da vida revolucionária, como entes autônomos e cooperativas de consumo, certos grandes armazéns de estocagem e oficinas públicas e privadas de distribuição, alguns dos mais importantes serviços de utilidade geral que hoje são administrados com único fim de especular ou como instrumento de governo etc. O pessoal empregado, ainda quando não seja estritamente proletário, mas que constitui uma categoria que pouco se diferencia dele, não teria necessidade de governo e de ministros, de patrões ou empresários para continuar seu trabalho.

Algumas ocupações e serviços poderiam também ter necessidade de uma organização de tipo centralizado e muitas outras não. Porém, toda esta espécie de centralização de funções e não de poderes, especificamente para alguns tipos de serviço, é muito diferente da centralização, de funções e de poderes ao mesmo tempo, de todos os serviços e de toda a autoridade nas mãos de um governo ditatorial único. Ainda para tais serviços e trabalhos o governo seria, no mínimo, supérfluo.

No entanto, para que a revolução possa tomar uma orientação libertária, descentralizadora, anti-estatal, é preciso que também a preparação moral e material anterior, e em conseqüência disso nossa propaganda, se encontrem informadas por tais princípios. No lugar de habituar as massas à idéia da ditadura e a esperar pela conquista do poder como único meio de desatar todos os nós, em lugar de atribuir toda tarefa técnica revolucionária aos comitês centrais, à direção de um partido ou de uma confederação etc., é preciso preparar os grupos e organismos já existentes para desempenhar a tarefa para a qual se sentem mais capazes ou capacitá-los para alguma se não o estiverem; e ao mesmo tempo formar aqueles novos organismos, mais ou menos embrionários, de distribuição, de reedificação e de elaboração que podem ser necessários, de modo que não nos encontremos no dia seguinte à derrubada do poder sem nada preparado, sem um preciso programa prático para realizar, e, por conseguinte, obrigados a tolerar um novo poder que substitua o antigo, substituindo também nossa ausente capacidade coordenadora e produtiva.

A formação dos conselhos de operários e camponeses poderia ser útil desde já. Seu modo de organização é ainda mais libertário que o das velhas organizações operárias existentes, já que é predominantemente por fábrica, no lugar de ser por ofício ou região. Eles podem ter uma maior homogeneidade e capacidade revolucionária com a condição de

não se converterem em outro ornamento reformista, numa cópia inútil das comissões internas das fábricas etc. Porém, não é tarefa nossa aprofundar em detalhes este assunto. Nos basta haver assinalado alguns aspectos da questão para demonstrar que uma orientação anarquista da revolução não está somente de acordo com nossas idéias mas é melhor ainda que a autoritária, mais eficaz e também mais possível.

**Notas:**

[1] Assim escreveu Amadeo Bordiga (transcrito ao pé da letra, são suas palavras textuais), no periódico bolchevique *Soviet*, de Nápoles, de 5-10-1919.

[2] Para estas citações consultar o *Manifesto* na edição *Opere Complete di Marx Engles e Lassale* (volumen I).

[3] K. Radek, *El desarrollo del socialismo: de la ciencia a la acción*, p. 16.

[4] P. Kropotkin, *Champs, Usines et Atelies*, Edit P. V. Stock, Paris (Em castelhano: *Campos, fábricas y talleres*. Edit. Estudios, Valencia, s/f., traducción de A. López White.).

[5] S. Marlino, *L'Individualismo nell'Anarchismo*, publicado primeiramente em francês na Societé Nouvelle de Bruxelas, e depois em italiano na Tipografia dell'Asino, Roma, 1895.

# A Defesa da Revolução

*Luigi Fabbri*

Uma das mais sérias dificuldades que podem criar obstáculos para o desenvolvimento da revolução, quando estala em um só país por mais vasto que seja, é a hostilidade dos governos burgueses estrangeiros, especialmente quando esta hostilidade se expressa por meio de uma verdadeira guerra armada, com tentativas de sufocar a revolução invadindo com exércitos o território insurreto.

É preciso então defender, ainda militarmente, o território da revolução: isto é evidente. Enquanto perdurar tal necessidade deverá manter-se um exército, deverão existir todos aqueles organismos anexos e afins com os quais todo princípio anarquista está em aberta contradição. Não porque sejam meios violentos, entenda-se bem, senão porque são violentos de uma forma mais ou menos governamental. Enquanto durar esta necessidade, talvez não seja possível uma organização verdadeiramente anarquista, ao menos nos primeiros momentos, o que equivale dizer que, tal necessidade será um freio perigoso para a revolução e que, enquanto subsistir, a revolução não poderá desenvolver-se e sofrerá forçosamente uma contenção em seu curso.

Desde este ponto de vista, a atual guerra que, ainda sem ter sido declarada abertamente pelos governos burgueses, estes fazem contra a Rússia, é duplamente prejudicial a revolução. De forma direta há a ameaça do sufocamento militar intentado do exterior e da fome causada pelo bloqueio econômico; indiretamente prejudica a revolução pelo motivo anteriormente exposto, quando lhe impõe a defesa militar, ou seja, com meios contrários a sua própria natureza, criar-lhe o perigo militar interno

e obriga a revolução a uma auto-limitação, a uma contenção de seu desenvolvimento, que nós esperamos que seja passageira e momentânea, mas que poderá também vir a ser mais ou menos definitiva.

* * *

Em todo caso, o exemplo russo e o de quase todas as revoluções precedentes demonstram que a ameaça militar exterior é uma eventualidade a qual é mister examinar. Admito o inevitável, quer dizer que, a revolução deve defender-se, o problema da ditadura se apresenta nestes termos: é necessária para a defesa do país em revolução a concentração dos poderes mais absolutos nas mãos de um governo ditatorial? É mais útil este sistema, ou é melhor (ainda sob a ameaça exterior), necessário e mais útil conservar o máximo de liberdade possível, o máximo de autonomia a cada organismo e em cada localidade? Nós, é inútil dizer, nos inclinamos pela segunda hipótese, de cuja justeza estamos firmemente convencidos, não por um dogmático apriorismo, mas pelos ensinamentos que nos proporcionaram as revoluções passadas e pelo exame objetivo das condições em que terá que se desenvolver a revolução proletária.

A defesa contra as insídias internas não pode ser assegurada de modo eficaz e com verdadeira inexorabilidade senão pela ação direta e livre do povo. Quando em 1792 os exércitos da reação européia invadiram a França para sufocar a revolução e restabelecer o poder real, os exércitos franceses foram derrotados no princípio; e a vitória só pode se obtida quando os soldados se convenceram de que defendiam realmente a revolução, assegurados disto pelas notícias de que a livre ação direta do povo de Paris havia derrotado em 10 de agosto aos nobres entrincheirados nas Tulherias e posto a família real trancafiada – o lobo, a loba e os lobinhos - , e no seguinte mês de setembro, havia feito uma verdadeira limpeza radical de quantos inimigos internos pode prender. O governo revolucionário nunca poderia conseguir isto, o que indica, diante de tudo, que no interior é necessário deixar liberdade ao povo para exterminar seus inimigos e não centralizar esta tarefa nas mãos de um governo.

Mas ainda como cooperação ativa na obra de defesa militar, será muito mais útil confiar na iniciativa popular que se manifesta na liberdade que nas engrenagens governamentais, nos centralismos ditatoriais, nas concentrações burocráticas, que neutralizam os esforços e a vontade, impedem os serviços e desperdiçam, deterioram, destroem materiais,



provisões, víveres etc. Tivemos um exemplo disso na guerra há pouco terminada, na qual a derrota correspondeu aos Estados mais centralizados (Rússia, Alemanha, Áustria), providos do mais perfeito mecanismo burocrático e ditatorial. Observando nação por nação, cem vezes lemos como, durante a guerra, os serviços estatais eram os que pior operavam e menos cooperavam com a vitória nacional; enquanto contribuíam para ela a livre iniciativa privada e os esforços coletivos populares que, ainda sendo guiados pela necessidade de se salvar da fome e da carestia, de evitar a desgraça das invasões etc., se traduziam em uma cooperação indireta para a vitória militar. Se isto ocorreu inconscientemente, em uma guerra que o povo não compreendia e em relação a qual era, no fundo, hostil; melhor teria sido se houvesse ocorrido, se houvesse feito isso com a consciência de defender seus interesses diretos, a causa de sua emancipação e de sua liberdade!

* * *

Bakunin também se preocupou em seu tempo, com a necessidade de defender o território da revolução contra as invasões estrangeiras e reacionárias quando, no dia seguinte de Sedan, em 1870, o povo francês se livrou do império de Napoleão, o Pequeno, proclamando a República, mas encontrou-se na necessidade de salvar sua incipiente liberdade dos exércitos alemães vencedores. Em seu livro, O Império Cnuto-germânico e a Revolução Social, Bakunin sustentava que não havia mais salvação para a França a não ser pela transformação da revolução política em social, dando ao povo o máximo de liberdade e ao proletariado a sensação de que lutava por uma pátria que havia chegado a ser realmente sua.

Naturalmente, Bakunin não dissimulava a necessidade de uma disciplina e também de uma certa hierarquia nas milícias para prover a defesa militar da revolução.

Mas procurava cuidar-se sobre sacrificar a esta necessidade, o princípio da liberdade, quer dizer, um dos recursos mais potentes da revolução, um dos coeficientes mais eficazes da vitória contra os inimigos externos.

"Amante apaixonado da liberdade, confesso que desconfio muito daquele que tem sempre a palavra "disciplina"na boca, especialmente quando ela significa despotismo de um lado e automatismo do outro... A

estranha escravidão que a sociedade francesa suporta desde a grande revolução deriva em grande parte do culto a disciplina do Estado, herdada de Robespierre e dos jacobinos. Este culto põe a França a perder, paralisando a única fonte e o único meio de libertação que lhe sobra: o desenvolvimento livre das forças populares, lhe fazendo ir buscar sua salvação na autoridade e na ação ilusória de um Estado que não representa hoje nada mais que uma vã pretensão despótica, acompanhada de uma impotência absoluta.

Mas, por inimigo que eu seja do que se chama na França de disciplina, reconheço, no entanto, que uma certa disciplina, não automática, mas sim voluntária e racional, que se harmonize com a liberdade individual, é e será sempre necessária para todo trabalho ou ação coletiva. No momento da ação, em meio a luta, as funções se dividem segundo as faculdades de cada um, consideradas pela coletividade inteira; uns dirigem e mandam, outros executam. Mas nenhuma função se petrifica, nem se fixa e nem permanece irrevogavelmente confiada a mesma pessoa. A ordem e o progresso hierárquico não existem; de modo que o comandante de ontem pode converter-se em subalterno hoje. Ninguém se eleva acima dos outros, ou se se eleva não é mais do que para voltar a cair um instante depois, como as ondas do mar que voltam sempre ao nível saudável da igualdade." (M. Bakunin, Obras, vol. II, pp. 296-297).

Tudo isto deve ser dito em relação aquilo que diz respeito ao governo civil para poder reduzi-lo aos mínimos termos possíveis, e ao mesmo tempo no que se refere ao governo militar da guerra de defesa. Com tal motivo não será demais recordar outra opinião competente de alguém que apesar de ser revolucionário e socialista de tendências libertárias, foi também um militar profissional, um estudioso das coisas militares e da guerra, que estudou essa arte nos livros e sobre tudo na prática, participando nas revoluções e nas conflagrações de 1848-49. Repitamos o nome de Carlo Pisacane, um prático muito mais que um teórico da revolução.

Depois de haver chegado, no estudo das guerras daqueles anos, à conclusão de que, se as massas não realizam diretamente o conceito da revolução, o governo surgido da insurreição não fará mais que substituir o caído e combaterá a revolução se esta não está de acordo com as idéias dos indivíduos que o compõe[1], depois de haver dito em outro ensaio sobre a revolução que a ditadura, impotente para produzir o bem e fonte de



todo o mal, é do mesmo modo *impotente por completo para dirigir a guerra* (este excerto é seguido de uma longa demonstração)[2], volta ao mesmo assunto em outro livro que muitos esqueceram, dedicado exclusivamente a questões militares[3].

* * *

Sobre a forma técnica de organizar as milícias de defesa da revolução em um regime de liberdade, não é nossa tarefa discuti-la aqui, seja porque nos falta a imprescindível competência, seja porque para isso se faria indispensável nos alongarmos ainda mais do quanto (e já é demasiado) temos nos estendido até agora. Seria, sem embargo, necessário que esta questão fosse estudada com antecipação, em vez de remeter-se para isso com demasiada comodidade ao que poderá fazer a não desejada ditadura ou improvisar o povo.

Seria útil para os estudiosos da questão ler o livro antes indicado, que expõe um projeto técnico e prático muito interessante.

Naturalmente, Pisacane falava de uma revolução fundamentalmente nacional, e por conseguinte distinta da que auspiciamos. Além do mais, os tempos mudaram muito, e igualmente os meios de defesa e ataque, seja para uma revolução, seja para uma guerra. Mas nele residia, sempre alerta, um agudo e zeloso sentimento de liberdade e, por outro lado, ele também concebia a revolução nacional italiana como de índole proletária enxertada em um movimento social e anti-capitalista; por conseguinte, a este respeito se pode dizer que Pisacane se adiantou ao seu tempo e falou também para nós. Quanto aos meios materiais hoje diferentes, não é a eles que nos referimos ao falar de uma organização da defesa armada que mais se adapte a um regime de liberdade - por que a matéria bruta, quanto mais é elaborada, melhor se adapta as diversas intenções de quem a emprega - , mas sim ao material humano, que hoje é aproximadamente o mesmo que há cinqüenta ou sessenta anos.

Em seus detalhes, o projeto de Pisacane não estava isento de erros e seria inútil enumerá-los, já que em seu tempo poderiam não ser erros. Mas o que vale para nós é sua demonstração de que uma boa defesa armada da revolução é incompatível com um regime ditatorial.

"Dizer a uma cidade: reconhecer tal chefe, prescrever os limites de um sublevação, é pôr tudo a perder, é prova de falta de sentido prático; *e*

é estranho que aqueles que não falam de outra coisa que do atiramento e da exaltação populares pretendam depois que todos se dobrem a sua vontade suprema; para eles são o povo somente os que obedecem...Nécios! Expulso o inimigo, libertada a cidade, os cidadãos, festejada a vitória, adormecem sobre os louros... e elegem um governo, deixando-lhe o cuidado de dispor de tudo e, sem olhar ao seu redor, não se preocupam mais que em preparar-se para a defesa... O governo, entretanto, se ocupará em ir atrás dos generais, em implantar um exército, escolhendo os chefes entre os amigos, e assim miseravelmente morrem as revoluções. Para voltar a lhes dar vida não há outro meio que não seja o de manter o povo em constante movimento e não abandonar a sorte nas mãos de ditadores... Sem esperar a sentença dos ditadores ou consultar a vontade de tantos outros que em casos parecidos querem governar, as organizações militares como as civis surgirão das entranhas da nação. A unidade resultará precisamente da absoluta liberdade proclamada como lei soberana." (C. Pisacane, *Come ordinare la nazione armata*, pp. 148-154).

Para assinalar alguns dos sistemas aconselhados por Pisacane, diremos que ele quer que a marcha das operações militares seja independente do poder político; que as forças armadas não sejam superiores as necessárias, segundo as fronteiras que seja preciso defender[4]; que as hierarquias e as graduações se encontrem limitadas ao mais indispensável e representem uma verdadeira diversidade de funções; que os militares se achem convencidos da bondade da causa pela qual combatem; que todo oficial seja nomeado por livre eleição de seus comandados; que os interesses das milícias estejam ligados aos da coletividade e que os benefícios que recebam dependam de sua condição de cidadãos e não de soldados; que a unidade de ação resulte não da autoridade dos chefes, mas da forma de instrução das massas, a fim de transformar o ignóbil dogma da obediência cega em convicção profunda[5].

* * *

Poderia assinalar aqui, outros meios úteis para refrear a sempre possível tendência dos chefes militares a exceder e estender sua autoridade em prejuízo da revolução. Por exemplo, o sistema adotado em certo modo pela revolução francesa, e elogiado também por Mazzini, de delegar comissários civis, representantes da revolução ante os soldados, mas não



enviados por um poder central e sim pelas comunidades livres, pelas Comunas revolucionárias, entre os soldados que elas mesmas proporcionaram. Estes comissários estariam investidos de um poder maior que os demais, de modo tal que os soldados da revolução se sintam sempre acompanhados pela solidariedade de todo o país e que a vigilância deste refreie os desejos autoritários e liberticidas, possíveis de se desenvolver em qualquer um que, por qualquer motivo, supere aos demais em poder.

Mas é inútil, repetimos, entrar em tais particularidades, que indicamos só para dar uma idéia do que pensamos. Tampouco se poderá obter nesta direção nada perfeito já que, para o bem ou para o mal, ela será sempre uma direção nada anarquista por certo. Alguns defeitos previsíveis desde já e visíveis para o leitor anarquista poderão ser eliminados, algumas imperfeições evitadas; mas a contradição subsistirá como um fato que se haverá de sofrer por força maior. Mas uma coisa é sofrer por força da adoção de algumas medidas autoritárias, buscando as menos autoritárias possíveis e limitando ao máximo o poder, e outra coisa bem distinta é eleger entre estas medidas justamente a mais autoritária e a mais tirânica que existe – como a ditadura - , fazendo-se *a priori* seus pregoeiros e apresentando-la às massas como um ideal que merece ser alcançado.

Além do mais, na propaganda, não se pode descuidar do elemento psicológico. Em troca, os socialistas, indicando ao povo como seu fim mais digno o estabelecimento da ditadura, contra a qual sempre, ainda que fosse necessário, seria preciso alertar a desconfiança proletária, corre-se o perigo de preparar um terreno propício para os inimigos da classe trabalhadora; por isso em um mal dia, em lugar da ditadura do proletariado teríamos pela frente a do militarismo.[6] Confiemos em ser profetas!

Que seja possível uma defesa anarquista da revolução, ainda militarmente, ainda que a nós mesmos nos pareça difícil, não deve, sem embargo, ser excluído do todo quando até uma revista completamente favorável à ditadura do proletariado nos falava em 1919 da resistência oposta a Denikin na Ucrânia pelo general anarquista Makhno, uma das personalidades mais notáveis do país (segundo expressava o dito periódico) e que exerce sobre as massas uma enorme influência.

"Anarquista militante, inimigo de toda ditadura centralizadora, ainda em matéria militar, se compreende que suscite a animosidade de Trotsky, que não quer colaborar com os voluntários. Ele é, sem embargo, um espírito ardoroso e sincero; homem completamente devoto do regime

dos soviets, mas baseado em uma descentralização regional. A revolução lhe deverá muito, talvez por seu esforço toda a Ucrânia chegue a ser sovietista na próxima primavera."[7]

Makhno dirigiu grupos insurretos contra a política agrária do partido comunista, inspirada em um programa inadequado as condições do país; ao não tê-las estas em conta pelos bolcheviques, determinaram contra eles a inimizade de uma grande parte da população. Isso confirmaria o que tínhamos dito anteriormente, ainda no que se referia as relações entre os revolucionários da indústria urbana e as massas camponesas. Mas aqueles mesmos grupos de ontem, considerados "contra-revolucionários", porque eram anti-bolcheviques; se converteram depois na mais formidável ameaça às costas de Denikin e de Wrangel, favorecendo inclusive as operações do exército vermelho comunista.

* * *

De qualquer modo, nós compreendemos que depois da revolução poderá se estabelecer um regime não-anarquista e que ainda, ao menos por hora, esta é a eventualidade mais possível e mais provável. E isso pode ocorrer, seja porque a maioria dos trabalhadores que participarão parecem mais propensos a um regime socialista republicano, enquanto os proletários anarquistas constituem uma minoria; seja por influência de fatores diversos e externos, entre os quais deve se enumerar a eventualidade acima examinada de ataques militares por parte de Estados burgueses estrangeiros. Nós podemos querer que a revolução tome uma determinada orientação; a revolução, pela força dos acontecimentos, por circunstâncias imprevistas, por vontade das massas etc., pode logo tomar uma direção contrária, considerada por nós como menos proveitosa.

Mas, em tal caso, deveremos nós anarquistas, nos por contra a revolução ou nos retirarmos desdenhosos a um "Monte Sagrado", nos encerrarmos na torre de marfim de nossa intransigência, recusarmos nossas forças a defesa da revolução só porque esta não marcha completamente de acordo com nossos desejos? Nem em sonhos! Podemos e devemos nos recusar a contribuir com erros alheios, mas nosso dever de lutadores contra o Estado burguês, contra o capitalismo e sua sobrevivência, pela expropriação e pela liberdade, é um dever que subsiste e que devemos cumprir com maior energia quanto mais avançadas e intransigentes sejam as nossas idéias. Permanecem íntegros para os anarquistas, o dever e o



interesse de defender a revolução, apesar de sua orientação estatal e apesar de seus métodos, contra os inimigos de dentro e de fora.

Estar ausentes, recusar-se ao supremo dever da defesa da revolução, significaria trair a si mesmos, pois nos resultados se teria uma revolução ainda menos radical e menos libertária. Ao contrário, qualquer governo que surja da revolução será tanto menos opressor e permitirá maior liberdade quanto mais os libertários, os defensores da liberdade, tenham sido e sigam sendo, os esforçados defensores da revolução em todos os campos da batalha multiforme. A revolução estará animada de tanto maior espírito igualitário, quanto mais existam no país forças de oposição, ultra-revolucionárias e libertárias, que defendam ainda no interior o espírito integral da revolução; quanto mais numerosos sejam os núcleos, as associações e as instituições que reivindiquem a liberdade de admnistrar por sua própria conta e seus próprios interesses e de organizar com análoga liberdade suas relações com o resto da sociedade.

Objeta-se que esta oposição ao poder futuro poderia favorecer as tentativas contra-revolucionárias internas e externas, debilitar a posição geral e a defesa militar da revolução. Dizer isto significa não compreender o caráter e o espírito da oposição anti-governamental e libertária. Por outro lado, a falta de uma oposição ao governo poderia muito bem provocar uma degeneração maior no mesmo, até o ponto de este se converter no centro da tão temida contra-revolução. Mas ainda que isto não acontecesse deve-se compreender que a oposição anarquista estaria sempre em uma direção ainda mais revolucionária, destinada a ferir com toda a energia possível e intransigência os restos do passado, e nunca a favorece-los; além do mais, ainda estando na oposição, ela nem por isso deixaria de dar seu concurso mais ativo – e isto seria seguro e infalível – para combater no terreno da ação, de acordo com as demais forças revolucionárias de outro tipo, qualquer tentativa reacionária e burguesa de fora ou de dentro.

* * *

Ouve-se dizer entre nós, desde os tempos de Bakunin, que a revolução será anarquista ou não será; mas há quem entenda esta formula de modo errôneo, como se dissessemos: a revolução terá uma orientação anarquista e se encaminhará para o anarquismo, ou não queremos saber nada dela. Não é assim. Bakunin queria fazer compreender que para ter êxito a revolução precisa desatar todas as forças latentes no povo, sem

freios nem coerções, em todas as partes e em todos os sentidos, e de fato é de se prever que isto ocorra no primeiro momento insurrecional. Se se perdesse tempo demasiado ordenando, controlando etc., se em todas as partes se esperam ordens dos chefes ou de um centro, é quase seguro que a reação chegaria a prevalecer. O triunfo da revolução será mais seguro se a iniciativa revolucionária se desenvolve de forma voluntária em todas as partes do território, se ataca diretamente os organismos autoritários e se, uma vez abatidos estes, passa-se a expropriação.

Contribuirão para a revolução, e poderão ser também de grande utilidade, as forças organizadas, ordenadas, movidas por este ou aquele centro, guiadas por chefes etc. Mas só estas forças seriam insuficientes e chegariam sempre demasiado tarde[8] se a primeira ação anarquista, mais ou menos indisciplinada formalmente, mas unânime por uma disciplina interior mais sólida, visto que será o produto de uma unidade de tendências, não houvesse vencido as primeiras resistências, desbravado o terreno de operações e impedido as forças do inimigo, com o assalto imprevisto e em todos os pontos, poder reunir-se, concertar-se e coligar-se. Ainda neste sentido, pois, a ação anarquista (entendida não somente no sentido de partido, mas também de modo mais geral) tem uma função imprescindível, e sem renunciarmos a ela para nos incorporar a uma espécie de exército com seus quadros esperando ordens de chefes ou de centrais de comando, talvez fosse a renúncia da vitória.

A revolução, portanto, ainda que não seja anarquista no sentido que quiséramos, não deixará de ser uma revolução e não nos impedirá de tomarmos parte nela; mas por mais ou menos libertária, ou por mais ou menos autoritária que for, o certo é que *quanto mais anarquista seja a revolução, tanto mais completa será e terá maiores possibilidades de vencer*. A missão dos anarquistas é, pois, a de imprimir à revolução a direção mais anarquista possível.

* * *

Se da revolução não surgir o anarquismo, é previsível que se dê lugar a instauração de uma república socialista; mas a forma política importará pouco, e muito mais, por outro lado, importará a essência do seu conteúdo. Pois bem; da revolução surgirá uma forma de governo tanto mais débil e, por conseguinte tanto menos opressora quanto mais avançada e radical tenha sido a própria revolução, e quanto mais nós



tenhamos participado nela aportando nosso ardente espírito de liberdade, destruindo todas as sobras autoritárias possíveis e realizando em maior grau as organizações autônomas para a vida coletiva. Ainda no seio de um regime anarquista, nós deveremos tentar a realização do anarquismo até onde o permitam nossas forças.

Esta será a ação exata dos anarquistas para a defesa da revolução. Deste dever e de sua importância não se dão conta aqueles aos quais basta a hipótese de que da revolução não pode surgir o anarquismo para deduzir que deveríamos... provisoriamente, renunciar a ele e nos fazermos, nós também, partidários do governo que se constitua e até talvez, fazer parte do mesmo!

Da revolução poderia surgir também uma república burguesa, e tal eventualidade não nos impedirá de participar igualmente na revolução com nosso próprio programa, mas deveríamos ainda neste caso, sermos partidários e cooperadores do novo regime? Todos compreendem que não é possível. Pois bem! Na mesma situação nos encontraremos sempre, como opositores desde fora, enquanto não surja da revolução um regime anarquista.

Além do mais, não é de todo impossível que a revolução possa ocorrer em um sentido libertário desde que haja, em número suficiente, pessoas convencidas e dispostas a lhe dar tal orientação. Hoje, no período de propaganda e preparação revolucionária, tal propaganda e preparação não podem ter por nossa parte outra orientação além da anarquista, para que se aumente cada vez mais o número de convencidos e se difunda amplamente entre as massas o espírito libertário, e para conseguir, ao mesmo tempo, que a revolução ao estalar possa desenvolver-se no sentido desejado por nós, por completo ou no que for possível. E isto ocorrerá em uma medida tanto maior quanto mais propaganda e preparação anarquista realizarmos. Se, ao contrário, começarmos desde hoje, como quiseram certos socialistas amigos nossos, a sustentar que para o triunfo da revolução é necessário um governo, ou melhor, uma ditadura, contribuiríamos para criar ou para aumentar artificialmente tal necessidade, em vez de eliminá-la; e difundiríamos assim entre as massas um espírito contrário a nossas idéias e aos interesses da revolução.

Devemos, pois, propagar desde agora, em todo o possível, idéias e sentimentos que possam dar um espírito e uma orientação anarquista a revolução; e em tempo de revolução deveremos reivindicar o direito de aplicar tal orientação, ainda como minoria. Será esta a melhor defesá da revolução.

* * *

Nossas idéias, a concepção que temos da organização social futura, nosso critério sobre o desenvolvimento da revolução nos impõe, pois, uma determinada linha de conduta, ainda, na muito provável eventualidade do estabelecimento de um novo governo no período revolucionário, seja mais liberal, com uma forma de república social de tipo federalista, seja mais autoritário e centralizado, como o auspiciam os partidários da *ditadura do proletariado* e como toda ditadura é por sua própria natureza.

Esta linha de conduta – que deve ser ao mesmo tempo revolucionária e anarquista – surge implicitamente de tudo quanto temos dito até agora; e explicitamente, em grande parte, tem sido exposta por nós quando temos admitido a hipótese da necessidade de uma defesa militar da revolução e por tanto de alguma forma de autoridade e de um mínimo inevitável de instituições governamentais. Se tal hipótese há de se verificar ou não, no todo ou em parte, não é questão para ser discutida aqui. Nós preferimos que não ocorra, e para evitá-la deveremos trabalhar todos: mas a questão é outra. Quer dizer, admitamos que este estado de coisas se realize, contra nossos desejos e nossos esforços, pela preponderância de pareceres opostos, por circunstâncias imprevistas ou por força maior dos acontecimentos; então, na relação com nossas idéias, quer dizer, para alcançar mais solicitamente sua realização, *no interesse prático da própria revolução*, que atitude que seja de maior utilidade poderão adotar os anarquistas em especial e as forças com mais consciência revolucionária do proletariado em geral?

É disto, efetivamente, que trataremos de ver no capítulo seguinte, a modo de conclusão deste livro.

**Notas:**

[1] C. Pisacane, *Guerra combattuta in Italia negli anni 1848-49*, p. 137. (leia-se as *Considerazioni* de p. 299 em diante)

[2] C. Pisacane, *Guerra sulla revoluzione*, p. 203. (leia-se sobre este assunto todo o capitulo, especialmente da p. 185 a p. 208)

[3] O livro em questão tem por titulo: *Ordinamento e Constituzini delle Milizie, ossia la Nazione armata*; foi reeditado em 1901 a cargo de Ghisleri, com prólogo de Rensi, pelo editor Sandron, de Palermo.

[4] Recorde-se a este propósito o trágico experimento húngaro: Entre as causas do desastre da república comunista húngara deve notar as hostilidades iniciadas contra a Romênia, sem que os soldados estivessem persuadidos de que defendiam a revolução. Os mesmos que haviam derrotado a checos e eslovacos ao defender-se deles, foram por sua vez



vencidos quando iniciaram o ataque aos romenos.

[5] C. Pisacane, *Come ordinare la nazione armata*, p. 137.

[6] (1922). Por desgraça, ainda nisto não nos equivocávamos muito. Hoje já existe na Itália uma ditadura reacionária e militaresca, apoiada na destrutiva barbárie fascista. E talvez quando esta nova edição for publicada, a ditadura militar propriamente dita seja já, um fato consumado!

[7] Assim aconteceu de fato, pouco depois de ter escrito isso. Veja-se *L'Ordine Nuovo*, de Turim (que até então era uma revista semanal, e não diária como hoje) #29 de 13-12-1919.

[8] Veja-se o capítulo IV, o episódio que relata o bolchevique Victor Serge sobre a ação desenvolvida pelos anarquistas em Petrogrado em defesa da revolução, ameaçada nas portas da cidade pelas tropas de Iudenich.

# A Função do Anarquismo na Revolução

*Luigi Fabbri*

O movimento proletário e subversivo está divido hoje em frações e correntes mais ou menos hostis entre si, que sem embargo tem um mínimo de objetivos comuns a realizar, em especial de demolição, e que por outro lado não poderão realizar sem que se unam de fato, ainda que seja apenas transitoriamente, no momento da ação.

Os anarquistas, os socialistas e as organizações gremiais de uma ou outra orientação tendem a conjuntamente derrubar as instituições políticas e econômicas atuais. Por outro lado, na Itália, dado que o regime italiano é monárquico, a necessidade de eliminar a monarquia nos faz ter em comum com os republicanos a luta contra o primeiro obstáculo que nos é apresentado. Isto sem ter em conta o fato de que os republicanos mais jovens, especialmente os operários, entendem por "república" um regime não capitalista, quer dizer contrario às repúblicas burguesas que fazem a delícia da Europa e da América.

Os anarquistas não estão de acordo com os socialistas nem com os republicanos: com os primeiros, pela direção autoritária que querem dar ao movimento e a revolução; com os segundos, pelos mesmos motivos que com os socialistas e além do mais pela imprecisão perigosa de seu programa no terreno econômico, que não garante ao proletariado um aniquilamento real do privilégio capitalista. No entanto, nós estamos sempre dispostos a cooperar com uns e com outros naqueles fins, ainda que limitados, que com eles temos em comum. Para prestar-lhes tal cooperação ou recebe-la, é talvez indispensável que deixemos de ser anarquistas, que ingressemos no partido republicano ou no socialista?

Não vemos de maneira alguma tal necessidade, e ninguém, entre nós ou entre os adversários, tem sustentado nunca semelhante absurdo.

Dados o ambiente, a situação atual e a mentalidade dominante entre as massas, não excluímos absolutamente que os outros partidos cumpram sua função útil e por hora necessária.

Mesmo os republicanos, voltando a ser o que eram antes da guerra, podem ter uma função especial própria, derivada da tradição histórica e da situação da monarquia, estranha à alma italiana e acampada em Roma como em terra de conquista.Temos ainda, os socialistas, que hoje constituem a maior força do campo operário, e que poderiam convocar o grosso do futuro exército revolucionário; mas sua política é pouco apropriada para uma colaboração ativa com os anarquistas. O desejo de conquistar o poder impulsiona os dirigentes socialistas a negar, de fato senão de palavra, o direito a existência de todo outro movimento revolucionário; pretendem ser assim os únicos representantes dos direitos e dos interesses da classe operária.

Querendo enquadrar todo o movimento e toda a revolução sob sua autoridade e sua única direção aceitam, é verdade, toda colaboração estranha que os ajude, mas sem reconhecer a esta nenhuma liberdade de iniciativa; e disto deriva um perpétuo obstáculo para uma verdadeira concórdia que de outro modo seria possível. De tal maneira se superestimam em sua função específica, que impedem os anarquistas de desenvolver sua própria. Mas em troca nossa função não nos impediria absolutamente de cooperar com os socialistas sempre que estes estiverem animados de um maior espírito de tolerância e de compreensão para todas aquelas coisas nas quais nos harmonizamos e para todos aqueles fins que temos em comum.

Sempre que os socialistas se empenham numa luta, ainda que paroial, contra o capitalismo e contra o governo, por melhoras imediatas, por uma diminuição da exploração e da opressão, por um aumento do bem estar e da liberdade, estão seguros da solidariedade dos anarquistas no terreno da ação direta popular e proletária. Tanto mais nos solidarizaremos, ao seu lado e a vanguarda, quanto mais cheguemos ao terreno da luta em um conflito contra o capitalismo e o Estado.

* * *

A dissidência se manifesta ali onde começa a função específica dos anarquistas como revolucionários e como inimigos da autoridade.



Ainda estando presentes em todas as partes aonde haja luta, por pequenos ou grandes fins, contra o privilégio econômico ou político, os anarquistas não deixam de dizer que todo melhoramento obtido enquanto durar a opressão capitalista e estatal é ilusório ou de breve duração. Depois da guerra, isto se mostra ainda mais verdadeiro. Por outro lado, se sua solidariedade é plena e entusiasta quando se trata da ação do povo que sai à rua, do proletariado que se organiza e faz greves parciais ou gerais, que toma por campo de luta a fábrica e a oficina, que resiste ou ataca ao capitalismo em seu próprio terreno, os anarquistas se voltam nitidamente hostis a toda tentativa de transformar o estado de luta em acomodação com o inimigo, em colaboração de classe, em participação nas funções diretivas do capitalismo e representativas do Estado burguês.

Está ali a razão pela qual os anarquistas são e permanecem adversários da política eleitoral e parlamentar do reformismo legalista e colaboracionista, de toda relação que não seja de inimizade e de contenda acirrada contra os patrões e contra o governo. A função, o dever dos anarquistas no movimento social atual consiste precisamente, como revolucionários que são, nisto: em manter aberto o sulco e vivo o estado de luta entre o proletariado e o capitalismo, entre o povo e o governo; como inimigos de todo poder, em ter desperto o espírito de revolta contra toda autoridade coercitiva e legal, em combater ainda dentro do próprio movimento proletário as tendências autoritárias, centralizadoras e ditatoriais seja de indivíduos ou de partidos. Assim, os anarquistas dão ao problema do Estado na prática, na ação imediata, dia a dia, a mesma solução negativa que na teoria dão, seja trabalhando na desagregação e destruição do Estado atual (ainda juntamente com outras forças que cooperem nestes fins diversos), seja obstaculizando desde já a formação ou a consolidação de um Estado ou governo futuro. A luta contra o Estado (como apontamos já ao final; do segundo capítulo deste livro) é a função principal que, sem excluir as outras funções, caracteriza o anarquismo frente a todos os demais partidos.

Quanto mais os anarquistas desenvolvam esta função própria, tanto mais a revolução se aproximará e se desenvolverá no sentido de uma maior justiça e de uma mais ampla liberdade.

Mas para exercer tal função revolucionária e libertária, os anarquistas têm a necessidade de permanecer o mais possível com eles mesmos, isto significa não se deixar absorver pelos partidos ou movimentos que eventualmente se encontrem mais próximos e com os quais tem ocasião de combater em alguma batalha comum, sejam socialistas, sindicalistas

ou republicanos. Também a influência que poderíamos vir a exercer sobre estes partidos e movimentos distintos do nosso será maior e mais eficaz se partir de fora, aberta e explicitamente, que se proceder enganosa e dissimulada desde dentro.

* * *

Compreende-se como esta posição intransigente impede que os anarquistas obtenham certos resultados, apoiar a classe operária em circunstâncias determinadas em que – não havendo nos operários a vontade de sacrifício necessária para chegar diretamente ao fim ou aparecendo tal sacrifício demasiado desproporcional para a sua própria pequenez – é impossível ter êxito sem pactuar com o inimigo, sem compromissos com o capitalismo e com o Estado, sem recorrer as leis, sem servir-se do concurso dos politiqueiros.

Neste caso os anarquistas, se os são verdadeiramente, devem ter o valor de não se preocuparem com o êxito e de dizer a seus companheiros trabalhadores: "renunciem a um resultado que os custará a dignidade e em abandono de possibilidades futuras mais do que obtereis; e trabalhem para que se fortifiquem para estar em condições de obter muito mais com a vossa ação direta; mas se o nosso conselho não os convence, não espereis de nós o concurso em um ato que não aprovamos, que não entra em nossa missão; e voltem-se para outra parte em busca de recursos".

Esta linguagem e esta atitude estão destinados, é certo, a nos conseguir em tempos ordinários a atenção das grandes massas. Mas assim preparamos o terreno para os tempos extraordinários. Quer dizer, formamos aquela minoria revolucionária cuja missão é dar os primeiros golpes de picareta nas portas fechadas do amanhã. Então os anarquistas já não estarão sós e as minorias se converterão em maiorias. Mas isto sucederá com a condição de que tais minorias não abdiquem hoje de sua específica missão negadora, intransigente, orientada para o futuro, seduzidas demais pelo desejo de acrescentar suas próprias filas mais além do possível e bastar-se para todas as necessidades que se apresentem em cada circunstância.

Os anarquistas, partido de minoria, não podem bastar para todas as funções do movimento social e operário. Sem se preocupar com uma colheita prematura, deixando aos demais todos os aparentes êxitos imediatos, deixam para trás também as funções de transigência, de



submissão ou de autoritarismo que a baixa mentalidade das grandes massas cria e alimenta. Movem-se livres e independentes no seio da massa, em contato com ela, participando de seus sacrifícios e de suas revoltas, mas não de suas debilidades, de suas transações e de suas renúncias.

Este é, entende-se, o programa ideal de anarquismo; o qual não exclui individualmente, por desgraça, também os anarquistas que transigem, renunciam e se mostram débeis. Nós falamos da orientação geral anarquista, a qual deve estar em coerência com as idéia que a animam. Na realidade ela pode cair em faltas e erros, como ocorre com os outros partidos. Mas o que a distingue destes é o reconhecimento de seus próprios erros, inevitáveis sempre no que se agita e se opera, e o esforço contínuo para evitar-los e corrigi-los, para realizar o melhor que seja possível sua função específica de ser o punhado de levedura de que falava a parábola bíblica.

Fermento de liberdade e de revolta, além de divulgador de idéias, o anarquismo tem como tal, e em coerência com seu programa, um terreno tão vasto para cultivar que não sobra tempo nem modo de invadir o campo das atividades alheias, para o qual é por seu lado pouco apto. Se conseguir concluir completamente, o que não é nada fácil, sua missão específica, haverá trazido o máximo e o melhor tributo, seja para a revolução, seja para a reedificação da futura "cidade do bom acordo" da qual falava Reclus, na qual os homens viveriam, segundo a justiça, livres e iguais.

* * *

Nossa discussão sobre a ditadura promoveu uma grande quantidade de questões que se referem a ela mais ou menos diretamente e que tem estreitos vínculos com o problema da revolução, assim como também com o da tarefa que em seu seio deverão desempenhar os anarquistas.

Entre os adversários dos anarquistas muitos poucos se dão conta da função específica do anarquismo na revolução. Também há algum anarquista que por estar amarrado nas engrenagens da atividade prática e revolucionária perde de vista o conjunto das coisas; ou que entendendo por anarquismo um simples ardor revolucionário, não parece perceber exatamente o posto que os anarquistas ocuparão na complexa e vasta guerra social na qual vai se afundando a sociedade moderna.

Apontamos isso em algum outro capítulo do livro. A tarefa é a função dos anarquistas antes e durante a revolução tem um fim

determinado, um determinado campo de ação, e não pode pretender abarcar todas as necessidades, resolver todas as questões que vão se apresentando até o dia em que seja possível instaurar um regime anárquico-comunista.

Além disso, é verdade – e só os adversários de má-fé podem nos imputar uma oposta crença infantil – que é muito pouco provável um salto do atual estado de coisas a outro perfeitamente de acordo com nossas idéias e nosso programa. Uma revolução é necessária, antes de tudo para que mude o ambiente e transforme, como em um crisol, a consciência das maiorias; e talvez não baste apenas uma revolução. O período revolucionário não será breve nem bastarão para o superar as insurreições do primeiro momento. Durante este período se experimentarão regimes diversos, mais ou menos imperfeitos, mais ou menos autoritários, mais ou menos manchados de violência, de injustiça e de desigualdade.

Nada mais provável e mais natural! A humanidade prossegue seu caminho através de quedas e erros; e mesmo as quedas e os erros cumprem sua função útil, já que sem eles, sem as lições das dores que produzem, os homens não sabem se aproximar da verdade. Pode ocorrer, portanto, que a revolução nos brinde com resultados com os quais nós anarquistas não estejamos de acordo: uma república mais ou menos socialista, uma ditadura mais ou menos tirânica, novos governos e novas explorações, privilégios ou injustiças de outro tipo etc., e que tudo isto assuma um caráter de necessidade por nossa debilidade e pela inconsciência das massas, porque entre nós ou fora de nós as forças inimigas são muitas todavia, porque os egoísmos cegos e as superstições impedem a harmonia das vontades e dos interesses, porque, numa palavra, faltam todavia as condições reais para o cumprimento de nossos anseios.

Bem, existem aqueles que, em vista destas dificuldades, se desconhecem a si mesmos e aos próprios fins político-sociais para se ajustarem desde já as dificuldades que entrevêem, para transigir com o erro e com a tirania. Posto que prevêem um estado de coisas imperfeito, o aceitam sem mais, todavia na nobre impaciência de sair do imperfeito estado atual; vêem o erro e o dano ao futuro, e desde que o consideram inevitável, se convertem em seus partidários. Renunciam assim ao fim último do socialismo livre, do anarquismo comunista, para correr em atrás de transações que lhes parecem necessárias: a república social, a constituinte, a ditadura do proletariado, o socialismo marxista, acomodando-se de tal modo, no fato senão nas palavras, a outros partidos, servido a outros fins e outros interesses, relegando para outros tempos o



melhor que têm em mente.

"Devemos então sacrificar o bem próximo a algo melhor e distante e correr o risco de fazer assim o jogo dos inimigos do proletariado e da liberdade?", perguntam eles. E agregam o eterno argumento, justo em si mais que os oportunistas tem tergiversado até a falsificação: *É preciso ser práticos*.

Pois bem, a questão é precisamente esta: é mais *prático* adaptar-se ao mal, ainda que seja inevitável, ao erro, ainda que seja transitoriamente imposto pelas circunstâncias, até o ponto de fazer-se seus partidários; ou pelo contrário, resistir ao erro e ao mal o máximo possível, os mostrando em sua verdadeira luz e projetando continuamente sobre os fatos as soluções que cremos serem possíveis? Nós pensamos que o segundo método é muito mais prático que o primeiro. Assim e tudo, as previsões sobre a direção que tomarão os acontecimentos, as nossas como as alheias, poderiam estar equivocadas e ser logo desmentidas pelos próprios acontecimentos. Eleger um caminho que parece errôneo, com base em previsões para o futuro, poderia nos conduzir a algum desastre, do qual seriamos responsáveis precisamente porque conhecíamos de antemão o erro que aceitávamos.

Mas aparte disto, e ainda se as previsões mencionadas se confirmassem, é um fato inegável que um mal qualquer ou um erro inevitável serão na realidade transitórios e cessarão quanto antes houver quem resista a eles, quem mantenha viva a consciência do mal e do erro, dos prejuízos que deles podem surgir, da necessidade de libertar-se e acabar com eles o mais rápido possível. Se, pelo contrário, todos se adaptam a essa situação e já antes que as circunstâncias o imponham com força se vá criando entre o povo um estado de ânimo favorável ao erro, e entretanto aqueles que conhecem o caminho da verdade e da justiça renunciam a ele antecipadamente por temor ao pior, o mal e o erro então fincarão raízes profundas, tenderão por conseguintes meios aptos para se consolidar, e o dia que se quiser abatê-los serão necessários esforços e sacrifícios incrivelmente mais penosos e mais duros.

* * *

Tudo isto não significa que se deva sacrificar, em homenagem a algo melhor distante, aquele pouco bem estar que se possas obter imediatamente, através dos males e dos erros mencionados; isto não quer

dizer que a tensão em busca de uma maior verdade e uma superior justiça deva assumir formas e manifestações que na realidade sejam úteis à reação e possam ser exploradas pelos inimigos da emancipação operária.

Por exemplo, para falar da Itália, é muito provável que uma revolução neste momento ou em um tempo próximo nos leve ao estabelecimento de uma república que, não obstante suas tendências mais ou menos socialistas, estaria bem distante de se assemelhar a uma organização anarquista. Nós deveremos por isso obstaculizar a revolução, ou permanecer indiferentes, só porque não nos dará o que queremos? Nenhum anarquista pensaria assim: já dissemos isso antes. Pelo contrário, deveremos participar dela com toda energia, seja com o fim imediato de derrubar o maior número de instituições de privilégios e de opressão, seja com o de aproveitar a momentânea ausência ou debilidade governamental para reforçar nossa posição de anarquistas, criando e multiplicando instituições livres, voluntárias, fundadas no acordo mútuo; que sejam o ponto de partida de uma nova ação, que representem a defesa da liberdade em oposição a qualquer governo que se constitua.

Se, em previsão de que o ponto de chegada mais provável da revolução seja uma república mais ou menos ditatorial ou socialista, renunciássemos desde já a nossa função de anarquistas e aderíssemos ao movimento e a propaganda republicana ou socialista ditatorial, ainda que não chegássemos a ser em tal caso mais que um inútil duplicado de outros partidos, fecharíamos de fato o nosso próprio caminho, nós cessaríamos de ser uma força independente e seríamos absorvidos pelos partidos do governo de amanhã. Os anarquistas, em uma palavra, abdicariam de suas funções de defensores da liberdade e propulsores da revolução.

Para que os anarquistas possam exercer tais funções de propulsores é necessário que fiquem fora, "empurrando o carro", segundo uma expressão que Mazzini usava para seus partidários.

Assim, pois, jamais poderão assumir as responsabilidades do governo, por mais revolucionário que este seja ou se diga; jamais atarão as mãos até o ponto de poder ser obrigados a obrar contra suas próprias convicções ou a não obrar livremente segundo as mais distintas e imprevistas necessidades do momento revolucionário. Quando falamos de rechaçar responsabilidades, nos referimos sempre as que podem nos afastar do povo, fazer-nos perder o contato com ele, diminuindo sua simpatia; aquelas que podem nos fazer retroceder dos postos de vanguarda aos de retaguarda; não as responsabilidades, se entende, inerentes ao fato



insurrecional e revolucionário frente a burguesia. Devemos reafirmar que somos um partido orientado para o futuro, e não comprometer este futuro com renuncias de modo que nos atem demais ao presente e sejam um obstáculo para proceder mais adiante.

* * *

Frente a ditadura proletária, ao governo revolucionário, nosso posto está na oposição intransigente nos princípios e na realidade mais ou menos benévola, mais ou menos ativa, com maiores ou menores tréguas segundo o que o governo seja ou faça e segundo as necessidades impelidas da luta contra as forças burguesas e reacionárias, sobreviventes no interior ou procedentes do exterior.

Certamente, a oposição frente a um governo ou ditadura operária, socialista e revolucionária, por contrária que esta possa ser a nossas convicções, não poderia ter o mesmo caráter que a oposição atual, de verdadeira hostilidade de inimigos, ao governo e a ditadura da burguesia. Pelo menos não assumiria tal aspecto senão quando o chamado governo operário levar ao extremo suas provocações liberticidas e se converter em um perigo real para a revolução, de igual gravidade que o da reação burguesa.

O norte dos anarquistas em sua ação será sobre tudo o interesse da revolução. Para tudo aquilo que os socialistas façam de bom haverá sempre o concurso livre e voluntário, mas eficaz, de todos os revolucionários sinceros, compreendidos os anarquistas, tanto no que se refere a luta contra a burguesia como ao trabalho de reconstrução e de defesa do povo contra as necessidades e contra a fome.

"Nós estaremos com os socialistas – dizia um periódico anarquista – enquanto se encontrarem na oposição; e contra eles desde o momento em que assumam o poder, unindo-nos a eles somente na luta contra a reação e em defesa da revolução, e os ajudando ou os secundando em tudo aquilo de bom e de socialista que façam; combatendo-os honesta, mas, energicamente no que fizerem de ruim, a fim de exprimir todo o conteúdo social-revolucionário da Revolução."[1]

Para este fim cremos que, muito mais que as polêmicas e as formas violentas e irritantes de luta, muito mais que as palavras e as afirmações dogmáticas, ajudarão os fatos. Os anarquistas, aonde quer que se encontrem em número suficiente ou tenham bastante simpatizantes e

massas dispostas a seu favor, aproveitarão a desaparição dos organismos estatais e a conseqüente maior liberdade para proceder desde o primeiro momento a expropriação, para destruir todo resíduo dos velhos regimes autoritários, para organizar a vida social sobre bases comunistas e libertárias, para criar todas as formas possíveis de ação livre a fim de satisfazer as necessidades de toda espécie do povo trabalhador, sem cuidar-se das ordens contrárias que possam vir dos novos governos que haverão de surgir nas regiões mais atrasadas. E começarão a federar entre si, na medida em que surjam, estas instituições populares livres, a fim de constituir uma força, um baluarte da liberdade, não importa se em minoria, que ponha freio ao novo poder e assegure a necessária autonomia a tais atividades práticas da iniciativa proletária e libertária.

Não é difícil prever que a livre iniciativa encontrará as melhores formas de desenvolvimento tanto no indivíduo pelo que a ele se refere como nos vários tipos de agrupação e de associação, segundo as funções destas. Grupos locais, comitês regionais e comunais, sindicatos de ofício, federações de indústria, uniões de empregados dos serviços públicos, do aprovisionamento e da distribuição, conselhos de fábricas, sociedades culturais, ligas de trabalhadores e camponeses etc., serão o terreno natural para o florescimento da iniciativa popular no sentido em que é entendida pelos anarquistas, seja para a destruição da autoridade estatal, seja para a sua inutilização.

* * *

No curso desta dissertação falamos várias vezes dos *Soviets* ou conselhos operários como organismos revolucionários e temos assinalado o erro que é confundir-los com a ditadura. Agora acrescentaremos que o regime dos *Soviets*, no sentido exato da palavra (e como não chegou a ser na Rússia, a expressão de um governo ditatorial de partido que subjugou, domesticou e subordinou os *Soviets*, impedindo toda a vida livre e toda oposição) nos parece que se aproxima muito a um tipo de organização social como a que nós desejamos, ou pelo menos que já tem um conteúdo libertário suficiente para permitir uma evolução para a anarquia, através de modificações e adaptações sucessivamente sugeridas pela experiência e pela necessidade. Os Soviets representam na realidade (como dizia nosso amigo Luigi Bertoni) o poder mais amplo, mais numeroso, direto e popular que existiu até agora na história; por conseguinte, o menos absoluto e



tirânico, o menos ditatorial.[2]

Nestes novos organismos, surgidos da ação direta do proletariado, nestas instituições de produção e distribuição organizadas e administradas pelos próprios produtores e consumidores, concebidas livres de toda sobreposição do poder político, que chegue a predominar nos Soviets e que se coloque acima do movimento autônomo dos trabalhadores,[3] os anarquistas poderão desenvolver toda a sua ação, precisamente para combater, obstaculizar, limitar ao menos o poder arbitrário das ditaduras pessoais ou de partido que eventualmente se criarão no seio da revolução. Nos *Soviets*, os anarquistas, e os revolucionários em geral poderão desenvolver com amplitude sua dupla missão negativa e positiva: a defesa da liberdade contra qualquer novo poder que se forme e de reconstrução social sobre bases comunistas. Os *Soviets* junto com outras organizações proletárias suficientes para realizar todas necessidades da vida de uma sociedade sem governo, representarão a resistência popular contra qualquer governo que se queira constituir, a livre iniciativa, o espírito de independência das massas; serão os núcleos autônomos dos produtores, federados entre si, desde as cidades ou aldeias até as províncias, as regiões, aos mais vastos territórios nacionais, as uniões internacionais, segundo as funções, os tipos de produção, os serviços públicos, as exigências do consumo e todas as necessidades que devam atender.

Defender sua autonomia das exigências e das invasões e explorações estatais será uma função necessária, eminentemente revolucionária, além de anárquica, até que chegue o dia em que tal autonomia seja completa, com a eliminação absoluta do Estado ou da ditadura. Só então se poderá dizer que a revolução social obteve um trunfo cabal e que a emancipação do proletariado, e com ela a da humanidade inteira, foi realmente alcançada.

* * *

Esta é uma missão relativamente limitada, não há dúvida; mas para cumpri-la nunca teremos forças abundantes para nos permitirmos o luxo de nos dedicarmos também a tarefas que não nos correspondem.

Indubitavelmente, se faltarão as condições necessárias para o estabelecimento de um regime anarquista, surgirá um governo qualquer, mais ou menos revolucionário, e, portanto será preciso que algum grupo ou partido assuma esta missão de governar. Já fazemos tal comprovação,

deveremos nós anarquistas assumir esta tarefa? Nunca! Se o rebanho humano tem necessidade de pastores, não queremos ser-lo, nem saberíamos ser-lo. Continuaremos por isso estando contra todos os pastores, na medida em que eles próprios mereçam e que, tanto mais hostis quanto mais propensos os vejamos empregar o seu mando autoritário ou as tesouras para tosar. Começaremos, entretanto, nós mesmos, desde o princípio, por nos negar a ser oprimidos, espancados, tosados.

Os socialistas dizem sempre que a "ditadura", será passageira, um estado imperfeito de transição, algo como uma dolorosa necessidade. Temos demonstrado os erros e os perigos existentes nesta crença; mas dado, e não concedido, que a ditadura seja realmente necessária, seria sempre um erro apresentá-la como um fim ideal, fazer dela uma bandeira para ser colocada no posto da bandeira da liberdade. De todos os modos deve-se convir que um das condições *indispensáveis* para que tal ditadura seja dispensável e passageira na realidade, para que não se consolide e seja o prelúdio de uma estável e duradoura tirania no futuro, quer dizer, para que possa cessar de existir o quanto antes, deve existir contra e fora dela uma oposição alerta e enérgica de revolucionários, uma chama viva de liberdade, um partido forte que a impeça de se estabilizar e a combata para lograr destruí-la assim que tenha perdido sua razão de ser... se é que teve alguma vez!

Função natural do anarquismo, que lhe pertence por sua própria essência e por sua tradição, será a de representar na revolução esta oposição mais revolucionária ainda, esta chama de liberdade: o porvenir, numa palavra. Aqueles que temem que disto surja uma vantagem para a reação cometem um grave erro. A contra-revolução triunfaria se a tendência anarquista faltasse, isso sim! E nunca esta tendência seria excessiva. O espírito de revolta do anarquismo, instintivo ou consciente, foi a alma de todas as revoluções, e será o da revolução social. Esta não terá nada a temer e sim tudo o que esperar de nosso zeloso amor a liberdade, de nossa oposição racional e esclarecida a todo poder oficial que se sobreponha, porque será sempre uma oposição subordinada aos interesses da própria revolução.

Os anarquistas não esquecerão nunca que, ainda que a revolução não tenha vencido os seus inimigos, todos os seus esforços deverão ser dirigidos contra estes; e portanto defenderão a revolução, qualquer que seja sua orientação, das insidias e dos assaltos das forças burguesas e reacionárias, com uma intransigência e ardor superiores aos de todos os



outros partidos.

Dizia Bovio, que *o partido revolucionário por excelência deve ser anarquista.* E será. A revolução poderá ser feita, repetimos pela milésima vez, ainda com uma orientação não-anarquista, mas será o tanto mais completa, quanto mais anárquica seja; e se salvará de um retorno ao passado, de um salto para trás, quer dizer, haverá triunfado de todo só quando tiver dado aos homens toda a liberdade, impossibilitando qualquer dominação e qualquer ditadura de qualquer espécie que seja e sob qualquer nome que se esconda. Eis aqui porque, continuando o combate pelo anarquismo e não pela ditadura, sustentando que a prática libertária da revolução é mais útil para o seu êxito que a prática autoritária, estamos seguros não só de continuar sendo coerentes com nosso ideal, mas também de estar e de permanecer no terreno da realidade mais que outros grupos e partidos; em suma, de ser os melhores artífices práticos do triunfo da revolução.

* * *

Se nesta forte e profunda convicção os anarquistas chegam a ver seus esforços coroados pelo êxito na revolução que se aproxima, não obterão nenhuma vantagem, nem como indivíduos nem como coletividade militante, exceto a que a obtenham em comum com os demais homens, feitos mais livres, em uma sociedade mais rica, mais fraterna e mais justa.

Se os anarquistas fracassarem – se recrudescer a reação, se a revolução for derrotada ou der lugar a uma nova tirania mais ou menos encoberta e de qualquer modo que se chame - , não lhes escapa que pagarão muito caro o seu sonho e seu amor a liberdade. O ódio aos dominadores, velhos ou novos, seria vingado sem misericórdia alguma de sua rebelião jamais definitivamente apaziguada. Mas, ainda que em tal caso, os anarquistas, seguros de sua reivindicação em um futuro distante, cairiam com a cabeça erguida, ainda cheios de fé no Ideal, repetindo a antiga invocação estóica: *Ave, libertas, morituri te salutant!*

**Notas:**

[1] *L'Avenir Anarchico,* Pisa, 22/08/1919.
[2] *Il Risveglio*, Genebra, 08/11/1919.
[3] E. Malatesta, em uma entrevista no *Avanti!*, Milão, dezembro de 1919.

# O anarco-comunismo organicista e o sentido da organização anarquista

Antes de mais nada, a publicação destes textos e de outros já publicados pelo coletivo editorial[1] cumpre o papel de divulgar textos desconhecidos do anarquismo, que por si só demonstram que o anarquismo não só é múltiplo, mas tem sérias divergências entre suas várias correntes. Textos que defendem um partido anarquista, a utilização da violência revolucionária e combatem o individualismo, podem parecer novidade para muita gente, mas fazem parte da história do anarquismo e têm mais de 80 anos. Neste artigo que fecha o livro, o coletivo editorial faz suas avaliações sobre os textos publicados, examina a permanência do anarco-comunismo nas práticas do anarquismo de hoje e termina discutindo a questão da organização dos anarquistas na atualidade.

## Uma avaliação crítica

Entre os textos de Luigi Fabbri começamos pelo texto sobre organização anarquista, escrito e apresentado para congressos anarquistas. Consideramos um texto primoroso em relação a este tema e só temos a acrescentar na argumentação de Fabbri. Ele conseguiu reunir e sistematizar num só texto muitas opiniões históricas dos anarquistas defensores da organização. A nossa ressalva é menos em relação à organização em si, e mais no que tange à estratégia e às táticas desta organização. Malatesta e Luigi Fabbri herdaram a estratégia propagandista do anarco-comunismo, embora tenham rompido, como já comentamos anteriormente, com muita coisa da tradição anarco-comunista.

Os textos seguintes, do livro *Ditadura e Revolução*, são muito diferentes e pertencem mais ao campo da reflexão teórica. Destacamos como algo positivo o tratamento dado à questão da violência, onde o autor deixa claro que combater uma ditadura não significa abrir mão da repressão contra a burguesia, fato inevitável e necessário numa revolução, falando numa etapa de "terrorismo libertário". Luigi também diferencia etapas de um processo revolucionário: a construção, o momento de ruptura revolucionária com a expropriação e destruição do Estado, e construção da nova organização social num sentido socialista.

Outro aspecto fundamental do texto de Fabbri é sobre a necessidade da expropriação imediata numa revolução. E mais do que isso, a relação que ele analisa entre propriedade e Estado, avaliando que sem a expropriação, sem a eliminação da base econômica do Estado, a destruição deste fica comprometida e ameaça a própria revolução. Neste ponto ele destaca a contradição dos socialistas marxistas com suas próprias teorias, que conferem aos aspectos econômicos posição determinante, mas que não renegam isso na prática ao proporem uma revolução que principia pela política e deixa o ataque à base econômica para um segundo momento.

Fabbri também esboça, sem aprofundar-se no tema, uma forma de poder popular que surgiria após a ruptura revolucionária, baseada nos organismos proletários e populares, na sua época os sindicatos, conselhos operários, associações de trabalhadores etc. É uma questão de fundamental importância para pensarmos hoje, sobretudo para aqueles que rejeitam qualquer forma de poder estatal e verticalizada e ao mesmo tempo sabem que não existe vazio de poder e as coisas não vão andar "naturalmente" da noite para o dia. É necessária a construção de um poder popular, horizontal, baseado em organizações no próprio movimento social, na prática da democracia direta e ação direta e que tenha capacidade de coordenar as decisões coletivas necessárias. As formas e a caracterização do poder popular permanecem um tema em aberto para a discussão nos dias de hoje.

Neste ponto, temos algumas críticas a Luigi Fabbri. Todo seu texto é permeado por uma confiança exagerada no poder criativo da espontaneidade popular. Este parece ser um dos motivos pelos quais Fabbri não avança muito na questão de como se organizaria a sociedade socialista libertária após a revolução. Tirando algumas indicações genéricas o anarquista italiano termina sempre apostando que o povo saberá o que fazer no momento oportuno. O curioso é que Fabbri critica Kropotkin



pelo seu otimismo exacerbado, mas ele próprio ainda carrega muitos valores do anarco-comunismo kropotkiniano. Termos como "natureza", "harmonia natural", "espontaneidade", "livre iniciativa" etc. estão presentes durante todo o texto.

Também reflete esta concepção o papel que ele propõe aos anarquistas antes, na preparação da revolução: "fazer propaganda". Somente no momento revolucionário os anarquistas deveriam passar à ação. Por isso mesmo ele diz que os anarquistas são "um partido de idéias". Atribui-se um papel de destaque ao poder das idéias e muito pequeno à prática dos anarquistas. No final das contas, isso reflete uma concepção de história idealista, sugerindo que a realidade muda pela conscientização das pessoas. Nós entendemos que sem uma maior ênfase na prática do anarquismo entre a classe explorada, de pouco adiantará a difusão, sempre limitada, de idéias. E, além disso, por mais que as idéias se estendessem, nunca mudariam nada por si só, seriam apenas o primeiro elemento, exigindo sempre a prática como elemento vivo e transformador.

Outra crítica refere-se à forma de utilizar a violência revolucionária, ou libertária, como chama Fabbri. Ele afirma que isso pode ser feito sem a necessidade de um Estado, com o que concordamos. Mas ao mesmo tempo acredita que esta tarefa pode ser realizada por grupos locais, totalmente independentes uns dos outros, acreditando que o povo saberá por si só ser justo e eficiente na repressão. Novamente aparece uma valorização exacerbada da espontaneidade popular. No caso da violência encontramos três problemas. O primeiro é que a atuação descoordenada de vários grupos que fariam a repressão e aplicariam as penas que avaliassem necessárias poderia facilmente descambar num terror indiscriminado e sem critério algum, portanto nada garante que haveria justiça. Em segundo lugar, num embate contra as forças da burguesia é necessária a coordenação de esforços, a unificação dos corpos armados. Não se trata aqui de discutir a forma concreta disso (guerrilha, exército popular etc.), algo que somente é possível definir diante de uma situação dada. O que é preciso demarcar é que a coordenação das ações é uma exigência concreta e a prática histórica dos anarquistas ucranianos, de 1918 a 1921, e dos anarquistas espanhóis, de 1936 a 1939, para citar somente dois casos, o comprovou.

Em terceiro lugar, entendemos que não pode existir na revolução autonomia para o aparato militar, seja ele um grupo, uma guerrilha ou exército. Dar liberdade neste caso significa gerar um corpo armado que

decide e atua como bem entende, sem se submeter à orientação e às decisões dos organismos populares da revolução. O risco de uma militarização, de um descompasso entre as demandas populares e os desejos do corpo armado, e do estabelecimento pela força de um governo se multiplicariam com esta autonomia.

Mesmo com todas as críticas que fazemos o livro tem a virtude de colocar para os anarquistas problemas reais de um processo revolucionário e aprofundar discussões normalmente muito vagas. E isso tem tudo a ver com o contexto histórico em que foi escrito, uma situação que obrigava os anarquistas a pensar nas atitudes práticas a tomar. Estava em curso a Revolução Russa e a Itália vivia um processo revolucionário, com as greves gerais e ocupações de fábrica. Infelizmente em ambos os casos a revolução foi derrotada no início da década de 1920.

Quanto aos textos de Malatesta, são de uma natureza bem diferente. Todos eles foram escritos para periódicos, o estilo é outro e o público também. De qualquer forma pouco temos para acrescentar em relação aos textos. O que se reafirma é a defesa do princípio da organização, da organização das massas, da organização dos anarquistas em partido, a diferenciação entre o âmbito social, de massas e o âmbito específico da organização anarquista, a crítica ao individualismo e a posição de Malatesta sobre a violência, tema que nos pareceu bastante atual neste momento.

Comparado a Luigi Fabbri, Malatesta tem muitas semelhanças, mas algumas diferenças importantes sobretudo na forma de tratar a herança anarco-comunista. Por um lado, ele manteve durante toda sua vida uma intensa atividade propagandista e dirigiu vários periódicos anarquistas e operários, o que tem a ver com a estratégia da propaganda dos anarco-comunistas. Também afirmou em muitos textos a propaganda das idéias como a principal atividade dos anarquistas. Por outro lado, sua trajetória de vida está em constante tensão com esta opção, ele próprio foi um militante organizador e não se limitou a participar do movimento operário para apenas fazer propaganda. As inúmeras insurreições populares nas quais tomou parte são prova disso. Encontramos entre seus artigos, tanto escritos exaltando a propaganda, quanto escritos dizendo que as coisas se mudam com a ação e não com palavras.

A história de vida de Malatesta, ligado ao bakuninismo de início e sempre vivendo como um trabalhador explica as atividades ligadas tanto à ação quanto à propaganda. Já Luigi Fabbri foi formado dentro da



tradição anarco-comunista, era 25 anos mais jovem que Malatesta e absorveu bem mais do anarco-comunismo. Além disso, foi professor durante sua vida, trabalhava com textos, livros, etc., e não teve uma vida tão agitada quanto a de Malatesta e isso certamente contribuiu para uma inclinação maior pela estratégia da propaganda e conscientização.

## A permanência dos valores anarco-comunistas no anarquismo atual

Como já colocamos em nosso texto introdutório sobre o anarco comunismo, há uma parte considerável do meio anarquista que sem reivindicar-se desta corrente, sem ao menos conhecê-la muitas vezes, sem usar conceitos como estratégia e tática; acaba de diferentes formas, abraçando a estratégia educacionista e coscientizadora. Zines, shows, livros, palestras, boletins, informação pela internet, tudo isso por acaso não serve no final das contas ao objetivo de conscientizar. E não se trata apenas de mais uma atividade, na maioria dos casos é "a" atividade central dos grupos.

Repete-se, em condições piores do que a virada e início do século XX, a mesma estratégia com roupagens novas, muitas vezes em nome do novo, do moderno. Avaliamos que hoje, com a extensão do aparato ideológico da burguesia, as condições para agir neste campo são ainda mais difíceis do que há 80 ou 100 anos atrás. Na época não havia TV, rádio e todo aparato de entretenimento que existe hoje, sindicatos e movimentos chegavam a publicar jornais diários,que embora de menor circulação e volume conseguiam resultados expressivos. Mas o que dizer de hoje?

Não estamos dizendo que este trabalho seja desprezível, mas apenas limitado na sua abrangência, o que não significa abandoná-lo, mas encará-lo de outra forma e com expectativa diferente quanto ao poder de atração que exercerá e possibilidade de atingir grande quantidade de pessoas. Existem outras armas para se combater o sistema para que joguemos todas as nossas esperanças na propaganda e conscientização. O fato de canalizar todas as energias num único campo pode levar a situações desanimadoras. Muitos superam o desânimo e continuam, mas em muitos casos, a frustração acaba em afastamento das atividades militantes, em outros desemboca numa aversão ao"povo inconsciente", "burro", "imbecilizado". A culpa pelo fracasso é transferida ao povo, a pessoa se exime das responsabilidades pelo fracasso, não enxerga seus erros e

limitações, consegue uma desculpa para se tornar cético, abandonar os trabalhos militantes e "cuidar da vida". Será mais um daqueles casos onde se passa de incendiário a bombeiro, um pessimista de plantão, pronto a dizer "já passei por isso, desista..." Em outros casos, o ceticismo é mais leve e busca-se refúgio num pequeno grupo de afinidade, livre de "impurezas", um "pequeno mundinho libertário", um grupo elitista e "aristocrático" que constrói valores próprios e fechados, que pouco se diferencia de uma seita. No final das contas tudo resultou de uma estratégia errada, em desacordo com a realidade e por isso mesmo infrutífera.

**Uma organização anarquista para quê?**

Os textos publicados levantam discussões que vão mais além do que discutir se os anarquistas são a favor ou contra organização. Há algum tempo atrás esta discussão era central no movimento libertário, toda vez que se falava em organização abria-se uma polêmica enorme. Os temores de criar um monstro burocrático apavoravam tanto que muitos anarquistas rechaçavam totalmente a idéia, alguns chegavam ao cúmulo de afirmar que organização era algo estranho ao anarquismo.

Felizmente este tempo está passando e as coisas amadurecendo, ficando claro que existem tanto os anarquistas individualistas e/ou espontaneístas, contrários à formação de uma organização; quanto anarquistas partidários da organização. Isso sempre fez parte da história do anarquismo e dificilmente vai deixar de fazer, ainda existem anarquistas avessos à organização e individualistas assumidos, tudo bem; que cuidem de suas vidas. Enquanto isso, nós lutamos por aquilo que acreditamos. Porém, nós que somos defensores da organização dos anarquistas entendemos que já é o momento de avançarmos em direção a outras questões.

É impossível se falar de organização em termos abstratos, assim como é infrutífero começar a discutir suas formas concretas (se vai se organizar por núcleos, que instâncias terá ou não, qual o método decisório, quais os critérios para ingresso etc.) sem antes discutirmos o que se pretende com uma organização anarquista. Algumas tentativas de formar federações, confederações e organizações anarquistas pelo Brasil fracassaram nos últimos anos. Certamente não faltou vontade aos que se envolveram nestes processos, e nós nos incluímos entre eles. Outros fatores contaram como a falta de maturidade e experiência dos militantes, mas



principalmente faltou em nossa opinião, discutir qual o objetivo de formar uma organização anarquista. Qual a estratégia para alcançar este objetivo? Quais as táticas para tornar real esta estratégia?

Sem responder a estas questões, entrar na discussão de detalhes será pouco produtivo. As formas concretas que vai tomar a organização anarquista não estão dadas, não existe um modelo pronto e acabado a ser aplicado, o máximo que existe é uma orientação geral a respeito de princípios como horizontalidade, federalismo, participação, ação direta etc. Mas isso é muito pouco, e às vezes muito vago, pois cada um entende estes conceitos de um forma diferente.

Muitas vezes as mesmas pessoas que procuram valorizar a diversidade, procuram disfarçar as divergências e sugerem que o acordo quanto ao objetivo é suficiente para se formar uma organização. Assim, se todos tem como objetivo "a revolução" e são anarquistas, isso bastaria. Alguns vão mais além, e traçam como objetivo "destruir o Estado e o capital", coisa com a qual concordam praticamente todos os anarquistas e que também não diz muito. O necessário é discutir os meios, a estratégia e as táticas.

Sem discutir estas questões o mais provável é que se forme uma organização, seja ela que nome tenha (federação, união, partido, frente etc.) que agrupe distintos grupos anarquistas com práticas distintas, às vezes conflitantes, e que possuem, mesmo que de maneira não declarada, opções estratégicas diferentes. A tendência é que os conflitos que foram colocados debaixo do tapete em nome da unidade, acabem aparecendo na medida em que a organização começa a caminhar. Cada um puxa para um lado e o resultado é que a organização, o coletivo, não consegue caminhar. Daí, para surgirem conflitos que se tornam pessoais é um pulo e a experiência da organização termina de maneira traumática para muitos militantes.

Não estamos dizendo que todos devem ter o mesmo tipo de prática numa organização, ou sugerindo qualquer forma de uniformização ou padronização. As formas de se atuar podem ser distintas, mais do que isso, precisam ser distintas para se atingir o capitalismo em vários pontos. Mas, isso tudo, deve estar dentro de uma mesma estratégia, e observando o movimento anarquista como um todo, francamente não vemos a variedade de práticas confluir para o mesmo rumo, o que não tira o valor de cada luta em particular, mas limita e muito seus efeitos.

Também não estamos afirmando que seja necessária a elaboração

prévia, em detalhe e profundidade, de um programa, para somente depois se construir uma organização anarquista. Esta tarefa é sem dúvida muito importante, mas pode ser levada adiante com o tempo. O que avaliamos como imprescindível é a definição de alguns marcos na discussão. O primeiro deles consideramos como dado, ou seja, é o próprio entendimento de que uma organização anarquista é necessária e tem um papel a desempenhar num projeto revolucionário, coisa que Malatesta, Fabbri, Bakunin, Makhno, Durruti e muitos outros anarquistas pensavam.

Outro ponto fundamental para nós é compreender a distinção que existe entre uma organização anarquista e o movimento social. Isso pressupõe que nós não buscamos um movimento anarquista de massas, não buscamos movimento anarco-sindicalista, anarco-estudantil, anarco-comunitário etc. Concebemos o anarquismo como um método de luta, um projeto político. Pensamos que a ideologização ou partidarização de qualquer movimento social, divide e enfraquece de um lado e acaba substituindo a organização anarquista por algo mais amorfo por outro lado.

O que pensamos é numa organização anarquista que atue em vários âmbitos: no âmbito da propaganda das idéias, na formação política, em trabalhos internos, e nos movimentos sociais (bairros, ocupações, escolas, universidades, espaços de trabalho etc.). Existindo um objetivo e uma estratégia, as táticas são decorrentes. Entendemos que deve ser uma discussão e uma decisão coletiva e horizontal da organização anarquista colocar mais energia nesta ou naquela atividade em determinando momento.

Apesar de serem necessárias várias frentes e modalidades de atuação, toda organização tem limites: tem um número restrito de membros, tem necessidades materiais e financeiras que podem limitá-la, tem dificuldades internas etc. Nesta situação torna-se impossível atuar em tudo. Além disso, a organização deve analisar a realidade, avaliar em que campo é mais interessante atuar num dado momento. Isso obriga a escolher certas atividades com critério. E isso não é privilégio de uma organização, qualquer grupo por menor que seja, qualquer indivíduo escolhe o que vai fazer, prioriza determinadas atividades em detrimento de outras que avalia menos importantes. Muitas vezes estas opções não são pensadas e se cometem erros, se desperdiçam energias, pessoas se frustram e se afastam. Uma das tarefas da organização é avaliar onde vamos depositar nossas energias.



Em nossa opinião, a atuação nos movimentos sociais é peça fundamental de um projeto revolucionário. Outras tarefas também têm a sua importância, como a propaganda, por exemplo, mas são secundárias a nossa ver. Neste ponto, manifestamos uma clara discordância com Luigi Fabbri e em grau menor com Malatesta. Apesar de concordarmos quanto à idéia de uma organização anarquista divergimos sobre a sua estratégia.

Terminamos por aqui nosso texto de discussão dos textos publicados. Procuramos uma atitude em que não se tratem os textos e autores clássicos do passado como objetos sagrados aos quais se presta reverência. Por outro lado, não queremos desfazer do passado, seguindo modas políticas e intelectuais, que, sem saber, repetem coisas já ditas por outros há tempos, não é preciso reinventar a roda.

*Luta Libertária*

---

[1] BAKUNIN, Mikhail. *Socialismo e Liberdade* e MAKHNO, Nestor. *Anarquia e Organização.*

Bibliografia:


Teses:

**LUIZETTO**, Flávio Venâncio. *Presença do Anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional, 1900-1920*. Doutorado, FFLCH-USP; São Paulo 1984.

Livros:

**BAKUNIN**, Mikhail. *Socialismo e Liberdade*. Luta Libertária, São Paulo 2002.

**CAPPELLETI**, J. Angel. *El Pensamiento de Malatesta: idealismo ético y socialismo libertário*. Recortes, Motevidéu 1990.

**FABBRI**, Luigi. *Dictadura y Revolución*. Proyección, Buenos Aires 1967.

**KROPOTKIN**, Piotr. *La Moral Anarquista*. Júcar, Madri 1978.

**KROPOTKIN**, Piotr *Textos Escolhidos*. L&PM, Porto Alegre 198?

**LUIZETTO**, Flávio. *Utopias Anarquistas*. Brasiliense, São Paulo 1987.

**MAKHNO**, Nestor. *Anarquia & Organização*. Luta Libertária, São Paulo 2001.

**MALATESTA**, Errico. *Escritos Revolucionários*. São Paulo, Novos Tempos 1989.

**MALATESTA**, Errico. *A Anarquia*. São Paulo, Imaginário 1999.

**MALATESTA**, Errico. *Textos Escolhidos*. L&PM, Porto Alegre 1984.

**MALATESTA**, Errico.*Anarquistas, Socialistas e Comunistas*. São Paulo, Cortez 1989.

**MALATESTA**, Errico.*Socialismo y Anarquia*. Ayuso, Madri 1977.

**NETTLAU**, Max. *La Anarquia Através de los Tiempos*. Júcar, Madri 1975.

**Livros lançados pelo coletivo editoral Luta Libertária:**

**MAKHNO**, Nestor. *Anarquia & Organização*. Luta Libertária, São Paulo 2001.(100 págs)
Este livro traz textos de Makhno e do grupo *Dielo Trouda*, do qual fez parte. E traz também textos de Piotr Archinov, outro militante que viveu os episódios revolucionários na Ucrania e textos de debate entre estes, Makhno e Malatesta, em torno da plataforma de organização proposta pelo *Dielo Trouda*.

**BAKUNIN**, Mikhail. *Socialismo e Liberdade*. Luta Libertária, São Paulo 2002.(110 págs)
Seleção de recortes temáticos onde se procura focalizar temas importantes na obra de Bakunin, que ainda são muito atuais e úteis para quem pensa em socialismo e anarquismo enquanto ferramentas na luta pela superação do capitalismo.

xistem indivíduos fortes, inteligentes, apaixonados, com grandes necessidades materiais e lectuais que, encontrando-se por acaso na classe dos oprimidos, procuram a todo custo ncipar-se e não recuam diante da idéia de ser, por sua vez, opressores: são indivíduos e se sentem aprisionados na sociedade atual e chegam a desprezar e odiar qualquer tipo ociedade; vendo que é absurdo querer viver fora da coletividade humana, procuram meter à sua própria vontade e à satisfação de suas paixões todos os homens, a sociedade eira. Às vezes, quando são intelectuais, consideram-se *super-homens*. Não têm escrúpulos, erem "viver sua vida"; ridicularizam a revolução e qualquer aspiração futura; querem r a vida "aqui e agora", a qualquer preço e às custas de quem quer que seja; sacrificariam humanidade inteira por uma única hora de "vida intensa" (conforme seus próprios termos). stes são rebeldes, mas não anarquistas. Possuem a mentalidade e os sentimentos do burguês trado e, quando podem, transformam-se efetivamente em burgueses, e não menos gosos.

*Errico Malatesta*
*(Pensiero e Volontà, 15 de junho de 1913)*

rganização anarquista deve ser a continuação de nossos esforços e da nossa propaganda; deve ser a conselheira libertária que nos guia em nossa ação de combate cotidiano. emos nos basear em seu programa para difundir a nossa ação em outros campos, em s as organizações especiais de luta particulares nas quais possamos penetrar e levar ssa atividade e ação: por exemplo nos sindicatos, nas sociedades anti-militaristas, nos pamentos anti-religiosos e anti-clericais, etc. Nossa organização especial pode servir lmente como um terreno para a concentração anarquista (não de centralização!), como campo de acordo, de entendimento e de solidariedade a mais completa possível entre . Quanto mais estivermos unidos menor será o perigo de que sejamos arrastados nas erências ou, que desviemos nosso ímpeto de luta para batalhas e escaramuças aonde, os que não estão de forma alguma de acordo conosco, poderiam cortar-nos as mãos.

*Luigi Fabbri*
*(A Organização Anarquista, Junho de 1907)*

*LUTA LIBERTÁRIA*
*Coletivo Editorial*

ERRICO MALATESTA & LUIGI FABBRI

ANARCO-COMUNISMO ITALIANO

LL

# ANARCO COMUNISMO ITALIANO

Malatesta dispensa grandes apresentações para quem já tem algum conhecimento da história anarquismo. Nascido em 14 de zembro de 1853, em Santa Maria ura Vetere, perto de Nápoles, de jovem indignado com as sticas sociais, sofreu sua primeira nção aos 14 anos de idade, por rever uma carta insolente ao Rei tália, desde então não cessou de r pela revolução social.

da jovem militou na Associação rnacional dos Trabalhadores e mesmo tempo na Aliança da mocracia Socialista, a organização rquista clandestina fundada por kunin.

parte da corrente anarco-munista, mas sempre polêmico, ergiu de Kropotkin em muitas sas. Foi um propagandista nsável do anarquismo, fundando olicações diversas em várias es do mundo por onde, em geral, ve exilado. Mas sua ação não se só no campo da propaganda, bém fundou organizações e ltatos. Malatesta é uma leitura damental para quem quer hecer o pensamento anarquista.

# ANARCO COMUNISMO ITALIANO

ao dos marxistas, trocando-se o "motor biológico" pelo desenvolvimento das forças produtivas.

Aliás, em relação ao marxismo, muitos anarquistas de hoje desferem uma crítica não somente ao determinismo econômico, como também a um pretenso cientificismo, do qual o anarquismo seria um eterno combatente. A imagem construída do marxismo é a de uma teoria absolutista, universalista, com pretensões de possuir a verdade e a ciência. Por outro lado, o anarquismo seria eterno combatente da verdade única, dos dogmas, de qualquer "socialismo científico". Por mais que isso corresponda a posição de muitos anarquistas nos dias de hoje, não era a postura dos anarco-comunistas daquele tempo. Vejamos o tipo de crítica que Kropotkin desfere contra o marxismo: "(...) ultimamente tem-se gabado muito o uso do método dialético preconizado pelos social-democratas na elaboração do seu ideal socialista. Por anticientífico, repudiamos absolutamente esse método que não se compara com o das ciências naturais que em tudo sobreleva aquele. O método dialético evoca na mente dos naturalistas qualquer coisa de anacrônico que fez sua época e desde há muito foi entregue ao olvido para a honra da ciência. De igual modo, quando se fala a um anarquista que, segundo Hegel, 'toda evolução representa uma tese, uma antítese e uma síntese' (...) o anarquista, virando as costas, pergunta a si mesmo: 'como é possível que, no meio do enorme desenvolvimento das ciências naturais, ainda haja indivíduos tão tacanhos que continuam a crer na efetividade desse oco palanfrório?"[45]

Para Kropotkin, as generalizações oriundas da dialética marxista não passavam de "asserções ingênuas". O interessante nestas passagens é que a crítica de Kropotkin não é contra o espírito científico do marxismo, mas justamente pela falta de espírito científico, por uma falsa ciência, segundo ele desprovida de rigor. É uma crítica totalmente oposta a de muitos anarquistas de hoje, que rejeitam qualquer conteúdo científico nas idéias socialistas ou anarquistas. Também neste ponto, apesar do texto tratar de Marx, há um rompimento com o pensamento de Bakunin, que fazia uso da dialética hegeliana também.

Por outro lado, alguns valores iluministas e liberais penetraram no anarco-comunismo. Não queremos dizer com isso que os anarco-comunistas tenham sido liberais, as diferenças entre eles são enormes para que se faça tal afirmação, mas é muito clara a penetração da ideologia burguesa no anarquismo desta época; fato que não se limitou ao campo da ideologia, mas que avançou para táticas semelhantes às liberais, e para a participação de muitos elementos da burguesia no movimento



anarquista, desenvolveremos melhor este assunto logo adiante.

Uma das idéias liberais fundamentais que o anarco-comunismo incorporou foi em relação à natureza humana. Estabeleceu-se uma noção de que o ser humano era bom por natureza, de que o capital e o Estado eram obstáculos artificiais, que uma vez derrubados dariam caminho ao livre desenvolvimento natural. Pensando assim, o que se gera, como já foi colocado, é uma visão espontaneísta do processo revolucionário. O conceito de natureza, de inclinações naturais do homem, harmonia natural, homem livre por natureza, são noções próprias dos clássicos do pensamento liberal. Da noção de uma natureza humana competitiva, "má", Kropotkin caiu no outro extremo, uma natureza humana naturalmente solidária, boa. James Joll relata que Kropotkin acreditava "na bondade natural do homem e na perfeição das instituições humanas, que se veriam automaticamente liberadas logo após o aniquilamento da ordem"[46]. Os comunistas libertários viam no princípio da ajuda mútua, tanto quanto no princípio da sociabilidade, qualidades "inatas na natureza humana"[47]. Este tipo de idéia, concebendo um indivíduo que nasce livre, que é naturalmente solidário, é muito próxima do ponto de vista Rousseau, coincidindo com a clássica noção de que o homem nasceria bom e a sociedade o corromperia. Noções como esta, já haviam sido refutadas de maneira veemente por Bakunin; para ele o autor de *O Contrato Social* era "(...) o escritor mais nefasto do século passado (século XVIII), o sofista que inspirou todos os revolucionários burgueses (...)"[e]. Neste aspecto, o anarco-comunismo marca outra diferença com o bakuninismo.

**Estratégia e táticas do anarco-comunismo**

Independente da opinião que se tenha sobre o anarco-comunismo, Kropotkin e Reclus conseguiram alcançar um extremo êxito na divulgação de suas concepções, tornando-se a maior referência dos anarquistas em geral e fazendo do anarco-comunismo a corrente hegemônica entre a militância anarquista por muitos anos.

Já mencionamos anteriormente aquela que consideramos ter sido a estratégia fundamental do anarco-comunismo, que consistia "na ampla difusão dos princípios da ajuda mútua, mesmo na nossa época, vemos, também, a melhor garantia de uma evolução mais elevada do gênero humano"[48]. Alguns poderão questionar: como uma corrente tão crédula numa evolução da sociedade rumo ao comunismo anarquista poderia traçar estratégias e táticas se imaginavam que o objetivo seria atingido

inevitavelmente? A resposta para tal questão é que nunca existiu uma corrente, por mais fatalista que fosse, que não colocasse alguma tarefa prática como forma de auxiliar a marcha da história. Isso é verdade tanto para os anarco-comunistas quanto para muitos marxistas, que apesar de acreditarem na evolução da sociedade por etapas, não deixaram de trabalhar da forma que pensavam auxiliar o processo histórico.

Entre os anarquistas comunistas não vamos encontrar uma posição única sobre a questão, o grau de influência que a ação dos anarquistas poderia ter varia muito de um militante para outro, de um pensador para outro. De qualquer maneira, todos eles, em maior ou menor grau, atribuem importância às atividades anarquistas. O que todos os anarco-comunistas têm em comum é a valorização da propaganda conscientizadora como a estratégia fundamental. Termos como convencimento, persuasão, conscientização, ilustração e educação foram utilizados constantemente pelos anarco-comunistas.

Esta estratégia ganhou vida através de várias táticas: a edição de inúmeros livros, publicação de periódicos, realização de cursos, abertura de centros de cultura, promoção de conferências públicas etc. De todas as formas se procurava difundir de maneira massiva o "ideal anarquista", termo que passou a ser cada vez mais freqüente na literatura anarquista comunista. A história era vista como a cavalgada do ideal, que se difundia, se alastrava, atravessava os tempos. Percebemos que se atribui um papel mais importante às idéias do que às práticas, a "idéia" vinha sempre antes, a prática depois. Retomamos alguns trechos já citados que evidenciam o que dizemos:

"A condição primeira do triunfo é estarmos desembaraçados da nossa ignorância (...)"[49]

"É já tempo de empregar unicamente forças conscientes; os evolucionistas, chegando enfim ao perfeito conhecimento do que pretendem realizar na próxima revolução, têm outra coisa a fazer do que se amotinar descontentes, lançando-os na refrega sem fim nem bússola"[50].

"É nas cabeças e nos corações que as transformações têm que realizar-se antes de tenderem os músculos e de mudarem em fenômenos históricos"[51].

Kropotkin falava na necessidade de que *as idéias novas, aquelas*



*que marcarão um novo ponto de partida da história da civilização, fossem esboçadas antes da revolução, fossem fortemente divulgadas entre as massas, (...) que as palavras anarquia, abolição do Estado, livre acordo dos grupos operários e das comunas, a comuna anarquista se tornassem familiares (...)* [52].

Em termos de visão de mundo, de concepção de sociedade, é muito clara a raiz idealista do anarco-comunismo. Para eles, é a idéia que move a história, que gera os fatos. Uma vez mais, notamos um rompimento com o pensamento de Bakunin, totalmente avesso ao idealismo e declaradamente materialista[f], acreditando mais nas ações do que nas palavras e idéias como instrumentos de transformação da realidade.

Conhecendo a estratégia do anarco-comunismo podemos entender sua postura em relação à questão da organização anarquista. Aparentemente é uma posição indefinida e contraditória em sua prática. Da mesma maneira que existiram anarco-comunistas que criaram federações e organizações anarquistas, existiram aqueles que nunca se preocuparam com tal coisa. É um posição distinta dos anarquistas individualistas, críticos ferrenhos da organização anarquistas em quaisquer de suas formas. Nosso entendimento é de que para a maioria dos anarco-comunistas[g] a organização não era algo estratégico, fundamental. A organização somente era necessária na medida em que viabilizasse a estratégia da propaganda. Caso esta estratégia pudesse se realizar através de um pequeno grupo que editasse livros ou periódicos, de um centro de cultura ou mesmo da formação de um ambiente intelectual de debate acadêmico a organização tornava-se desnecessária.

Uma das conseqüências da hegemonia do anarco-comunismo nos meios libertários foi o afastamento da classe trabalhadora. Os traumas com a Comuna de Paris e as insurreições européias do início da década de 1870, têm relação com este afastamento. Percebemos em vários textos do anarco-comunismo, certos indícios de raiva e amargura contra o povo, que na hora dos conflitos não os seguiu como eles esperavam. Termos como "populacho", "massas ignorantes", "bárbaros" e "canalha popular", são encontrados freqüentemente nos textos anarco-comunistas, sempre com conotação negativa. A partir de então, os anarquistas passaram a tratar com bastante desconfiança os movimentos populares e operários. A ignorância era o principal defeito das massas para os anarco-comunistas, tornando-as embrutecidas. Ao mesmo tempo este distanciamento gerou uma valoração oposta; o mesmo povo tido como ignorante e embrutecido, era considerado "puro", "naturalmente solidário", "generoso". Um

conceito muito próximo do "bom selvagem" de Rousseau. Nesta dúbia posição em relação ao povo oscilaram os anarco-comunistas em vários momentos. No nosso entender, ambas são valorações exageradas e resultantes do afastamento dos anarco-comunistas em relação à classe trabalhadora.

Por outro lado, as atividades desenvolvidas pelos anarco-comunistas, centradas no mundo das letras e da intelectualidade, não eram próprias para atrair grandes massas, em sua maioria analfabetas àquele tempo. Nesta trajetória, os anarco-comunistas, ao mesmo tempo em que desenvolviam suas teorias, publicavam inúmeros livros e periódicos, mas, como já foi dito, ficavam mais longe dos trabalhadores. Vem desta época a imagem do anarquista erudito, "encerrado numa torre de marfim".

Outra parcela dos anarquistas seguiu caminho distinto, foram os chamados "anarquistas de ação direta". Também para estes, havia um desprezo pela atuação nos meios populares e operários, também eles, a exemplo dos anarco-comunistas, julgavam o povo por demais ignorante e inconsciente. No entanto, militavam de outra forma, ao invés do campo das idéias, optaram pela prática pura. Por ação direta entendiam as ações de lançar bombas, dinamites e outros artefatos do gênero contra símbolos e membros da burguesia. A oposição ao anarco-comunismo é muito clara e estes anarquistas que se definiam como os adeptos da "propaganda pelo fato", em implícita crítica aos anarquistas que faziam propaganda somente pelas idéias. No entanto, a ação destes anarquistas tinha um sentido destrutivo, de fazer "propaganda pelo fato", como diziam, e atingiam vítimas de maneira indiscriminada, desde que fossem consideradas membros da burguesia. Em relação aos anarco-comunistas foram minoritários, o que não impediu que tivessem grande repercussão, motivassem e protagonizassem muitos debates entre os anarquistas sobre a questão da violência.

Tanto a ala anarco-comunista, quanto a ala dos anarquistas que praticavam a "propaganda pelo fato", contribuíram para um certo isolamento do anarquismo, na medida em que se perdiam os vínculos populares. O contato dos anarquistas com o movimento operário seria retomado somente em meados da década de 1890, no caso da França, através da corrente chamada de *sindicalista revolucionária*, que atraiu alguns anarquistas, mas não foi formada como um projeto ou tática anarquista para atuar no movimento operário, mas a partir do próprio movimento dos trabalhadores. Os anarquistas que aderiram ao



sindicalismo foram minoria e, naquele tempo, muitos diziam que o anarquismo estava morto no que se refere à inserção junto à classe operária, na verdade com o sindicalismo revolucionário da *CGT (Confederation Generale du Travail)* é que se retomou o vínculo com a classe trabalhadora: "As correntes domimantes até os anos 1870-1880, a do 'elogio do terrorismo individualista' e as que vivem em 'contínuas discussões acadêmicas', dão lugar aos que acreditam que o sistema burguês só poderia ser abatido pelo proletariado organizado"[53].

Porém, antes disso, os anarco-comunistas buscaram sair do isolamento. Para isso não diversificaram as atividades militantes, mas sim o público atingido por suas atividades. Aconteceu então uma grande novidade na história do anarquismo: a tentativa de aproximar a pequena burguesia e a burguesia ilustrada. As posições anteriores eram orientadas fundamentalmente pelas concepções de Bakunin, que, como observou Nettlau, "desejou, até o último momento, expor um conjunto de suas idéias ante o único público que reconhecia, o público de operários e rebeldes, a juventude do futuro, e não ante o público burguês, defensor de um mundo moribundo que ele desprezava"[54]. O fato de Bakunin ser oriundo da classe nobre na Rússia nada depõe contra isso, e não permite de maneira nenhuma que se atribua a ele uma concepção policlassista ou "humanista", para além das classes sociais. Toda a sua prática e todas as suas idéias foram orientadas pensando "as massas"[h] como sujeito revolucionário, termo com o qual ele designava um conjunto de explorados e oprimidos que continha desde os operários, *lumpens*, estudantes, jovens e camponeses.

Com o comunismo libertário, o assunto recebeu um tratamento diferente. O público operário não foi, decerto, ignorado, e nem minimizada a importância de sua participação no processo revolucionário, mas o "público burguês" não mereceria o desprezo demonstrado por Bakunin. Vejamos este trecho de Kropotkin que nos parece muito significativo: "(...) não tardei em reconhecer que não se produziria nenhuma revolução, pacífica ou violenta, enquanto as novas idéias e o novo ideal não tivessem penetrado profundamente na própria classe cujos privilégios econômicos e políticos estavam ameaçados (...) percebia que a idéia de uma emancipação dos operários do atual sistema de salários, abria o seu caminho até mesmo entre as classes médias (...) a parte oprimida da sociedade deve ter a idéia mais clara possível do fim que pretende atingir e dos meios que deseja empregar e deve impregnar-se do entusiasmo necessário para realizar sua obra; porque dessa forma terá certeza de

atrair os melhores elementos e as forças intelectuais mais capazes, na classe possuidora dos privilégios acumulados pelo passado (...)"[55].

A atividade literária foi o meio pelo qual os anarco-comunistas estabeleceram um canal com a burguesia, esta atividade literária foi responsável pela projeção conquistada no ambiente cultural europeu. Foi com indisfarçável contentamento que ao redigir o verbete *Anarquismo* para a Enciclopédia Britânica, em 1905, Kropotkin registrou o fato de que, no transcorrer da história do comunismo libertário, ele associou, além da concepção "anarco-cristã", de inspiração tolstoiana, uma outra "que se poderia denominar anarquismo literário, iniciado por alguns destacados escritores modernos"[56]. Kropotkin não se ocupou muito do "anarquismo literário" no referido verbete. O pouco que acrescentou a essa breve menção, revela-nos, todavia, a sua satisfação com a evolução da propaganda libertária nessa direção: "(...) seria impossível explicar aqui, nesse breve esboço, a presença, de um lado, das idéias anarquistas na literatura moderna, e a influência, por outro, que as idéias libertárias dos melhores escritores contemporâneos exerceram no desenvolvimento do anarquismo"[57]. Buscava-se mais apoio para o desenvolvimento de atividades militantes, que pelo fato de serem centradas na cultura e na educação, tinham necessidade de militantes ilustrados, formados intelectualmente, coisa difícil de se encontrar nos meios populares.

O pesquisador Henry Arvon observou que, no final do século XIX e no início do século XX, ele assumia a característica de "um verdadeiro fenômeno de civilização", "a reunião de duas vanguardas, uma revolucionária e outra artística, realizada pela primeira vez no curso do século XIX, na indefectível amizade entre Proudhon e Courbet, parece converter-se em um verdadeiro fenômeno de civilização. Especialmente durante o período que vai desde 1885 até 1900", prossegue Arvon, "a França da Belle Époque vê um grande número de artistas e de escritores confundirem suas causas com as dos companheiros anarquistas. As revistas e as publicações anarquistas se convertem em privilegiados lugares de encontro"[58]. Desta forma, o anarquismo conseguiu superar o isolamento de que tanto se queixavam os seus adeptos. Definia-se uma nova imagem do movimento anarquista, bem distante daquela identificada com a época de Bakunin.

Neste processo de aproximação e de envolvimento do anarquismo com um público mais amplo, nem tudo foi congraçamento. Prova disso foram os atritos constantes com os romancistas e artistas em geral. De um lado, os artistas buscaram no anarquismo a liberdade estética total, a



soltura, a fuga dos padrões, a criação livre; como definiu Oscar Wilde buscava-se "o resultado único de um temperamento único"[59]. Por outro lado, os militantes anarquistas desejavam vincular a arte às exigências de compromisso social, o que para os artistas era uma forma de limitação. Kropotkin é muito claro sobre este ponto: "(...) vós poetas, pintores, escultores, músicos, se vós compreendestes vossa verdadeira missão e os interesses da própria arte, vinde então pôr vossa pena, vosso pincel, vosso buril, ao serviço da revolução. Contai-nos em vosso estilo cheio de imagens ou em vossos quadros impressionantes as lutas titânicas dos povos contra seus opressores; inflamai os jovens corações com este belo sopro revolucionário que inspirava nossos ancestrais; (...) Mostrai ao povo o que a vida atual tem de inconveniência; dizei-nos o que uma vida racional teria sido, se ela não se chocasse a cada passo contra as inépcias e as ignomínias da ordem social atual"[60].

Mas, no próprio meio dos militantes, levantaram-se vozes reclamando contra os excessos do "anarquismo intelectual" ou do "anarquismo literário". Uma destas vozes foi Malatesta: "(...) sindicatos, agrupações, iniciativas culturais, sim; todas essas coisas são belas e também necessárias, porém tudo isso se torna inútil sem a luta e a revolta diretas e ativas, sem atos revolucionários concretos (...) Parece-me que atualmente os anarquistas foram levados por um defeito oposto ao dos excessos de violência (...) É preciso reagir, agora mesmo, contra certas tendências ao congraçamento e à vida sossegada que se manifestam em nossos ambientes. É mais urgente, agora, reavivar o ardor revolucionário que se enlanguesce, o espírito de sacrifício, o amor ao perigo"[61].

O próprio Max Nettlau, inicialmente um entusiasta desta vertente do anarquismo, mudou de opinião algum tempo depois, e chegou mesmo a atribuir ao fenômeno do "anarquismo literário" o declínio da importância e da posição do anarquismo nos meios revolucionários: "(...) havia 'Universidades Populares', 'teatros do povo', educação da infância e outras atividades úteis e simpáticas a um período de grande repouso, que, porém, não davam senão poucas forças novas às idéias anarquistas", para ele "os anarquistas tinham então de fazer outra coisa, tal me pareceu sempre, ao invés de entregar-se ao esperanto, ao neomalthusianismo sexual e a desvios semelhantes. Não o fizeram, e isso os relegou a um plano secundário"[62]. No entanto, o próprio Nettlau reconheceu isso somente dez anos depois, quando admitiu que naquele tempo era grande a sua "fé na possibilidade, por assim dizer, mecânica, de uma propaganda ilimitada das idéias, pelos meios pedagógicos de educação e de agitação"[63]

## A nossa crítica

Ao longo deste texto já transpareceu muito de nossa posição crítica em relação ao pensamento e prática dos anarco-comunistas. Porém, nesta parte final, sentimos a necessidade de apontar de maneira mais direta as nossas principais críticas. Não existe de nossa parte nenhuma intenção de condenar moralmente ou desqualificar a corrente anarco-comunista ou qualquer um de seus militantes. O anarco-comunismo contou com militantes que dedicaram sincera e honestamente suas vidas ao anarquismo e à luta revolucionária, sofrendo por isso mesmo todo tipo de reação do Estado e da burguesia. Nesse sentido eles são para nós, companheiros de outra época, que buscaram por caminhos que julgaram ser os melhores atingir os mesmos fins que nós pretendemos atingir.

Por outro lado, uma das finalidades de nosso coletivo é através da publicação dos textos, fazer um balanço histórico do anarquismo em suas variadas expressões e este balanço é necessariamente crítico para nós. Neste caso, a crítica não é um mero exercício que se faz à toa, é uma necessidade para conhecer os erros e acertos da época, entender a herança que esta ou aquela corrente deixou viva no meio anarquista até os dias de hoje, e finalmente selecionar aquilo que nós avaliamos como útil e coerente para hoje, aquilo que rejeitamos e aquilo que julgamos necessário atualizar para nosso tempo.

Para muitos, os anarquistas não deveriam fazer críticas em relação ao próprio anarquismo, pensam que isso pode manchar a imagem do anarquismo perante o público em geral. Na maioria dos casos se pretende "preservar" os clássicos do anarquismo. Nossa opinião é de que isso é contraditório com a própria posição dos anarquistas de não cultuar as pessoas, de não produzir mitos e ídolos, o dito "espírito iconoclasta", que os anarquistas voltam sempre contra os outros, mas que muitos evitam dentro do próprio anarquismo. Um outro motivo para nos preocuparmos em entender e criticar o anarco-comunismo é que eles foram uma corrente de grande força na formação do anarquismo brasileiro e deixaram marcas profundas, vivas até hoje entre os que reivindicam-se anarquistas; não se trata portanto de uma questão distante de nós. Porém, o motivo mais forte pelo qual damos importância para a crítica é a necessidade de gerar um projeto anarquista para hoje, para atuar hoje, por isso o esforço em separar o joio do trigo, de selecionar o que nos parece útil e coerente para os dias hoje.



O primeiro ponto do qual divergimos foi a avaliação dos anarco-comunistas sobre a derrota dos movimentos insurrecionais do início da década de 1870, Comuna de Paris, Itália etc. Mesmo concordando com parte do que os anarco-comunistas avaliaram, discordamos no essencial. Para eles faltou um trabalho de conscientização prévio, as massas não tinham o ideal revolucionário nos corações e mentes, este foi o principal motivo da derrota. Para nós, este elemento realmente faltou e poderia ter contribuído para evitar a derrota. Porém, não podemos esquecer que a Comuna de Paris não foi a aplicação à risca do projeto bakuninista. Todos aqueles que estudaram a Comuna de Paris são unânimes em afirmar que os militantes da Internacional em nenhum momento foram a força majoritária entre as correntes socialistas e democratas atuantes no movimento, pelo contrário, a influência da Internacional foi minoritária, e a ala bakuninista não era absoluta dentro da Internacional, ou seja, os bakuninistas não tiveram a extensão necessária no movimento para influenciá-lo a seu modo. Nos inclinamos muito mais a avaliar a derrota pela falta de uma maior inserção e extensão dos membros da Internacional que pudessem influenciar mais o movimento. Além disso, faltou preparo dos militantes para antever situações revolucionárias e se posicionar no momento correto etc. Em resumo, na nossa opinião, faltou muito mais preparo organizativo, antes e depois, do que propaganda.

A partir desta distinta avaliação da derrota, todas as deduções que se tiram dela tendem ser discordantes. No plano teórico o anarco-comunismo procura dar um sentido evolutivo e determinista à história, associa uma lógica das ciências naturais ao anarquismo e à revolução, pretende dar um caráter científico ao anarquismo fundado nesta lógica, chamada por eles próprios de mecanicista. Os fatores naturais, biológicos pesariam muito mais do que os fatores históricos e sociais, e isso certamente acaba numa subestimação do papel ativo das pessoas no processo de transformação. Discordamos deste modo de conceber a história radicalmente. Para nós foi um retrocesso em relação às concepções de Bakunin.

Por outro lado, o único espaço deixado para a intervenção dos militantes é no campo das idéias, e muitas vezes apenas cumprindo o papel de explicar às pessoas o rumo da história, de prepará-las para o que inevitavelmente virá, muito mais do que para protagonizarem a ação. Há uma contradição interna mal resolvida pelo anarco-comunismo. De um lado se afirma que a revolução vem de maneira quase inevitável pela evolução da espécie, de outro lado aposta na propaganda conscientizadora

para alastrar os princípios, o ideal, e aí sim fazer a revolução, com toda a massa, ou grande parte dela, consciente.

Não acreditamos em nenhum deste dois caminhos para a revolução. Por um lado rejeitamos qualquer pretensão de que a história tenha uma finalidade socialista, comunista ou anarquista. Estes são objetivos traçados e pelos quais nos organizamos e lutamos, é um projeto de sociedade e não um destino. Também não avaliamos que o trabalho de propaganda tenha a importância central que o anarco-comunismo lhe destina. Certamente é uma das formas de trabalho necessárias para um processo revolucionário, menosprezada no bakuninismo, mas não é a única forma e muito menos a central. Outras atividades militantes no campo da organização popular e da preparação dos meios materiais para se proceder a revolução são essenciais a nosso ver, atividades menosprezadas pelos anarco-comunistas.

Na medida em que os anarco-comunistas tomaram o plano das idéias como centro e a propaganda como estratégia estão afirmando uma concepção idealista do mundo. Primeiro transformar as mentes, depois o mundo. Também neste ponto vemos um retrocesso em relação ao bakuninismo, pois se adota um idealismo antes negado. Porque negamos esta via? Primeiro porque ela é objetivamente impossível de ser adotada e segundo porque mesmo que fosse possível adotá-la, isto é, conscientizar a massa, ou uma parte expressiva dela, isso não bastaria para fazer a revolução. Finalmente temos discordâncias quanto a forma de fazer avançar a consciência imaginada pelos anarco-comunistas. Mas tratemos uma coisa de cada vez.

Admitindo que conscientizar as pessoas fosse realmente o caminho para a revolução, tentemos imaginar como faríamos isso, levando em conta que para os anarco-comunistas, não se trata de conscientizar uma parte pequena da sociedade, mas a grande massa. Vejamos os meios, as táticas. Livros, jornais, revistas, teatro, cursos, debates e conferências; estas eram as atividades da época. Que possibilidades materiais existiram para a extensão em larga escala desta conscientização? De que recursos financeiros se dispunha para custear tais atividades levando em conta que na sociedade capitalista é preciso comprar papel, pagar gráficas, alugar espaços, adquirir materiais e produtos? A resposta é óbvia, são recursos limitados, ou melhor, foram recursos limitados, uma vez que estamos falando de algo que aconteceu na história e não de uma suposição nossa. Estes motivos limitaram a extensão destas atividades, isto é um fato e não uma opinião.

Podemos pensar esta estratégia nos dias de hoje e as coisas se



tornam mais complicadas ainda. Se no final do século XIX e primeiras décadas do século XX esta estratégia encontrou enormes dificuldades de realização, hoje em dia a situação é bem mais complexa. Naquela época ainda não havia se constituído a enorme indústria de entretenimento que existe hoje e que ocupa o tempo livre do povo. Naquela época as pessoas moravam mais próximas do trabalho, os trabalhadores de uma mesma fábrica moravam quase sempre no mesmo bairro, tinham uma rotina diária semelhante, enfim, conviviam mais. Não havia rádio, TV, internet, vídeo-game, etc. Mesmo cinemas e teatros não eram coisas com tão forte presença. O ensino ainda não estava universalizado e o povo não tinha total acesso à educação. Neste cenário sindicatos e centros de cultura concentravam atividades teatrais, bibliotecas, cursos, debates etc. Eram o espaço de socialização para boa parte do povo e não encontravam a concorrência do aparato de entretenimento que a burguesia possui nos dias de hoje. O meio de comunicação principal eram os jornais e mesmo sem ter a tiragem e distribuição dos jornais da burguesia várias organizações populares, de trabalhadores, socialistas e anarquistas conseguiam imprimir semanários e em alguns casos jornais diários.

Era uma realidade mais propícia do que a de hoje para intervir no campo da propaganda e mesmo assim esta estratégia não teve o sucesso que pretendia. Nos dias de hoje é possível a algum grupo revolucionário dispor de uma TV? De uma Rádio? De um jornal de grande circulação? Há brechas certamente que é preciso aproveitar, como a internet, as rádios comunitárias, a edição de periódicos, e tudo o mais que for possível, mas sem que se aposte todas as nossas esperanças neste trabalho. Quando expomos esta situação, muitos argumentam que mesmo assim não é um trabalho a se desprezar, tem a sua importância mesmo com os limites do alcance. Mas nós também achamos isso. Concluir que mesmo com limites estes trabalhos têm importância e admitir que o alcance é realmente limitado quantitativamente, é admitir a inviabilidade do projeto anarco-comunista, é admitir a impossibilidade de uma extensão massiva de em um trabalho deste tipo, real pretensão do anarco-comunismo.

Podemos também supor que, de alguma forma, conseguíssemos estender em larga escala as táticas anarco-comunistas, senão para a totalidade do povo, pelo menos para uma parte muito expressiva da população. Supondo que isto aconteça, e que o trabalho, além disso, conseguisse conscientizar todos os envolvidos, o que mudaria? Nos basta um grande número de pessoas conscientes? Deixaria de existir Estado, propriedade privada, exploração pelo simples fato das pessoas terem se

conscientizado? A não ser que acredite em poderes telepáticos ou em coisas como a "força do pensamento", nada mudaria. Seríamos explorados e oprimidos conscientemente. Alguns poderiam nos responder que a conscientização seria o primeiro passo apenas e que isso facilitaria todo o restante. Estariam apenas nos dando razão, admitindo que a conscientização por si só nada muda, que são necessárias outras medidas para se derrubar o capitalismo. Mas esta possibilidade foi apenas uma suposição de nossa parte, como já dissemos, e nada nos demonstrou que esta "conscientização massiva" seja possível.

Outro ponto que seria necessário aprofundar um pouco mais, mas que foge aos limites deste texto, é a própria noção de conscientização. Os anarco-comunistas tinham uma noção bem tradicional sobre este processo. De um lado estavam os militantes, no papel de "educadores", de outro lado o povo, ignorante, como público a ser atingido. Conscientização neste caso seria a transmissão de conhecimento para o povo. Imaginava-se muito a conscientização pelo caminho da leitura e do conhecimento. No nosso entender o processo da consciência também passa por outros caminhos, pelas experiências vividas pela classe no cotidiano, pelas lutas nas quais a pessoa esteve engajada etc. Não queremos dizer com isso que a prática por si só vai gerar consciência, mas que é a partir da realidade, das práticas e das lutas que surge a possibilidade de saltos de consciência, a vontade de adquirir formação para suprir carências, corrigir problemas que limitaram a própria luta.

A corrente anarco-comunista deixou marcas profundas no anarquismo, que seguem até os dias de hoje. Em dois momentos históricos cruciais o anarco-comunismo influenciou, em nossa opinião, de maneira negativa a atuação dos anarquistas. Na Rússia, influenciados pelas idéias evolucionistas de Kropotkin, que julgava desnecessária a construção de qualquer organização que pretendesse impulsionar uma revolução de maneira artificial, os anarquistas jamais constituíram uma organização ampla, permaneceram em pequenos grupos descoordenados entre si. Quando chegou o momento da Revolução Russa pagaram um preço alto pela fragmentação e falta de unidade de ação em toda a Rússia. Mesmo na Ucrânia, com o movimento makhnovista, onde os anarquistas mais se destacaram, a coordenação entre os grupos anarquistas e a formação de uma organização foi algo que se tentou fazer em meio ao processo revolucionário. A *Plataforma de Organizàção*, escrita já no exílio por volta de 1926-1927 aponta muito claramente como o anarquismo foi



prejudicado pela ausência de uma organização mais ampla em toda a Rússia. Simbolizou o espontaneísmo de Kropotkin a sua atitude diante da revolução, depois de 40 anos de exílio na Inglaterra, ele voltou à Rússia na qualidade de principal referência do anarquismo. Aguardado pelos militantes anarquistas, Kropotkin não se envolveu diretamente na revolução, não declarou apoio ao movimento makhnovista, por exemplo, para enorme decepção de seus discípulos.

Na revolução espanhola a vigência da noção de uma "harmonia natural" entre os seres humanos, funcionou como barreira para que se planejasse melhor as formas da futura organização social. Com o argumento de que eliminando o capital e o Estado tudo se resolveria espontaneamente, sem necessidade de maiores planificações, a questão foi deixada de lado, exceto no campo da economia, cujo planejamento foi feito com antecedência o que garantiu sucesso na produção e distribuição dos produtos, aumento de produtividade e conversão de fábricas para produção de armamentos e equipamentos para guerra ao fascismo. No entanto, não se pensou na forma de organização do poder na nova sociedade. Aliás, identificava-se poder e Estado. Algumas propostas de se pensar uma forma de poder libertário e horizontal foram rechaçadas pela maioria dos anarquistas, que temiam que isso se tornasse uma ditadura. No entanto, no momento da revolução, os anarquistas pagaram um preço alto por isso. Nada aconteceu "naturalmente", "espontaneamente".

Na Catalunha, contradizendo tudo que os anarquistas afirmaram na história, deixaram o Estado de pé, inicialmente esvaziado de poder, mas que logo depois retomaria o comando da sociedade. O organismo de poder real, o Comitê de Milícias Antifascista, teve uma composição independente da força real de cada organização social ou política. A *CNT* e *FAI* juntas tinham atrás de si 80% dos trabalhadores organizados da região, mas tinham uma representação igual a do *POUM*, *PSUC* e outras forças que tinham pouquíssima expressão social na região. O medo de ser ditadores fez com que fossem injustos e permitissem o crescimento de forças sem base social. Alguns meses depois o pior viria. *CNT* e *FAI*, por maioria, decidiram entrar no governo. Muitos dos anarquistas mais "puros", que rechaçavam qualquer proposta de se conceber um poder popular libertário defenderam, depois, a entrada no governo republicano, junto com socialistas, comunistas, etc. Quatro ministros teve a *CNT*, defenderam a dissolução das milícias revolucionárias e incorporação no

exército regular sob comando do *PCE*, defenderam o fim das coletivizações e apoiaram a repressão e prisão de alas anarquistas da própria *CNT* e *FAI* em 1937. Por aí se vê que do espontaneísmo, do purismo, pode-se chegar facilmente ao extremo oposto quando não se tem projeto. Não vamos nos aprofundar neste processo aqui, isto merecerá de nossa parte uma edição especial para tratar do assunto, mas apenas demarcamos o quanto pode ser prejudicial adotar posturas teóricas equivocadas.

Também no Brasil o anarco-comunismo teve muita força. O fato dos anarquistas daqui militarem nos sindicatos os associou ao *anarco-sindicalismo*, mas na verdade esta concepção foi minoritária no Brasil, sendo o *sindicalismo revolucionário* predominante. Edgar Leuenroth era um anarco-comunista que atuava nos sindicatos e sempre defendeu a neutralidade sindical, contra as pretensões de fazer propaganda anarquista nos sindicatos. É um tema polêmico e que merece ser tratado de maneira mais aprofundada. Para os limites deste livro basta assinalar que no Brasil o anarco-comunismo foi uma corrente que teve muita força.

Também na atualidade os anarquistas seguem adotando idéias e práticas do anarco-comunismo, embora muitos não tenham consciência disso. Muita gente segue a estratégia e aplica as táticas do anarco-comunismo sem nem mesmo conhecer Reclus ou Kropotkin, por exemplo. Isso mostra o quanto, os valores do anarco-comunismo foram sendo incorporados informalmente pelo movimento anarquista. Continua vigente a noção de que a revolução se faz através da conscientização das pessoas, a mesma estratégia dos anarco-comunistas. Em torno desta "estratégia inconsciente", já que a maioria sequer pensa isso como estratégia, diversos grupos anarquistas se assemelham, mesmo que a princípio sejam grupos distintos.

Para boa parte dos grupos anarquistas as principais atividades se relacionam com publicações (zines e boletins principalmente, além de uma ou outra tentativa de editar um periódico ou revista de mais fôlego); disseminação de informações (através das publicações e mais recentemente, da internet); palestras e debates em centros de cultura; músicas que supostamente teriam como efeito a conscientização. Também no campo universitário, têm surgido a algum tempo grupos de estudo, núcleos libertários e intelectuais anarquistas ou simpatizantes. Em todos estes casos há uma enorme semelhança com as táticas adotadas pelos anarco-comunistas do final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Tudo conflui para o objetivo de conscientizar as pessoas e nós já falamos o suficiente sobre os limites deste caminho.



Nossa opinião é que todas estas atividades têm a sua importância e nós próprios atuamos neste campo quando publicamos livros, boletins, realizamos palestras etc, mas este é apenas um campo de ação do anarquismo, um campo de propaganda, um campo de idéias. Pensamos que existem outros campos de ação, cuja importância é maior do que a propaganda, que tem sido deixados de lado pela maioria dos anarquistas. Trata-se da participação nos movimentos populares, da inserção social junto ao povo. Isso faltou no anarco-comunismo do passado e falta no movimento anarquista de hoje.

**Notas:**

* Este texto foi escrito tomando por base a introdução da tese de doutorado de LUIZETTO, Flávio Venâncio. *Presença do Anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional, 1900-1920*. Tese de Doutorado, FFLCH, USP, 1984. A maioria das notas e trechos integrais foram tomados da introdução da tese, onde o autor examina com competência a formação e histórico da corrente anarco-comunista. Nossa participação neste texto se deu acrescentando dados, desenvolvendo algumas linhas de raciocínio indicadas pela tese sobretudo fazendo nossa avaliação e crítica do anarco-comunismo, sobre as quais o autor da tese não tem qualquer responsabilidade. As notas de rodapé oriundas da tese estão numeradas, as de responsabilidade do coletivo editorial estão indicadas com letras.

[1] NETTLAU, Max. "La idea anarquista: su pasado, su porvenir". In: *La Revista Blanca*, Barcelona, nº 57, outubro de 1925, cap. 14, p. 22.

[2] NETTLAU, Max. *Op. Cit.* p. 21. (grifado no original)

[3] *Idem, Ibidem*. p. 21. Consulte-se também NETTLAU, Max, *La internacional antiautoritaria hasta el año 1877* (Congreso de Verviers) e "Los origenes del anarquismo comunista en 1876 y en 1880". In: *La anarquia a través de los tiempos*. Madri, Jucar, 1975. p. 116.

[4] Além dos trabalhos citados, consulte-se a esse respeito, ENCKELL, Marianne. *La Fédération jurassienne. Les origenes de l'anarchisme en Suisse*. Lausanne, La Cité Éditeur, 1971.

[5] ROSAL, Amaro del. "El congreso de los grupos escisionistas del Jura en Sonvelillier". In: *Los congresos obreros internacionales en el siglo XIX*. Barcelona, Grijalbo, 1975. p. 219-226.

[6] "Le congrés de la fédération jurassienne de 1880". In: GUÉRIN, Daniel. *Ni Dieu ni Maître*. Paris, Maspero, 1979. v. 2, p. 105-126.

[7] NETTLAU, Max. "La internacional antiautoritaria hasta el año de 1877" In: *La anarquía a través de los tiempos*, Madri, Jucar, 1975, p. 115.

[8] Carta de Malatesta a Luigi Fabbri, 11 de julho de 1931. In: FABBRI, Luis. *Malatesta*. Buenos Aires, Editorial Americalee, 1945. p. 179-180.

[9] NETTLAU, Max. *Op. Cit.* p. 115.

[10] NETTLAU, Max. "Los primeros anarquistas comunistas". In: *La anarquía a través de los tiempos*, Madri, Jucar, 1975, p. 65.

[11] NETTLAU. Max. *Op. Cit.* p. 116. Também em NETTLAU, Max. "La idea anarquista: su pasado, su porvenir". In: *La Revista Blanca*, Barcelona, nº 57, outubro de 1925, cap. 14, p. 22.

[12] KROPOTKIN, Piotr. *Em torno de uma vida, memórias de um revolucionário.* São Paulo, José Olympio, 1946. p. 420.

[13] "Le congrés de la fédération jurassienne de 1880". In: GUÉRIN, Daniel. *Ni Dieu ni Maître.* Paris, Maspero, 1979. v. 2, p. 110.

[14] NETTLAU, Max. "La idea anarquista: su pasado, su porvenir". *La Revista Blanca*, Barcelona, nº 57, outubro de 1925, cap. 14, p. 21. (grifado no original)

[15] NETTLAU, Max. *Op. Cit.* p. 21

[16] "Le congrés de la fédération jurassienne de 1880". In: GUÉRIN, Daniel. *Op. Cit.* p. 109.

[17] NETTLAU, Max. *Op. Cit.* nº 59, novembro de 1925, cap. 14, p. 22.

[18] LUIZETTO, Flávio Venâncio. *Presença do Anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional, 1900-1920.* Tese de Doutorado, FFLCH, USP, 1984. p. 62.

[19] JOLL, James. *Los anarquistas.* Barcelona, Grijalbo, 1978. p. 115.

[20] GUERIN, Daniel. "Pierre Kropotkine (1842-1921)". In: GUÉRIN, Daniel. *Op. Cit.* p. 95.

[21] NETTLAU, Max. *Op. Cit.* p. 21.

[22] *Idem, ibidem.* p. 21.

[23] *Ibidem.* p. 21.

[24] RECLUS, Elisée. *Evolução, revolução e ideal anarquista.* Tradução de Neno Vasco. São Paulo, La Tribuna Espanhola, 1904. p. 23-24.

[25] JOLL, James. *Op. Cit.* p. 111.

[26] KROPOTKIN, Piotr. "Théorie et pratique". In: *Paroles d'un révolte.* Paris, Flammarion, 1978. p. 231-232. (grifado no original)

[27] NETTLAU, Max. *Op. Cit.* p. 21.

[28] *Idem, ibidem.* (grifado no original)

[29] NETTLAU, Max. "Las origenes del colectivismo antiautoritario en la Internacional y en los grupos formados por Bakunin desde 1864, en los años 1864-1868 (otoño)". In: *La Anarquia a través de los tiempos.* Barcelona, Jucar, 1977. cap. 8, p. 91.

[30] BAKUNIN, M. "Dictadura colectiva". In: DRESDEN, Wolfgang. *Antiautoritarismo y anarquismo: debate Bakunin-Marx.* Barcelona, Anagrama, 1978, p. 99.

[31] NETTLAU, Max. "La idea anarquista: su pasado, su porvenir". *La Revista Blanca.* Barcelona, nº 53, 1 agosto de 1925, cap. 12, p. 28.



[32] BAKUNIN, Mikhail. *Obras.* Barcelona, Júcar, 1977. v.3, p. 22.

[33] JOLL, James. *Op. Cit.* p. 83.

[a] MALATESTA. Errico. "Nosso Programa". In: *Escritos Revolucionários.* Brasília, Novos Tempos, 1989. Este livro ganhou uma nova edição recentemente através da editora Imaginário.

[34] NETTLAU, Max. "Anarquistas y socialistas revolucionários. Pedro Kropotkin. Eliseo Reclus. El comunismo anarquista en Francia en los años 1877 a 1894". In: *La anarquia a través de los tiempos.* Barcelona, Jucar, 1977. cap. 11, p. 121.

[b] Esta era a mais importante revista científica inglesa da época.

[35] RECLUS, Elisée. *Op. Cit.* p. 1-2.

[36] *Idem, Ibidem.* p. 7.

[37] *Ibidem.* p. 25.

[38] *Ibidem.* p. 21.

[c] "A voz do povo é a voz de Deus"

[39] RECLUS, Elisée. *Op. Cit.* p. 29-30.

[40] *Idem, ibidem.* p. 27-28.

[41] *Idem, ibidem.* p. 38.

[d] Dependendo da tradução a obra é conhecida também como *Apoio mútuo...*

[42] KROPOTKIN, Piotr. *El apoyo mutuo como factor de progreso entre los animales y los hombres.* Buenos Aires, Editorial Alianza, 1946. p. 9. Essa edição foi traduzida de outra russa, aparecida em 1920, para a qual Kropotkin preparou um "Prólogo", de onde retiramos a citação acima.

[43] KROPOTKIN, Piotr. *Op. Cit.* p. 16.

[44] *Idem, ibidem.* p 336.

[45] KROPOTKIN, Piotr. "Lugar do anarquismo na ciência moderna". In: *A questão social: o anarquismo em face da ciência.* São Paulo, Biblioteca Prometeu, s/d., p. 116-118. (grifos dos editores)

[46] JOLL, James. *Op. Cit.* p. 78

[47] KROPOTKIN, Piotr. *El apoyo mutuo como factor de progreso entre los animales y los hombres.* Buenos Aires, Editorial Alianza, 1946. p. 184.

[e] BAKUNIN, Mikhail. *Socialismo e Liberdade.* São Paulo, Luta Libertária, 2002. p. 99.

[48] KROPOTKIN, Piotr. *Op. Cit.* p 336.

[49] RECLUS, Elisée. *Op. Cit.* p. 38

[50] *Idem, Ibidem.* p. 21.

[51] *Idem, Ibidem.* p. 29-30.

[52] KROPOTKIN, Piotr. *Oeuvres.* p. 289. (grifado no original)

[f] BAKUNIN, Mikhail. *Op. Cit.* p. 45-51.

[g] Malatesta e Luigi Fabbri são exceções neste aspecto, trataremos do assunto mais adiante.

[53] CARONE, Edgar. *Socialismo e Anarquismo no início do século*. Petrópolis, Vozes, 1996. p. 132.

[54] NETTLAU, Max. *Bakunin: obras*. Barcelona, Jucar, 1977. p. 19. (prólogo)

[h] Apesar de muitos imaginarem o termo massa como designando pessoas manipuladas por um partido qualquer, normalmente associados ao marxismo, o termo foi cunhado por Bakunin no século XIX para desenvolver um conceito de classe mais amplo.

[55] KROPOTKIN, Piotr. *Em torno de uma vida, memórias de um revolucionário*. São Paulo, José Olympio, 1946. p. 275-277.

[56] KROPOTKIN, Piotr. "Anarquismo". In: *Folletos revolucionários*. v.2, p. 137. (grifado no original)

[57] KROPOTKIN, Piotr. *Op. Cit.* p. 140.

[58] ARVON, Henri. *El anarquismo en el siglo XX*. Madrid, Taurus, 1979. p. 136.

[59] WILDE, Oscar. *A alma do homem sob o socialismo*. Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1975. p. 36.

[60] KROPOTKIN, Piotr. "Aux jeunes gens". In: *Paroles d'un révolté*. Paris, Flammarion, 1978. p. 67.

[61] FABBRI, Luis. *Op. Cit.* p. 120.

[62] NETTLAU, Max. "El anarquismo frances desde 1895 a 1914. Una ojeada sobre los años 1914 a 1934. La guerra; el comunismo; las actividades libertarias". In: *La anarquía a través de los tiempos*. Barcelona, Jucar, 1977. p. 225.

[63] NETTLAU, Max. *Crítica libertaria*. Barcelona, Editorial Moderna, 1922, p. 26.

# Malatesta e Luigi Fabbri: O anarco-comunismo organicista

Os dois autores dos textos publicados neste livro, foram anarco-comunistas, mas não os chamaríamos de anarco-comunistas organicistas (defensores da organização no âmbito específico e social) à toa[1]. Eles se identificaram com o anarco-comunismo, mas romperam com o anarco-comunismo clássico, em vários pontos importantes. O pensamento e a vida militantes de cada um deles se entrelaça, por isso mesmo decidimos acompanhar um pouco desta trajetória, que nos auxilia a entender a formação de pensamento de cada um deles.

Malatesta nasceu em 14 de dezembro de 1853 em Santa Maria Capura Vetere, perto de Nápoles, na província de Caserta, sul da Itália. De uma família de classe média, estudou em Liceu e depois Medicina na universidade de Nápoles, não concluiu o curso. Na década de 1860, na sua juventude, foi republicano radical, atraído pelos movimentos de Garibaldi e Mazzini. Em 25 de março de 1868 acontece sua primeira prisão de Malatesta aos 14 anos, por escrever "uma carta insolente" ao Rei da Itália.

Em 1869 ouviu falar da *AIT*, a *Internacional*. Em 1871, entusiasmado com a Comuna de Paris, conheceu Fanelli e Gambuzzi, dois bakuninistas da *Aliança*, e ingressou na seção napolitana da *AIT*, tinha 18 anos. Com a *AIT* fora da lei, Malatesta participou de sua reconstituição clandestina, sob o nome de *Federação Operária Italiana*, da qual foi secretário. Em agosto de 1872, aos 18 anos, participou do congresso da seção italiana da *AIT* em Rimini como delegado. Editou em Nápoles os periódicos *Ordine* e *La Campana*.

Errico Malatesta & Luigi Fabbri

# ANARCO COMUNISMO ITALIANO

*LUTA LIBERTÁRIA*
*Coletivo Editorial*

Em setembro de 1872 foi a Zurique e encontrou-se com Bakunin, delegados italianos e espanhóis que voltavam do congresso que rachou a *AIT* em Haya. Participou do congresso de fundação da Internacional anti-autoritária de Saint-Imier e de reuniões da *Aliança da Democracia Socialista*. De Bakunin, Malatesta tem esta lembrança do primeiro encontro: "Partimos para a Suíça, Cafiero e eu. Nesta época eu estava mal de saúde, escarrava sangue e diziam que eu estava tísico, ou coisa do gênero, ainda mais que eu perdera meus pais, uma irmã e um irmão, todos acometidos por uma doença do peito. Atravessando o Gothard, à noite (na época não havia túnel, e era preciso atravessar a montanha sob a neve, de diligência), apanhei frio e cheguei à noite, com febre e tossindo, a Zurique, na casa em que estava Bakunin. Após as primeiras palavras de boas vindas, Bakunin instalou-me numa cama quente, convidou-me, quase me forçando, a deitar-me, cobrindo-me com todos os cobertores e sobretudos que pôde acumular, ofereceu-me um chá bem quente e recomendou-me que ficasse tranqüilo e dormisse. Tudo isso com uma solicitude e uma ternura paternal que me comoveram. Enquanto todos pensavam que eu dormia, bem agasalhado nos cobertores, ouvi Bakunin falar bem de mim, em voz baixa, e acrescentar em seguida em um tom melancólico: 'Pena que ele esteja tão doente, nós o perderemos em seguida. Ele não tem seis meses de vida". Na verdade, Bakunin sabia que Malatesta ouviria suas palavras e queria apenas provocá-lo. Na volta desta viagem foi preso em Bolonha quando retornava da Suíça.

Em 1874 participou de insurreições populares em Apúlia, no sul da Itália, junto com Andréa Costa e Carlo Cafiero, sob clara inspiração de Bakunin. Os planos fracassaram e os revolucionários se dispersaram para fugir da polícia. Vai para Nápoles, e depois dirige-se para Locarno, mas é preso em Pesaro e é levado a julgamento devido à insurreição, entre 1 a 5 de agosto de 1875, sendo absolvido. O julgamento torna a *Internacional* mais popular na Itália e muitos se filiam a ela. Malatesta vai para Suíça depois disso, onde acorda com Bakunin uma viagem a Espanha. Em 1875 esteve pela Espanha onde conheceu militantes da *Internacional*, que era ilegal e clandestina na época; tinham como missão libertar o militante internacionalista Alerini da cadeia.

De volta à Nápoles entrou para a maçonaria, esperando influenciá-la e trazê-la para o campo revolucionário; pouco tempo depois desiste. No final de 1876 vai para a Áustria-Hungria engajar-se na luta dos sérvios contra os turcos na Herzegovina. Chegou apenas até Neusatz na Croácia, onde foi preso e devolvido para Udine, na Itália, sendo preso novamente.



De volta à Itália, em Florença, decidiu passar do coletivismo ao comunismo anárquico e reorganizar a *Internacional*.

Em abril de 1877 organiza a insurreição camponesa de Benevento, sul da Itália. Cerca de 30 revolucionários armados, bandeira vermelha na cabeça, tomam a vila de Letino e outras próximas, distribuem armas aos camponeses e queimam os documentos oficiais. O exército intervém depois de 12 dias. Um "carabineri" foi morto e outro ferido. Tudo fracassa, são presos 23 revolucionários. Na prisão de Santa Maria Cápua Vetere, Cafiero escreve *Resumo do Capital*, Stepniak *A Rússia Subterrânea*, Malatesta um relatório dos fatos para a *AIT*. Em agosto de 1878 foram julgados em Benevento e absolvidos. Seguido sempre pela polícia e ameaçado de "domicilio coatto" (prisão em desterro nas ilhas da costa italiana) Malatesta vai para seu primeiro exílio em 1878, aos 25 anos de idade.

Decide ir para o Egito onde existia uma colônia de trabalhadores italianos e ali se estabeleceu. Porém, quando o anarquista Passanante tentou matar o Rei Humberto, emitiram uma ordem de prisão contra Malatesta e ele foi preso em Alexandria e entregue às autoridades italianas. Mas o capitão do barco o deixa em Beirute. Dali é embarcado para Esmirna na Turquia. Novamente contando com a ajuda do capitão do barco, não desembarca em Liorna, na Itália, onde as autoridades o aguardavam, conseguindo desembarcar livre em Marselha, na França. Daí parte imediatamente para Genebra a fim de ajudar Kropotkin a publicar *A Revolta*, que seria uma das mais importantes e duradouras publicações anarquistas da história.

Expulso pouco tempo depois, partiu para a Romênia, voltando à França em fins de 1879, onde foi novamente preso e expulso em maio de 1880. Esteve na Bélgica em 1881 e ficou por lá algumas semanas; depois foi a Londres. Em junho foi decretada anistia aos presos da Comuna de Paris, Malatesta e muitos outros revolucionários correram rapidamente à França para comemorar e rever os antigos companheiros presos. Ali foi novamente preso por ignorar a condenação de exílio, passou quatro meses numa solitária nas prisões de *Santé* e *La Roquette*. Posto em liberdade foi para Lugano na Suiça, onde foi novamente detido em 21 de fevereiro de 1881, duas semanas depois foi levado até a fronteira para que saísse do país.

Novamente vai para Bélgica e depois de duas semanas vai para Londres, onde ficaria até 1882. Na cidade inglesa, Malatesta se sustenta inicialmente como vendedor de sorvetes e bombons, até abrir uma oficina

mecânica. Ali conseguiu alguma tranqüilidade e editou um periódico em italiano, *L'Insurrezione*. Entre 14 e 19 de julho de 1881 participou junto com outros anarquistas do Congresso Internacional Socialista, como representante da Federação Toscana.

Foi novamente ao Egito em agosto de 1882 para lutar na insurreição árabe de Arabi Pasha contra os ingleses, mas não conseguiu chegar até a linha de frente. Decidiu retornar dali à Itália pelo porto de Liorno, de onde seguiu clandestinamente até Florença. Ali fez propaganda anti-parlamentar e trabalhou como mecânico numa oficina. Acabou preso em maio por "conspiração", acusado depois de "associação para delinqüência", por publicar um manifesto recordando a Comuna de Paris. Ficou seis meses na cadeia. Uma vez solto, mesmo em liberdade condicional, continuou suas atividades em Florença, publicou seu melhor periódico até então, *La Questione Sociale*, entre os anos de 1883 e 1884.

Continuava em andamento o seu processo em Roma e no mês de janeiro de 1884 decidiu-se a sentença final: três anos de cadeia. Malatesta recorreu, permaneceu em liberdade condicional e voltou à Florença. No entanto, em meados de 1884 foi a Nápoles para ajudar como médico na epidemia de cólera, cuidou de uma seção de enfermos, mobilizou toda a cidade para ajudar com alimentos e remédios doados. Foi declarado cidadão benemérito de Nápoles e recusou o título. Oferecem a Malatesta a possibilidade de se eleger para adquirir imunidade e escapar da condenação, também recusa. Por outro lado conseguiu amotinar o povo contra o governo em meio à epidemia. No manifesto que os revolucionários lançam dizem que *A verdadeira causa da cólera é a miséria, e o único remédio para evitar sua volta só pode ser encontrado na revolução social.*

No final de 1884 regressou à Florença, mas perseguido pela polícia e prevendo a confirmação de sua condenação, fugiu do país escondido dentro de um caixote que supostamente teria uma máquina de costura. Em março de 1885 estava em Buenos Aires na Argentina, onde ficou até 1889. Na Argentina fez conferências e organizou sindicatos, também passou um bom tempo no Uruguai. Chegou até mesmo a procurar ouro na Patagônia, extremo sul da Argentina, para financiar o movimento operário e anarquista.

Voltou à Europa entre julho e agosto de 1889, para Nice na França, com a intenção de formar um Partido Anarquista[2]. Para isso lançou um manifesto, um programa e publicou vários artigos num periódico fundado para este fim, *L'Associazione*. No final de 1889 teve que fugir de Nice devido a perseguições da polícia francesa. Porém continuou a publicar o



periódico até janeiro de 1900. Foi repudiado com ódio pelos anarquistas anti-organizadores e individualistas. Por sua vez Malatesta tinha verdadeiro asco pelo "que chamava gozo aristocrático de conhecer a verdade e viver a própria vida, isso não lhe satisfazia como revolucionário. Em muitos italianos influía o movimento francês, que constituía um culto à própria autonomia e superioridade, longe do povo, com o ideal intimo ou declarado, secreto ou patente, de viver à margem da sociedade e às custas do inimigo, às custas do capitalismo, quer dizer, através do esforço dos que são bastante estúpidos para trabalhar e procurar mais riquezas"[3]

Mas o trabalho de propaganda e organização de Malatesta não foi em vão. Um congresso reuniu-se em Capolago, região suíça próxima à fronteira italiana, entre 4 e 6 de janeiro de 1891 criando o *Partido Socialista Revolucionário Anárquico Italiano*, que aprovou um programa e um manifesto aos socialistas e ao povo da Itália[4]. Depois do congresso passou por todas as principais cidades do norte italiano divulgando o partido. No retorno, quando passava pela Suíça, em Lugano, foi novamente detido por desobedecer a ordem de desterro emitida contra ele. Fica preso mais três meses e a Itália pediu sua extradição. Conseguiu sair livre e foi à Espanha novamente entre novembro de 1891 e fevereiro de 1892, com o objetivo de preparar uma insurreição para maio deste ano. Porém, as coisas se precipitaram e estourou uma insurreição popular em Jerez, imediatamente Malatesta passou a ser procurado pela polícia espanhola e decidiu fugir para Inglaterra, onde voltou ao ofício de mecânico.

Depois de um tempo em Londres, Malatesta foi à Bélgica em 1893 e participou de greves combativas naquele país se encontrando com o anarquista Malato. Dali mesmo foi à Itália, passou pela Sicília, Carrara, Milão e Ancona entre o final de 1893 e 1894. Ao final, uma vez mais, voltou à Londres.

Voltaria à Itália somente em 1897, clandestinamente. Fixando-se em Ancona começou a publicar outro periódico *L'Agitazione*, que funcionou entre 1897 e 1898. Escrevia ao dia e circulava pela cidade, com gorro de ferroviário, escondendo o rosto, falava em manifestações com outros nomes e sempre disfarçado. Defendeu uma vez mais a organização dos anarquistas em partido, se contrapôs ao espontaneísmo de Kropotkin e apoiou a entrada dos anarquistas nos sindicatos e a atuação entre a classe operária. É nesta época que os contatos com Luigi Fabbri se intensificaram. Fabbri era 25 anos mais novo que Malatesta, nascera em 22 de dezembro de 1877, em Fabriano, uma pequena cidade da Itália central, perto de Ancona, vivendo a maior parte da vida entre Roma e

Bolonha. Depois de uma passagem pelos meios republicanos na juventude, Fabbri passou a integrar o movimento anarquista e participar diretamente do jornal *L'Agitazione*.

"Em janeiro de 1898 em vários pontos da Itália se protestava contra o aumento do pão, Malatesta e Fabbri estavam envolvidos na organização destes protestos e foi novamente preso junto com outros companheiros, acusados de "associação ilícita". Aguardaram o processo durante meses na cadeia, sendo que Fabbri ficou detido em Macerata. Uma grande campanha pela liberdade dos presos políticos acontece na Itália, e até mesmo republicanos e socialistas somaram-se neste momento aos protestos anarquistas."

Os anarquistas aproveitaram o processo para defender o direito a associação, 3000 anarquistas firmaram um abaixo assinado declarando sua opção política, afirmando serem membros de um partido e estarem de acordo com os acusados. O processo se converteu numa grande oportunidade de propaganda anarquista. Mesmo assim, Malatesta e Fabbri foram condenados a sete meses de cadeia em 1898. Todavia, ao término da pena, se vivia uma grande agitação social em toda a Itália. Temendo possíveis ações de Malatesta, Fabbri e dos demais anarquistas, eles foram deportados em "domicilio coatto" para ilha de Utica e a seguir para a ilha de Lampedusa, considerada mais segura. Meses depois, no dia 9 de maio de 1899 Malatesta conseguiu fugir de barco para Malta e de lá para Londres, ainda em maio de 1889.

Fez uma viagem aos EUA, foi a Paterson e New Jersey. Polemizou com individualistas intransigentes, inspirados em Bejamin Tucker e Thoreau. Durante um debate sofreu uma agressão a tiro de um anarquista em Paterson, um individualista chamado Pazzaglia. Foi a Cuba em fevereiro de 1900, onde realizou conferencias em espanhol, mesmo sendo obrigado pela polícia local a não pronunciar a palavra anarquia. De Cuba voltou a Nova Iorque e rumou para Londres.

Ficou em Londres praticamente 13 anos, excetuando-se uma ou outra viagem curta que fez. Sempre trabalhando como mecânico em sua oficina e dando aulas de italiano e francês para se manter. Neste período aproveitou para ler bastante, e mesmo assim não deixou de manter contato com as atividades militantes na Europa. Publicou alguns periódicos de curta duração neste tempo: *Lo Sciopero Generale*, *La Rivoluzione Sociale* e *L'Insurrezione*. Também publicou folhetos como *Germinal*, sobre o 1° de Maio e *La Settimana Sanguinosa*. Também mandou uma série de artigos para *Le Reveil* de Genebra, nos quais critica o individualismo e o



amoralismo nietzscheano-stirneriano.

Luigi Fabbri permaneceu na Itália. Em 1903 fixou-se em Roma e fundou, juntamente com o anarquista Pietro Gori, a revista *Il Pensiero*, que seguiu sendo publicada até dezembro de 1911 Dentro desta revista Fabbri assumiu grande parte do trabalho de redação e combateu o niilismo individualista e o sindicalismo puro defendido por muitos anarquistas de então. Nota-se a mesma linha de conduta entre Fabbri e Malatesta, mesmo distantes pelo exílio do último. Neste período trabalha sempre como professor na Itália. Destacamos que durante o longo exílio de Malatesta, Luigi Fabbri foi o principal expoente do anarquismo na Itália.

Em 1907 os dois vão se reencontrar e atuar juntos no Congresso Internacional Anarquista de Amsterdã, ocasião em que polemizaram com os anarquistas adeptos do sindicalismo puro, isto é, sem a necessidade de uma organização específica dos anarquistas atuando no sindicato. Também criticaram os anarquistas individualistas inspirados em Stirner. Para este congresso Fabbri havia escrito *A Organização Anarquista* e Malatesta defendeu o texto perante ao congresso, o texto foi aprovado pela maioria, mas não sem grandes resistências. Nesta oportunidade Malatesta foi "acusado" pelos anarquistas individualistas de ser "bakuninsta" e não "espontaneísta". Vale lembrar que uma das palavras favoritas de Malatesta era "spingere", que em português quer dizer impulsionar, empurrar, mostrando o quanto ele apostava na ação e na vontade organizada como elemento revolucionário. Voltando a Londres seguiu sua vida trabalhando na oficina, mas não escapou de ficar preso 3 meses pelo envolvimento com atividades militantes. Malatesta já tinha 50 anos e sua saúde piorava, com problemas pulmonares.

Em 1912 temos um fato interessante, a criação da *União Sindical Italiana* (*USI*), em novembro de 1912 em Modena. Foi uma central sindical impulsionada desde a fundação por anarquistas, ainda que não somente por anarquistas. Malatesta e Fabbri estavam entre seus impulsores. Isso pode parecer estranho para muitos que conhecem textos de Malatesta e Fabbri criticando o sindicalismo, mas tem uma explicação. O que eles criticavam na verdade não era o sindicalismo em si, mas sobretudo uma certa concepção de sindicalismo, o sindicalismo revolucionário francês, na qual muitos anarquistas enxergaram a alternativa revolucionária única e abriram mão de uma organização específica ou partido anarquista. A crítica de Malatesta e Fabbri jamais foi contra o movimento operário em si ou ao sindicato em si. Por isso mesmo se fundou a *União Sindical Italiana*.

Em junho de 1913 Malatesta retornou para a Itália,, já com 60 anos. De pronto reorganizou o partido dos anarquistas em Ancona e juntamente com Luigi Fabbri fundou um novo periódico *Volontá*, que saiu entre 1913 e 1914. Os dois viajaram por toda a Itália, realizando palestras, buscando por em relação os anarquistas e os socialistas revolucionários com esperanças na revolução. Seus passos eram seguidos pela polícia, mas a estrutura orgânica e o cuidados com a segurança fizeram parte do currículo de Malatesta, um relato interno do Capitão dos Caribineri de Ancona informa que *É difícil penetrar no trabalho organizativo de Malatesta devido a prudência com que atua, ao silêncio que conservam seus seguidores, à desconfiança de que se rodeia.*

Uma grande agitação popular se estendeu pela Itália e redundou em greve geral na "semana vermelha" de junho de 1914. No entanto a central sindical socialista a *CGT* (*Confederação Nacional do Trabalho*) suspende a greve geral e boicotou o movimento na prática. Tudo terminou em sangue, repressão e prisões. Malatesta escapou por pouco da polícia e retornou a Londres. Fabbri conseguiu sair do país e se exilar na Suiça entre 1914 e 1915.

Em novembro de 1914, a guerra já estava declarada. Surgiram então alguns anarquistas, minoritários mas de renome, apoiando os aliados na 1ª Guerra Mundial, entre eles Kropotkin, Jean Grave, Tcherkessov, Verbelen e Malato. Todos eles firmariam em 1916 o "manifesto dos 16", declarando apoio aos aliados. Malatesta os criticou com firmeza e indisfarçável tristeza. Uma grande polêmica acontece no meio anarquista sobre esta questão, que dividiu os anarquistas em dois campos.

Na Itália a discussão sobre a guerra também repercutiu. Dentro da *USI* surgiram sérias discussões sobre o apoio ou não aos aliados durante o congresso de Parma, em setembro de 1914. Uma ala minoritária pró-militarista saiu da *USI* e fundou a *União Italiana do Trabalho (UIL)*, que mais tarde formaria os primeiros sindicatos fascistas de Mussolini.

O período entre 1915 e 1926 é um dos mais intensos da vida militante de Luigi Fabbri. Vivendo em Bolonha, Fabbri trabalha em tarefas de propaganda, organização e formação de militantes. Malatesta ainda demoraria alguns anos para voltar à Itália. Neste período Fabbri seguia trabalhando como professor na Escola Primária de Corticella, em Bolonha. Suas atividades, dentro e fora de sala de aula, são constantemente vigiadas pela polícia.

Em 28 de dezembro de 1919 Malatesta voltou à Itália pelo porto



de Gênova, onde os portuários pararam o trabalho e aclamaram o anarquista italiano. Muitos o esperavam para ser a liderança da revolução e o chamavam para o desgosto de Malatesta, de "o Lênin da Itália", Rapidamente se engajou em movimentos no norte da Itália, em Toscana e Marcas. Em todas as partes foi calorosamente acolhido pela classe trabalhadora italiana. Mesmo assim foi preso novamente e levado à Florença, mas a pressão popular foi tanta que foram obrigados a soltá-lo.

O clima social estava agitado. A situação econômica da Itália piorava dia após dia, os resultados da 1° Guerra Mundial tinham sido catastróficos para o país, que havia perdido colônias e partes do território. O fascismo avançava e ao mesmo tempo avançava a esquerda como um todo. Nas eleições de 1919 os socialistas obtiveram 30% dos votos, 156 entre as 508 cadeiras do parlamento; Mussolini havia alcançado somente 5 mil votos contra 135 mil do candidato socialista. No campo, terras eram ocupadas. Nas cidades, desde 1919, haviam movimentos de ocupação de fábrica. O fascismo ainda não tinha a força que adquiriu pouco tempo depois.

Neste ano Mussolini já estava fora dos meios socialistas, fundava os "Fasci do Cambattimento", grupo que daria origem ao *Partido Nacional Fascista* em 9 de novembro de 1921. Também neste clima foi fundado em abril de 1919, na cidade de Florença. o partido anarquista que Malatesta tanto lutou para construir, adotando as linhas gerais do programa escrito por Malatesta em 1890 para o *Partido Socialista Revolucionário Anárquico Italiano.* Chamou-se *União Comunista Anarquista Italiana.* Em fevereiro de 1920 apareceu o primeiro número do jornal anarquista *Umanitá Nova*, convertido em porta-voz da recém-fundada organização e dirigido por Malatesta e Fabbri, que rapidamente atingiu 50 mil exemplares de tiragem diária. No ano seguinte, em julho de 1920, um novo congresso anarquista realizado em Bolonha altera o nome da organização anarquista para *União Anarquista Italiana (UAI).* No plano sindical também a *USI* (*União Sindical Italiana)*, onde militavam os anarquistas, atingia mais de 500 mil filiados. Em várias ocasiões desta época, Malatesta escapou de atentados da polícia italiana e de fascistas, que sequer eram dissimulados. Vivia-se um clima pré-revolucionário.

Em junho de 1920 aconteceu a sublevação de Ancona. Em agosto começou o movimento de obstrução operária, no final do mês e a partir de setembro o movimento já era de ocupação das fábricas. Em Milão haviam mais de 280 fábricas ocupadas noite e dia e protegidas por "guardas vermelhas" criadas pelos operários; em Turim eram 200 fábricas

ocupadas, na Itália toda o movimento se generalizava e se convertia em greve geral.

Os socialistas da *CGT* boicotaram o movimento e eles foram derrotados com uma repressão brutal. Em 17 de outubro de 1920 Malatesta foi preso. Também o anarquista Borgui, secretário da *USI* e mais oitenta anarquistas foram presos neste momento. Em março de 1921 fizeram greve de fome na cadeia. Em julho foram julgados e absolvidos. Malatesta mudou para Roma neste período e continuou dirigindo o jornal *Umanitá Nova*.

Em 1921 foi fundada a *Aliança do Trabalho* com a presença de anarquistas, comunistas e socialistas de esquerda. Visava agrupar as forças anti-fascistas. Em julho de 1922, a *Aliança do Trabalho* proclamou a Greve Geral, mas a atitude não contou com grande adesão e foi sufocada pelos fascistas e pela polícia à força. Em 27 de outubro de 1922 teve início a "Marcha sobre Roma", promovida pelos fascistas. Queimaram na praça Cavour, o retrato de Malatesta. O jornal *Umanità Nova* foi interditado e Malatesta uma vez mais processado como diretor do jornal. Toda a esquerda sofre repressão.

Em 30 de outubro deste ano, constituiu-se o novo governo de Mussolini. Malatesta passou a viver em Roma. A polícia seguia de perto seus passos. Em setembro de 1922 vai a Suíça, para as cidades de Biel e Sant-Imier. Comemorava-se o aniversário de 50 anos do congresso fundador da Internacional de Saint Imier. Malatesta era então o único sobrevivente do congresso de 1872.

Fabbri escreve em 1923 *A contra-revolução preventiva*, texto onde analisa a ascensão do fascismo. Malatesta tinha nesta época 69 anos e retornou a seu ofício de mecânico e eletricista. Em 1924, os dois juntos lançaram a revista anarquista *Pensiero e Volontà*. O fascismo, no início, manteve alguma liberdade de imprensa, mas a censura se torna cada vez mais severa e em 1926 se proíbe a revista. A oficina de Malatesta foi destruída pelos fascistas: ele junto com sua companheira, Elena Melli, e sua filha Gemma, tiveram que viver desde então da ajuda dos companheiros anarquistas. Recusou-se a deixar a Itália. Do final de 1926 até a sua morte viveu em Roma em prisão domiciliar. Um policial vigiava sempre sua porta, quem o visitasse era preso, suas cartas abertas ou retidas. Mesmo assim continua enviando artigos para os periódicos *Il Risveglio* e *L'Adunata dei Refrattari*. Malatesta tinha mais de 70 anos e sérios problemas respiratórios.



Quanto a Fabbri, negou-se a fazer o juramento ao governo fascista e por isso perdeu sua profissão de professor, a partir de então foi sempre ameaçado por bandos fascistas, o que o obrigou a exilar-se clandestinamente na França entre 1927 e 1929. Mesmo clandestino publicou junto a Camilo Bernieri e Gobbi a revista *Lotta Umana*. A revista e outras atividades militantes acabaram por provocar a sua expulsão da França. De lá foi para a Bélgica onde ficou por pouco tempo, o suficiente para se encaminhar rumo ao Uruguai.

Chegou em Montevidéu no dia 18 de maio de 1929. Nesta época o Uruguai era tido como um país democrático e aberto, um dos poucos refúgios seguros numa América Latina marcada por golpes e ditaduras. No Uruguai fundou a revista *Studi Sociali*, a mais regular publicação anarquista da década de 30 naquele país. O clima democrático não resistiria muito e em 1933 um golpe de Estado instalou uma ditadura no país, declaradamente simpática ao eixo e com apoio logístico da embaixada italiana em Montevidéu. Depois disso, os italianos residentes no Uruguai são perseguidos e muitos deportados para a Itália, onde ficariam a mercê do fascismo.

Luigi Fabbri dizia que apenas sistematizava e difundia o pensamento de Malatesta, uma vez que este, pela agitada vida de organizador e propagandista nunca dedicou muito tempo para escrever textos longos. Mesmo com intervalos de prisão e desterro, causados por sua ativa militância anarquista, manteve-se, de perto ou de longe, em estreita colaboração com Malatesta. No Uruguai traduziu textos de Malatesta ao espanhol e escreveu uma biografia do amigo. Talvez seja um dos anarquistas mais desconhecidos no Brasil, o que não se justifica pela importância que teve na história do anarquismo e pelo volume de textos que escreveu.

Errico Malatesta morreu em casa no dia 23 de julho de 1932 aos 78 anos de idade. Não se permite o acesso de quase ninguém à casa, exceto de uns poucos familiares e amigos. Os fascistas temiam que a morte de Malatesta se convertesse numa manifestação. No enterro em 23 de julho, o corpo segue num carro fechado da polícia, rodeado de policiais. No cemitério a polícia retirou os ramos de cravos vermelhos depositado pela afilhada de Errico Malatesta e também as flores enviadas foram todas retiradas. O cadáver foi enterrado em vala comum e colocaram de maneira provocativa uma cruz sobre a sepultura. Luigi Fabbri morreu no Uruguai em 29 de junho de 1935.

## Características do anarco-comunismo organicista

Malatesta e Fabbri se consideraram anarco-comunistas, mas sempre ressaltaram as diferenças que guardavam com o pensamento de Kropotkin, representante maior do "anarco-comunismo clássico". Um dos pontos de ruptura mais claros foi em relação ao anarquismo concebido como ciência e como destino histórico da humanidade. Dizia ele que "o cientificismo (não digo a ciência) que prevaleceu na segunda metade do século XIX, produziu a tendência de considerar como verdades científicas, isto é, como leis naturais, e, portanto, necessárias e fatais, o que somente era o conceito correspondente aos diversos interesses e às diversas aspirações de cada um a respeito da justiça, do progresso etc., da qual nasceu o 'socialismo científico' e também o 'anarquismo científico' que, apesar de professados por nossos maiores, a mim sempre pareceram concepções barrocas, pois confundiam coisas e conceitos distintos por sua natureza"[5]. Malatesta não entendia muito bem como Kropotkin podia "conciliar sua filosofia mecanicista com o seu anarquismo"[6]. Parecia-lhe um despropósito, enfim, o fato de ele ser "muito severo com o fatalismo dos marxistas", e cair "no fatalismo dos mecanicistas, que é muito mais paralisante"[7].

Esta diferença de concepção teórica teve conseqüências práticas muito grandes. Malatesta foi sobretudo um homem de ação, basta olhar um pouco para sua própria vida, para percebermos o quanto ele foi ativo. Isso não foi um mero traço de personalidade dele, mas resultado de uma concepção teórica que rejeitava determinismos históricos e punha acento na ação humana, na vontade organizada. Malatesta questionou uma das contradições do anarco-comunismo quando perguntava "(...) que significado podem ter as palavras vontade, liberdade, responsabilidade? Se não se pode modificar o curso premeditado dos acontecimentos humanos, como não se pode alterar o curso dos astros ou o crescimento de uma flor, para que servirá a educação, a propaganda, a rebelião?"[8]. Neste aspecto teve a coragem de criticar uma das maiores figuras do anarquismo, coisa que para muitos, até hoje, é no mínimo complicado. Malatesta disse em 1931 sobre Kropotkin que "(...) durante muitos anos, apesar do espírito iconoclasta e progressista dos anarquistas, a maior parte se limitou, tanto em teoria como em propaganda, a estudar e repetir Kropotkin. Discordar de sua opinião era, para muitos, uma *heresia*"[9].

Esta ênfase maior na ação, não deixou de dar um papel destacado ao trabalho de propaganda, no que Malatesta e Fabbri pareciam estar



afinados com a estratégia do anarco-comunismo. Neste ponto, Fabbri foi mais ortodoxo, porém Malatesta nunca se contentou somente com a ação resumida à propaganda. A participação dele em várias tentativas insurrecionais e sobretudo a atuação no movimento operário na maior parte de sua vida fizeram a marca distintiva neste anarquista italiano. Talvez por uma herança bakuninista mais permanente - afinal Malatesta conhecera pessoalmente Bakunin, suas práticas e idéias - os anarco-comunstas italianos nunca tiveram o afastamento do movimento operário que ocorreu na França, por exemplo. Também podemos levar em consideração que o ambiente italiano era bem diferente da França por exemplo, e não era tão fácil a aplicação de táticas de tipo educacionista, culturalista, e certas aproximações com a pequena burguesia, o mundo acadêmico e o artístico.

Outro ponto fundamenal é que Malatesta e Fabbri nunca perderam de vista a diferenciação entre a esfera da organização anarquista, do partido (como ambos diziam), e do movimento social, sindicatos ou associações operárias em suas variadas formas. Esta maior ênfase na ação e a diferenciação entre o âmbito anarquista e social, fizeram com que Malatesta e Fabbri lutassem a vida inteira pela organização anarquista e contra as tendências anti-orgânicas, espontaneístas ou individualistas, em parte influenciadas pelo anarco-comunismo de Kropotkin. Foi com o anarco-comunismo de Kropotkin que se começou a pensar o anarquismo em termos de um movimento anarquista de massas, de uma "cultura anarquista", de uma forma que se perdia a distinção entre o que era um âmbito próprio dos anarquistas e o que era um âmbito do movimento social.

São inúmeros os textos de Malatesta e de Fabbri defendendo a organização dos anarquistas e a própria noção de organização. Não se tratou apenas de uma defesa de idéias, mas de realizações práticas. É conhecido o trabalho de organização impulsionado por Malatesta, tanto no plano sindical, quanto no plano especificamente anarquista. O *Partido Socialista Revolucionário Anárquico Italiano, A União Anarquista Italiana* no âmbito específico do anarquismo; *União Sindical Italiana, Aliança do Trabalho* e o sindicatos na Argentina no campo da organização operária, são exemplo já mencionados neste texto.

Max Nettlau diz que Malatesta e Kropotkin: "(...) não estavam de acordo na maior parte dos assuntos (...)"[10]. Malatesta criticava o otimismo e esperanças de Kropotkin, que segundo ele careciam de base realista. A espontaneidade criadora, a abundância , a cooperação harmoniosa

quase automática, tudo isso era exagerado para Malatesta e Fabbri. Além destas divergências uma outra, pontual porém séria marcou a relação com Kropotkin: o apoio deste aos aliados na I Guerra Mundial. Sintetizando podemos dizer que o anarco-comunismo organicista se caracterizou por:
1) negar que houvesse qualquer sentido de evolução natural ou mecânica rumo ao socialismo ou anarquismo;
2) negar qualquer caráter de ciência ao socialismo ou anarquismo;
3) afirmar como fator fundamental nas mudanças históricas o elemento humano;
4) propor e lutar para construir a organização específica dos anarquistas, o Partido Anarquista;
5) combate ao individualismo e espontaneísmo dentro do movimento anarquista;
6) diferenciar dois campos de atuação distintos e complementares, a organização específica anarquista e as organizações sociais;
7) valorizar a atuação nos movimentos da classe trabalhadora, que na época, principalmente os sindicatos e conselhos de fábrica;
8) colocar a tarefa da propaganda como estratégia central para os anarquistas, tema no qual mostram afinidade com o anarco-comunismo clássico.

Malatesta e Luigi Fabbri sempre causaram polêmica por suas idéias, durante suas vidas foram atacados rispidamente por anarquistas individualistas, espontaneístas, alguns sindicalistas, parte dos anarco-comunistas kropotkinianos, além dos socialistas e logicamente da direita. Malatesta, no entanto, alguns anos depois de sua morte, como num passe de mágica, tornou-se figura de consenso no movimento anarquista. Ultimamente algumas pessoas do meio libertário tem repetido a afirmação de que Malatesta foi individualista em algum momento de sua vida. Uma mentira grosseira, que não encontra argumento em nenhum texto ou atitude de Malatesta, que até o final da vida conservou-se lúcido e combateu o individualismo. É certo que terminou a vida isolado, guardado em prisão domiciliar pela polícia fascista, sem poder receber visitas, sem poder escrever suas cartas e receber sua correspondência. Foi isolado pelo fascismo, reduzido à "individualidade" à força. Foi de fato "individualizado" pelas mãos fascistas.

Este homem simples, que trabalhou a vida inteira como mecânico e eletricista, viveu 10 anos em diversas prisões da Europa, passou 35 anos de sua vida no exílio, que jamais recebeu um centavo de um sindicato



e que nunca se meteu na sujeira da política tradicional, quando recebeu a herança de sua família, distribuiu as terras entre aqueles que nela trabalhavam e gastou todo o seu dinheiro em propaganda revolucionária. Quando morreu não deixou nenhum bem, mas deixou como herança alguns escritos e sobretudo uma vida dedicada à luta e organização. Estes "bens" chegaram até nós e com este livro queremos distribuir um pouco desta herança de generosidade revolucionária que Malatesta deixou.

**Notas:**

[1] O termo anarco-comunismo organicista foi utilizado pelo historiador argentino Osvaldo Bayer para designar esta corrente e nós também utilizamos esta conceituação porque a consideramos precisa.

[2] Nestes textos aparecerá em vários momentos o termo partido, sinônimo de organização para Malatesta. Em nenhum dos casos o termo significa partido de tipo eleitoral.

[3] NETTLAU, p. 25.

[4] Como esta questão sobre partido ainda é muito polêmica informamos que este dado aparece em vários autores: NETTLAU, Max. *La anarquia atraves de los tiempos*. Madri, Jucar, 1975. p. 142. RICHARDS, Vernon. *Malatesta, vida e ideas*. Barcelona, Tusquets, 1977. p. 306. NETTLAU, Max. "Prólogo". In: MALATESTA, Errico. *Socialismo y anarquía*. Madri, Ayuso, 1977. p. 18. CAPPELLETTI, Jose Angel. *El Pensamiento de Malatesta: idealismo etico y socialismo libertario*. Montevidéu, Recortes, 1990. p. 19.

[5] RICHARDS, Vernon, p. 37

[6] MALATESTA, E. Pedro p. 290.

[7] Idem, ibidem, p. 289.

[8] Malatesta, E. citado em Fabbri, op. cit. p. 197-198.

[9] Malatesta, Errico. "Pedro Kropotkin: recuerdos y criticas de un viejo amigo". In: RICHARDS, Vernon. *Malatesta: vida e ideas*. Barcelona, Tusquets, 1977. p. 284. (grifado no original)

[10] NETTLAU, Max. "Prólogo". In: MALATESTA, Errico. *Socialismo y anarquía*. Madri, Ayuso, 1977. p. 14.

# Sobre a Organização

*Errico Malatesta*

## Organização I

*L'Agitazione* de Ancone, 04/07/1897

Há anos que muito se discute entre os anarquistas esta questão. E como freqüentemente acontece quando se discute com ardor à procura da verdade, acredita-se, em seguida, ter a razão. Quando as discussões teóricas são apenas tentativas para justificar uma conduta inspirada por outros motivos, produz-se uma grande confusão de idéias e de palavras.

Lembremos, de passagem, sobretudo para nos livrarmos delas, as simples questões de frases empregadas, que, às vezes, atingiram o cúmulo do ridículo, como por exemplo: "Não queremos a organização, mas a harmonização", "Opomo-nos à associação, mas a admitimos", "Não queremos secretário ou caixa, porque é sinal de autoritarismo, mas encarregamos um camarada para se ocupar do correio e outro do dinheiro"; passemos à discussão séria.

Se não pudermos concordar, tratemos pelo menos de nos compreender.

Antes de mais nada, distinguamos, visto que a questão é tripla: a organização em geral, como o princípio e condição da vida social, hoje, e na sociedade futura; a organização do partido anarquista e a organização das forças populares, e, em particular, a das massas operárias, para resistir ao governo e ao capitalismo.

A necessidade de organização, na vida social - direi que organização e sociedade são quase sinônimos - é coisa tão evidente que mal se pode

acreditar que pudesse ter sido negada.

Para darmos conta disso, é preciso lembrar que ela é a função específica, característica do movimento anarquista, e como homens e partidos estão sujeitos a se deixarem absorver pela questão que os interessa mais diretamente, esquecendo tudo que a ela se relaciona, dando mais importância à forma que ao conteúdo e, enfim, vendo as coisas somente de um lado, não distinguindo mais a justa noção da realidade.

O movimento anarquista começou como uma reação contra o autoritarismo dominante na sociedade, assim como todos os partidos e organizações operárias, e se acentuou com os adventos de todas as revoltas contra as tendências autoritárias e centralistas.

Era natural, em conseqüência, que inúmeros anarquistas estivessem hipnotizados por esta luta contra a autoridade e que eles combatem, para resistir à influência da educação autoritária, tanto a autoridade quanto a organização, da qual ela é a alma.

Na verdade, esta fixação chegou ao ponto de fazer sustentar coisas incríveis. Combateu-se todo tipo de cooperação e de acordo porque a associação é a antítese da anarquia. Afirma-se que sem acordos, sem obrigações recíprocas, cada um fazendo o que lhe passar pela cabeça, sem mesmo se informar sobre o que fazem os outros, tudo estaria espontaneamente em harmonia: que anarquia significa que cada um deve bastar-se a sí mesmo e fazer tudo que tem vontade, sem troca e sem trabalho em associação. Assim, as ferrovias poderiam funcionar muito bem sem organização, como acontecia na Inglaterra (!). O correio não seria necessário: alguém de Paris, que quisesse escrever uma carta a Petersburgo... podia ele próprio levá-la (!!) etc.

Dir-se-à que são besteiras, que não vale a pena discuti-las. Sim, são besteiras, mas estas besteiras foram ditas, propagadas: foram recebidas por grande parte de pessoas como a expressão autêntica das idéias anarquistas. Servem sempre como armas de combate aos adversários, burgueses ou não, que querem conseguir uma fácil vitória sobre nós. E, também estas "besteiras" não são sem valor, visto que são a conseqüência de certas premissas e que podem servir como prova experimental da verdade, ou pelo menos, dessas premissas.

Alguns indivíduos, de espírito limitado, mas providos de espírito lógico poderoso, quando aceitam premissas, extraem delas todas as conseqüências até que, por fim, e se a lógica assim o quer, chegam, sem se desconcertar, aos maiores absurdos, à negação dos fatos mais evidentes. Mas há outros indivíduos mais cultos e de espírito mais amplo que



encontram sempre um meio de chegar a conclusões mais ou menos razoáveis, mesmo ao preço de violentação da lógica. Para eles os erros teóricos têm pouca ou nenhuma influência na conduta prática. Mas, em suma, desde que não se haja renunciado a certos erros fundamentais, estamos sempre ameaçados por silogismos exagerados, e voltamos sempre ao começo.

O erro fundamental dos anarquistas adversários da organização é crer que não há possibilidade de organização sem autoridade. E uma vez admitida esta hipótese, preferem renunciar a toda organização, ao invés de aceitar o mínimo de autoridade.

Agora que a organização, quer dizer, a associação com um objetivo determinado e com as formas e os meios necessários para atingir este objetivo, é necessária à vida social, é uma evidência para nós. O homem isolado não pode sequer viver como um animal: ele é impotente (salvo em regiões tropicais e quando a população é muito dispersa) e não pode obter sua alimentação; ele é incapaz, sem exceção, de ter uma vida superior àquela dos animais. Conseqüentemente, é obrigado a se unir a outros homens, como a evolução anterior das espécies o mostra, e deve suportar a vontade dos outros (escravidão), impor sua vontade aos outros (autoritarismo), ou viver com os outros em fraternal acordo para o maior bem de todos (associação). Ninguém pode escapar dessa necessidade. Os antiorganizadores mais imoderados suportam não apenas a organização geral da sociedade em que vivem, mas também em seus atos, em sua revolta contra a organização, eles se unem, dividem a tarefa, *organizam-se* com aqueles que compartilham suas idéias, utilizando os meios que a sociedade coloca à sua disposição; com a condição de que estes sejam fatos reais e não vagas aspirações platônicas.

Anarquia significa, *sociedade organizada sem autoridade*, compreendendo-se autoridade como a faculdade de *impor* sua vontade. Todavia, também significa o fato inevitável e benéfico que aquele que compreende e sabe fazer uma coisa, consegue fazer aceitar mais facilmente sua opinião. Ele serve de guia, quanto a esta coisa, aos menos capazes que ele.

Segundo nossa opinião, a autoridade não é necessária à organização social, mais ainda, longe de ajudá-la, vive como parasita, incomoda a evolução e favorece uma dada classe que explora e oprime as outras. Enquanto há harmonia de interesses em uma coletividade, enquanto ninguém pode frustrar outras pessoas, não há sinal de autoridade. Ela aparece com a luta intestina, a divisão em vencedores e vencidos, os

mais fortes confirmando sua vitória.

Temos esta opinião e é por isso que somos anarquistas, caso contrário, afirmando que não pode existir organização sem autoridade, seremos autoritários. Mas ainda preferimos a autoridade que incomoda e desola a vida, à desorganização que a torna impossível.

De resto, o que seremos nos interessa muito pouco. Se é verdade que o maquinista e o chefe de serviço devem forçosamente ter autoridade, assim como os camaradas que fazem para todos um trabalho determinado, as pessoas sempre preferirão suportar sua autoridade a viajar a pé. Se o correio fosse apenas esta autoridade, todo homem são de espírito a aceitaria para não ter de levar, ele próprio, suas cartas. Se se recusa isto, a anarquia permanecerá o sonho de alguns e nunca se realizará.

## Organização II

*L'Agitazione* de Ancone, 11/07/1897

Estando admitida a existência de uma coletividade organizada sem autoridade, isto é, sem coerção, caso contrário, a anarquia não teria sentido, falemos da organização do partido anarquista.

Mesmo nesses casos, a organização nos parece útil e necessária. Se o partido, ou seja, o conjunto dos indivíduos que tem um objetivo em comum e se esforçam para alcançá-lo, é natural que se entendam, unam suas forças, compartilhem o traballho e tomem todas as medidas adequadas para desempenhar esta tarefa. Permanecer isolados, significa condenar-se à fraqueza, desperdiçar sua energia em pequenos atos ineficazes, perder rapidamente a fé no objetivo e cair na completa inação.

Mas isto parece de tal forma evidente que, ao invés de fazer sua demonstração, responderemos aos argumentos dos adversários da organização.

Antes de mais nada, há uma objeção, por assim dizer, formal. "Mas de que partido nos falais? Dizem-nos, nem sequer somos um, não temos programa". Este paradoxo significa que as idéias progridem, evoluem continuamente, e que eles não podem aceitar um programa fixo, talvez válido hoje, mas que estará com certeza ultrapassado amanhã.

Seria perfeitamente justo se, se tratasse de estudantes que procuram a verdade, sem se preocuparem com as aplicações práticas. Um matemático, um químico, um psicólogo, um sociólogo podem dizer que não há outro programa senão o de procurar a verdade: eles querem



conhecer, mas sem *fazer* alguma coisa. Mas a anarquia e o socialismo não são ciências: são proposições, projetos que os anarquistas e os socialistas querem por em prática e que, conseqüentemente, precisam ser formulados como programas determinados. A ciência e a arte das construções progridem a cada dia. Mas um engenheiro, que quer construir ou mesmo demolir, deve fazer seus planos, reunir seus meios de ação e agir como se a ciência e a arte tivessem parado no ponto em que as encontrou no início de seu trabalho. Pode acontecer, felizmente, que ele possa utilizar novas aquisições feitas durante seu trabalho sem renunciar à parte essencial de seu plano. Pode acontecer do mesmo modo que as novas descobertas e os novos meios industriais sejam tais, que ele se veja na obrigação de abandonar tudo e recomeçar do zero. Mas ao recomeçar, precisará fazer um novo plano, com base no conhecimento e na experiência; não poderá conceber e por-se a executar uma construção amorfa, com materiais *não produzidos*, a pretexto que amanhã a ciência poderá sugerir melhores formas e a indústria fornecer materiais de melhor composição.

Entendemos por partido anarquista o conjunto daqueles que querem contribuir para realizar a anarquia, e que, por conseqüência, precisam fixar um objetivo a alcançar e um caminho a percorrer. Deixamos de bom grado às suas elocubrações transcedentais os amadores das verdade absoluta e do progresso contínuo, que, jamais colocando suas idéias à prova, acabam por nada fazer ou descobrir.

A outra objeção é que a organização cria chefes, uma autoridade. Se isto é verdade, se é verdade que os anarquistas são incapazes de se reunirem e de entrarem em acordo entre si sem se submeter a uma autoridade, isto quer dizer que ainda são muito pouco anarquistas. Antes de pensar em estabelecer a anarquia no mundo, devem pensar em se tornar capazes de viver como anarquistas. O remédio não está na organização, mas na consciência perfectível dos membros.

Evidentemente, se em uma organização, deixa-se a alguns todo o trabalho e todas as responsabilidades, se nos submetemos ao que fazem alguns indivíduos, sem por a mão na massa e procurar fazer o melhor, esses "alguns" acabarão, mesmo que não queiram, substituindo a vontade da coletividade pela sua. Se em uma organização todos os membros não se interessam em pensar, em querer compreender, em pedir explicações sobre o que não compreendem, em exercer sobre tudo e sobre todos as suas faculdades críticas, deixando a alguns a responsabilidade de pensar por todos, esses "alguns" serão os chefes, as cabeças pensantes e dirigentes.

**Agradecimentos:**
Nosso coletivo é grato a todos os amigos e militantes que contribuíram e contribuem com nosso trabalho, aqui em São Paulo e em outros estados, em especial ao CELIP (RJ), FAG (RS), Coletivo Ruptura (CE), LEL (RJ), Coletivo Domingos Passos(RJ), Coletivo Libertário (MT) .

**Organização**
Luta Libertária

**Traduções**
Luta Libertária
Plínio A. Coelho
JCM

**Digitação**
Luta Libertária
André Braga dos Reis
Bruno César Braga dos Reis

**Revisão**
Velot Wamba

**Capa e Editoração**
Angelo Bruno

*LUTA LIBERTÁRIA*
***Coletivo Editorial***
Caixa Postal 11639, São Paulo/SP - 05049-970 - Brasil
lutalibertaria@hotmail.com

## *Sumário:*

Apresentação

Introdução
A Corrente Anarco-Comunista:
Histórico, Crítica e Permanência
9

Malatesta e Luigi Fabbri:
O Anarco-Comunismo Organicista
39

Sobre a Organização
55

A organização das massas operárias
contra o governo e os patrões
65

Anarquismo e Sindicalismo
69

Malatesta: fragmentos
77

A Organização Anarquista
95

O Conceito Anarquista de Revolução
127

Revolução e Expropriação
143

A Defesa da Revolução
159

A Função do Anarquismo na Revolução
173

O anarco-comunismo organicista
e o sentido da organização anarquista
187

Bibliografia
197

Todavia, repitamos, o remédio não está na ausência de organização. Ao contrário, nas pequenas como nas grandes sociedades, excetuando a força brutal, a qual não nos diz respeito no caso em questão, a origem e a justificativa da autoridade residem na desorganização social. Quando uma coletividade tem uma necessidade e seus membros não estão espontaneamente organizados para satisfazê-la, surge alguém, uma autoridade que satisfaz esta necessidade servindo-se das forças de todos e dirigindo-as à sua maneira. Se as ruas são pouco seguras e o povo não sabe se defender, surge uma polícia que, por uns poucos serviços que presta, faz com que a sustentem e paguem, impõe-se a tirania. Se há necessidade de um produto e a coletividade não sabe se entender com os produtores para que eles enviem esse produto em troca por produtos da região, vem de fora o negociante que se aproveita da necessidade que possuem uns de vender e outros de comprar e impõe os preços que quer a produtores e consumidores.

Como vêdes, tudo vem sempre de nós: quanto menos estávamos organizados, mais nos encontrávamos sob a dependência de certos indivíduos. E é normal que tivesse sido assim.

Precisamos estar relacionados com os camaradas das outras localidades, receber e dar notícias, mas não podemos todos nos correspondermos com todos os camaradas. Se estamos organizados, encarregamos alguns camaradas de manter a correspondência por nossa conta; trocamo-os se eles não nos satisfazem, e podemos estar informados sem depender da boa vontade de alguns para obter uma informação. Se, ao contrário, estamos desorganizados, haverá alguém que tenha os meios e a vontade de corresponder; ele concentrará em suas mãos todos os contatos, comunicará as notícias como bem quiser, a quem quiser. E se tiver atividade e inteligência suficientes, conseguirá, sem nosso conhecimento, dar ao movimento a direção que quiser, sem que nos reste, a nós, a massa do partido, nenhum meio de controle, sem que ninguém tenha o direito de se queixar, visto que este indivíduo age por sua conta, sem mandato de ninguém e sem ter que prestar contas a ninguém de sua conduta.

Precisamos de um jornal. Se estamos organizados, podemos reunir os meios para fundá-lo e fazê-lo viver, encarregar alguns camaradas de redigi-lo e controlar sua direção. Os redatores do jornal lhe darão, sem dúvida, de modo mais ou menos claro, a marca de sua personalidade, mas serão sempre pessoas que teremos escolhidos e que poderemos substituir. Se, ao contrário, estamos desorganizados, alguém que tenha



suficiente espírito de empreendimento fará o jornal por sua própria conta: encontrará entre nós os correspondentes, os distribuidores, os assinantes, e fará com que sirvamos seus desígnios, sem que saibamos ou queiramos. E nós, como muitas vezes aconteceu, aceitaremos e apoiaremos este jornal, mesmo que não nos agrade, mesmo que tenhamos a opinião de que é nocivo à Causa, porque seremos incapazes de fazer um que melhor represente nossas idéias.

Desta forma, a organização, longe de criar autoridade, é o único remédio contra ela e o único meio para que cada um de nós se habitue a tomar parte ativa e consciente no trabalho coletivo, e deixe de ser instrumento passivo nas mãos dos chefes.

Se não se fizer nada e houver inação, então, certamente, não haverá nem chefe, nem rebanho, nem comandante, nem comandados, mas neste caso, a propaganda, o partido, e até mesmo a discussão sobre a organização, cessarão, o que, esperamos, não é o ideal de ninguém...

Contudo, uma organização, diz-se, supõe a obrigação de coordenar sua própria ação e a dos outros, portanto violar a liberdade, suprimir a iniciativa. Parece-nos que o que realmente suprime a liberdade e torna impossível a iniciativa é o isolamento que produz a impotência. A liberdade não é direito abstrato, mas a possibilidade de fazer algo. Isto é verdade para nós como para a sociedade em geral. É na cooperação dos outros que o homem encontra o meio de exercer sua atividade, seu poder de iniciativa.

Evidentemente, organização significa coordenação de forças com um objetivo comum, e obrigação de não promover ações contrárias a este objetivo. Mas quando se trata de organização voluntária, quando aqueles que dela fazem parte têm de fato o mesmo objetivo e são partidários dos mesmos meios, a obrigação recíproca que a todos engaja obtém êxito em proveito de todos. Se alguém renunciar a uma de suas idéias pessoais por consideração à união, isto significa que acha mais vantajoso renunciar a uma idéia, que, por sinal, não poderia realizar sozinho, do que se privar da cooperação dos outros no que acredita ser de maior importância.

Se, em seguida, um indivíduo vê que ninguém, nas organizações existentes, aceita suas idéias e seus métodos naquilo que têm de essencial, e que em nenhuma organização pode desenvolver sua personalidade como deseja, então estará certo em permanecer de fora. Mas, se não quiser permanecer inativo e impotente, deverá procurar outros indivíduos que pensem como ele, e tornar-se iniciador de uma nova organização.

Uma outra objeção, a última que abordaremos, é que, estando organizados estamos mais expostos à repressão governamental.

Parece-nos, ao contrário, que quanto mais unidos estamos, mais eficazmente nos podemos defender. Na realidade, cada vez que a repressão nos surpreendeu enquanto estávamos desorganizados, colocou-nos em debandada total e aniquilou nosso trabalho precedente. Quando estávamos organizados, ela nos fez mais bem do que mal. Assim também no que concerne ao interesse pessoal dos indivíduos: por exemplo, nas últimas repressões, os isolados foram tanto e talvez mais gravemente atingidos do que os organizados. É o caso, organizados ou não, dos indivíduos que fazem propaganda individual. Para aqueles que nada fazem e ocultam suas convicções, o perigo é certamente mínimo, mas a utilidade que oferecem à Causa também o é.

O único resultado, do ponto da vista da repressão, que se obtém por estar desorganizado é autorizar o governo a nos recusar o direto de associação e tornar possível monstruosos processos por associação delituosa. O governo não agiria dessa forma em relação às pessoas que afirmam de modo altivo e público, o direito e o fato de estarem associados e, se ousasse fazê-lo, isto se voltaria contra ele em nosso proveito.

De resto, é natural que a organização assuma as formas que as circunstâncias aconselham e impõem. O importante não é tanto a organização formal, mas o espírito de organização. Podem acontecer casos, durante o furor da reação, em que seja útil suspender toda correspondência, cessar todas as reuniões: será sempre um mal, mas se a vontade de estar oganizado subsiste, se o espírito de associação permanece vivo, se o período precedente de atividade coordenada multiplicou as relações pessoais, produziu sólidas amizades e criou um real acordo de idéias de conduta entre os camaradas, então o trabalho dos indivíduos, mesmo isolados, participará do objetivo comum. E encontrar-se-á rapidamente o meio de nos reunirmos de novo e repararmos os danos sofridos.

Somos como um exército em guerra e podemos, segundo o terreno e as medidas tomadas pelo inimigo, combater em massa ou em ordem dispersa: o essencial é que nos consideremos sempre membros do mesmo exército, que obedeçamos sempre as mesmas idéias diretrizes e que estejamos sempre prontos a nos reunirmos em colunas compactas quando for necessário e quando se puder fazê-lo.

Tudo o que dissemos se dirige aos camaradas que são de fato adversários do princípio da organização. Àqueles que combatem a



organização, somente porque não querem nela entrar, ou não são aceitos, ou não simpatizam com os indivíduos que dela fazem parte, dizemos: façam com aqueles que estão de acordo com vocês outra organização. É verdade, gostaríamos de poder estar, todos nós, de acordo, e reunir em um único feixe poderoso todas as forças do anarquismo. Mas não acreditamos na solidez das organizações feitas à força de concessões e de restrições, onde não há entre os membros simpatia e concordância real. É melhor estarmos desunidos que mal unidos. Mas gostaríamos que cada um se unisse com seus amigos e que não houvesem forças isoladas, forças perdidas.

---

Texto extraído do livro "Escritos Revolucionários" editora Novos Tempos, São Paulo, 1989.

# A organização das massas operárias contra o governo e os patrões

*Errico Malatesta*

*L'Agitazione* de Ancone, 1897

Nós já o repetimos: sem organização, livre ou imposta, não pode existir sociedade; sem organização consciente e desejada, não pode haver nem liberdade, nem garantia de que os interesses daqueles que vivem em sociedade sejam respeitados. E quem não se organiza, quem não procura a cooperação dos outros e não oferece a sua, em condições de reciprocidade e de solidariedade, põe-se necessariamente em estado de inferioridade e permanece uma engrenagem inconsciente no mecanismo social que outros acionam a seu modo, e em sua vantagem.

Os trabalhadores são explorados e oprimidos porque, estando desorganizados em tudo que concerne à proteção de seus interesses, são coagidos, pela fome ou pela violência brutal, a fazer o que os dominadores, em proveito dos quais a sociedade atual está organizada, querem. Os trabalhadores se oferecem, eles próprios (enquanto soldado e capital), à força que os subjuga. Nunca poderão se emancipar enquanto não tiverem encontrado na união a força moral, a força econômica e a força física que são necessárias para abater a força organizada dos opressores.

Houve anarquistas, e ainda há, que, ainda que reconhecendo a necessidade de organização na sociedade futura e a necessidade de se organizarem agora para a propaganda e para a ação, são hostis a qualquer organização que não tenha por objetivo direto a anarquia e não siga os

métodos anarquistas. E alguns se afastaram de todas as associações operárias que propunham a resistência e a melhoria das condições na ordem atual das coisas, ou se associaram com o objetivo declarado de desorganizá-las; outros, ainda que admitindo que se podia fazer parte das associações de resistência existentes, consideraram quase uma defecção tentar organizar novas associações.

Para esses camaradas, todas as forças, organizadas em um objetivo que não fosse radicalmente revolucionário, seriam, talvez, subtraídas à revolução. Acreditamos, ao contrário, e a experiência já nos mostrou isso bem, que seu método condenaria o movimento anarquista a uma perpétua esterilidade.

Para se fazer propaganda é preciso estar no meio das pessoas. É nas associações operárias que o trabalhador encontra seus camaradas e, em princípio, aqueles que estão mais dispostos a compreender e a aceitar nossas idéias. E mesmo que se quisesse fazer intensa propaganda fora das associações, isto não poderia ter efeito sensível sobre a massa operária. Excetuando um pequeno número de indivíduos mais instruídos e capazes de reflexões abstratas e de entusiasmos teóricos, o operário não pode chegar de uma só vez à anarquia. Para se tornar anarquista, de modo sério, e não somente de nome, é preciso que comece a sentir a solidariedade que o une a seus camaradas, é preciso que aprenda a cooperar com os outros na defesa dos interesses comuns e que, lutando contra os patrões, compreenda que patrões e capitalistas são parasitas inúteis e que os trabalhadores poderiam assumir a administração social. Quando compreende isso, o trabalhador é anarquista, mesmo que não carregue o nome.

Por outro lado, favorecer as organizações populares de todos os tipos é a conseqüência lógica de nossas idéias fundamentais e, assim, deveria fazer parte integrante de nosso programa.

Um partido autoritário, que visa controlar o povo para impor suas idéias, tem interesse em que o povo permaneça uma massa amorfa, incapaz de agir por si mesma e, conseqüentemente, sempre fácil de dominar. É lógico, portanto, que só deseje um certo nível de organização, segundo a forma que ajude na tomada do poder: organização eleitoral, se espera atingir seu objetivo pela via legal; organização militar, se conta com a ação violenta.

Nós, anarquistas, não queremos *emancipar* o povo, queremos que o povo se *emancipe*. Nós não acreditamos no fato imposto, de cima, pela



força; queremos que o novo modo de vida social saia das entranhas do povo e corresponda ao grau de desenvolvimento atingido pelos homens e possa progredir à medida que os homens avançam. Desejamos, portanto, que todos os interesses e todas as opiniões encontrem, em uma organização consciente, a possibilidade de se colocar em evidência e influenciar a vida coletiva, na proporção de sua importância.

Nós assumimos como objetivo lutar contra a atual organização social e destruir os obstáculos que se opõem à realização de uma nova sociedade, onde a liberdade e o bem-estar estarão assegurados a todos. Para perseguir esse objetivo, unimo-nos em partido e procuramos nos tornar os mais numerosos e os mais fortes possível. Mas os outros também estão organizados em partido.

Se os trabalhadores permanecessem isolados como tantas unidades indiferentes uma das outras, ligadas a uma cadeia comum; se nós mesmos não estivéssemos organizados com os trabalhadores enquanto trabalhadores, não poderíamos chegar a lugar algum, ou, no melhor dos casos, poderíamos apenas nos impormos...e então não seria o triunfo da anarquia, mas o nosso. E não poderíamos mais dizermo-nos anarquistas, seriamos simples governantes, incapazes de fazer o bem, como todos os governantes.

Fala-se com freqüência de revolução e acredita-se por esta palavra resolver todas as dificuldades. Mas o que deve ser, o que pode ser essa revolução à qual aspiramos?

Abater os poderes constituídos e declarar extinto o direito de propriedade, é desejável: um partido pode fazê-lo...se bem que, para isso, é ainda preciso que este partido, além de suas forças, conte com a simpatia das massas e com uma suficiente preparação da opinião pública.

Todavia, e depois? A vida social não admite interrupções. Durante a revolução ou a insurreição, como queiram, e imediatamente após, é preciso comer, vestir, viajar, imprimir, tratar dos doentes etc, e estas coisas não se fazem por si mesmas. Hoje, o governo e os capitalistas se organizam para delas tirar proveito; quando eles tiverem sido abatidos, será preciso que os próprios operários o façam em proveito de todos, senão verão surgir, sob um nome ou outro, novos governantes e novos capitalistas.

E como os operários poderiam prover as necessidades urgentes se eles não estão agora habituados a se reunir e a discutir, juntos, os interesses comuns, e ainda não estão prontos, de certo modo, a aceitar a herança da velha sociedade?

Numa cidade onde os cerealistas e os donos de padarias tiverem perdido seus direitos de propriedade e, por conseguinte, o interesse em abastecer o mercado, será preciso, a partir do dia seguinte, encontrar nas padarias o pão necessário à alimentação do público. Quem pensará nisso se os empregados das padarias já não estiverem associados e prontos a trabalhar sem os patrões, e se, esperando a revolução, eles não tiverem pensado de antemão em calcular as necessidades da cidade e os meios de abastecê-la?

Todavia, nós não queremos dizer que para fazer a revolução seja preciso esperar que todos os operários estejam organizados. Seria impossível, tendo em vista as condições do proletariado, e felizmente não é necessário. Mas é preciso que pelo menos haja núcleos em torno dos quais as massas possam reagrupar-se rapidamente, tão logo elas sejam liberadas do peso que as oprime. Se é utopia querer fazer a revolução somente quando estivermos todos prontos e de acordo, é ainda mais utópico querer fazê-la sem nada e ninguém. É preciso uma medida em tudo. Enquanto esperamos, trabalhemos para que as forças conscientes e organizadas do proletariado cresçam tanto quanto seja possível. O resto virá por si só.

---

Texto extraído do livro "Escritos Revolucionários" editora Novos Tempos, São Paulo, 1989.

# Anarquismo e Sindicalismo

*Errico Malatesta*

*Freedom,* novembro de 1907

A questão de saber que posição nós devemos tomar em relação ao movimento sindical é certamente uma questão da maior importância para os anarquistas.

Apesar de longas discussões e diversas experiências, ainda não se chegou a um completo acordo sobre essa questão; talvez a razão disso seja o fato de que esta questão não permita solução completa e permanente, devido às diferentes condições e às circunstâncias mutantes da luta.

Acredito, entretanto, que nosso objetivo poderia nos sugerir um critério de conduta aplicável às diversas contingências.

Nós desejamos a elevação moral e material de todos os homens; desejamos realizar uma revolução que dará, a todos, a liberdade e o bem-estar, e estamos convencidos de que isso não pode vir de cima, através de leis e decretos, mas deve ser conquistado pela vontade consciente e pela ação direta daqueles que o desejam.

Assim, temos necessidade, mais do que todos os outros, da cooperação consciente e voluntária daqueles que, sofrendo mais do que ninguém a presente organização social, têm o maior interesse na revolução social.

Não nos basta - ainda que isso seja certamente útil e necessário - elaborar um ideal tão perfeito quanto possível, e formar grupos para a propaganda e para a ação revolucionária.

Devemos converter ao nosso ideal a grande massa dos trabalhadores, porque, sem ela, não podemos derrubar a sociedade existente nem construir uma nova. E, para que a grande massa de proletários liberte-se do estado de submissão no qual ela vegeta, e alcance a concepção anarquista e o desejo de realizá-la, é necessário uma evolução que não se opere unicamente sob a influência da propaganda; visto que as lições que derivam dos fatos da vida cotidiana são muito mais eficazes do que todos os discursos doutrinários, nós devemos absolutamente tomar uma parte ativa na vida das massas e empregar todos os meios que as circunstâncias nos permitem para despertar gradualmente o espírito de revolta, e mostrar à massa, com a ajuda desses fatos, o caminho que conduz à emancipação.

É evidente que um dos melhores meios é o movimento sindical, e seria um grande erro negligenciá-lo. Neste movimento, encontramos grande quantidade de operários que lutam pela melhoria de sua situação.

Esses operários podem se enganar no que concerne ao objetivo que eles se propõem atingir, e nos meios que eles adotam para alcançá-lo; e, em nossa opinião, eles geralmente se enganam.

Mas, pelo menos, esses operários não se resignam mais à opressão e não a encaram mais como sendo justa; eles acreditam e lutam. Podemos, nestes operários, despertar mais facilmente este sentimento de solidariedade para com seus camaradas explorados, e de ódio contra a exploração, o que levará necessariamente à luta definitiva pela abolição da dominação de um homem sobre o outro.

Nós podemos levar esses operários a pedir cada vez mais, e a pedí-lo por meios cada vez mais enérgicos, e, deste modo, nós nos deixamos arrastar e arrastamos os outros para a luta, aproveitando-nos das vitórias a fim de exaltar a força da união e da ação direta, e aproveitando também dos reveses que nos ensinam a necessidade de empregar meios mais enérgicos e soluções mais radicais.

Além do mais - e isto não é uma vantagem negligenciável - o movimento sindical pode preparar esses grupos de operários profissionais que, durante a revolução, poderão empreender a organização da produção e da troca, fora e contra todo poder governamental.

Mas com todas essas vantagens o movimento sindical tem também seus defeitos e seus perigos, os quais devemos levar em consideração quando se examina a questão da posição que nós devemos tomar em relação a isso enquanto anarquistas.



A constante experiência em todos os países nos mostra que o movimento sindical, que começa sempre como um movimento de protesto e de revolta, e que é animado no começo por um grande espírito de progresso e de fraternidade humana, tende muito rapidamente a degenerar. Quanto mais forte se torna este movimento, mais ele se torna egoísta, conservador, ocupado exclusivamente com os interesses imediatos e restritos, e desenvolve em seu seio uma burocracia que, como sempre, não tem outro objetivo senão o de se fortalecer e de crescer. É este estado de coisas que induziu muitos camaradas a se retirarem do movimento sindical e até mesmo a combatê-lo como algo reacionário e nocivo. Mas disso resultou que nossa influência entre esses operários diminuiu e o campo foi deixado livre àqueles que desejavam explorar o movimento com um interesse pessoal ou com um interesse de partido, que nada tinha de comum com a causa da emancipação operária. Em pouco tempo só se achavam organizações com um espírito estreito, essencialmente conservador, das quais as trade-unions inglesas são o tipo, ou sindicatos que, sob a influência de políticos com muita freqüência "socialistas", eram simples máquinas eleitorais servindo para içar ao poder certos indivíduos.

Felizmente outros camaradas acreditavam que o movimento sindical tinha sempre em si mesmo um princípio são, e que, ao invés de abandoná-los aos políticos, era melhor empreender a tarefa de trazer de volta estas organizações a seu objetivo primeiro e de tirar delas todas as vantagens que eles oferecem à causa anarquista. E estes camaradas conseguiram criar, especialmente na França, um novo movimento que, sob o título de "sindicalismo-revolucionário", procura organizar os operários, independentemente de qualquer influência burguesa e política, a fim de conquistar sua emancipação pela ação direta contra seus senhores.

Sem sombra de dúvida, esse é um grande passo para a frente; mas não devemos exagerar sua importância e imaginar, como o fazem certos camaradas, que realizaremos a anarquia naturalmente, pelo desenvolvimento progressivo do sindicalismo.

Cada instituição possui uma tendência a desdobrar suas funções, a se perpetuar e a se tornar seu próprio objetivo. Assim, não é surpreendente que os iniciadores desse movimento, aqueles que representam o papel mais importante se habituem pouco a pouco a olhar o sindicalismo como o equivalente do anarquismo, ou pelo menos como o meio supremo, substituindo sozinho todos os outros meios, para realizar a anarquia.

Mas isto torna ainda mais necessário para evitar o perigo e definir muito bem nossa posição.

O sindicalismo, apesar de todas as declarações de seus partidários mais ardentes, contém em si, pela própria natureza de suas funções, todos os elementos de degenerescência que corromperam os movimentos operários no passado. Com efeito, sendo um movimento que propõe defender os interesses presentes dos operários, ele deve necessariamente se adaptar às condições existentes e tomar em consideração os interesses que vêm em primeira linha na sociedade, tal como ela existe hoje.

Todavia, quando os interesses de uma seção de trabalho coincidem com os interesses de toda a classe operária, o sindicalismo é, em si mesmo, uma boa escola de solidariedade; quando os interesses dos operários de um país são idênticos aos interesses dos operários de outros países, o sindicalismo é um bom meio para desenvolver a fraternidade internacional; quando os interesses do momento não estão em contradição com os interesses do futuro, o sindicalismo é em si uma boa preparação para a revolução. Mas, infelizmente, as coisas não são sempre assim,

A harmonia dos interesses, a solidariedade entre os homens é um ideal ao qual nós aspiramos, é o objetivo pelo qual nós lutamos, mas esta não é a condição atual entre os homens da mesma classe ou entre os homens de classes diferentes. Hoje, a regra é o antagonismo e a interdependência dos interesses, simultaneamente; a luta de cada um contra todos e de todos contra um. E não pode ser de outro modo em uma sociedade onde, em conseqüência do sistema capitalista de produção (isto é, uma produção fundada sobre o monopólio dos meios de produção e organizada internacionalmente para o proveito de certos indivíduos) há, em geral, mais braços do que trabalho a fazer e mais bocas do que pão para enchê-las.

É impossível se isolar, quer como indivíduo, quer como classe ou como nação, visto que a condição de cada um depende mais ou menos diretamente das condições gerais de toda a humanidade. É impossível viver em um verdadeiro estado de paz porque é necessário defender-se e, freqüentemente, atacar, se não quiser perecer.

O interesse de cada pessoa é assegurar para si um emprego, e, como conseqüência, entra-se em antagonismo - quer dizer, em concorrência com os desempregados do mesmo país e com os emigrantes dos outros países. Cada um deseja conservar ou obter o melhor lugar contra os outros operários da mesma indústria. Cada um tem interesse em vender caro e



comprar barato e, conseqüentemente, como produtor ele se acha em conflito com todos os consumidores e, quando ele é consumidor acha-se em conflito com todos os produtores.

União, entendimento, luta solidária contra o explorador, são coisas que só podem ser obtidas hoje se os operários, animados pela concepção de um ideal superior, aprenderem a sacrificar seus interesses exclusivos e pessoais aos interesses comuns, os interesses do momento aos interesses do futuro; e esse ideal de uma sociedade de solidariedade, de justiça, de fraternidade, só pode ser realizado pela destruição - desafiando qualquer legalidade - das instituições existentes.

Oferecer aos operários este ideal; colocar os interesses amplos do futuro antes dos interesses estreitos e imediatos; tornar impossível a adaptação às condições presentes; trabalhar sempre pela propaganda e pela ação que conduzirão e realizarão a revolução, eis os objetivos aos quais devem tender os anarquistas nos sindicatos e fora deles.

O sindicalismo não pode fazer isso, ou só pode fazê-lo muito pouco; ele deve contar com os interesses presentes e esses interesses não são sempre, infelizmente, os da revolução. O sindicalismo não pode ou não deve exceder muito os limites da legalidade e em certos momentos ele deve tratar com os patrões e as autoridades. Ele deve se ocupar mais dos interesses de certas seções de operários do que dos interesses do público em geral, dos interesses dos sindicatos mais do que da massa dos sem-trabalho e dos interesses da classe operária.

Se o sindicalismo não fizesse isso, ele não teria nenhuma razão particular de existir e perderia sua utilidade principal que é a de educar e habituar as massas despreparadas à luta.

E como os sindicatos devem permanecer aberto a todos, a todos aqueles que desejem obter melhores condições de vida de seus patrões, então as opiniões dos sindicatos sobre a constituição geral da sociedade são de pouca importância; eles são levados naturalmente a moderar suas aspirações, primeiro para não assustar os operários despreparados que eles querem atrair, e segundo porque à medida em que o sindicato aumenta numéricamente, as pessoas avançadas, os iniciadores do movimento se perdem na maioria que se ocupa unicamente dos pequenos interesses do momento.

Assim, pode-se ver desenvolver-se em todos os sindicatos que atingiram uma certa posição influente a tendência a assegurar - em acordo, ao invés de contra os patrões - uma situação privilegiada, a criar

dificuldades para a admissão de novos membros, para a admissão dos aprendizes nas fábricas; uma tendência a entesourar fundos que eles temem depois comprometer; a procura a favor dos poderes públicos; a absorver inteiramente na cooperação e em todas as espécies de mutualidades e a se tornar, finalmente, um elemento conservador na sociedade.

Após tudo isso, parece-me claro que o movimento sindical não pode substituir o movimento anarquista, e pode servir como meio de educação e preparação revolucionária somente se é posto em movimento pela impulsão, pela ação e pela crítica anarquistas. Os anarquistas devem se abster de se identificar com o movimento sindicalista; eles não devem tomar por objetivo aquilo que é apenas um dos meios de propaganda e de ação. Eles devem permanecer no sindicato para dar uma impulsão à arrancada e tentar fazer dos sindicatos, tanto quanto possível, instrumentos de combate em vista à revolução social. Eles devem trabalhar para desenvolver nos sindicatos tudo o que pode aumentar sua influência educativa, sua combatividade, a propaganda de idéias, as greves, o espírito de proselitismo, a desconfiança e o ódio pelas autoridades e pelos políticos, a prática da solidariedade para com os indivíduos e os grupos em luta com os senhores do dia.

Os anarquistas, nos sindicatos, devem combater tudo o que tende a torná-los egoístas, pacíficos, conservadores - o orgulho profissional, o espírito corporativista, as grandes cotizações, a acumulação dos capitais investidos, os serviços de seguro, a confiança nas boas funções do governo, as relações amigáveis com os patrões, a nomeação dos empregados burocratas remunerados e permanentes.

Nestas condições, a participação dos anarquistas no movimento sindical pode dar bons resultados, mas somente nestas condições.

Esta tática pode algumas vezes parecer, ou ser verdadeiramente nociva aos interesses imediatos de certos grupos, mas isto não tem nenhuma importância quando se trata da causa anarquista, isto é, do interesse geral e permanente da humanidade. Nós desejamos certamente, esperando a revolução, arrancar, dos governos e dos patrões, o máximo de liberdade e de bem-estar possível, mas nós não comprometemos jamais o futuro por qualquer vantagem momentânea que, por sinal, é com muita freqüência ilusória ou obtida às expensas de outros operários. Protejamo-nos de nós mesmos. O erro de ter abandonado o movimento operário fez muito mal à anarquia, mas pelo menos deixou-a pura, com seu caráter distintivo.

O erro de confundir o movimento anarquista com o sindicalismo será muito mais grave. Acontecerá concosco o que aconteceu com os



social-democratas logo após eles terem entrado na luta parlamentar. Eles ganharam em força numérica mas se tornaram cada dia menos socialistas. Nós também nos tornaremos cada dia mais numerosos, mas cessaremos de ser anarquistas.

---

Texto extraído do livro "A Anarquia e Outros Escritos" editora Novos Tempos, São Paulo, 1989.

# Malatesta: fragmentos

## Sobre o Individualismo

É anarquista, por definição, aquele que não quer ser nem oprimido, nem *opressor*, aquele que quer o máximo de bem-estar, o máximo de liberdade, o maior desenvolvimento possível para *todos* os seres humanos. Suas idéias e sua vontade têm sua origem no sentimento de simpatia, de amor e de respeito por todos os humanos: sentimento que deve ser bastante forte para levá-lo a desejar o bem dos outros tanto quanto o seu próprio, e a renunciar a toda vantagem pessoal cuja aquisição implicaria o sacrifício de outrem. Senão, por que não ser inimigo da opressão e não tentar tornar a si próprio um opressor?

O anarquista sabe que o indivíduo não pode viver fora da sociedade e que ele só existe enquanto indivíduo porque traz consigo a soma total do trabalho de incontáveis gerações passadas e se beneficia, ao longo de sua vida, com a colaboração de seus contemporâneos.

Ele sabe que a atividade de cada um tem uma influência, direta ou indireta, na vida de todos e, por isso mesmo, reconhece a grande lei da solidariedade que prevalece na sociedade humana assim como na natureza. E como deseja a liberdade para todos, é preciso que deseje também que a ação desta solidariedade essencial não seja imposta e sofrida inconsciente e involuntariamente, nem deixada ao acaso e explorada em benefício de alguns em detrimento da maioria, mas que, ao contrário, ela se torne consciente e voluntária e se faça, por isso mesmo, em benefício de todos igualmente.

Ser oprimido, ser opressor ou cooperar voluntariamente para o maior bem de todos; não há outra alternativa possível, e os anarquistas

são voltados naturalmente – não podem deixar de sê-lo – para a cooperação deliberada e livre.

Que não venham "filosofar" e nos falar de egoísmo, de altruísmo e de outros quebra-cabeças. Estamos de acordo: somos todos egoístas, todos procuramos nossa própria satisfação. Contudo, é anarquista aquele cuja maior satisfação é lutar para o bem de todos, para a construção de uma sociedade onde, irmão entre seus irmãos, ele possa viver entre homens sãos, inteligentes, cultos e felizes. Em contrapartida, aquele que pode adaptar-se e viver contente entre escravos, e tirar proveito do trabalho dos escravos, este não é e não pode ser anarquista.

*Pensiero e Volontà,* 15 de junho de 1913

Existem indivíduos fortes, inteligentes, apaixonados, com grandes necessidades materiais e intelectuais que, encontrando-se por acaso na classe dos oprimidos, procuram a todo custo emancipar-se e não recuam diante da idéia de ser por sua vez opressores; são indivíduos que se sentem aprisionados na sociedade atual e chegam a desprezar e odiar qualquer tipo de sociedade; vendo que é absurdo querer viver fora da coletividade humana, procuram submeter à sua própria vontade e à satisfação de suas paixões todos os homens, a sociedade inteira. Às vezes, quando são intelectuais, consideram-se *super-homens*. Não têm escrúpulos, querem "viver sua vida"; ridicularizam a revolução e qualquer aspiração futura: querem gozar a vida "aqui e agora", a qualquer preço e às custas de quem quer que seja; sacrificariam a humanidade inteira por uma única hora de "vida intensa" (conforme seus próprios termos).

Estes são rebeldes, mas não anarquistas. Possuem a mentalidade e os sentimentos do burguês frustrado e, quando podem, transformam-se efetivamente em burgueses, e não menos perigosos.

Pode ocorrer que na vicissitude da luta, nós os encontremos às vezes ao nosso lado; mas não podemos nem devemos e nem queremos ser confundidos com eles. E eles sabem disso muito bem. Contudo, alguns gostam de proclamar-se anarquistas. É certo – e lamentável.

Não podemos impedir ninguém de tomar o nome que lhe agrade, assim como não podemos, nós, abandonar o nome que exprime em uma palavra nossas idéias e que nos pertence lógica e historicamente. A única coisa que poderíamos fazer é cuidar para que não haja confusão possível, ou ao menos tentar limitá-la ao máximo.

*Pensiero e Volontà,* 15 de junho de 1913



## Sobre Violência, Liberdade, Pacifismo e Terrorismo

Entre os anarquistas, há revolucionários que acreditam que a força é necessária para abater a força que mantém a ordem presente, a fim de criar um meio onde seja possível a livre evolução dos indivíduos e das coletividades. Há também os "educacionistas" que acreditam poder chegar a uma transformação da sociedade mudando, num primeiro momento, apenas as pessoas pela educação e pela propaganda. Há também os partidários da não-resitência ou da resistência passiva que têm horror da violência, mesmo quando ela serve para repelir a violência, e os que admitem a necessidade da violência e que, por conseguinte, dividem-se por sua vez conforme a natureza, o alcance e o limite da violência que admitem. Há desacordos sobre a atitude que devem ter os anarquistas diante do movimento sindical, sobre a necessidade ou não de uma organização específica anarquista; desacordos também permanentes ou ocasionais, sobre as relações entre os anarquistas e os *partidos revolucionários*.

Sobre estas questões e sobre outras do mesmo tipo, é preciso tentar chegar a um entendimento; ou se, como parece, o acordo não é possível, é preciso saber tolerar-se: trabalhar juntos quando se está de acordo e, quando não se está, deixar cada um fazer como acha melhor e não prejudicarem-se mutuamente. Porque, considerando-se todos os aspectos, ninguém está absolutamente certo de ter razão e ninguém tem sempre razão.

*Pensiero e Volontà,* 1º de abril de 1926

Nettlau se engana, na minha opinião, quando acredita que a diferença entre os anarquistas que se dizem comunistas e os que se dizem individualistas vem, na verdade, da idéia que eles possuem respectivamente da vida econômica (produção e repartição dos produtos) em uma sociedade anarquista. Estas são questões que dizem respeito ao futuro; certamente, o ideal, o último objetivo, é a luz que guia ou deveria guiar a conduta dos homens; mas é ainda mais verdadeiro que o que determina antes de tudo o acordo e o desacordo, não é o que se pensa fazer amanhã mas o que se faz e se quer fazer hoje. Em geral, nos entendemos melhor e temos mais interesse em fazê-lo com aqueles que percorrem o mesmo caminho, mesmo se às vezes eles seguem para um lugar diferente, do que com aqueles

Outras questões como a da violência e do individualismo também são abordadas, tendo por base uma dimensão ética, que segundo Malatesta, os anarquistas não podem perder de vista, sob pena de pisotearem seus próprios valores de responsabilidade e solidariedade.

Os textos para compor e organizar o livro foram buscados em outros livros e documentos. Os de Malatesta, em sua maioria, foram traduzidos e editados anteriormente por Plínio Augusto Coelho e foram extraídos das compilações *Escritos Revolucionários* e *A Anarquia*, publicadas pela Novos Rumos Editora e posteriormente pela Editora Imaginário. Nós aqui repetimos a edição destes textos considerando que são atuais e que contribuem para a formação, estudo e discussão do pensamento libertário e suas concepções.

Também editamos neste livro excertos de outros textos de Malatesta, publicados em uma compilação feita pelo grupo francês *Primeiro de Maio*, editada no Brasil pela L&PM, pois pensamos que estes também se encontram dentro do mesmo critério de pertinência que os outros.

Já os textos de Luigi Fabbri são inéditos no Brasil, um é datado de 1907, e foi escrito por Fabbri por ocasião do Primeiro Congresso Anarquista Italiano, os outros, foram extraídos da obra *Ditadura y Revolución*, escrita por Fabbri concomitantemente a todo o processo da Revolução Russa.

Para este livro nosso coletivo editorial também preparou uma introdução histórica sobre o período posterior à morte de Bakunin, momento no qual é gerada a corrente anarco-comunista, uma das mais influentes na história do anarquismo. Dentro ainda deste histórico procuramos situar os dois autores em relação à sua época e corrente política, seus consensos e divergências.

E para fechar incluímos um texto nosso de discussão e reflexão, já que nosso coletivo não se propõe a simplesmente fazer um panegírico do passado, que geralmente fica apenas no culto aos mortos; mas sim, extrair das práticas históricas as lições para o presente e para o futuro, que é para nós, uma das funções do pensamento crítico.

Esta apresentação já se prolongou demais, que a leitura destes textos seja útil para todos aqueles que querem conhecer o anarquismo e discuti-lo e mais; que seja mais útil ainda àqueles que, além de conhecer e discutir, querem formular alternativas de luta contra a atual barbárie que assola o mundo.

Boa Leitura!

*Luta Libertária*

# INTRODUÇÃO

## A corrente anarco-comunista: histórico, crítica e permanência*

### A formação do anarco-comunismo

Não se entende o pensamento e a prática de Malatesta e Luigi[1] Fabbri sem que se considere a corrente do anarquismo a qual pertenciam, o anarco-comunismo, mais ainda a variante organicista do anarco-comunismo, caracterizada por uma maior ênfase na necessidade de organização. É importante entender como se formou a corrente anarco-comunista na história, suas idéias gerais, bases teóricas, estratégia e táticas para podermos compreender a trajetória de Malatesta e Luigi Fabbri.

Na época de Bakunin, os anarquistas se diziam coletivistas e depois adotaram o termo comunista. A primeira diferenciação entre os anarquistas coletivistas e os anarquistas comunistas refere-se à forma de distribuição da riqueza numa sociedade pós-revolucionária. Para os coletivistas a retribuição individual seria proporcional ao trabalho realizado, já para os anarquistas comunistas valeria a lei *"de cada um segundo suas possibilidades e a cada um segundo suas necessidades"*, ou seja, cada um tomaria para si os produtos de acordo com suas necessidades e não de acordo com o trabalho realizado, o que obviamente não quer dizer que as pessoas poderiam simplesmente deixar de trabalhar e tomar para si o que desejassem, o trabalho seria para todos.

Uma outra questão decorrente da forma de organização da distribuição aparecia neste debate sobre coletivismo e comunismo. No caso do modelo coletivista, questionavam os anarquistas comunistas; sempre haverá uma instância de autoridade que só o comunismo poderá

que seguem uma direção oposta afirmando que querem ir ao mesmo lugar que nós. Eis como, embora todos queiram no fundo a mesma coisa, anarquistas de tendências diferentes encontram-se, na vida e sobre questões de propaganda, em posições francamente opostas.

Uma vez admitido o princípio fundamental do anarquismo, isto é, que ninguém deveria ter nem o desejo nem a possibilidade de submeter os outros, nem obrigá-los a trabalhar para si, é óbvio que entram no quadro do anarquismo todos – e somente – os modos de vida que respeitam a liberdade e reconhecem a cada um o igual direito de gozar dos bens da Natureza e dos produtos de sua própria atividade.

*Pensiero e Volontà,* 1° de abril de 1926

Na natureza, fora da natureza humana, a força domina, simplesmente a força brutal, impiedosa, sem limites, pois ainda não existe esta força nova à qual a humanidade deve sua diferenciação e sua elevação: a força da vontade consciente.

Toda a vida especificamente humana é uma luta contra a natureza exterior, e cada progresso é uma adaptação, uma ultrapassagem de uma lei natural.

A lei natural é o combate, o massacre, a destruição ou a opressão do vencido: e no plano social, quanto maior for a tirania, mais próximo se estará do estado de natureza.

A noção de liberdade para todos, que implica necessariamente o princípio segundo o qual a liberdade de uns é limitada pela igual liberdade dos outros, é uma idéia humana; é uma conquista e uma vitória da humanidade sobre a natureza, talvez a mais importante de todas.

*Umanità Nova,* 30 de setembro de 1922

É muito verdadeiro que os interesses, as paixões, os gostos dos homens não estejam naturalmente em harmonia e, como é preciso que vivam juntos em sociedade, é preciso que cada um tente adaptar-se, conciliar seus desejos com os dos outros, a fim de chegar a um modo de viver e de agir que possa satisfazê-lo da melhor forma possível, assim como aos demais. Isto significa limitação da liberdade e demonstra que a liberdade, tomada em seu sentido absoluto, não poderia resolver o problema de uma vida em sociedade deliberada e feliz.

O problema só pode ser resolvido pela solidariedade, a fraternidade



e o amor que fazem com que o sacrifício dos desejos incompatíveis com os dos outros se faça voluntariamente e com prazer.

Mas quando se fala de liberdade em política, e não em filosofia, ninguém pensa na quimera metafísica do homem abstrato, existindo fora do meio cósmico e social e que, poderia, qual um deus, fazer o que melhor lhe aprouvesse, no sentido absoluto da expressão.

Quando se fala de liberdade, queremos falar de uma sociedade na qual ninguém poderia ser violento em relação aos outros sem encontrar uma resistência eficaz, e sobretudo uma sociedade na qual ninguém poderia englobar a força coletiva e utilizá-la para impor sua própria vontade aos outros nem às próprias coletividades que fornecem a força.

Todos estão de acordo que o homem não é perfeito. Mas esta é justamente uma razão a mais, a melhor talvez, para não dar a ninguém os meios de "pôr um freio na liberdade individual".

O homem não é perfeito. Mas então onde encontrar homens não somente tão bons para viver em paz com os outros, mas ainda capazes de reger autoritariamente a vida dos outros? E, supondo que existam, quem os designaria? Eles próprios impor-se-iam? Mas quem os protegeria contra a resistência, os atentados dos "maus"? Ou então, caberia ao "povo soberano" elegê-los, este povo tido como o mais ignorante e o mais "canalha" para viver em paz, mas que muitas vezes apresentam as boas qualidades necessárias quando lhes pedem para eleger seus senhores?

A sociedade harmônica só pode nascer das livres vontades que se harmonizam livremente sob a pressão das necessidades da vida e para satisfazer esta necessidade de fraternidade e de amor que floresce sempre entre os homens desde que são liberados do medo de serem esmagados e de lhes faltar o necessário para si e para suas famílias.

*Umanità Nova,* 24 de setembro de 1920

Nosso orgulho é de ser, primeiramente e antes de tudo, os defensores da liberdade; liberdade não somente para nós, mas para todos; liberdade não somente para o que nos parece ser a verdade, mas também para o que pode ser ou parecer um erro...

Reclamamos simplesmente o que poderíamos chamar a liberdade social, isto é, igual para todos e igualdade de condições tal que ela possa permitir a todos e a cada um agir como entender tendo como único limite o imposto pelas necessidades naturais inelutáveis e pela igual liberdade de todos...

Seria ridículo pensar que nós, partidários da liberdade, quiséssemos que cada um tivesse a liberdade de matar seus semelhantes...
A liberdade que queremos não é o direito abstrato de agir como se entende, mas o poder de fazê-lo; o que supõe portanto, para cada um os meios de poder viver e agir sem submeter-se à vontade dos outros. E como a primeira condição para viver é produzir, a livre disposição para todos do solo, das matérias-primas e dos instrumentos de trabalho é a condição preliminar da liberdade.

*Umanità Nova,* 24 de novembro de 1921

Os anarquistas são contra a violência. Todo mundo sabe. A idéia central do anarquismo é a eliminação da violência na vida social, é a organização das relações sociais baseada na livre vontade de todos e de cada um, sem intervenção do policial. É por isso que somos inimigos do capitalismo que, apoiando-se na proteção do policial, obriga os trabalhadores a se deixarem explorar por aqueles que detêm os meios de produção, ou até a ficarem sem trabalho e a sofrerem fome quando os patrões não têm interesse em explorá-los. É por isso que somos inimigos do Estado que é a organização coercitiva, violenta, da sociedade.

Mas se um homem de honra diz que considera estúpido e bárbaro discutir com um porrete na mão e que é injusto e mau obrigar alguém a submeter-se à vontade de outro sob a ameaça de um revólver, será razoável deduzir que este homem vai deixar-se espancar e submeter-se à vontade de outrem sem recorrer aos meios de defesa mais extremos?

... A violência só se justifica quando for necessária para defender a si mesmo, ou defender os outros contra a violência. O delito começa onde termina a necessidade.

... O escravo está sempre em estado de legítima defesa e portanto, sua violência contra o senhor, contra o opressor, é sempre moralmente justificável; ela deve ter como regra um único critério: a utilidade e a economia do esforço e dos sofrimentos humanos.

*Umanità Nova,* 25 de agosto de 1921

Há, sem dúvida, outros homens dos partidos, outras escolas de pensamento tão sinceramente ligadas ao bem geral que podem ser os melhores entre nós. Contudo, o que distingue os anarquistas de todos os



outros, é precisamente seu horror à violência, o desejo e a intenção de eliminar a violência, isto é, a força material, das relações humanas.

Poderíamos, portanto, dizer que a idéia específica que distingue os anarquistas, é a abolição do policial, a eliminação nos fatores sociais de toda regra imposta pela força brutal, tanto legal quanto ilegal.

Mas então, nos perguntarão, por que na luta atual contra as instituições político-sociais que julgamos opressivas, os anarquistas preconizaram e praticaram, quando podem, o emprego de meios violentos que estão em contradição evidente com seus próprios objetivos? E isto a tal ponto que em certos momentos, muitos adversários de boa-fé acreditaram (e todos que são de má-fé fingiram acreditar) que o traço específico do anarquismo é precisamente a violência.

A questão pode parecer embaraçosa mas a resposta cabe em poucas palavras. Para que duas pessoas vivam em paz, é preciso que estas duas pessoas queiram a paz; se uma das duas obstina-se e empregar a força para obrigar a outra a trabalhar para ela e servi-la, a outra, apesar de seu amor pela paz e o entendimento, será obrigada a resistir à força com os meios adequados, se quiser conservar sua dignidade de homem e não ser reduzido a um escravo abjeto.

*Pensiero e Volontà,* 1° de setembro de 1924

A luta contra o governo é, definitivamente, uma luta física e material.

O governo faz a lei. Deve, portanto, dispor, para impor a lei, de uma força material (exército, polícia), senão só obedeceriam aqueles que quisessem e a lei cessaria de existir para tornar-se uma simples série de proposições e todos seriam livres para aceitá-las ou recusá-las. Os governos têm, portanto, esta força e dela se utilizam para poder fortificar as classes privilegiadas, oprimindo e explorando os trabalhadores.

O único limite à opressão do governo é a força com que o povo se mostra capaz de opor-lhe.

O conflito pode ser aberto ou latente, mas há sempre conflito: pois o governo não se dá conta do descontentamento e da resistência do povo, até que sinta o perigo de insurreição.

Quando o povo se submete docilmente à lei, e quando o protesto é fraco e platônico, o governo segue tranqüilamente sem preocupar-se com as necessidades populares; contudo, quando os protestos são vivos,

insistentes e ameaçadores, o governo cede, ou ainda reprime, conforme sinta-se mais ou menos inspirado. Entretanto, a insurreição volta sempre porque, se o governo não cede, o povo termina por revoltar-se; e se o governo cede, o povo adquire confiança em si mesmo e quer sempre mais, até que a incompatibilidade entre liberdade e autoridade se torne evidente e que ocorra o conflito violento.

É preciso, pois, preparar-se moral e materialmente para que a vitória seja do povo quando eclodir a luta violenta.

*Programma Anarchico,* Bologna, julho de 1920

Esta revolução deve necessariamente ser violenta, ainda que a violência seja, em si, um mal. Ela deve ser violenta porque seria insensato esperar que os privilegiados reconheçam os males e a injustiça que nascem de seus privilégios e se decidam a renunciar a eles por livre e espontânea vontade. Ela deve ser violenta porque a violência revolucionária transitória é o único meio de pôr fim à violência bem maior e permanente que mantém a maioria dos homens em escravidão.

*Umanità Nova,* 12 de agosto de 1920

Esta necessidade da luta violenta nos entristece; nós que preconizamos o amor e que lutamos para construir uma sociedade onde a concórdia e o amor entre os homens sejam possíveis; sofremos, mais ainda do que os outros, com a necessidade de termos que nos defender pela violência contra a violência das classes dominantes. Mas quando a violência é o único meio de pôr fim aos sofrimentos cotidianos da grande massa dos homens e aos horríveis massacres que enlutam a humanidade, renunciar a esta violência libertadora seria tornar-nos cúmplices das violências por interesse sórdido, tornar-nos responsáveis pelo ódio que deploramos e pelos males decorrentes do ódio.

*Umanità Nova,* 27 de abril de 1920

Nada queremos impor pela força e não queremos nos submeter a nenhuma obrigação imposta.

Queremos empregar a força contra o governo porque é pela força que ele nos subjuga.



Queremos desapropriar os proprietários pela força porque é pela força que eles detêm as riquezas naturais e o capital, fruto do trabalho, e dele se utilizam para obrigar os outros a trabalhar em seu proveito.

Lutaremos pela força contra quem quiser pela força manter ou reconquistar os meios de impor sua própria vontade e de explorar o trabalho de outrem.

É pela força que resistiremos a qualquer "ditadura" ou "constituinte" que tentarem substituir as massas revolucionárias. E lutaremos contra a república, como lutamos contra a monarquia, se, por república, entender-se um governo que, qualquer que seja o modo pelo qual chegou ao poder, fizer as leis e dispuser de meios militares e penas para impor obediência às pessoas.

Salvo nos casos mencionados, onde o emprego da força se justifica porque é uma defesa contra a força, estamos sempre contra a violência e pela livre vontade.

*Umanità Nova,* 9 de maio de 1920

Somos, por princípio, contra a violência e é por isso que queremos que a luta social, enquanto houver luta, seja a mais humana possível. Isto não significa de modo nenhum que queiramos que esta luta seja menos enérgica e menos radical; ao contrário, pois acreditamos que as meias medidas só conseguem prolongar indefinidamente esta luta, torná-la estéril e gerar ainda mais este tipo de violência que queremos evitar. Isto também não significa que o direito de defender-se seja apenas, para nós, o direito de resistir à agressão material e iminente. Para nós, o oprimido está sempre em estado de legítima defesa e tem sempre, plenamente, o direito de revoltar-se sem esperar que atirem nele; e sabemos muito bem que, seguidamente, o melhor modo de defender-se é atacar.

Entretanto, temos que levar em consideração uma questão de sentimento, e, para mim, o sentimento vale mais do que todos os raciocínios.

... fala tranqüilamente de "matar o inimigo quando estiver reduzido à impotência, mesmo se as regras morais e os costumes condenem um ato deste gênero". Este é um estado de espírito que podemos, de agora em diante, chamar de fascista porque os fascistas incluíram nos costumes, infelizmente, o emprego das piores violências contra quem se encontrasse em situação de impossibilidade de defender-se; deixando-se de fora

qualquer teoria, isto é algo que me parece indigno dos que lutam para a emancipação do homem.

A vingança, o ódio persistente, a obstinação contra o vencido reduz ao estado de impotência; são reações compreensíveis, que podem até ser desculpáveis, no momento de ódio, naqueles que foram cruelmente ofendidos em sua dignidade e em seus sentimentos mais sagrados; mas pregar sentimentos ferozes de ódio contra o homem, fazer disto um princípio e uma tática de partido, é o que se pode imaginar de pior e de mais contra-revolucionário. Contra-revolucionário porque, para nós, revolução não quer dizer substituição de um opressor por um outro, de uma dominação por uma outra. Mas elevação material e espiritual do homem, desaparecimento de qualquer separação entre vencedores e vencidos, fraternidade sincera entre todos os homens – sem o que a história seria ainda esta alternância de opressão e de revoltas que sempre foi, em prejuízo do verdadeiro progresso e de todos, em definitivo, vencedores e vencidos.

*Fede,* 28 de outubro de 1923

A violência é infelizmente necessária para resistir à violência adversa; devemos preconizá-la e prepará-la se não quisermos que persista e piore a condição de escravidão que é atualmente a de uma grande parte da humanidade. Contudo, a violência apresenta o perigo de transformar a revolução em um combate brutal, sem a luz de um ideal e sem que dela possamos tirar nada de proveitoso; eis porque é preciso insistir nos objetivos morais do movimento, na necessidade e no dever de conter a violência nos limites da mais estreita necessidade.

Não firmamos que a violência seja boa quando somos nós que a empregamos e má quando são os outros que a empregam contra nós. Dizemos que a violência é justificável, para defender-se ou defender os outros contra as pretensões dos violentos; ela não é boa, é "imoral" se for usada para violar a liberdade dos demais.

Não somos "pacifistas" porque a paz não é possível se não for desejada pelos dois campos.

Pensamos que a violência é necessária, que é um dever, quando é defensiva e somente quando for defensiva. E por defensiva queremos dizer contra a agressão física, direta, imediata, mas também contra todas as instituições que mantêm, graças à violência, as pessoas em escravidão.

Somos contra o fascismo e gostaríamos de vencê-lo opondo à sua



violência uma violência ainda maior. Somos contra todo governo porque o governo é a violência permanente.

*Umanità Nova,* 21 de outubro de 1922

... Nossa solução a esta possível incapacidade do povo não é ocupar o lugar dos antigos opressores. Só a liberdade ou a luta pela liberdade pode ser a escola da liberdade.

Mas, para começar a levar a cabo uma revolução, é preciso dispor de uma força armada e organizada. Quem duvida? Mas esta força armada, ou melhor, as múltiplas organizações armadas dos revolucionários realizarão uma tarefa revolucionária se servirem para libertar o povo e impedir qualquer formação de governo autoritário; serão, ao contrário, os instrumentos da reação e destruirão sua própria obra se forem utilizadas para impor um certo tipo de organização social ou o programa específico de um determinado partido.

Fede, 25 de novembro de 1923

A revolução, sendo necessariamente um ato de violência, tende a desenvolver o espírito de violência e não a destruí-lo. Mas a revolução, conduzida como concebem os anarquistas, é a menos violenta possível e procura impedir a violência desde que cesse a necessidade de opor a força material à força material do governo e da burguesia.

Os anarquistas só admitem a violência como legítima defesa: e, se são hoje a favor da violência, é porque consideram que os escravos estão sempre em estado de legítima defesa. Entretanto o ideal dos anarquistas é uma sociedade onde tiver desaparecido completamente o fator violência e este ideal serve para frear, corrigir e destruir este espírito de violência que a revolução, como ato material, tenderia a desenvolver.

Em todo o caso, o remédio nunca poderia ser a organização e a consolidação da violência nas mãos de um governo (ou de uma ditadura) que só pode basear-se na força material e levaria necessariamente à consagração da ordem policial e militar.

*Umanità Nova,* 18 de julho de 1920

Um erro, oposto ao que cometem os terroristas, ameaça o movimento anarquista. Um pouco como reação ao abuso praticado nesses últimos anos, um pouco em virtude da sobrevivência das idéias cristãs, e

muito devido à influência da pregação mística de Tolstoi que se tornou popular devido a suas grandes qualidades morais e ao seu gênio, a atitude de resistência passiva começa a adquirir uma certa importância entre os anarquistas. Deixar-se perseguir e desprezar em lugar de prejudicar o agressor, esta é a base desta atitude.

É o que chamamos de anarquismo passivo.

Impressionados por minha aversão pela violência inútil e prejudicial, alguns quiseram atribuir-me tendências ao tolstoísmo, para elogiar-me ou denegrir-me, não sei exatamente. Aproveito, pois a ocasião para declarar que, para mim, esta doutrina embora parecendo sublimemente altruísta, nada mais é do que a negação do instinto e dos deveres sociais. Se for muito cristão, um homem pode suportar pacientemente qualquer espécie de provocação sem se defender com todas as armas possíveis, e ainda ser um homem moral. Mas, na prática, ele não seria, mesmo sem o querer, terrivelmente egoísta se deixasse os outros continuarem a ser perseguidos sem fazer nenhum esforço para defendê-los? Se, ao invés de ferir o opressor em sua carne, preferisse por exemplo, ver toda uma classe reduzida à miséria mais abjeta, um povo oprimido pelo invasor, um homem frustrado em sua vida e em sua liberdade?

A resistência passiva talvez seja, em certos casos, uma arma eficaz; seria, então, sem dúvida, a melhor das armas; a que mais poupasse os sofrimentos humanos. Mas, freqüentemente, professar a resistência passiva significa acalmar o medo que sentem os opressores diante da revolta e, portanto, trair a causa dos oprimidos.

É curioso observar que tanto os terroristas quanto os tolstoianos, justamente porque são, uns e outros, místicos, chegam a conclusões práticas quase semelhantes. Para fazer triunfar a idéia, os primeiros não hesitariam em destruir a metade da humanidade; para não violar um princípio, os segundos estariam prontos a deixar a humanidade inteira suportar para sempre o peso dos piores sofrimentos.

Quanto a mim, estou pronto a violar todos os princípios do mundo para salvar um homem: o que, efetivamente, seria uma questão de respeito aos princípios porque, na minha opinião, todos os princípios morais e sociológicos reduzem-se a um só: o bem dos homens, de todos os homens.

*Anarchia* - Número Único, Londres, agosto de 1896

Lembro-me que, por ocasião de um atentado anarquista que



repercutiu muito, um socialista, na época entre os principais chefes do partido e que acabava de voltar da guerra greco-turca, proclamou em altos brados, com a aprovação de seus camaradas, que a vida humana é sempre sagrada e que contra ela não se pode atentar, nem mesmo em nome da liberdade. Aparentemente, ele abria uma exceção com a vida dos turcos e com a causa da independência grega. Falta de lógica ou hipocrisia?

*Pensiero e Volontà,* 1° de setembro de 1924

McKinley, o chefe da oligarquia norte-americana, o braço direito e o defensor dos gigantes do capitalismo, o traidor dos cubanos e dos filipinos, o homem que deu o sinal verde para o massacre dos grevistas de Hazleton e para as torturas dos mineiros de Idaho, o carrasco dos trabalhadores da "República modelo", McKinley que encarnava a política militarista, expansionista e imperialista da próspera burguesia americana, McKinley tombou sob as balas de um anarquista.

O que lamentar, se não a sorte que aguarda o homem generoso que, de maneira oportuna ou não, por boas ou más razões taticamente falando, ofereceu-se em sacrifício pela causa da igualdade e da liberdade...

Os que condenaram o ato de Czolgosz poderiam dizer que a causa dos trabalhadores não avançou um passo, que McKinley foi substituído por um outro, equivalente, Roosevelt, e que tudo continua como antes, salvo que a situação dos anarquistas tornou-se um pouco mais difícil. Talvez tenham e é até provável que este seja o caso, do que eu conheço da América.

Mas isto significa simplesmente que, assim como há, numa guerra, operações brilhantes e outras erradas, há combatentes prudentes e outros que se deixam facilmente levar pelo entusiasmo, tornando-se um alvo fácil para o inimigo, podendo mesmo comprometer a situação de seus camaradas. Isto significa que cada um deve aconselhar, defender e praticar os métodos que parecem os mais aptos para obter a vitória no tempo mais curto e com o menor sacrifício possível. Mas isto não muda nada no fato fundamental e evidente de que aqueles que lutam, bem ou mal, contra o inimigo comum, no nosso mesmo objetivo, são nossos amigos e estão no direito de esperar de nós uma calorosa simpatia, mesmo se não pudermos dar-lhes nossa aprovação incondicional.

Que o combatente seja uma coletividade ou um único indivíduo,

não pode mudar o aspecto moral do problema. Uma insurreição armada desencadeada de modo inoportuno pode prejudicar de modo real ou aparente a guerra social que empreendemos, assim como um atentado individual que fere a sensibilidade popular. Mas se a insurreição se produzir para conquistar a liberdade, ninguém ousará recusar o caráter de combatentes sócio-políticos aos insurrectos vencidos. Por que seria diferente quando o insurrecto é um único indivíduo?

Não se trata aqui de discutir táticas. Se fosse o caso, eu diria que em geral prefiro a ação coletiva à ação individual, inclusive porque a ação coletiva exige qualidades que são simplesmente mais comuns e tornam possível, em certa medida, a repartição das tarefas, enquanto que não podemos contar com o heroísmo exigido pelo sacrifício individual, heroísmo que é excepcional e, por natureza, esporádico. Trata-se de um problema de uma outra ordem, mais elevada. É uma questão de espírito revolucionário, deste sentimento quase instintivo de ódio pela opressão, sem o qual os programas permanecem infuncionais, por mais libertárias que sejam as proposições que encerram. É uma questão de espírito de combatividade sem o qual mesmo os anarquistas acabam por ser domesticados, e terminam, por uma via ou por outra, no lodaçal do legalismo.

*L'Agitazione,* 22 de setembro de 1901

O fim justifica os meios. Muito se denegriu esta máxima: mas, de fato, é uma regra de conduta universal. Contudo, seria melhor dizer: a todo fim correspondem determinados meios. Considerando-se que é no fim que é preciso procurar a moral, o meio é fatal.

Uma vez fixado o fim que se deseja obter, por escolha ou por necessidade, o grande problema da vida é encontrar o meio que, conforme as circunstâncias, leva mais seguramente e com a maior economia ao fim a que nos propomos. Conforme o modo pelo qual o problema é resolvido, na medida em que depende da vontade humana, um homem ou um partido atinge, ou não, o fim a que se propõe e pode ser útil a sua causa ou servir, sem querer, à causa inimiga. Encontrar o meio ideal, é o segredo dos grandes homens e dos partidos que deixaram sua marca na história.

O fim dos jesuítas é, para os místicos, a glória de Deus e, para os outros, o poder da Companhia. Estes últimos devem pois, esforçar-se por embrutecer as massas, aterrorizá-las e colocá-las sob seu jugo.



O fim dos jacobinos, e de todos os partidos autoritários que acreditam possuir a verdade absoluta, é impor suas próprias idéias à massa de profanos. Eles devem, pois, esforçar-se para tomar o poder, submeter as massas e condenar a humanidade ao leito-de-Procusto ideológico.

No que nos diz respeito, a coisa é muito diferente: nosso fim é inteiramente outro, portanto, nossos meios devem sê-lo.

Não é para ocupar o lugar dos exploradores e dos opressores de hoje que lutamos; também não é para fazer triunfar uma abstração vã. Não somos absolutamente como este patriota italiano que dizia: ''O que importa que todos os italianos morram de fome, desde que a Itália seja grande e gloriosa?''; mas também não somos como este companheiro que confessa ser-lhe indiferente que três quartos dos humanos se matassem, desde que a Humanidade fosse livre e feliz.

Em nossa opinião, tudo que nos aproxima do fim a que nos propomos, tudo que tende a acabar com a opressão econômica e política, tudo que pode elevar o nível moral e intelectual dos homens, dar-lhes a consciência de seus próprios direitos e de suas próprias forças e convencê-los a ocuparem-se, eles mesmos, com seus próprios interesses, tudo que gera o ódio da opressão e o amor entre os homens, tudo isto é bom com esta única exigência: calcular quantitativamente, a fim de obter o máximo de efeito útil em relação ás forças de que dispomos. Em compensação, tudo que estiver em contradição com o fim que é nosso, tudo que tender a conservar o atual estado de coisas, tudo que tender a sacrificar um homem, contra sua vontade, para o triunfo de um princípio, tudo isto é mau.

Queremos o triunfo da liberdade e do amor.

Mas, será preciso renunciar, para isto, a empregar meios violentos? Absolutamente não. Nossos meios são os que as circunstâncias nos permitem e nos impõe.

Certamente, nós gostaríamos de não fazer mal a ninguém; gostaríamos de secar todas as lágrimas, e não fazer derramar nenhuma. Contudo, o mundo sendo como é, é preciso lutar, sob pena de não sermos mais do que doces e sonhadores estéreis.

Chegará o dia, acreditamos firmemente, em que será possível fazer o bem dos homens sem que isto implique o mal para si mesmo ou para os outros; mas, hoje, é impossível. Mesmo o mais puro e o mais doce dos mártires, destes que se deixariam levar ao patíbulo pelo triunfo do bem, sem opor resistência e benzendo seus carrascos como o Cristo da lenda,

mesmo ele praticaria o mal. Sem falar do que ele faria a si mesmo, o que não se pode negligenciar, ele faria todos os que o amam derramarem lágrimas amargas.

Trata-se, pois, sempre, em todos os atos da vida, de escolher o mal menor, de procurar causar o menor mal possível para obter o maior bem possível.

Certamente, a revolução causará muitos malefícios, muitos sofrimentos; mas mesmo se ela causasse cem vezes mais, ela seria sempre uma bênção, comparada com a quantidade de dores causadas hoje por este mal: a sociedade tal como está constituída.

*L'En Dehors,* 17 de agosto de 1882

Efetivamente, é impossível ao homem viver sem aproveitar-se do trabalho de outrem, e isto só se pode fazer de dois modos: seja graças à associação fraternal, igualitária e libertária, praticando consciente e voluntariamente a solidariedade que liga entre si todos os seres humanos; seja lutando uns contra os outros para que os vencedores possam submeter, oprimir e explorar os outros.

Nós queremos instaurar uma sociedade na qual os homens considerem-se como irmãos e ajudem-se mutuamente para o maior bem estar, a maior liberdade, o maior desenvolvimento físico e intelectual de todos.

Não há outras vias possíveis: ou opressor ou oprimido, ou homem livremente associado aos outros.

Em todos os casos, o homem mais forte é aquele que está menos isolado, o homem independente é aquele que estabelece as relações mais variadas, o maior número de amigos e, portanto, o campo mais amplo para escolher seus colaboradores mais próximos; o homem mais desenvolvido é aquele que pode e que sabe melhor aproveitar-se da herança comum da humanidade e da obra atual de seus contemporâneos.

*Umanità Nova,* 2 de setembro de 1922

---

Texto extraído do livro "Malatesta - Textos Escolhidos" editora LPM, porto Alegre, 1989.

# A Organização Anarquista

*Luigi Fabbri*

Advertência:

Como conclusão ao relatório que se segue sobre a "a ação individual e coletiva no movimento anarquista", apresentado ao 1º Congresso Anarquista Italiano, reunido em Roma de 16 à 20 de junho de 1907, foi proposta a seguinte moção:

O Congresso:

Considerando que na luta contra as forças organizadas do capitalismo e dos governos é necessária a união das forças anarquistas, aspira que tal união se determine sempre mais forte e mais extensa, sobre a base da solidariedade e do concurso consciente de todas as vontades individuais; conseqüentemente retém que os anarquistas,de acordo não somente no plano das idéias, mas também sobre os seus métodos de luta, unam suas forças constituindo-se por grupos em toda a parte e associando tais grupos entre si, conservando naturalmente a autonomia individual nos grupos e a autonomia dos grupos em suas uniões; declara que, ainda que mantendo como necessária esta associação de energias para a ação coletiva, é igualmente necessário que permaneça a ação individual, nos seus desenvolvimentos mais conscientes, de cada um segundo suas forças.

O Congresso, pela unanimidade menos um, aprovou esta moção de caráter teórico e tomou, para a Itália, a seguinte deliberação de ordem prática:

O Congresso recomenda aos camaradas das diferentes localidades formar rapidamente grupos para poder proceder, no menor lapso de tempo possível, à formação de uma Aliança Socialista Anarquista Italiana, sobre as bases da mais completa autonomia, encarregando os grupos já existentes do trabalho preparatório.

Apresentando o mesmo relatório teórico e tático ao Congresso Internacional Anarquista de Amsterdam, eu espero que resoluções idênticas e ainda mais precisas sejam lá tomadas e que da afirmação doutrinária se passe rapidamente ao terreno dos fatos com a constituição de uma Associação Internacional Anarquista.

Viva a Internacional Libertária!

Roma, 20 de agosto de 1907

*Luigi Fabbri*

Camaradas:

Há muitos anos que o movimento anarquista, tendo começado tão esplendidamente no seio da Internacional, se debate em uma crise sem solução, sobretudo por falta de boa vontade entre nós.

Nós anarquistas, é preciso confessá-lo, se jamais fomos abatidos pelas perseguições que chovem sobre nós, sempre tivemos um medo maldito de um fantasma que nós mesmos criamos. Nós nos resignamos a ser vítimas de todos os loucos, de todos os extravagantes, de todos os exagerados que, com o pretexto da lógica, pretenderam não apenas justificar tudo aquilo que eles consideravam inconveniente e ignóbil nos burgueses, mas também impedir e demolir todo o trabalho de reconstrução que outros camaradas tentaram, lançando permanentemente o espectro da incoerência com as idéias.

A idéia anarquista tem, como base primeira, a liberdade individual, mas aqueles que pretendem que a liberdade individual na anarquia seja infinita e absoluta, seriam utopistas no sentido mais ridículo do termo, pois o infinito e o absoluto são conceitos abstratos, configurações mentais sem possibilidade de realização prática. Pois bem, é sempre em nome da liberdade individual que numerosos anarquistas, segundo lhes seja conveniente, ou proclamam o direito de fazer seja lá o que for, inclusive



atingir a liberdade e o direito do outro, ou declaram incoerente toda a tentativa de realização revolucionária e de organização pela propaganda.

Esperamos nos ocupar, no presente relatório, das objeções que são lançadas contra a idéia de organização.

Ouvimos dizer que a organização é um método e não um fim; isto é um erro. O princípio da organização não se propagou somente porque organizando-nos hoje poderemos melhor preparar a revolução, mas também porque o princípio da organização em si é um dos postulados principais da doutrina anarquista.

Na sociedade burguesa, que o Estado e a Igreja se encarregam de manter unida pela hierarquia para poder explorá-la em sua vantagem, a vontade individual é absorvida e freqüentemente anulada pelo mecanismo social, que pretende prover a tudo e a regular a vida dos indivíduos desde o seu nascimento até a morte. Nesta sociedade, cuja organização é monopolizada pelo Estado e pelo capitalismo, a única organização concebível é aquela para luta contra a opressão e a exploração.

Mas a sociedade preconizada pelos anarquistas, onde não haverá nem homens nem institutos "providenciais", que se baseará sobre o concurso de todos os indivíduos na produção e na associação, necessitará que a organização se estenda até o último indivíduo e que cada um concorra voluntariamente à harmonia geral. E como a participação de cada um deve ser espontânea, voluntária e livre, pois sem existir coerção ninguém faltará ao dever de solidariedade, é preciso que, em primeiro lugar, esteja disseminada a consciência da necessidade da organização, de maneira que esta organização signifique a satisfação de uma necessidade verdadeira, tanto material quanto moral. Eis porque, em nossa opinião, a propaganda da organização deve ser feita ininterruptamente, bem como a propaganda de todos os outros postulados do ideal anarquista.

Como criticamos as instituições atuais do Estado, da propriedade, da família, para preconizar o advento da anarquia, do comunismo e do amor livre, nós sentimos igualmente a necessidade de atacar e de criticar o sistema de organização autoritária, para propagar a idéia da organização libertária.

Quando ouvimos alguns camaradas dizer-nos para "acabar com esta questão ultrapassada da organização", experimentamos a mesma impressão que experimentaríamos se nos dissessem para acabar com a propaganda anarquista. Infelizmente ainda estamos muito distantes de ter convencido todos os anarquistas da necessidade da organização

libertária: eis porque não deixamos de discutir com eles e de fazer a propaganda no sentido que nos parece corresponder à verdade.

Visto que, como se sabe, a melhor propaganda é a que se faz pelo exemplo - a propaganda pelo fato - nós buscamos nos organizar, constituir grupos, federar-nos. Nossos adversários nos atacam precisamente neste ponto, criticando o nosso trabalho e as organizações existentes ou que já existiram. Cada um dos defeitos, dos erros e das incoerências nelas existentes, tornam-se uma arma eficaz para combater a idéia. Eles não se apercebem que os erros e defeitos são inevitáveis nos detalhes, pois nada de perfeito existe no mundo, e que isto, de resto, não destrói a utilidade geral do conjunto, da mesma forma que as desventuras da vida não constituem razão suficiente para negar a vida em si.

Sem organização a anarquia é tão inconcebível quanto o fogo sem a matéria para fazê-lo. E nós propagamos esta idéia não somente pelas razões que iremos enunciar, mas também porque estamos tão persuadidos de que as consciências modernas devam impregnar-se deste seu espírito, sobretudo as consciências dos anarquistas. A organização para metas gerais, com pessoas de outros partidos e outras idéias é útil; mas para formar a consciência anarquista, para precisá-la naqueles que já são anarquistas, temos que adotar a organização dos próprios anarquistas, que deve esforçar-se por ser a mais libertária possível. É neste esforço de tornar libertária a organização dos anarquistas, que consiste a elaboração da nova consciência anti-autoritária entre nós, cujo anarquismo é amiúde limitado à uma convicção unicamente doutrinária.

Não sei se nós, que somos seus partidários, conseguiremos verdadeiramente construir esta organização que aspiramos e vencer este espírito de reticência que existe para se fazer qualquer coisa que demande um certo trabalho, longo e paciente. Mas nós queremos iniciar este trabalho paciente e longo para não negligenciar este forte meio de propaganda que é a tentativa e o exemplo. Pode ocorrer que, apesar de todas as nossas razões, muitas coisas impeçam o aparecimento de organizações anarquistas verdadeiras e duráveis, na medida em que o bloqueio dos antiorganizadores não cesse.

Pode ser que tenhamos que continuar ainda este deprimente trabalho de Sísifo, começando a coisa por um lado enquanto outros a destroem por outro, como é hábito acontecer entre nós há alguns anos. Não sei por quanto tempo poderá durar este fato de que nossas organizações apareçam aqui ou acolá para impulsionar a nossa propaganda, respondendo à uma



necessidade premente, mas tendo um caráter esporádico. Tais organizações aliás caem mais freqüentemente nestes erros próprios de sua juventude, que se repetem, pois lhes falta a continuidade de existência e de ação... .

Que importa? Antes de mais nada o próprio fato de que as organizações existentes ou finadas terem existido ou terem uma tão breve existência, as desculpas dos erros cometidos, que apenas são evitados através da experiência adquirida pela prática e não somente com as noções apreendidas em brochuras e jornais.

Nós pensamos que a mais bela e perfeita organização estará destinada a morrer se seus membros, por mais sábios que sejam em teoria, permanecerem inertes. A vantagem das organizações consiste no fato de que, em igualdade de outras condições, é preferível que pessoas decididas à ação estejam organizadas que não organizadas. É natural que um indivíduo isolado atuante valha mais que mil pessoas inaptas e não organizadas.

Quer a propaganda para fazer surgir em curto prazo a organização anarquista que cremos necessária frutifique ou não, isto, até certo ponto, não é importante. Não nos agradará não termos sucesso, pois assim não poderemos colher todos os frutos que esperamos, mas ao menos teremos feito a propaganda de um conceito que é inseparável da idéia de anarquia, teremos lançado sementes que, mais dia menos dia, germinarão. A propaganda pela organização dos anarquistas se imporá pela necessidade das coisas; e será mérito desta propaganda se a organização surgida for a nossa e não uma mercadoria avariada que nos seria legada por nossos adversários.

O ridículo com o qual tentam nos cobrir cairá conseqüentemente no vazio. Nós já sabemos que, enquanto existir a sociedade burguesa, nossas tentativas não vingarão ou continuarão imperfeitas, mas tal convicção não nos faz renunciar à "propaganda pelo fato".

No fundo o que é a luta revolucionária senão uma série de inumeráveis tentativas, das quais apenas uma, a derradeira, tem sucesso? Quem teria vencido se não houvesse os fracassos antecedentes? Da mesma forma, no que tange à organização, tentaremos com todas as nossas forças obter sucesso; cada derrota nos aproximará da vitória, mas em cada vez faremos com que nossa tentativa seja melhor e que tenha um resultado menos imperfeito. Isto será mil vezes mais útil para formar consciências que a predicação doutrinária somente.

Por outro lado, aqueles que se declaram inimigos da organização,

eliminar. Ou seja, a repartição individual dos produtos, de acordo com o trabalho de cada um, exige uma infinidade de cálculos, um sem número de administradores, fiscais, etc., um aparato burocrático, enfim, cuja arbitragem termina por comprometer o ideal de uma organização social fundada nas relações de solidariedade[1]. No fundo, as diferenças eram determinadas pela questão da liberdade, temia-se no coletivismo a formação de um organismo central de administração, que poderia derivar algo semelhante a um Estado.

Esta polêmica entre os anarquistas ganhou grandes proporções por volta de 1876, ano da morte do coletivista Bakunin. Em fevereiro daquele ano, na cidade suíça de Genebra, François Dumartheray publicou um folheto intitulado *Aux travailleurs manuels partisans de l'action politique* (*Aos trabalhadores manuais partidários da ação política*). Nele Dumartheray anunciava para breve a edição de um outro folheto, no qual discorreria "sobre o assunto do comunismo anarquista"[2]. O novo folheto, diz Nettlau, acabou por não ser publicado; de qualquer modo, acrescenta, essa foi "a primeira vez, que eu saiba, que se imprimiram essas palavras juntas"[3]. No entanto, além das controvérsias sobre a forma de organização econômica da sociedade, muitos outros fatores diferenciam estas duas correntes, e mais do que recorrer a definições teóricas sobre cada uma delas, recorreremos a história do anarquismo para entendê-lo.

As raízes da versão comunista libertária encontram-se no movimento social suíço do final do século XIX, sobretudo nas atividades desenvolvidas pelos revolucionários das montanhas do Jura[4], grupo ao qual pertencia François Dumartheray. Os mais remotos eventos ligados à sua origem acham-se, de um lado, no ano de 1871, quando, na esteira das controvérsias que separavam os anarquistas coletivistas dos representantes marxistas do Conselho Geral da *Associação Internacional dos Trabalhadores*, foi criada a Federação Jurassiana (Congresso de Sonvillier, 12-11-1871)[5]; de outro, na iniciativa tomada por alguns dos seus mais expressivos representantes, de converter a referida federação ao comunismo libertário (Congresso da Federação Jurassiana, La Chaux-de-Fonds, 1880)[6], depois de terem reconhecido, na combinação da acracia com o comunismo, a mais desejável forma de organização para a sociedade futura, renunciando, dessa forma, ao coletivismo até então adotado, pela força da influência sobre eles exercida por Bakunin, entre outras razões.

Depois da cisão da *AIT* (*Associação Internacional dos Trabalhadores*, depois conhecida como a *1ª Internacional*) a Federação Jurassiana passou a ser o centro de uma significativa atividade tanto no



campo do pensamento, como no campo da organização do movimento anarquista europeu. Pouco tempo depois, chegaria a ocupar, neste movimento, uma posição de destaque. Quando, na sua mencionada história do anarquismo, Nettlau recorda que, em 1876, inaugurara-se uma fase de "belas expressões novas do pensamento anarquista"[7], referia-se principalmente, às atividades empreendidas pelos integrantes dessa federação. Até esta época, entre os anarquistas do Jura, não se falava em "comunismo libertário" ou "comunismo anarquista". Para todos os efeitos, a Federação Jurassiana vivia sob o impulso dado por Bakunin, e, desse modo, prevalecia entre os seus militantes a concepção "coletivista".

O ano de 1976, em virtude de uma série de coincidências, foi, de fato, bastante singular para o pensamento e o movimento anarquista. No mês de julho foi dissolvido o conselho geral da *AIT* em Nova Iorque, mesmo mês em que morreu Bakunin. No segundo semestre, Kropotkin retornou à Europa Ocidental na condição de exilado político, estabelecendo logo em seguida estreitos vínculos com os anarquistas jurassianos e se incorporando à discussão sobre o anarco-comunismo, que já existia bem antes de sua chegada. Malatesta disse numa carta ao amigo Luigi Fabbri sobre aquela época: *(...) éramos 'kropotkinianos' antes de Kropotkin. Kropotkin, na realidade encontrou, já dominante entre nós, aquelas que depois foram suas idéias, antes de ingressar na ala 'bakuninista' do movimento internacional* [8].

Também neste ano, James Guillaume, outra figura proeminente da Federação Jurassiana publicou *Ideés sur l'órganization sociale* (*Idéias sobre a organização social*), onde faz considerações favoráveis à concepção comunista do anarquismo[9], embora não o assumisse plenamente. Ainda em 1876, numa reunião internacional realizada em Lausane, Eliséé Reclus expôs, pela primeira vez em público, a sua concepção de anarquismo comunista[10], e, em Florença, por ocasião do Congresso da Federação Italiana, Malatesta, Cafiero e Covelli abandonam a concepção coletivista, por entenderem ser impossível separar claramente instrumento e produto do trabalho e por terem chegado à conclusão sobre a necessidade do livre acesso aos produtos do trabalho[11]. Finalmente, culminando com esta série de manifestações, o Congresso da Federação Jurassiana de 1880, reunido em La Chaux-de-Fonds, *se declarou ousadamente comunista anarquista* [12], conforme o relato de Kropotkin, um dos participantes do congresso que aderira à idéia. Alguns militantes, como Adhemar Schwitzguébel, resistiram à mudança mais por questão de termo do que por conteúdo. Mesmo se declarando comunista anarquista,

o são geralmente porque sentem-se incapazes da solidariedade libertária e no fundo não sabem sair deste dilema: comandar ou serem comandados. Não possuem a consciência "libertária" e portanto não vêem teoricamente outra garantia para a liberdade individual senão o isolamento, a ausência de qualquer pacto e de qualquer vínculo livremente aceitos. Na prática são eles que querem dirigir o movimento e à primeira tentativa de alguém para subtrair-se de suas diretivas, ao primeiro sinal de independência daquele que obstina-se a pensar e a agir à sua maneira, logo se verá tais indivíduos lançarem excomunhões, gritar por incoerência e traição e afirmar que aquele que não age e não pensa como eles não é anarquista. Assim fizeram os padres de todos os tempos e de todas as religiões. Alguém de boa fé se ergueria mais contra a forma do que contra a substância.

Eles não querem a organização mas falam de acordo, de entendimento, de livre pacto e de associação! Não nos ocuparemos destas questões terminológicas e nos limitaremos a relembrar, de uma vez por todas, que organização não significa nem autoridade, nem governo, nem vexação, mas apenas: associação harmoniosa dos elementos do corpo social.

Como queremos que todos os homens um dia, estejam associados harmonicamente, preconizamos hoje, na luta pela preparação de um tal futuro, a associação harmoniosa dos anarquistas. A organização é um meio para atingir este fim, e um meio mais condizente com as finalidades sociológicas do anarquismo.

* * *

Não perderei muito tempo demonstrando como, em linhas gerais, a organização libertária é uma necessidade. Já mostrei, em outro lugar, que a organização, longe de limitar a liberdade individual, a estende e a torna verdadeiramente possível, pois ela oferece ao indivíduo uma soma maior de forças para vencer obstáculos e para melhorar, forças estas que faltariam a cada indivíduo tomado isoladamente.

"A maior satisfação possível de seu eu - dizia eu então - o maior bem estar material e moral, a maior liberdade são possíveis somente quando um homem estiver ligado ao outro pelo pacto de ajuda mútua. Um homem de acordo com a sociedade é sempre mais livre que um homem em luta



contra a sociedade. Os anarquistas combatem a organização social atual justamente porque ela impede a existência de uma sociedade relativamente útil a todos os indivíduos e trabalham para que a sociedade inteira não seja mais regulada pela luta a mais encarniçada e feroz, sobre a exploração e sobre a violência tirânica do homem sobre o homem.

Podemos nos rebelar contra esta má organização da sociedade, mas não contra a sociedade em si, como pretendem alguns individualistas. A sociedade não é um mito, nem uma idéia, nem um órgão pré-ordenado e feito por alguém, para que seja possível não reconhecê-la e tentar destruí-la. Ela nem mesmo é - como nos acusam de pensar os stirnerianos - uma coisa superior aos indivíduos e à qual é necessário fazer o sacrifício do seu eu como diante de um fetiche. A sociedade é simplesmente um fato do qual nós somos os atores naturais e que existe na medida em que lá estamos. A sociedade é o conjunto dos indivíduos vivos e cada indivíduo é, por sua vez, tal qual as influências externas, sem excluir as sociais, o formam.

Tudo isso é um fato natural, ligado à vida universal do cosmos. Rebelar-se contra este fato é rebelar-se contra a vida, morrer. Cada indivíduo existe na medida em que ele é o fruto material, moral e intelectual da união de outros indivíduos; ele somente pode continuar vivo, somente pode ser livre, somente pode desenvolver-se fisicamente com a condição de viver em sociedade."

Muitos nos objetam que o homem é egoísta e que sempre é o egoísmo que impele o homem a agir, mesmo quando, aparentemente, os pensamentos e ações são altruístas. Negando o altruísmo, estes opositores chegam logicamente a negar o espírito de solidariedade e de associação.

Não há nada mais perigoso, de certo modo e especialmente para cérebros pouco refletidos, do que se apossar da lógica e levá-la às últimas conseqüências à partir de um princípio dado. Isto vale especialmente quando, à partir do mesmo princípio, pode-se chegar a conclusões absolutamente opostas. Ocorre muitas vezes que, construindo teorias mais ou menos justas no seu ponto de partida, ao evoluir com a lógica chegamos a um ponto ao qual não esperávamos ou não queríamos chegar. Isto acontece especialmente quando tratamos com doutrinas abstratas, abandonando completamente o campo experimental dos fatos.

Isto acontece de fato com muitos anarquistas individualistas de todos os matizes, desde o individualismo stirneriano anti-socialista até o individualista comunista anti-organizador.

Conduzidos pela lógica abstrata, estes camaradas chegam a perder de vista o interesse da propaganda anarquista e revolucionária. Eles isolam-se da sociedade ao ponto de não mais poder exercer sobre ela influência alguma e isso equivale a condenar nossa idéia a permanecer perpetuamente no estágio de utopia. Se, ao pretender para cada ato de propaganda ou de ação revolucionária a coerência absoluta com o princípio abstrato da anarquia ou de sua própria interpretação deste princípio, se (e esta talvez seja a razão mais verossímil) diante da inegável dificuldade de se agir libertariamente, afastarmos toda a forma de ação na qual tal dificuldade seja a mais forte, acabaríamos por fazer muito pouco ou nada - exatamente como Orígenes que, para se manter puro (ou antes porque não possuía forças para assim se manter) decepou seus órgãos sexuais.Toda a ação anarquista assim concebida acaba por se limitar à parte crítica da obra de outrem, à propaganda teórica - muitas vezes caótica e cheia de contradições - e a algum ato isolado de rebelião que, na melhor das hipóteses contém justamente o erro de exigir um esforço muito grande para poder ocorrer e assim exercer alguma influência visível sobre os acontecimentos.

De resto, tanto a propaganda teórica quanto a propaganda pelo fato (não nego a utilidade desta última) podem ser úteis, mas tal propaganda, de forma unicamente individual não basta. Para que a propaganda teórica seja mais eficaz é preciso que ela esteja coordenada; para que o fato seja mais útil, é preciso que ele seja meditado e razoável.

É verdade que um gênio ou um herói fazem mais propaganda ou desenvolvem mais energia sozinhos que muitos medíocres. Mas o mundo é feito de medíocres e não de gênios ou heróis; seria ótimo se um gênio ou um herói brotassem entre nós, mas enquanto isso não ocorre nosso dever é, se quisermos ser positivos e ter a segurança de atingir nossa meta, contar igualmente e sobretudo com a ação contínua e incansável da maioria. Mas a maioria é uma força somente quando está unida; cada indivíduo forma, completa ou afina a sua consciência na união. Não nos esqueçamos que os gênios e os heróis podem também se enganar, e quando isto ocorre fazem mais mal que os outros. Existem, além disso, formas de atividade necessárias para as quais o trabalho de um só, mesmo que seja excepcional, não basta e que necessitam da cooperação de muitos, atividades para as quais muitas vezes um gênio ou um herói não sabe se dobrar. A cooperação, a organização com base em uma idéia e um método livremente aceitos e que não excluam os melhores, mas sim que os pressuponham, são métodos que muitos anarquistas de tendência



individualista negam. Eles os negam somente porque, ou de acordo com os adoradores do Estado, não crêem possível organização alguma sem autoridade, ou talvez, porque não tenham a coragem de afrontar a dificuldade de começar a ser anarquista organizando-se em bases anarquistas, por temer as primeiras e inevitáveis quedas.

Quando uma criança aprende a andar, ela começa por cair, mas isso não é razão suficiente para se sustentar que a marcha é nociva e que tem por conseqüência quebrar a cabeça. Os anarquistas que chegam à afirmação individualista e à negação da organização pensam, ao contrário, desta forma: que à partir do momento em que nos organizamos poderemos cair e cairemos fatalmente no erro ou na incoerência.

Negando-se a organização, nega-se no fundo a possibilidade de vida social e também da vida em anarquia. Dizer que a negamos somente hoje nada significa, pois negá-la hoje implica em suprimir o meio de prepará-la para o amanhã. De resto, neste terreno a lógica continua a pregar-nos as suas peças. Quando se nega a organização operária, alguém já começou a negar a possibilidade de uma organização comunal na sociedade futura. Simplesmente porque não se consegue perceber, dentro deste mesmo erro de ótica, que a comuna do futuro, formada pelo complexo de organizações livremente federadas, seja distinta do mir patriarcal russo, que ela poderá também possuir suas assembléias de discussão dos interesses da comunidade, mas que não herdará necessariamente todo o caráter autoritário, de violência impositiva deste último, que tal comuna não será em nada semelhante a tais comunas burocráticas de hoje, com seus impostos, seus guardas municipais, seus guardas florestais e seu prefeito nomeado pela monarquia.

A questão de que o homem é egoísta e que isto basta para negar a associação apoia-se em uma interpretação absurda de um conceito verdadeiro. Sim, todos os homens são egoístas, mas de modo diferente. O homem que tira o pão da boca para alimentar o seu semelhante é um egoísta na medida em que ele interiormente sente, sacrificando-se, uma satisfação maior do que a de comer tudo sozinho, sem nada dar ao outro. Isso acontece igualmente com relação aos outros sacrifícios, mesmo os mais sublimes que a história nos lembra. Mas a satisfação do explorador burguês, que faz com que seus operários morram de fome, ao invés de lhes sacrificar uma única noite de teatro, também é egoísmo.

Um e outro são egoísmos, mas - cáspite! - ninguém negará que são egoísmos distintos um do outro. Tal diferença encontrou sua expressão

na linguagem humana, que batizou a forma mais nobre de egoísmo com o nome altruísmo.

Este altruísmo é uma manifestação da solidariedade humana, que responde à necessidade de ajuda mútua - existente entre os homens, assim como em várias outras sociedades animais.

Existem individualistas que não negam a solidariedade, mas negam a organização, que é um meio de manifestar e de exercer a solidariedade. A solidariedade é um sentimento e a organização o fato que corresponde a este sentimento; o fato pelo qual a solidariedade torna-se o elemento ativo da revolução nas consciências e nos eventos.

A solidariedade é um licor cheio de força e aroma que tem a necessidade de um vaso para contê-lo para que não se perca, espalhando-se inutilmente e evaporando.

Este vaso, esta forma, esta explicação da solidariedade, é a organização libertária, aonde as consciências não apenas não se deterioram, mas sim se completam quando não são bem formadas, ou quando o são nela se refinam. A organização não significa - repito - uma diminuição do eu, mas sim a possibilidade para este de atingir, com a ajuda dos outros, o máximo de suas satisfações. Ela não significa a compressão ou a violação do egoísmo natural dos indivíduos, mas sim o seu contentamento, o seu enobrecimento, de modo a provocar no indivíduo um gozo que tenha a necessidade do bem do outro e não do mal.

Como se denomina tal forma de egoísmo na linguagem natural de altruísmo, para distingui-la da outra espécie brutal, hoje presente em nossa sociedade de patrão e de escravos, de governo e súditos, e que consiste na satisfação de si mesmo em detrimento de todos os outros sem critério algum de proporção e de relatividade, e sem fazer uso de tantos sofismas ou de finezas filosóficas, concluo que o altruísmo é alguma coisa de positivo e de concreto que é formado e que existe no homem.

Esta divagação doutrinária foi necessária para que eu pudesse demonstrar como esta questão da organização, não apenas pelo lado do método mas também por sua finalidade, enlaça-se e conforma-se com a idéia mãe do anarquismo; para que se compreenda que a divisão que existe neste ponto entre os anarquistas é muito mais profunda do que o que normalmente se acredita, e que supõe igualmente uma inconciliável discordância teórica.

Digo isto para responder aos meus bons amigos, favoráveis a um acordo a qualquer preço, que afirmam: "Não criemos problemas de



método! A idéia é uma só e a meta é a mesma; permaneçamos pois unidos sem nos rasgarmos por um pequeno desacordo sobre a tática". Eu, ao contrário, dei-me conta há muito tempo atrás, que nos dilaceramos justamente porque estamos muito próximos, por que estamos artificialmente próximos. Sob o verniz aparente da comunidade de três ou quatro idéias - abolição do Estado, abolição da propriedade privada, revolução, antiparlamentarismo - existe uma diferença enorme na concepção de cada uma destas afirmações teóricas. A diferença é de tal monta que nos impede de tomarmos o mesmo caminho sem querelarmo-nos e sem neutralizar reciprocamente o nosso trabalho ou, se assim quisermos, permanecer em paz sem renunciarmos àquilo que acreditamos ser verdadeiro. Repito: não existe apenas uma diferença de método, mas sim uma grande diferença de idéias.

Muitos objetam serem apenas adversários da organização na sociedade atual, pois consideram tal organização impossível, no sentido verdadeiramente libertário, antes da revolução. Mas esquecem que a revolução não virá por si mesma como um maná do céu, em virtude apenas das trombetas de Jericó da propaganda teórica tão somente e nem ao menos virá como decorrência do estampido de uma bomba isolada. Eles esquecem que, depois da revolução, a anarquia não brotará por si mesma como um cogumelo após a chuva, se não encontrar organismos adaptados para responder à necessidade da vida social e que substituam os velhos organismos abatidos. É até mesmo possível que, dada a ausência de organismos libertários, a necessidade de viver sugira aos homens a necessidade de restabelecer organizações autoritárias.

Mas os inimigos da organização negligenciam sobretudo - como negligenciam muitas vezes os seus amigos - de considerar a questão do ponto de vista da preparação revolucionária.

Certamente, aqueles que meteram na cabeça a idéia de que as revoluções não são feitas pelos homens, mas sim que ocorrem naturalmente,como os cataclismos e os terremotos, podem ser contrários a toda organização e contentar-se com a propaganda verbal e escrita ou com algum belo gesto isolado a cada dois ou três anos. Ora, reconhece-se atualmente que as idéias avançam com os homens e que as revoluções são geradas pelo seu pensamento e realizadas por seus braços, mas que também são elas provocadas por fatores sociais e econômicos tornados inevitáveis pelo encadeamento de efeitos cujas causas remontam às épocas bem anteriores a nossa.

Uma revolução artificial, feita em proveito de um partido ou de uma única classe seria inevitavelmente votada ao fiasco, se não se voltasse para interesses mais gerais ou se não supusesse condições favoráveis a uma reviravolta cuja necessidade fosse sentida mais universalmente.

Sabe-se que a questão social assume atualmente o aspecto quase exclusivo do problema operário e a ele é preciso consagrar todas as forças para realmente sublevar o mundo, buscando sempre não desviar pelas sendas da política, do intelectualismo ou do esporte revolucionário e libertário. Isto não nega o fato de que, para que se resolva a questão operária, para que também se resolva, conjunta e integralmente, a questão do pão e da liberdade - sem que caiamos miseravelmente no egoísmo de classe que é o produtor do reformismo - não se deva considerar esta questão sobre o prisma o mais amplo possível.

É preciso demonstrar que a emancipação do proletariado do monopólio capitalista, depende também da resolução da liberdade individual do homem e de todos os problemas que oprimem a consciência contemporânea.

É preciso também que os interessados nesta sublevação, os proletários, tornem-se conscientes de seus direitos, das necessidades e da força que têm em suas mãos, desde que assim o queiram. Para que se crie uma atmosfera revolucionária, é preciso que os trabalhadores se ressintam da privação enorme na qual vivem, que não permaneçam numa atitude de descaso e numa resignação muçulmana. É preciso igualmente que eles tenham uma visão relativamente clara do remédio necessário ao mal que padecem e sobretudo é preciso uma concepção nítida e precisa sobre o modo de destruir e abater a atual ordem das coisas. Devemos nos ocupar, antes de mais nada, em formar esta consciência no proletariado e o meio mais eficaz para tanto continua sendo a propaganda, isto é, o exercício contínuo da luta contra o capital e o Estado.

Mas é preciso também preparar os meios para derrubar o capital e o Estado e eis o ponto aonde se apresenta a necessidade da organização revolucionária. O primeiro meio, o mais importante, é a união - não caótica, irregular, local e fragmentada - mas sim constante e contínua no tempo e no espaço.

Aqueles que não toleram este vínculo moral que resulta do compromisso assumido de auxiliarmo-nos reciprocamente para um dado fim, dirão que isto diminui a sua autonomia individual, e isto pode ocorrer. Mas a liberdade e a autonomia absolutas são conceitos abstratos;



deveremos retornar aos fatos, àquilo que queremos realmente e o que podemos obter desta autonomia e liberdade.

A autoridade contra a qual combatemos - a do padre, a do patrão, a do policial - bem merece, para que dela nos desembaraçemos, que façamos um mínimo de sacrifício voluntário de nosso orgulho individual, para que possamos trabalhar com os outros e nos livrarmos da dominação burguesa e estatal, mesmo com aqueles que não tenham a nossa força e consciência, tão duramente formada.

Não sei se a humanidade conseguirá ser um dia um conjunto de indivíduos tão livres um do outro que não dependam reciprocamente por qualquer tipo de interesses materiais ou morais. É certo entretanto que a meta da revolução social e libertária que se anuncia, e cujo advento desejamos, não será outra, pelo momento, senão a emancipação do proletariado do privilégio do monopólio capitalista e do jugo de todos os indivíduos que detêm a autoridade coercitiva e violenta do homem sobre o homem.

Para realizar tal tarefa, temos que lutar contra forças formidáveis: a coalizão dos patrões apoiada pelos padres, a burocracia, o exército, a magistratura e a polícia. Para combater tais forças, para destruir todas estas pavorosas engrenagens maculadas de sangue da máquina capitalista autoritária, é bom unir os oprimidos em um pacto mútuo e solidário, voluntariamente aceito (para aqueles que não toleram vínculos), por uma disciplina moral.

Não basta que os homens estejam conscientes de seus direitos e necessidades e que saibam qual é o meio para reinvindicá-los; é preciso que todos estejam em condições de adotar estes meios de reivindicação.

A vontade dos revolucionários toma neste ponto toda a sua importância. Uma revolução de inconscientes seria quase inútil; mas a consciência das necessidades e dos direitos por sua vez também permanece quase tão inútil, tanto na coletividade quanto nos indivíduos, se não existir a força e a vontade de agir, de colocar em prática aquilo que se aprendeu em teoria. Eis porque é preciso unir-se e organizar-se: primeiro para discutir, depois para reunir os meios para a revolução, e finalmente para formar um todo orgânico que, armado com seus meios e fortalecido por sua união possa, quando soar o momento histórico, varrer do mundo todas as aberrações e todas as tiranias da religião, do capital e do Estado.

* * *

"A organização que os socialistas anarquistas defendem não é naturalmente a organização autoritária que vai da Igreja católica à Igreja marxista, mas sim a organização libertária, voluntária, de numerosas unidades individuais, associadas com vistas a uma meta comum e que empregam um ou vários métodos considerados bons e livremente aceitos por cada um dos membros. Uma tal organização é impossível, se os indivíduos que a compõem não estão habituados à liberdade e não estejam desembaraçados de preconceitos autoritários. É necessário, por outro lado, estar organizados, para se tentar viver livremente associados...", isso para se habituar ao uso da liberdade.

Assim, a necessidade de organização permanece. Por organização, entendemos a união dos anarquistas em grupos e a união federal dos grupos entre si, sobre a base de idéias comuns e de um trabalho prático comum a realizar. Tal organização, deixará naturalmente a autonomia dos indivíduos nos grupos e dos grupos na federação, com plena liberdade dos grupos e federações para se formarem segundo as oportunidades e circunstâncias, por ofício, por bairro, por província ou por região, por nacionalidade ou por língua etc.

A organização federal assim concebida, sem órgãos centrais e sem autoridade é útil e necessária. Útil simplesmente porque a união faz a força; necessária porque...Nos esforçaremos por dar outras razões, além das já enunciadas, sem entretanto ter a pretensão de ter enunciado a todas.

Existem tantas pessoas que se dizem anarquistas no mundo, batiza-se de anarquia tantas idéias nos dias de hoje, tantas opiniões e táticas diferentes, que impõe-se a quem luta alguma escolha para saber quem são aqueles que possuem aspirações comuns às suas, pois alguns, embora dizendo-se anarquistas, têm idéias totalmente opostas . Se alguns seguem uma via totalmente contrária à nossa e utilizam meios de luta que são contraditórios, neutralizantes e destrutores dos efeitos que obtivemos, tais diversidades e contradições dependem dos significados e de interpretações diferentes, muitas vezes completamente opostas, que são dadas ao termo anarquia.

Ora, se tivéssemos tratando de pura academia cientifica e filosófica, não haveria necessidade de tanto se diferenciar nas formas e de tanto separar grupos. Nem ao menos existiria a necessidade de agruparmo-nos. Mas o anarquismo, em minha opinião é, segundo creio, na opinião de muitos outros, se ele é na teoria uma tendência cientifica e filosófica,



uma doutrina especulativa, ele se quer igualmente na prática um movimento humano de luta e de revolução. Um movimento que possui meios definidos de ação e que fixou como ponto de partida algumas verdades dadas em torno das quais concordam todos aqueles que atuam neste sentido. Pois bem, como será possível anunciar um movimento enérgico e resoluto se nós que acreditamos estar mais que os outros na posse da verdade e que nos parece ser nosso dever propor bons métodos revolucionários para se avançar para a integral liberdade da anarquia, como faríamos nós se não nos reuníssemos, não nos organizássemos de maneira alguma, de modo que a obra de alguns não fosse contraditada e neutralizada pela de outros? Como poderíamos mesmo saber quem, muito embora dizendo-se anarquista está conosco e quem está contra nós?

Se quisermos nos mexer, se quisermos fazer alguma coisa a mais do que aquilo que o isolamento permite a cada um de nós, deveremos saber com quais dos ditos camaradas, podemos estar de acordo e com quais estamos em desacordo. Isto é especialmente necessário quando falamos de ação, de movimento, de métodos com os quais é preciso trabalhar com muitas mãos para conseguirmos obter alguns resultados que caminhem em nossa direção.

Visto que existem iniciativas, movimentos e ações que não são possíveis sem o concurso de inúmeros indivíduos, de legiões ou de nações inteiras, eis que aparece a necessidade da organização não apenas entre indivíduos ou grupos de uma mesma cidade mas também entre grupos de uma cidade e de outra e - porque não? - entre grupos de diferentes nações.

A necessidade de se diferenciar, organizando-se entre anarquistas que têm formas e métodos de luta coletiva e de propaganda em comum, impõe-se também pela clareza das idéias diante dos adversários. Enquanto permitirmos que nos tomem todos em bloco sob a denominação comum de anarquistas, será sempre permissível que nos inquiram qual é a nossa anarquia. Existem aqueles que dizem ser ela uma escola do socialismo e outros que, ao contrário, a batizam como sua negação; há os que nela buscam o triunfo do indivíduo contra a humanidade e que a interpretam como uma luta contínua *dentibus et rostius* entre os homens e há quem a interprete como a solidariedade humana por excelência.

As piores extravagâncias desenvolveram-se como a quintessência da filosofia anarquista; alguém mesmo afirmou, recentemente, a função social útil do delito em anarquia...

Não temos pretensões à infalibilidade; poderemos até mesmo estar

errados, mas cremos entretanto, estar com a razão e, enquanto pensarmos estar com a razão, buscaremos fazer com que nossa idéia não seja tomada pelo contrário do que ela é. Temos muita dificuldade em reunir nossos parcos recursos para fazer a propaganda na qual acreditamos e recusamo-nos a apoiar aquela que consideramos nociva.

Nem mesmo remotamente queremos nos solidarizar com idéias e métodos que não são os nossos e, conseqüentemente, desejamos evitar a confusão que nos une indiscriminadamente e que torna a nossa propaganda caótica, contraditória e sem resultado.

Parece que as diferentes interpretações da anarquia reconhecem-se nos métodos e nas vias de fato, elas também são bastante distintas e contraditórias e algumas de tal forma anti-sociais e antilibertárias, que fazem mais obstáculo à nossa propaganda que a mais feroz das reações.

Vós, que sois partidários da organização sindical, por exemplo, fareis uma conferência para aconselhar aos operários que se organizem! Pois bem, no mesmo local em que falastes a favor da organização, da greve geral, da agitação revolucionária pelas oito horas em nome da anarquia, ouvireis amanhã alguém que virá dizer que a organização operária é um emplastro inútil, que a greve geral é uma utopia ou um conto da carochinha, que a conquista das oito horas é uma reforminha indigna de ser defendida por autênticos revolucionários; tudo aquilo, enfim, que muitas vezes li em jornais anarquistas de tendência anti-organizativa.

Tentai escrever para exprimir a vossa opinião ao jornal e no próximo número, verás um outro que a contradirá completamente e, se não tiveres a sorte de ser o manipulador supremo do jornal, não tereis por vezes nem mesmo a liberdade necessária para discutir.

Mas depois, mesmo que possais discutir livremente, conseguireis apenas um bom debate acadêmico, pois não podereis agir e nem reunir em vosso entorno para a ação aqueles que aprovam a vossa idéia, talvez nem consigais ver aprovada a vossa idéia pelo número indispensável de pessoas. É preciso que vos diferencieis, que vos associeis com aqueles com os quais estejais de acordo, dizendo: "Pronto! Somos anarquistas que querem fazer isso e aquilo, e que sobre tal ponto pensamos assim ou assado. Ponhamo-nos à obra, pois".

É preciso não esquecer que a organização é um meio de se diferenciar, de se precisar um programa de idéias e de métodos estabelecidos, um tipo de bandeira de reunião para se partir ao combate sabendo-se com quem se pode contar e tendo-se consciência da força que



se pode dispor.

As formas desta organização importam menos; o nome é por vezes a única diferença que distingue a organização inconfessa daqueles que dizem não estar organizados. Assumimos o nome porque ele precisa a nossa idéia e as nossas proposições, porque ele possui o valor de um programa. Dizemos, por exemplo, partido anarquista, entendendo simplesmente por isso o conjunto de todos aqueles que combatem pela anarquia. Quando dizemos federação socialista-anarquista, pensamos na união pré-estabelecida dos indivíduos e grupos aderentes que, em determinada localidade, puserem-se de acordo em torno de um programa de idéias e métodos.

É curioso que seja justamente este termo federação, mais do que o termo genérico partido, que provoque disputas; nós o escolhemos justamente porque ele implica (como era também a intenção de Bakunin) o conceito de organização decentralizada, de baixo para cima, ou melhor (posto que não deve haver nem baixo e nem alto) do simples ao composto. Nós dizemos precisamente nos federar por que este termo já vem adquirindo um significado oposto e negativo com relação à centralização. Em um sentido muito mais relativo, por exemplo, existem republicanos federalistas em oposição aos republicanos unitários.

Nós anarquistas que, em alguns locais como em Roma, temos nos organizado, formulamos um programa. Todos aqueles que o aceitam formam a organização cujo programa foi assim auto-estabelecido, sejam eles grupos ou indivíduos; cada grupo e cada federação decide, através de sua correspondência, dos jornais, dos congressos etc., a maneira pela qual concordam para desenvolver a ação comum, as formas de organização federal e os grupos e modalidades internas. Um grupo ou uma federação, poderão exagerar em certos formalismos e, mesmo que alguns erros sejam cometidos, serão tais que, mesmos aqueles contrários à organização e que se unem somente uma vez com vistas à uma ação, podem também cometê-los.

Consideramos necessário, que nos ponhamos francamente em marcha por um caminho bem definido, com nossos meios e assumindo a responsabilidade de nossas ações, de modo que aquilo que façamos não seja destruído pelos outros. São muitos aqueles que, tanto na propaganda teórica quanto na ação dizem e fazem muitas idéias e coisas que não nos parecem anarquistas, ou que, ao menos, em nossa opinião, não são úteis ao movimento, antes pelo contrário.

Aqueles que não se decidem a ficar conosco por medo de uma palavra, embora agindo de acordo com nossa prática, e assim procedendo apenas para não desagradar aqueles que, no fundo, são nossos adversários, dão prova de fraqueza e perpetuam o equívoco. Eles cobrem com sua bandeira e com sua boa intenção muita mercadoria avariada. É então preferível que eles separem-se de nós.

Entretanto, organizar-se e diferenciar-se daqueles que, em algum ponto essencial, não estão de acordo conosco na interpretação do termo e dos métodos da anarquia, não significa que pretendamos o monopólio do termo e do movimento anarquista ou que queiramos excluir quem quer que seja da grande família libertária. Mas sermos todos da mesma família, não significa que tenhamos todos as mesmas idéias e o mesmo temperamento, nem que queiramos fazer a mesma coisa e que estejamos de acordo sobre tudo. Na maioria das famílias é antes o contrário o que ocorre.

Pode ocorrer que não apenas as idéias nos dividam na prática, mas também que o temperamento atue um pouco e que ele determine a união ou a desunião de alguns. Sinto-me pessoalmente bastante senhor de mim mesmo, quer dizer, indivíduo o bastante e me sinto mais forte quando tenho atrás, diante e ao meu lado a solidariedade de outros. Não parece-me que me diminua quando me enlace, em torno de um pacto mútuo, com meus companheiros de jornada. Esta questão do temperamento reforça, em lugar de enfraquecer, a minha tese. Se existem correntes incapazes de permanecer unidas por causa do temperamento, é melhor que cada um tome o seu caminho e que elas se diferenciem.

Insisto em sustentar a necessidade da organização, mesmo diante daqueles que, embora admitindo-a de fato e na prática, a repelem na teoria e no nome. Estou convicto - e creio não me enganar - que muitos daqueles que se dizem em desacordo conosco, o estão mais nos termos do que nas idéias, mais na aparência do que nos fatos. Eles são, em parte, vítimas de uma ilusão; seu medo do termo nada mais é que um indício de uma certa contrariedade inconsciente e inconfessa com a substância.

* * *

Mas muitos camaradas, que tem mais medo do termo do que da substância, sacrificam uma à antipatia da outra. Eles dizem que não é necessário fazer a organização, pois ela existe já por si mesma.



É verdade, o homem que pensa e que luta é um ser sensível, organizável e organizado por excelência. Assim, mesmo aqueles companheiros que se dizem opostos à organização são, no fundo, organizados.

A diferença é que tal organização, não tendo nome nem formas exteriores, parece não existir e serve para que possamos dizer: Vejam! Sem organização andamos muito bem! Isto serve também para mascarar e para dissimular aquilo que pode existir de pouco coerente com o conceito de autonomia integral no funcionamento interno de uma tal organização. Tais incoerências são inevitáveis na sociedade atual e eu não me sirvo delas para combater o método anti-federalista, mas apresso-me em observar que lá onde faltam as formas exteriores da organização, falta também um meio importante de controle, para verificar até que ponto tal organização continua libertária. Quando, ao contrário, a organização é visível, sua substância é denunciada pela forma e ela se presta melhor à crítica: pode-se conseqüentemente melhor combater e eliminar, na medida do possível, de seu seio as manifestações anti-libertárias.

A organização consciente é útil porque ela é o melhor meio - quando real e substancial e não apenas formal - para impedir um indivíduo ou um grupo de concentrar em si todo o trabalho de propaganda e de agitação, tornando-se assim um árbitro do movimento.

Os não organizados, ou melhor, aqueles que estão organizados sem o saber e que por isso se crêem mais autônomos que os outros, têm maior probabilidade que os organizados, de serem presas do conferencista que passa, do camarada mais ativo, do grupo mais empreendedor e do jornal mais bem feito. Eles são inconscientemente organizados pelo conferencista, pelo agitador e pelo jornal. Enquanto estes últimos fazem o seu trabalho, tudo corre bem, mas se eles tomam uma direção falsa...boa noite! E antes que se perceba passará um bom tempo. Os anarquistas que estão organizados, ao contrário, sabendo já o que fazem pois as próprias formas exteriores lhes relembram constantemente que estão associados, que discutem do seu ponto de vista toda a proposição, venha de onde venha, estão menos expostos às surpresas. Justamente porque a união faz a força, eles podem opor uma maior força de resistência às sugestões dos camaradas mais inteligentes, mais simpáticos ou mais ativos. Eles sabem organizar-se e é reconhecidamente mais difícil manipular uma massa de pessoas conscientes de sua situação, do que uma numerosa quantidade de inconscientes.

Mas os organizados são homens também e nem todas as virtudes da organização podem impedi-los de cair no erro. Na sociedade atual, a perfeita coerência libertária de uma organização é impossível (aliás, mesmo em anarquia seria ela possível?). Eles também, em menor medida, oferecerão flancos à crítica dos puros em teoria. Poderá ocorrer que sua organização assuma, vez por outra, aspectos incoerentes, ou que produza algumas manifestações de centralismo ou de autoritarismo.

Mas estes seus erros, ao contrário dos erros dos anti-organizadores consistem em que o cisco que tem nos olhos esteja sempre imediatamente visível, porque existe uma organização pública, enquanto que a trava que existe nos olhos dos outros não se vê imediatamente - o que não impede que isso provoque grandes danos ao princípio da anarquia.

Nunca será demais insistir sobre esta verdade: a ausência de organização visível normal e aceita por cada um de seus membros torna possível o estabelecimento de organizações arbitrárias , menos libertárias ainda, que crêem ter vencido todo o perigo do autoritarismo apenas negando a sua essência. Tais organizações inconscientes constituem um perigo maior porque colocam o movimento anarquista à mercê e a serviço dos mais hábeis e dos mais intrigantes.

Hoje, o conjunto dos anarquistas está desorganizado; esta desorganização formal faz com que a massa dos camaradas submeta-se à dominação intelectual incontrolada de um diretor de jornal ou de um conferencista... Mesmo assim, isto é uma forma de organização, só que menos anarquista porque mais centralizada e mais pessoal.

Queremos de fato uma organização consciente que dependa de nossa vontade, para não estarmos obrigados a nos submeter a uma organização inconsciente e involuntária. Tentando fazer triunfar algo de determinado e preciso, existe a necessidade de organizar-se de fato e não apenas hominalmente, porque há necessidade de quantidade e não somente de consciência. Sermos numerosos em nada nos atrapalha... Não se pense, porém que queiramos colocar em antítese os termos consciência e quantidade. Poderemos ser numerosos, mantendo nossa consciência, de resto, mesmo se os conscientes forem pouco numerosos, ter o auxílio dos menos conscientes não os tornará decerto inconscientes. Isto sem contar com o fato de que os menos conscientes, em contato com os mais conscientes na organização, adquirem a consciência que lhes falta, mais ou menos segundo a sua inteligência e boa vontade. Mesmo quando não se está organizado, não ocorre igualmente que muitos inconscientes sejam



atraídos para a órbita da ação por algum grupo ou indivíduo mais simpático, inteligente ou ativo? A diferença, neste caso é somente a de que muitos daqueles que poderiam ser atraídos para o terreno da luta, para auxiliá-la e em seguida tornar-se conscientes da ausência de organização, são deixados na obscuridade e na inércia...

Mas entendamo-nos bem sobre esta bendita consciência!

"Se nos dizem: ou vossa organização reúne conscientes, sendo então inútil (existe um erro, mas deixemos de lado) ou ela reúne inconscientes e então é perigosa porque desvia-se e torna-se centralizada e autoritária etc."

Lembremo-nos primeiramente que se aqueles que se dizem anti-organizadores, na prática são obrigados a organizar-se, se não querem isolar-se da vida e da luta; a objeção vale também para aqueles que usam a organização. Mas o dilema acima é uma falsa objeção. Não existem conscientes ou inconscientes de maneira absoluta; a consciência é uma coisa relativa e multiforme. Existem os mais conscientes e os menos conscientes; e entre o absoluto (inexistente, aliás) da consciência/virtude e da inconsciência/vício, existe uma escala de gradações tão longa quanto a escada de Jacó. Alguém pode ser desta forma um revolucionário consciente e um anarquista pouco coerente ao mesmo tempo; ao passo que um anarquista coerente até o escrúpulo carola pode tornar-se diretamente a própria negação de um revolucionário. Não obstante, tanto um quanto o outro são úteis para a anarquia.

De resto, se alguns destes ditos inconscientes aceitam permanecer em uma organização anarquista e nos auxiliam na luta, isto será sempre melhor e sempre nos trará mais ganho do que a hipótese contrária; de qualquer forma, estes serão mais conscientes do que aqueles que permanecem no obscurantismo e jazem na inação, o que, pior ainda, militam contra nós como força bruta nas mãos do padre ou do delegado de polícia. Se a organização servisse apenas para criar número (e ela, ao contrário, serve para fazer muitas outra coisas) - mesmo sem ter em conta a cultura que difunde, o conhecimento de idéias que o contato contínuo com os organizados permite aumentar - mesmo que se tratassem só de números, dizíamos, ela ainda seria útil como fator de consciência individual e coletiva.

Mas, a propaganda determinada pelos anarquistas organizadores é também uma forma de manifestação para preparar a sociedade futura: trata-se de uma colaboração com a finalidade de constituir um jeito de

influenciar o meio ambiente e de modificar as suas condições. Outros também trabalham de acordo com a mesma obra. Nós queremos trabalhar da maneira que acreditamos seja a mais eficaz, escolhemos assim certas formas de luta que estão mais conforme à nossa maneira de ver e até mesmo ao nosso temperamento, se assim se quiser. De qualquer forma este seria apenas um modo, como outro qualquer, da divisão de trabalho.

Justamente, por contribuir mais poderosamente para a formação de um meio livre, por influenciar o proletariado e por lançá-lo na luta contra o capital da maneira mais proveitosa e orgânica, nós, que temos uma concepção especial da luta e do movimento, pretendemos doravante colocarmo-nos em acordo sobre o modo que, sem desperdiçar nossas forças, possamos dar uma tal contribuição e exercer tal influência.

Se isso atrair o proletariado para as nossas fileiras, para nosso partido, melhor; isto significa que soubemos fazer bem a propaganda e que soubemos nos aproximar da revolução e do triunfo da anarquia.

A organização anarquista deve ser a continuação de nossos esforços e da nossa propaganda; ela deve ser a conselheira libertária que nos guia em nossa ação de combate cotidiano. Podemos nos basear em seu programa para difundir a nossa ação em outros campos, em todas as organizações especiais de luta particulares nas quais possamos penetrar e levar nossa atividade e ação: por exemplo nos sindicatos, nas sociedades anti-militaristas, nos agrupamentos anti-religiosos e anti-clericais etc. Nossa organização especial pode servir igualmente como um terreno para a concentração anarquista (não de centralização!), como um campo de acordo, de entendimento e de solidariedade a mais completa possível entre nós. Quanto mais estivermos unidos menor será o perigo de que sejamos arrastados nas incoerências ou, que desviemos nosso ímpeto de luta para batalhas e escaramuças aonde, outros que não estão de forma alguma de acordo conosco, poderiam cortar-nos as mãos.

E se nossa organização chegar a ser assim, não somente de nome mas também de fato, se ela conseguir estabelecer vínculos sólidos e seguros de amizade e de camaradagem entre todos os anarquistas e se obtiver o seu acordo ativo sobre os principais postulados de nosso programa, então tal organização será um órgão poderoso e útil para a ação, depois de ter sido um instrumento de preparação. Uma organização adaptada a tal finalidade não se improvisa. Não podemos esperar vê-la surgir dos eventos ao invés de prevê-los, agindo assim corremos dois riscos: ou nos vemos na obrigação de subitamente nos colocarmos de acordo sobre bases pouco



seguras e pouco libertárias, ou nos deixaremos surpreender (o que infelizmente é o caso mais provável) como tolos pelos próprios eventos.

* * *

Uma das objeções mais freqüentes ao conceito de organização não apenas local mas também regional e nacional, realizada através do método federalista é a de que ela pode nos fazer cair na incoerência com o conceito anti-autoritário da anarquia.

Para mais uma vez falar desta coerência bendita, é necessário que tornemos preciso o seu conteúdo! Muitos são aqueles que possuem a "coerência", que se torna tão elástica ao ponto de ampliar-se ou restringir-se segundo aquele que a adapta.

Podemos aplicar muitas vezes aos anarquistas das diferentes frações, parafraseando-a, a conhecida divisa que Ferrero atribui aos selvagens: "aquilo que faço, eu e meus amigos, é coerente; aquilo que fazem os que pensam diferentemente de mim é incoerente. E dessa maneira podemos nos excomungar mutuamente até o infinito, pois cada um saberá encontrar uma maneira de demonstrar que seu adversário é incoerente com as idéias e que portanto não é um bom anarquista". Isso é tanto mais verdade quanto os princípios de anarquia que são tomados por base variam de interpretação de indivíduo para indivíduo e de um grupo para outro.

O que significa esta coerência que se arvora a todo momento, especialmente por aqueles que nada fazem, contra aqueles que gostam de mexer-se e de agir?

Isto significa nada fazer na prática, que esteja em contradição com a teoria. Uma proibição que, como se vê, os individualistas são os primeiros a não reconhecer, eles que se dizem escrupulosamente, ou melhor, literalmente partidários do "faz o que queres" de Rabelais, mal digerido.

Para que exista coerência entre teoria e prática, é preciso antes de mais nada que seja definido o programa teórico, nos limites do qual a prática se apoie para não contradizê-lo. E o nosso programa já o foi muitas vezes A anarquia significa ausência de governo, ausência de qualquer organização autoritária e violenta através da qual, com violência ou ameaça de violência, obrigue-se o homem a fazer aquilo que não quer e a não fazer aquilo que quer. Ausência portanto não apenas de organismo governamental, cujas leis proíbem e/ou impõem fazer aquilo que os legisladores estabeleceram, mas também ausência do patrão que impõe a

sua vontade dando ao seu bel prazer mais ou menos pão aos estômagos dos proletários; ausência também do padre que impele a todos a inclinar-se diante dele, impelindo especialmente o povo a obedecer o governo e o patrão, com a violência moral da religião (ameaça de uma violência terrível: o inferno após a morte).

Ora, para ser incoerente com os princípios da anarquia em uma organização de anarquistas, seria preciso que esta organização se opusesse a um tal programa, criando em seu seio uma autoridade que tivesse a autorização e a possibilidade de impor ao seus associados, com a violência de sua vontade ou com a vontade da maioria. Qualquer um vê que em nossas organizações tal coisa é praticamente impossível, para não dizer absolutamente impossível. Como querer que uma coletividade de anarquistas autorize uma ou várias pessoas a impor a sua vontade? Na hipótese absurda de que eles assim o quisessem (e então ela não seria mais uma associação de anarquistas, pelo próprio fato de que estes últimos quiseram tal coisa), onde conseguiriam um meio de constituir tal autoridade que pudesse constranger com violência seus subordinados a fazer aquilo que não querem?

O movimento revolucionário anarquista é uma luta contra a manifestação violenta e coercitiva da autoridade. E os partidos nos quais tal coerção não se exerça - e para que não se falsifiquem minhas palavras, entendo por violência, a violência material direta ou a ameaça de tal, contra quem o constrangimento se exerce - tais partidos não são autoritários na prática. Para sê-lo, mesmo não possuindo organismos violentos, é preciso que optem pela violência deliberadamente, por programa e por princípio.

Por exemplo, o partido republicano, o partido socialista e numerosas organizações operárias são autoritárias não porque verdadeiramente exerçam uma autoridade violenta, não porque estejam organizados, mas simplesmente porque sua finalidade é autoritária, suas idéias e seus programas admitem ou até mesmo exigem como necessária a autoridade, seus métodos de luta política apoiam-se, através do legalismo e do parlamentarismo, na autoridade, na ação dos governos e da sociedade burguesa.

Para os anarquistas tal coisa é impossível, do momento em que uma insuperável barreira os separa duplamente dos meios governamentais e burgueses: a idéia anti-autoritária e a prática intransigente, extra legal, anti-parlamentar e revolucionária.



Ocorre com as organizações aquilo que acontece com muitas coisas. Já vimos degenerar os partidos políticos existentes até hoje e alguns atribuem a razão disto ao fato de eles serem organizados. Mais aí inverte-se a causa e o efeito. A organização republicana, socialista e operária degenerou-se, em um sentido autoritário e legalista pela simples razão de conter em si o gérmen de tantos males. A própria idéia de que sem autoridade nada pode subsistir, este gérmen, foi cultivada intensamente com a prática legalista da participação nas funções autoritárias dos organismos estatais e burgueses.

A organização anarquista possui um forte antídoto contra este gérmen do autoritarismo: a tática anti-parlamentar e anti-legislativa, intransigente para com todos os organismos governamentais. É por isso que sou anti-parlamentarista intransigente, é por isso que tantos anarquistas não cedem uma linha sequer - sem pretexto algum de oportunismo ou utilidade momentânea - eles poderão enfraquecer um pouco, por outras razões, seu espírito revolucionário, mas permanecerão sempre anarquistas na alma e na palavra; e então o espírito revolucionário ressurgirá pelo próprio impulso da idéia. Se a sua organização tem como fundamento um programa que precise a ação, não é possível que a idéia se torne autoritária, porque ela não tem necessidade, nem possibilidade, nem mesmo a oportunidade de tal transformação, sem ter que renegar completamente a idéia, de toda a prática, toda a história e mesmo o próprio termo anarquia.

Para assim fazê-lo, seria preciso deliberadamente e aprioristicamente mudar totalmente o caminho, dar as costas à teoria e o movimento e dizer: não somos mais anarquistas.

A organização não é um órgão consciente em si, que guie os seus membros; são estes membros que a fazem segundo seus próprios critérios teóricos e práticos. A organização não pode transformar anarquistas em não-anarquistas, mas sim os anarquistas que mudando-se a si mesmos podem transformar uma organização anarquista em autoritária. Pois bem, enquanto os anarquistas estando organizados, permaneçam anarquistas, conservando o ideal e continuando a fazer a sua propaganda, e a perseguir a tática sustentada até agora, o medo de desvios e incoerência gerado apenas pelo fato da organização, permanece irrealista e até mesmo pueril.

Já disse que é preciso conceber a coerência com as idéias de maneira relativa, que é preciso conceber todas as coisas e idéias de maneira relativa, porque não quero excluir, mesmo que isso me pareça impossível, a possibilidade do erro.

ele argumentava que o termo comunista era mal compreendido entre a população, que acreditava ser tal sistema restritivo de toda a liberdade. Para Schwitzguébel seria necessário um grande trabalho preparatório, para levar as populações a admitir o comunismo[13].

James Guillaume, por outro lado, preocupava-se com os termos anarquia e anarquistas, segundo ele "(...) as palavras anarquia e anarquistas são, a nossos olhos e aos de muitos amigos, termos cujo emprego se deveria renunciar, porque não expressam senão uma idéia negativa, sem indicar uma idéia positiva, - prestado-se, pois, a equívocos inoportunos"[14]. Por esta razão ele empregava as expressões *comunistas não-autoritários ou coletivistas*[15]. Apesar das divergências saiu vitoriosa a proposta de Kropotkin, apoiada por Reclus e Cafiero entre outros, de abandonar a expressão coletivismo. Kropotkin terminou sua participação no congresso com a seguinte afirmação: "É tempo de pôr um fim nesse mal-entendido, e, para isso, não existe senão um meio: abandonar a palavra coletivismo e declarar-se francamente comunistas, distinguindo a diferença que existe entre a nossa concepção de comunismo anarquista e aquela que foi divulgada pelas escolas comunistas místicas e autoritárias, antes de 1848". [16]

## O rompimento com o anarquismo bakuninista

Pode-se dizer que no anarquismo há um antes e um depois do anarco-comunismo, um divisor de águas no pensamento anarquista. Os primeiros anarco-comunistas saíram da região do Jura suíço e eram todos eles anarquistas bakuninistas ou coletivistas, foram todos eles sem exceção bakuninistas, pertencentes à *1ª Internacional* ou à *Aliança*. Portanto se vê que o anarco-comunismo não surgiu de forma independente, mas dentro do próprio bakuninismo. Isso pode nos dar uma falsa idéia de continuidade sem rupturas, de simples evolução dentro do mesmo rumo que o anarquismo seguiu com Bakunin, mas não foi bem assim. O grande respeito que os próprios anarco-comunistas tinham por Bakunin os fazia ressaltar muito mais as semelhanças com o anarquista russo, a herança que recolhiam do que as diferenças, as críticas, os rompimentos.

A concepção bakuninista era a de um partido anarquista clandestino, a *Aliança da Democracia Socialista*, atuando como vanguarda dentro do movimento de massas, como agente organizador, procurando trazer os elementos mais avançados para a organização secreta. Não havia propaganda anarquista aberta ou movimento



anarquista, mas apenas uma minoria ativa. A tarefa era sobretudo de tipo organizativo, procurando provocar insurreições populares: "Apodere-se uma vez de uma comuna; pratique-se aí a propriedade coletiva, organizem-se os corpos de ofícios e de produção, os grupos de bairro, de circunscrição; que os instrumentos de trabalho passem às mãos dos trabalhadores; os trabalhadores e suas famílias aos alojamentos saudáveis, e os vagabundos para a rua. Caso a comuna seja atacada, será defendida; se não se vencer pouco importa! A idéia estará lançada, não sobre o papel, não no jornal, mas sobre um quadro vivo; não será esculpida no mármore, nem talhada na pedra, nem fundida no bronze; marchará em carne e corpo, viva, diante do povo. O povo saudará a sua passagem"[17]. O interessante é que este trecho foi escrito no *Boletim Jurrassiano*, da Federação Jurrassiana em 5 de agosto de 1877, já depois da morte de Bakunin, o que nos mostra a continuidade de suas idéias. Intitulava-se *A propaganda pela ação*, não era assinado, mas foi atribuído segundo Max Nettlau, a Paul Brousse[18].

O próprio Kropotkin escreveu já em 1880, quando o anarco-comunismo estava mais consolidado, estas palavras: "(...)revolta permanente mediante a palavra, o escrito, o punhal, o fuzil, a dinamite (...) Tudo quanto caia na ilegalidade nos servirá"[19]. Recorda-se, também que a influência de Bakunin era ainda muito forte para fazer que Kropotkin, logo após a sua chegada a Europa Ocidental, fundasse, em 1877, juntamente com Paul Brousse, então membro da Federação Jurassiana, a *Nossa Intimidade Internacional*, sociedade secreta com a pretensão de dar continuidade às organizações do mesmo gênero criadas por Bakunin, entre 1865 e 1868.[20] No entanto, segundo Max Nettlau, teve curta duração, já a partir de 1882 e 1883 não se tem mais notícias da mesma.

O esquema bakuninista funcionou durante a *1ª Internacional*, e foi levado à prática em diversos momentos. Mas a partir de meados da década de 1870, com a derrota da Comuna de Paris, a repressão brutal que se seguiu e a crise da *Internacional* houve uma desarticulação do movimento operário e dos anarquistas da época. A frustração chegou e as avaliações sobre a derrota começaram a ser pensadas. Os anarquistas experimentaram contratempos que lhes deixaram marcas profundas, cuja lembrança muito influiu quando, posteriormente, trataram de definir os rumos futuros do movimento. Max Nettlau, retrata o essencial desse ambiente tumultuado: "as grandes derrotas e perseguições aos jovens movimentos revolucionários na França, na Espanha e na Itália, em 1871, 1873 e 1874, haviam colocado um fim provisório nas esperanças de uma revolução geral – que desta vez seria uma revolução social – abrigadas

Falando da abolição da autoridade e da liberdade, existem alguns anarquistas que entendem por isso também a eliminação da autoridade não coercitiva, da disciplina moral que surge da necessidade de união de várias pessoas, no terreno de um pacto recíproco de convivência e ajuda mútua.

Eles não pensam que a liberdade absoluta do homem não existe, não consideram que ela seja uma coisa totalmente relativa determinada por causas exteriores e submetidas a estas.

A liberdade é em suma a possibilidade de poder satisfazer todas as nossas necessidades físicas e psíquicas e de não suportar predominância alguma por parte dos outros. Tal liberdade é impossível sem organização.

E prestem atenção, não estou me referindo apenas aos tempos felizes quando viveremos em anarquia! Quero dizer que, organizando-nos, podemos mesmo hoje gozar de maior liberdade do que a que teríamos se estivéssemos isolados. Unidos podemos melhor resistir à dominação do patrão e do governo, unidos podemos melhor satisfazer nossa necessidade de ação propagandística e revolucionária, temos assim diante de nós um campo mais vasto de lutas e maiores meios à nossa disposição; e isso não impede a cada um de nós de explicar a mesma coisa e de exercer melhor as formas de atividade essencialmente individuais.

Quando afirmamos querer nos organizar, fixamos também o porquê da nossa organização; esta deve servir para agir lá aonde, isolados ou em pequeno número, a coisa fosse impossível ou difícil. Naturalmente, quando a força de um só basta, este, mesmo estando organizado, atua por si sem recorrer aos outros, porque suas forças lhe bastam. Da mesma forma o grupo não recorre aos outros grupos federados para coisas que pode realizar sozinho.

Toda organização libertária aparece na medida em que há necessidade da união em grupo para realizar uma dada meta; assim como, para realizar outras, é necessário federar grupos, e assim por diante.

Muitos nos objetam que toda coletividade é suscetível de dividir-se em maioria e minoria, e que, em muitos casos a organização fará com que a minoria deva submeter-se a maioria. Nós, ao contrário, não admitimos dominações deste tipo, e por isso não damos nem à maioria nem à minoria o direito e os meios de poder se impor.

Certamente, uma divisão de pontos de vista e de opiniões podem surgir. Se a discórdia brota das idéias e da tática fundamental, é preciso que as duas partes se separem, pois elas constituem, a partir de então,



dois partidos distintos. Foi desta forma que nós, anarquistas, quando a diferença apareceu como irremediável e muito grande, separamo-nos dos socialistas autoritários no seio da Internacional.

Ao contrário, se existem divisões sobre questões de importância menor, que não dizem respeito ao movimento e às idéias gerais, cada um pensa e atua, fora da organização, à sua maneira, sem erguer obstáculos ao trabalho comum da organização.

Mas, se for no próprio seio da organização que o desacordo surgir, que a divisão entre maioria e minoria aparecer por questões secundárias, sobre modalidades práticas ou sobre casos especiais, então não se pode acusar de incoerência nenhuma parte nem outra; então poderá ocorrer com maior ou menor facilidade que a minoria se incline a fazer conforme a maioria. Mas, como esta condescendência somente pode ser voluntária, todo o caráter de autoridade e coerção está ausente. Se o partido quer fazer um congresso e todos são unânimes na vontade de se reunir com anarquistas do mundo inteiro, se existe apenas uma diferença sobre o local da reunião, uns propondo Roma e outros Paris, por exemplo, é preciso que uns ou outros cedam. E naturalmente cederão, se neles for forte a necessidade e o desejo de reunir-se; como é natural que sejam os menos numerosos que cedam pois mesmo estes serão da opinião de que é preferível, para a economia geral das forças, que seja uma minoria e não uma maioria quem suporte um dado inconveniente.

É conhecido o fato de que os adversários da organização federal, por oposição a nós, declarem-se autonomistas, e denominem autônomos seus grupos; é bom lembrar, de uma vez por todas, que todos somos autonomistas, quer dizer partidários da autonomia individual nos grupos, da autonomia dos grupos na federação e no partido. Isto para evitar, mesmo sob forma lingüistica, as derradeiras aparências de formalismo que nos são reprovadas.

Este termo formalismo é erroneamente empregado a nosso respeito: ou ele quer dizer dar forma às idéias e a luta, e isto então é tão natural que todos são obrigados a utilizá-lo, ou então significa a adoração das formas com a negligência da substância, e então nós, anarquistas, não merecemos tal pecha, que não se justifica por nenhum fato positivo.

São justamente estas vagas acusação de "formalismo", "autoritarismo", "artificialismo", que formam o patrimônio polêmico dos adversários da organização. Estas palavras abstratas possuem um significado tão amplo e uma interpretação tão vasta, que podem ser

lançadas contra qualquer adversário contra o qual não se tenha outros argumentos válidos. Certamente elas causam efeito, e sempre é embaraçoso defender-se delas; elas são muito úteis àquele que possui a habilidade de delas servir-se primeiro. Mais são palavras ocas de sentido, a partir do momento em que ninguém torna preciso qual formalismo ou qual autoritarismo é verdadeiramente nocivo e conflitante com as doutrinas anarquistas e possíveis em uma organização anarquista. Não se trata, portanto, do vago espantalho do formalismo, mas sim de certas formas autoritárias e determinadas de organização, que bem conhecemos, que é necessário combater dentro de nós, assim como as que criticamos em outros partidos. Tais formas são tão visíveis, que não devemos temer que seduzam o mais inconsciente dos anarquistas, muito menos ainda uma coletividade anarquista inteira.

Outra grave acusação que se faz à organização federal dos anarquistas é de ser "artificial". Mas todas as coisas que se fazem, que são feitas pelo homem, salvo os movimentos totalmente involuntários, são artificiais; isto porque as coisas naturais não bastam, e são muitas vezes perigosas. O raio é natural, mas contra ele preferimos adotar o artificial pára-raios, e muito embora sejam o câncer e a tuberculose igualmente naturais, milhares de médicos esgotam-se a buscar um meio artificial para curá-los, e fazem muito bem. A propaganda é também uma coisa artificial; que quanto mais for feita com arte, mais proveitosa será. Por que não poderia existir uma organização, com fins de propaganda, a partir do momento que esta se tornasse importante?

Todo o medo dos anti-organizadores vem da forma, do artifício, do método; eles observam que uma forma de organização, um nome, um método foram adotados por nossos inimigos e daí concluem pela condenação em bloco destes. Não conseguem realizar o raciocínio muito simples de que muitas destas formas, destes termos e destes métodos são inofensivos em si, e que não tem outro valor senão o do seu conteúdo. Se lhes for dado um conteúdo anarquista, estarão com perfeita coerência com a anarquia. Existem também, naturalmente, formas que são unas com a substância, e estas podem ser ou não anarquistas; mas este não é o caso da organização, ela sozinha não basta para fazer surgir uma autoridade, ao contrário, composta por anarquistas, ela se torna um obstáculo à autoridade.

Encontra-se outro motivo de incoerência na pretensa facilidade com a qual, nas organizações, os indivíduos mais inteligentes, mais



simpáticos, mais ativos ou mesmo mais falsos possam se tornar verdadeiras autoridades sobre a massa, apresentando o perigo de fazê-la desviar-se. Demonstrei acima que este perigo é maior entre os não-organizados, e que, ao contrário, a organização serve para combater e não para facilitar tal perigo.

De qualquer maneira, o perigo permanece, mesmo que reduzido e mesmo que o elemento determinante não seja a organização. Mas haveria uma verdadeira incoerência disto com a idéia anarquista? Não o creio, porque se assim o fosse, a anarquia seria impossível. Os homens nunca serão psíquica e fisicamente iguais e mesmo que as disparidades enormes tendam a desaparecer, sempre haverá homens de talento e homens medíocres, ativos e inativos, simpáticos e antipáticos e uns terão sempre sobre os outros uma indiscutível superioridade moral e talvez isto fique muito mais claro quando não houver mais tiranias materiais.

A anarquia, como aspiração positiva de batalha, é a destruição das tiranias materiais, ela nada mais tem a opor às autoridades morais se não a ciência. A própria ciência representa uma fonte de autoridades morais. Quem não reconheceria em anarquia a autoridade do médico em questões de higiene ou do arquiteto em construção? Da mesma forma existiria a autoridade moral do gênio, do homem simpático, do ativo etc.; a anarquia não deixaria de existir por isso, a partir do momento em que nem o médico, nem o arquiteto, nem o homem genial ou ativo e nem o falso puderem fazer valer a sua autoridade sem que os outros queiram a ela se submeter. A organização social anarquista não colocará à disposição nenhum meio de constranger a vontade do outro. Tal fenômeno trará com certeza inconvenientes mas jamais pensamos que na anarquia inconvenientes como esse desaparecessem e que nós, de alguma forma, nela retornássemos ao paraíso terrestre.

Nem mesmo ousamos afirmar que, nas organizações anarquistas que existem no seio da sociedade atual, não possam ocorrer muitos inconvenientes. Ao contrário, eles não são fruto da organização, pois existiriam mesmo sem ela, talvez até mais intensos; não representam em si mesmos uma incoerência com a idéia anarquista.

"Mas e os cargos? - poderá alguém objetar - não se assiste nas organizações anarquistas à nomeação de comitês executivos, comissões de correspondências, secretariados etc? Não seriam estas já verdadeiras autoridades e governos em miniatura?" Respondo que não, antes de mais nada porque estes indivíduos não dispõem de nenhum meio para impor

sua vontade aos associados, sendo dado que eles devem fazer aquilo que foram autorizados a fazer. Não são autoridades porque, se o fossem, a própria existência da sociedade civil e humana não seria possível.

Em toda a convivência existe divisão de trabalho entre os associados; alguns deles devem se encarregar de funções sociais necessárias e úteis a todos. Tais funções possuem hoje em dia um caráter autoritário porque são exercidas em grande parte por organismos autoritários, mas não são em si a autoridade.

Muitos recaem no equívoco seguinte: eles vêem uma função indiscutivelmente útil exercida de maneira dominadora e má pelo governo ou pelo capitalista; concluem que a origem desta coisa má e desta dominação é a função e exigem a sua supressão. Creio que nenhum anarquista sustentará que em anarquia se deva abolir o serviço postal ou o ferroviário somente pelo fato de que hoje os correios e estradas de ferro são geridos de maneira infame pelo estado capitalista. O que vale para a sociedade futura vale para as organizações anarquistas, que delegam a alguns de seus membros responsabilidade para cumprir uma função determinada e não para exercer um poder. Delegação de função e não delegação de poder. Não se pode fazer mais do que a delegação de função no momento em que em certo círculo não podem todos os camaradas ser ao mesmo tempo o tesoureiro ou o secretário, da mesma forma de que não podem todos por-se a realizar uma função para qual basta o trabalho de um só.

A necessidade de tais mandatos amplia-se e torna-se mais forte quando a organização é maior e o seu campo de atividade mais amplo. Mas basta, para suprimir todo o perigo de autoritarismo delimitar e definir muito bem as funções que devem ser cumpridas; que os delegados não possam agir em nome da associação a não ser quando seus membros lhes tenham explicitamente autorizado; eles devem executar somente aquilo que os associados decidiram e não ditar aos associados o rumo a seguir. Agindo assim, mesmo a mais longínqua suspeita de incoerência fica afastada.

Se algum gérmen de autoridade pode se personificar nestes representantes da associação este seria uma autoridade moral, sem perigo de que possa se transformar em autoridade coercitiva de fato. E um tal tipo de autoridade assim surgida nunca seria tão forte como aquela que um companheiro ativo e inteligente pode desenvolver em um meio desorganizado. Hoje, até mesmo nas associações burguesas, um



tesoureiro, um secretário ou um comitê executivo, mesmo que tenham prerrogativas formais, na prática não concentram tanto poder. Por que isto seria possível em uma associação anarquista? Não se trata simplesmente de um inútil sofisma doutrinário?

É uma besteira dizer que os anarquistas querem se organizar para macaquear os partidos autoritários, porque crêem que estes devem os seus progressos ao fato de estarem organizados.

A verdade é que os partidos autoritários fizeram progressos não somente na maneira de estarem organizados, mas também na própria organização; uma não exclui a outra e a união resultante tem uma força apreciável.

A organização não possui, é verdade, uma vida mágica, mas ela pode acrescentar força e capacidade de ação aos aderentes desde que eles sejam "homens e não carneiros". Uma organização feita por anarquistas com uma meta anarquista, seja qual for o termo pelo qual ela se define, velho ou novo, não pressupõe em si nenhum espírito autoritário inerente. Ela deverá o seu caminho apenas parcialmente à organização, pois segue uma idéia libertária; do mesmo modo que os partidos autoritários depois de terem tanto caminhado através da organização, começam agora a recuar não por causa da organização, mas simplesmente porque a sua meta residia nos meios e fins deliberadamente autoritários e anti-revolucionários.

Assim, por exemplo, a insurreição será útil para a revolução, mas podem existir igualmente insurreições reacionárias. Houve insurreições sanfedistas ou favoráveis aos Bourbons, mas seria este o motivo para os patriotas italianos negarem a utilidade da insurreição para a libertação do jugo estrangeiro? A organização em suas formas serve aos autoritários, mas nelas não existe nada de contraditório que nos proíba de delas nos servirmos também.

Todas as dificuldades residem no fundo nas denominações; a uns não agrada o termo "partido", a outros o de "organização". Desta forma alguns criticaram o fato dos anarquistas terem constituído uma federação do Lacio e quererem construir uma italiana bem como existam federações e partidos alemães, holandeses, boêmios, etc. Como se quiséssemos desta forma reconstruir o princípio das nacionalidades! Aí reside verdadeiramente o formalismo, e do pior!...

De maneira alguma, o conceito de organização federal de indivíduos em grupos e de grupos em federações regionais, nacionais e internacionais, é contraditório com os princípios de liberdade do anarquismo.

Esta coerência com o método libertário, no seio da sociedade burguesa, não está reservada às organizações anarquistas. Existem e podem existir associações compostas também por não anarquistas que em seu funcionamento interno sejam libertárias, isso em nada atrapalha, mas ao contrário, facilita as suas metas particulares. Elisée Reclus encontrou exemplos de agrupamentos libertários em povos primitivos que não são regidos pela anarquia; Pedro Kropotkin nos fala de associações libertárias entre animais, entre selvagens, entre os artesãos e nas comunas da idade média. Para demonstrar a existência, na sociedade moderna, de uma forte tendência para o comunismo e a anarquia, Kropotkin e Eliseé Reclus nos trazem numerosos exemplos de associações comerciais, industriais, de beneficência, científicas e artísticas que, muito embora não tendo uma finalidade anarquista, são em sua organização interna bastante libertárias. Se uma tal possibilidade não se exclui para indivíduos não anarquistas, associados para metas absolutamente burguesas, por quê deveríamos excluí-la para nós? Por quê deveríamos negar a possibilidade de associar-nos em bases libertárias nós, que somos anarquistas e que nos propomos uma meta essencialmente anti-burguesa e anti autoritária?

Autonomia e organização estão longe de serem termos contraditórios: ao contrário, exprimem com precisão o conceito que os anarquistas tem do indivíduo e da sociedade. "Autonomia e federação são as duas grandes fórmulas do futuro" - diz nosso amigo Charles Malato - a partir de hoje, é nesta direção que se orientarão os movimentos sociais". Esta é também nossa idéia, pois pensamos que a organização encontra na forma federativa a melhor forma de se desenvolver em um sentido verdadeiramente anarquista.

Roma, 15 de Junho de 1907

# O Conceito Anarquista de Revolução

*Luigi Fabbri*

Uma revolução que, ao menos na Europa latina e especialmente na Itália, não levasse em conta os anarquistas e acreditasse possível desenvolver-se independentemente deles ou contra eles, se defrontaria com os mais graves perigos: o primeiro entre todos seria a guerra civil no seio da própria revolução, o perigo de suscitar uma revolução dentro da própria revolução, antes mesmo que toda possibilidade contra-revolucionária houvesse desaparecido.

Deve-se pensar que na Itália os anarquistas dispõem hoje de uma força numérica nada desprezível[1], que tem uma influência e uma força de irradiação por todos reconhecida e que, num período revolucionário, não poderia senão multiplicar-se.

Trata-se de uma força revolucionária, e não de listas e cédulas eleitorais, com a qual tem que contar todo aquele que deseja seriamente fazer uma revolução, não como um peso-morto que vai ser explorado materialmente no devido tempo, mas como uma força consciente, que tem uma orientação e uma vontade de ação determinadas, com quem as desavenças poderiam ser prejudiciais, não só para os partidos em desacordo, mas também, e sobretudo, para a causa da revolução.

Não se trata, da parte dos anarquistas, de uma questão de honra, de uma presunção ou de um tolo desejo de ser levado em consideração. Os anarquistas têm escasso espírito de partido; não se propõem nenhum fim imediato que não seja a extensão de sua propaganda. Não são um partido de governo, nem um partido de interesses – a menos que por interesse se entenda o do pão e da liberdade para todos os homens -, mas

apenas um partido de idéias. É esta sua debilidade, pela qual lhe está vedado todo o êxito material; e os outros, mais astutos, ou mais fortes, exploram e utilizam os resultados parciais de sua obra.

Porém, esta é também a força dos anarquistas, pois somente encarando as derrotas, eles – os eternos vencidos – preparam a vitória final, a verdadeira vitória. Não possuindo interesses próprios, pessoais ou de grupo, para fazer valer, e rechaçando toda pretensão de domínio sobre as multidões, em cujo meio vivem, e com as quais compartilham as angústias e esperanças, não dão ordens que elas devam obedecer, não lhes pedem nada, mas dizem-lhes: "Vossa sorte será tal qual a forjeis, a salvação está em vocês mesmos, conquiste-a com vosso melhoramento espiritual, com vosso sacrifício e vosso risco. Se quereis, vencereis. Nós não queremos ser, na luta, mais que uma parte de vós."

Se, por conseguinte, os anarquistas fazem freqüentes chamamentos para uma aliança entre todos aqueles que trabalham pela revolução, preocupam-se pelas possíveis discórdias no seio da revolução, o que os motiva é unicamente o desejo de que não se acabe por prejudicar a própria revolução ou por fazê-la mais difícil, com uma intransigência que é mais intolerância, não com as classes e partidos burgueses – diante dos quais não se poderá nunca ser bastante intransigente – mas também em relação as forças e frações proletárias, sinceramente revolucionárias, anti-capitalistas, internacionalistas e inimigas sem concessões das instituições atuais, como são indubitavelmente os anarquistas.

* * *

A intolerância de muitos socialistas, revolucionários também, frente ao anarquismo depende em grande parte de sua absoluta ignorância das idéias, dos fins e dos métodos dos anarquistas.

É assombroso comprovar como pessoas inteligentes do campo socialista, de uma vasta cultura política e econômica, quando se trata de anarquismo não sabem dizer outra coisa que lugares comuns sem sentido, difundidos pela o que há de pior na imprensa burguesa: as afirmações mais absurdas e difamatórias, as interpretações mais tolas. Toda a ciência socialista sobre o anarquismo parece condensada naquele velho libelo no qual Plekhanov, em 1903, despeja sua bílis anti-anarquista, sem respeito algum pela verdade e sem nenhuma honestidade intelectual[2]; ou o bem conhecido livro de Lombroso* sobre os anarquistas, que toma por



documentos verdadeiros informes da polícia e de diretores de presídios, e cataloga, entre os anarquistas, sabe-se lá porque, gente que, em noventa por cento dos casos jamais sonhou em se considerar anarquista.

Nos periódicos, nos livros, nas revistas, têm aparecido inúmeras refutações socialistas do anarquismo; mas salvo louváveis exceções, quase sempre se refutam idéias que não têm absolutamente nada de anarquistas, atribuídas aos anarquistas por ignorância ou por artifício polêmico. Especialmente sobre o conceito de revolução, foram colocadas em circulação pretensas teorias anarquistas tão extravagantes que nos fazem duvidar da boa fé daqueles que as enunciam. Quanta tinta desperdiçada para demonstrar aos "iludidos anarquistas" que a revolução não se faz com pedras, com velhos fuzis ou com alguns revólveres, que as barricadas já não correspondem às necessidades da luta atual! Que os movimentos isolados e improvisados não bastam! Que os atentados individuais, por si só, não fazem a revolução! Que o motim é uma coisa e a revolução é outra! E assim sucessivamente, com descobertas peregrinas de semelhante teor, ignorando, ou fingindo ignorar, que os anarquistas têm da revolução social um conceito mais exato e mais prático ao mesmo tempo, segundo o significado etimológico, tradicional e histórico da palavra.

A revolução, na linguagem política e social – e também na linguagem popular -, é um movimento geral, através do qual um povo ou uma classe, saindo da legalidade e transformando as instituições vigentes, despedaçando o pacto leonino imposto pelos dominadores às classes dominadas, com uma série mais ou menos larga de insurreições, revoltas, motins, atentados e lutas de toda a espécie, abate definitivamente o regime político e social ao qual até então estava submetido e instaura uma nova ordem.

A derrubada do regime se faz em geral num tempo relativamente breve: em poucos dias a revolução de julho de 1830 substituiu na França uma dinastia por outra; em pouco mais de um ano, a revolução italiana de 1848; em seis ou sete anos a revolução francesa de 1789; em uma dezena de anos a revolução inglesa da metade do século XVII. A revolução, é portanto, a demolição de fato de um regime político e social preexistente, é em essência a culminação de uma evolução anterior que se traduz na realidade material rompendo violentamente as formas sociais e o invólucro político que deixou de ser apto para contê-la. Acaba com o retorno a um estado normal, quando a luta cessou, seja porque a vitória permitiu à revolução instaurar um novo regime, seja porque sua derrota, parcial ou

total, restaure, em parte ou totalmente, o antigo, dando lugar a contra-revolução.

A característica principal, pela qual se pode dizer que a revolução começou, é o rompimento da legalidade, a ruptura do equilíbrio e disciplina estatais, a ação impune e vitoriosa das ruas contra a lei. Antes de fatos específicos e resolutos deste gênero não há revolução ainda. Pode haver um estado de ânimo revolucionário, uma preparação revolucionária, uma conjunção de fatores mais ou menos favoráveis a revolução; podem acontecer episódios mais ou menos afortunados de revoltas, tentativas insurrecionais, greves violentas ou não, demonstrações sangrentas, atentados etc. Porém, enquanto a força se encontrar ao lado da velha lei e do velho poder, não entramos todavia num período revolucionário.

A luta contra o Estado, defensor armado do regime, é pois, a condição sine qua non da revolução. Esta tende a limitar o máximo possível o poder do Estado e a desenvolver o espírito de liberdade; a impulsionar até o máximo limite o povo, os súditos da véspera, os explorados e oprimidos, em direção ao uso de todas as liberdades individuais e coletivas.

No exercício da liberdade, não limitada por leis e governos, é que reside a salvação de toda revolução, a garantia de que ela não seja limitada nem detida em seus progressos; sua melhor salvaguarda contra as tentativas internas e externas de despedaçá-la.

* * *

Alguns dizem: "Compreendemos que vocês, sendo anarquistas, contrários a toda idéia de governo, sejam adversários da ditadura, que é a sua expressão mais autoritária; mas não se trata de propô-la como um fim e sim como um meio, antipático talvez, mas necessário, como a violência é também um meio necessário, mas antipático durante o período provisório revolucionário, indispensável para vencer as resistências e os contra-ataques burgueses."

Uma coisa é a violência e outra a autoridade governamental, seja esta uma ditadura ou não. Ainda que, é verdade, todas as autoridades governamentais se baseiem na violência, seria inexato e errôneo dizer que toda "violência" é um ato de autoridade, deduzindo disso que, se é necessária a primeira, se faz necessária a segunda.

A violência é um meio que assume o caráter da finalidade para qual é adotada, da forma em que é empregada e das pessoas de que dela



se servem. É um ato de autoridade quando se adota para impor aos demais uma conduta ao gosto de quem manda, quando é emanação governamental ou patronal e serve para manter a escravidão dos povos e classes, para impedir a liberdade individual dos súditos, para fazer obedecer pela força. É, ao contrário, violência libertária, quero dizer, ato de liberdade e de libertação, quando é empregada contra quem manda por quem já não quer obedecer; quando está dirigida a impedir, diminuir ou destruir uma escravidão qualquer, individual ou coletiva, econômica ou política, e é adotada pelos oprimidos diretamente, indivíduos, povos ou classes, contra o governo e as classes dominantes. Tal violência é a revolução em ação. Mas cessa de ser libertária, e por conseguinte, revolucionária, quando logo depois de vencido o velho poder, que ela mesma combateu, converte-se em poder e se cristaliza em uma forma qualquer de governo.

Este é o momento mais perigoso de toda revolução: quando a violência libertária e revolucionária vencedora se transforma em violência autoritária e contra-revolucionária, moderadora e limitadora da vitória popular insurrecional; é o momento em que a revolução pode devorar-se a si mesma, quando adquire tendências jacobinas, estatais, que até agora, através do socialismo marxista, se manifestaram favoráveis ao estabelecimento de um governo ditatorial. Um dever específico dos anarquistas, derivado de suas próprias concepções teóricas e práticas, é o de reagir contra tais tendências autoritárias e liberticidas com a propaganda hoje e com a ação amanhã.

Aqueles que fazem uma distinção entre o anarquismo teórico e o anarquismo prático, para sustentar que o anarquismo prático não deveria ser anarquista, mas sim ditatorial, não compreenderam bem a essência do anarquismo, na qual não é possível dividir a teoria da prática, já que para os anarquistas a teoria surge da prática, e esta por sua vez é um guia de conduta, uma verdadeira pedagogia da ação.

* * *

Muitos acreditam que o anarquismo consiste somente na afirmação revolucionária e ideal de uma sociedade sem governo para instaurar no futuro, sem relação com a realidade atual. Assim sendo, hoje poderíamos e deveríamos trabalhar em contradição com os fins a que nos propomos, sem escrúpulos ou limites. Assim, enquanto se espera o futuro, nos aconselham a votar provisoriamente nas eleições, assim como hoje nos

propõe que aceitemos provisoriamente a ditadura chamada de proletária ou revolucionária.

Mas nada disso. Se fôssemos anarquistas somente nos fins e não nos meios, nosso partido seria inútil; porque a frase de Bovio de que é anárquico o pensamento e em direção ao anarquismo marcha a história pode ser dita e aprovada (e com efeito, muitos dizem assinar embaixo) também por aqueles que militam em outros partidos progressistas. O que nos distingue na prática, é que não apenas temos um propósito anarquista, como também um movimento anarquista, uma metodologia anarquista, e pensamos que o caminho a percorrer, seja durante o período preparatório de propaganda, seja no revolucionário, é o caminho da liberdade.

A função do anarquismo não é tanto a de prefetizar um futuro de liberdade, mas a de prepará-lo. Se tudo no anarquismo se resolvesse numa visão longínqua de uma sociedade sem Estado, ou na afirmação de direitos individuais, ou numa questão puramente espiritual, ainda a liberdade vivida e conferente somente às consciências particulares, não haveria nenhuma necessidade de um movimento político e social anarquista. Se o anarquismo fosse uma simples ética individual, para que cada um a cultivasse dentro de si mesmo, adaptando-se ao mesmo tempo na vida material a atos e movimentos contraditórios com ela, poderíamos nos chamar anarquistas e pertencer ao mesmo tempo a diversos partidos; e poderiam ser chamados de anarquistas muitos, que apesar de serem no terreno espiritual e intelectual emancipados, são e permanecem no terreno prático nossos inimigos.

Porém, o anarquismo é outra coisa. Não é um meio para fechar-se numa torre de marfim, e sim uma manifestação do povo, proletária e revolucionária, uma ativa participação no movimento de emancipação humana com critério e finalidade igualitários e libertários ao mesmo tempo. A parte mais importante de nosso programa não consiste somente no sonho, que todavia desejamos que se realize, de uma sociedade sem patrões e sem governos, mas sobretudo, na concepção libertária da revolução, na revolução contra o Estado e não por meio do Estado, na idéia de que a liberdade não somente é o calor vital que animará o novo mundo, mas também, e sobretudo hoje mesmo, uma arma de combate contra o velho mundo. Neste sentido, o anarquismo é uma verdadeira teoria da revolução.

Tanto a propaganda de hoje, como a revolução de amanhã, têm e terão, por conseguinte, necessidade do máximo possível de liberdade para desenvolver-se. Isto não impede que deva e possa prosseguir o mesmo



estado de coisas, ainda que uma porção menor ou maior de liberdade nos seja tirada; mas nosso interesse é ter e querer a maior liberdade possível. De outro modo, não seríamos anarquistas. Em outras palavras, nós pensamos que quanto mais libertariamente trabalhemos, tanto mais contribuiremos, não só para aproximação rumo ao anarquismo, mas também para consolidar a revolução; ao contrário, nos distanciaremos e debilitaremos a revolução toda vez que recorramos a sistemas autoritários. Defender a liberdade para nós e para todos, combater por uma liberdade cada vez mais ampla e completa, tal é, nossa função de hoje, de amanhã e de sempre, na teoria e na prática.

* * *

Liberdade também para nossos inimigos? Nos perguntam. A pergunta é ingênua e equivoca. Com os inimigos não se reconhece nenhum direito, nem sequer o de viver. Se eles forem somente inimigos... teóricos, se os encontramos desarmados, na impossibilidade de atentar contra nossa liberdade, despojados de todo o privilégio e portanto em igualdade de condições, então seria admissível. Porém, preocupar-nos com a liberdade de nossos inimigos, quando nos temos somente um pobre diário e uns poucos semanários, enquanto eles possuem centenas de diários de grande tiragem; quando eles estão armados e nos desarmados; enquanto eles estão no poder e nos somos os súditos; enquanto eles são ricos e nós pobres; seria ridículo! Seria reconhecer a um assassino a liberdade de matar-nos! Tal liberdade nos negamos e negaremos sempre, ainda no período revolucionário, enquanto eles conservem suas condições de carrascos e nos não tenhamos conquistado completamente nossa liberdade, não apenas de direito, mas de fato.

No entanto, esta liberdade, não poderemos conquistá-la senão empregando-a também como instrumento, onde a ação dependa de nós; quer dizer, dando, desde hoje, uma direção sempre mais livre e libertária a nosso movimento, ao movimento proletário e popular; desenvolvendo o espírito de liberdade, de autonomia e de livre iniciativa no seio das massas; educando a estas numa intolerância cada vez maior contra todo poder autoritário e político, estimulando o espírito de independência de juízo e de ação contra todos os chefes de toda a espécie; acostumando o povo ao desprezo em relação a todo limite e disciplina impostos pelos outros e desde cima, quer dizer, que não seja um limite da própria consciência e a

disciplina livremente escolhidas e aceitas, apoiadas enquanto sejam consideradas boas e úteis aos fins revolucionários e libertários a que nos propomos.

É claro que uma massa educada nesta escola, um movimento que tenha esta direção (como é o movimento anarquista) encontrarão na revolução a ocasião e o meio para desenvolverem-se em seu sentido próprio até limites hoje sequer inimagináveis, e este será o obstáculo natural e voluntário, ao mesmo tempo, para a formação e respaldo a qualquer governo mais ou menos ditatorial. Entre este movimento rumo a uma crescente liberdade e a tendência centralizadora e ditatorial, não pode existir mais que um conflito, mais ou menos forte e violento, com maiores ou menores tréguas segundo as circunstâncias. Mas nunca poderá haver harmonia!

E isto há de ocorrer não por uma ilusão exclusivamente doutrinária e abstrata, mas porque os negadores do poder – é este, repetimos o ponto mais importante da teoria anarquista, que quer ser a mais prática das teorias – pensam que a revolução sem liberdade nos levaria a uma nova tirania; que o governo, pelo simples fato de sê-lo, tende a deter e limitar a revolução. É de interesse da revolução e de seu progressivo desenvolvimento combater e obstaculizar toda a centralização de poderes, impedir a formação de todo governo, se é possível; ou impedir ao menos que se reforce, se faça estável e se consolide. Vale dizer que, o interesse da revolução é contrário a tendência de ditadura, por proletária ou revolucionária que se diga, a fazer-se forte, estável e sólida.

* * *

Mas não! Replicam outros; se trataria de uma ditadura provisória, enquanto dure o trabalho de destruição da burguesia, com o fim de combatê-la, de vencê-la, de expropriá-la. Quando se diz ditadura, se subentende sempre provisória, ainda no significado burguês e histórico da palavra. Todas as ditaduras, nos tempos passados, foram provisórias nas intenções de seus promotores e, normalmente, também de fato.

As intenções em tal caso valem pouco, já que se trata de formar um organismo complexo que seguiria sua natureza, suas leis e anularia toda intenção anterior contrária ou limitadora. O que devemos ver é: primeiro, se as conseqüências do regime ditatorial são mais daninhas que vantajosas para a revolução; segundo, se os fins destrutivos e



reconstrutivos para os quais se quer a ditadura não podem ser alcançados também, ou melhor ainda, sem ela, pelo amplo caminho da liberdade.

Nós acreditamos que isto é possível, e que a revolução é mais forte, mais difícil de derrotar, quando não tem um centro onde possa ser ferida; quando está em todas as partes, sobre todos os pontos do território e em todas as partes o povo procede livremente e realiza os fins principais da revolução: a destruição da autoridade e a expropriação dos capitalistas.

* * *

Quando censuramos, na concepção ditatorial da revolução, o grave erro de impor a vontade de uma pequena minoria sobre a grande maioria da população, nos respondem que as revoluções são feitas pelas minorias.

Também na literatura anarquista se encontra amiúde repetida esta expressão, que contém efetivamente uma grande verdade histórica. Todavia, é preciso compreendê-la em seu verdadeiro significado revolucionário e não dar-lhe, como os bolcheviques o fizeram, um sentido que nunca teve antes de agora.

Que as revoluções sejam feitas pelas minorias é verdade ... até certo ponto. As minorias, na realidade, destroçam as primeiras portas, abatem os primeiros obstáculos, já que se atrevem a realizar aquilo que amedronta as maiorias inertes ou medrosas, em seu amor à vida sossegada e em seu temor aos riscos. Porém, se uma vez destroçadas as primeiras travas, as massas populares não seguem as minorias audazes, o ato destas será seguido pela reação do velho regime, que busca a revanche, ou então a situação se resolve simplesmente com a substituição de uma dominação por outra. Enfim, é preciso que a minoria rebelde tenha mais ou menos o consentimento da maioria, que interprete suas necessidades e sentimentos latentes e, vencido o primeiro obstáculo, realize as aspirações populares, deixe as massas em liberdade, para organizar-se a seu modo e chegue a ser, em certo sentido, maioria.

Se isto não ocorrer, não diremos por isso que a minoria deixe de ter o mesmo direito que antes à revolta. Segundo o conceito anarquista de liberdade, todos os oprimidos têm direito a rebelar-se contra a opressão, o indivíduo e a coletividade, as minorias e as maiorias. Mas, uma coisa é rebelar-se contra a opressão e outra é converter-se em opressor, como muitas vezes temos dito. Ainda quando as maiorias toleram a opressão

ou sejam cúmplices dos opressores, a minoria que se sinta oprimida tem o direito a rebelar-se, a desejar sua liberdade. Porém o mesmo, ou maior, direito teria a maioria contra qualquer minoria que pretendesse subjugá-la com algum pretexto.

Ademais, nos fatos reais, os opressores constituem sempre uma minoria, seja quando oprimem abertamente em seu próprio nome, seja quando exercem a opressão em nome de hipotéticas coletividades ou maiorias. Por conseguinte, a revolta é a princípio, obra de uma minoria consciente, insurgente em meio de uma maioria oprimida, contra outra minoria tirânica; mas para que tal revolta se transforme em revolução, podendo ter eficácia renovadora e libertadora, é preciso que, com seu exemplo, consiga sacudir a maioria, arrastá-la, colocá-la em movimento, conquistar seu apoio e adesão.

Abandonada ou rechaçada pelas maiorias populares, a revolução, se é derrotada, passará à História como um movimento heróico e malogrado, fecundo precursor dos tempos, etapa sangrenta, mas indispensável, de uma segura vitória no futuro. Por outro lado, se resulta vencedora a minoria rebelde, e se converte em dona do poder, mesmo sem o apoio da maioria, um novo jugo cairá sobre o colo dos súditos, a minoria acabaria matando a mesma revolução por ela suscitada.

Em certo sentido, se poderia dizer que se uma minoria rebelde não logra com seu ímpeto arrastar atrás de si a maioria dos oprimidos, seria mais útil para a revolução que fosse derrotada e sacrificada. Já que, se com a vitória ela se visse transformada em opressora, acabaria extinguindo nas massas toda fé na revolução, fazendo talvez odiosa uma revolução da qual surge nada menos que uma nova tirania, cujo peso e cujo mal seria sentido por todos os revolucionários, qualquer que fosse o pretexto ou nome com o qual se cubrisse.

* * *

Especialmente depois da Revolução Russa, a idéia do poder ditatorial da revolução está sendo difundida como um meio necessário de luta contra os inimigos internos, contra as tentativas dos ex-dominadores, desejosos de reconquistar o poder econômico e político. O governo serviria, pois, para organizar nos primeiros momentos, de maior perigo, o terrorismo anti-burguês na defesa da revolução.[3]

Não negamos absolutamente a necessidade do uso do terror,



especialmente quando correm em auxílio dos inimigos internos, com suas forças armadas, os inimigos externos. O terrorismo revolucionário é uma conseqüência inevitável toda vez que o território onde a revolução não se afirmou suficientemente é invadido por exércitos reacionários. Toda emboscada da contra-revolução no interior é demasiado funesta em tais circunstâncias, e por isso, deve ser exterminada a sangue e fogo.

A lenda de Brutus, que manda ao patíbulo seus filhos, cúmplices, no interior dos Tarquínios expulsos de Roma, e ameaçam a liberdade romana encabeçando um exército estrangeiro, é o símbolo desta trágica necessidade do terror. Assim, na França, em 1792, se sentiu a necessidade de exterminar aos nobres, sacerdotes e reacionários, quando Brunswick se aproximava de maneira ameaçadora de Paris, guiado por emigrados.

O terror se faz inevitável quando a revolução está assediada por todas as partes. Sem a ameaça externa, as ameaças contra-revolucionárias internas não causariam muito medo, basta para deixá-las inativas a visão de sua impotência material. Deixá-las tranqüilas pode ser igualmente um erro, e quiçá um perigo para o futuro, mas não constitui risco imediato.

Por isso, podem alguns deixar-se arrastar por um sentimento de generosidade e piedade para com seus inimigos. Mas, quando estes inimigos têm, para lá das fronteiras, forças armadas prontas para intervir em seu socorro, então se convertem num perigo, que se faz tanto mais forte quanto mais avança desde fora o outro perigo. Sua supressão chega então a ser questão de vida ou morte.

Quanto mais inexorável é a revolução em tais emergências, tanto melhor consegue evitar maiores lutas no futuro. Uma excessiva tolerância de hoje poderia amanhã fazer necessário um rigor duplamente grave[4]. Se depois esta tolerância tivesse por conseqüência a derrota da revolução, tremendos estragos, muito maiores, viriam a castigar a debilidade com o terror branco da contra-revolução!

Não é preciso, por outro lado, valorizar demasiadamente a retórica de alarde que faz a imprensa burguesa para vituperar e caluniar o terrorismo revolucionário. Há cinco anos não fazem mais do que falar dos horrores e matanças, das infamias, das desordens revolucionárias de Petrogrado e de Moscou. Todavia, se alguém tiver a paciência de ir às bibliotecas, revisar os diários de Roma, Turim, Viena, Coblenza, Berlim, Londres e Madri, desde 1789 até 1815 aproximadamente, leria idênticas palavras de horror sobre as matanças, as infâmias e as desordens da revolução francesa, que hoje é chamada por todos de A Grande Revolução.

Os que recordam a época da Comuna de Paris de 1871, lembrarão com que linguagem repugnante se falava das "matanças" dos comunalistas: não havia palavras o bastante para que os degradassem como aos piores assassinos. Não obstante, quantos apologistas da comuna parisiense existem hoje entre os detratores da comuna moscovita!

Os patriotas italianos sinceros devem recordar as infâmias que se escreviam nos periódicos moderados e bonapartistas parisienses – de acordo com os periódicos clericais vienenses - contra a república romana de 1849, e como então se escandalizaram e horrorizaram as almas puras pelas matanças atribuídas aos carbonários e aos mazzinianos. Também sobre a Revolução Russa se saberá um dia a verdadeira realidade, e talvez muitos de seus atuais difamadores se convencerão. Então, provavelmente, os únicos que persistirão na crítica serão... os anarquistas!

* * *

Nenhum direito tem a burguesia de escandalizar-se com o terrorismo da Revolução Russa, quando em suas revoluções fizeram largo uso do terror em seu benefício, empregando-o contra o povo com uma ferocidade que nenhuma revolução alcançou jamais, toda vez que se tentou sacudir o jugo do poder.

Como anarquistas, no entanto, nós expressamos todas as nossas reservas, não contra o uso do terror em linhas gerais, mas contra o terrorismo codificado, legalizado, convertido em instrumento de governo, ainda que se diga um governo revolucionário. O terrorismo autoritário, na realidade, pelo fato ser tal coisa, cessa de ser revolucionário, transforma-se numa ameaça perene para a revolução e causa de sua debilidade. A violência encontra sua justificativa na luta e na necessidade de se libertar de uma opressão violenta; mas a legalização da violência, o governo violento, é por si mesmo uma prepotência, uma nova opressão.

Resulta em debilidade para o terrorismo revolucionário, ser exercido não em forma livre pelo povo e somente contra seus inimigos, mas unicamente pelo governo, com a conseqüência natural de que o governo persiga, ao mesmo tempo, os verdadeiros inimigos da revolução e também os revolucionários sinceros, mais avançados que ele, mais incômodos. Além disso, o terrorismo, como ato de autoridade governamental é mais suscetível de recolher aquelas antipatias e aversões populares que sempre se voltam contra todo governo, de qualquer espécie



que seja, e somente porque é governo. O governo, ainda quando recorra a medidas radicais, como conseqüência da responsabilidade que pesa sobre ele e de todo conjunto de influências que sofre do exterior e do interior, é levado, inevitavelmente, à considerações e a atos mais violentos ou mais suaves por critérios sugeridos muito mais do que pelo interesse do povo e da revolução, pela necessidade de defender seu poder, sua segurança pessoal presente, futura ou o mero bom nome de seus componentes.

Para desembaraçar-se em cada lugar da burguesia, para proceder a realização daquelas medidas sumárias que podem ser necessárias numa revolução, não há necessidade de ordens de cima. Pois, quem está no poder por um sentido natural de responsabilidade, pode ter vacilações e escrúpulos perigosos que as massas não têm. A ação direta popular – que poderíamos chamar de terrorismo libertário – é, portanto, sempre mais radical, sem contar que, localmente, se pode saber onde e como atuar muito melhor que desde o poder central, o qual está obrigado a confiar em tribunais, muito menos justos e ao mesmo tempo mais ferozes que a sumária justiça popular. Estes tribunais, ainda quando realizam atos de verdadeira justiça, não trabalham por sentimento e sim por mandato, se fazem, por conseguinte, antipáticos ao povo por sua frieza e se sentem inclinados a cercar seus atos de crueldade, talvez necessária, da teatralidade inútil e da hipócrita ostentação de uma igualdade legislativa inexistente e impossível.

Em todas as revoluções, tão logo a justiça popular se torna legal, organizada de cima, se transforma em injustiça. Se faz mais cruel e é levada também a ferir aos próprios revolucionários, a respeitar freqüentemente aos inimigos, a converter-se num instrumento do poder central no sentido cada vez mais repressivo e contra-revolucionário. Mas, não somente como instrumento da violência destrutiva se pode prescindir do poder do Estado na revolução, como também a própria violência é mais eficaz e radical quanto menos se concentra numa autoridade determinada.

* * *

Àqueles que, contra nossos argumentos, opõem os fatos da Rússia, responderemos que lá o experimento está, todavia, em curso e que é demasiado prematuro tomá-lo como base que sirva como prova de verdade. Citam aqui e acolá os decretos emanados do governo dos soviets,

antes de 1870 no mundo novo da Internacional" [21]. Chegada a hora do refluxo, essa geração anarquistas pôde ver, completamente expostas algumas fissuras nas bases de construção na qual seus adeptos se achavam empenhados até 1870, "ainda se conservava a esperança de que as massas se levantariam, e essa esperança diminuiu"[22], lê-se no mesmo texto de Nettlau. Veio, então, o trágico reconhecimento de que "estava-se mais isolado do que se acreditava".[23]

Isso foi revelado, particularmente, por alguns acontecimentos da Comuna de Paris. Uma passagem de *Evolução, revolução e ideal anarquista*, de Elisée Reclus, retrata, de modo eloqüente, o fenômeno assinalado por Nettlau, e traduz, sem dissimulações, o estado de ânimo dos anarquistas daquele momento. Na qualidade de participante domovimento e agora preocupado com o que chamou de "oscilações das multidões", Reclus evoca um episódio que era, provavelmente, uma lembrança ainda viva para ele e para muitos dos seus companheiros: "(...) da multidão dos indivíduos apertados uns contra os outros desprende-se facilmente uma alma comum inteiramente subjugada por uma mesma paixão, deixando-se arrastar aos mesmos gritos de entusiasmo ou às mesmas vociferações, formando um ser único com as suas mil vozes frenéticas de amor ou de ódio. Em alguns dias, em algumas horas, o redemoinho dos acontecimentos leva a mesma multidão às mais contrárias manifestações de apoteose ou maldição. Os que, dentre os nossos, combateram pela Comuna conhecem essas terríveis ressacas da vaga humana. À partida para os postos avançados, seguiam-nos com tocantes saudações, brilhantes lágrimas de admiração nos olhos dos que nos aclamavam, as mulheres agitavam os lenços ternamente. Mas que acolhimento se fez aos heróis da véspera que, tendo escapado à matança, voltaram como prisioneiros entre duas filas de soldados! Em muitos bairros, o populacho compunha-se dos mesmos indivíduos: mas que contraste absoluto em seus sentimentos e atitudes! Que concerto de gritos e maldições! Que ferocidade nas palavras de ódio! Morra! Morra! À metralhadora! Ao moinho de café! À guilhotina!"[24].

Outro testemunho do desalento existente entre os anarquistas encontra-se num texto de Andrea Costa, um dos responsáveis pela revolta de 1874, na Itália, redigido em 1877, antes, portanto, de abandonar as fileiras libertárias. Não só por isso, no entanto, ganha interesse o seu depoimento; nele, Costa faz uma severa crítica aos métodos que vinham sendo empregados para alcançar a revolução social e deixa umas tantas sugestões, as quais, mais tarde terminariam por se generalizar nos meios



comunistas libertários: "(...) por intermédio de conspiração pode-se alcançar uma mudança de forma de governo; pode-se, também, eliminar um princípio e substituí-lo por outro, porém desse modo não é possível realizar a revolução social (...) Para levá-la a cabo é necessário difundir amplamente os novos princípios entre a massa popular, ou melhor dizendo, reavivá-los em seu espírito, porque se encontram latentes por instinto, e organizar os trabalhadores e todo mundo de modo que a revolução se produza por si mesma, de baixo para cima, e não ao contrário, pelo império de leis e decretos, quando se termina por recorrer à força. E isso exige inevitavelmente publicidade, já que não se pode imaginar uma propaganda de tão vasto alcance no círculo forçosamente restrito de uma conspiração"[25]

Por fim, há uma sugestiva página de Kropotkin nesse sentido, no artigo "Teoria e Prática", publicado em *Le Révolté*: "se, em março de 1871, alguém tivesse questionado todos aqueles que se empenharam pelo advento da Comuna sobre o que era necessário para a solução da questão do pão e do trabalho – que terrível cacofonia de respostas contraditórias ouviria! Seria necessário tomar posse das fábricas em nome da Comuna de Paris? Poder-se-ia lançar mão das casas e proclamá-las propriedade da cidade insurreta? Seria necessário tomar posse de todos os víveres e promover o racionamento? Seria preciso proclamar todas as riquezas acumuladas em Paris propriedade comum do povo francês e utilizar esses meios poderosos na libertação de toda a nação? O povo não tinha nenhuma opinião formada sobre essas questões. Preocupada com as necessidades da luta imediata, a Internacional negligenciou a discussão profunda destas questões (...) Longe de nós a idéia de elaborar um programa prévio para o caso de uma revolução (...) Mas, o que importa fixar, é o fim que se pretende atingir. E não somente fixá-lo, mas divulgá-lo, pela palavra e pelos atos, de maneira a torná-lo eminentemente popular, tão popular que, no dia do movimento, ele esteja em todas as bocas. Tarefa muito maior e mais necessária do que geralmente se imagina (...)"[26].

Em tal ambiente, onde derrotas, perseguições e frustrações no terreno da ação revolucionária entrelaçavam-se com situações sociais e políticas novas, é que os anarquistas, como diz Max Nettlau, "intensificaram seja a teoria, seja o método de ação"[27], e "estas duas tendências", prossegue Nettlau, "conduziram, em 1876, à idéia do comunismo anarquista e à tática da ação insurrecional, ou propaganda pela ação"[28]. A maioria dos anarquistas se inclinou pela primeira opção, mas em ambos os casos havia uma desilusão com as massas, tidas como

mas para compreender se são bons, seria preciso saber como e até que ponto foram aplicados, conhecer seus resultados etc. Para deduzir que lá se fez bem seria necessário que o experimento tivesse acabado, com a vitória ou com a derrota, a fim de saber e compreender se a ditadura ajudou ou atrapalhou, mais num ou noutro sentido. Atualmente podem garantir os partidários da ditadura revolucionária que uma das causas das condições terríveis nas quais a Revolução Russa se debate não sejam justamente sua direção excessivamente autoritária ditatorial? Não, por certo.

Nós, com o maior sentido de objetividade que nos foi possível, dada nossa paixão de homens de partido, examinamos num capítulo precedente as condições criadas na Rússia pela ditadura e sua relação com a questão da liberdade. E, por este lado, as conclusões não são na verdade muito alentadoras. Mas, nosso fim não é o de se erigir em juízes, nem tampouco o de fazer da crítica histórica um fim em si mesmo, mas examinar as idéias e os fatos tendo em conta o que poderia ser a revolução em nossos países. Nós podemos admitir ainda que na Rússia as coisas não puderam ir de outro modo e que nada se pode fazer de forma diferente do que foi feito. Porém, é certo que nos países ocidentais não se poderá fazer o mesmo que na Rússia.

Nossas considerações aspiram, sobretudo, a serem válidas no lugar onde vivemos, como norma e guia de uma eventual revolução mais ou menos próxima. Temos o dever de não imitar cegamente o que se diz ou imaginamos que tenha sucedido na Rússia ou em outra parte, mas preparar de maneira positiva o terreno para nossa revolução, vendo o que convém e o que não convém para seu triunfo, dadas as nossas condições, os meios de que dispomos e os fins a que nos propomos com a revolução aqui, em nosso ambiente, com nossos sentimentos e nossas idéias.

Aqueles que citam aqui e acolá a Lênin, devem recordar com este propósito o honesto conselho que ele deu aos revolucionários da Hungria, quando estourou ali a desgraçada revolução que há pouco acabou, advertindo-os que tivessem cuidado em não copiar o que havia acontecido na Rússia, porque ali haviam cometido erros que eram necessários evitar, e também porque o que podia ser útil, necessário e inevitável na Rússia, podia ser, ao contrário, supérfluo ou nocivo em outras partes. O conselho de Lênin é bom para os revolucionários de todos os países, inclusive os da Itália.



## Notas:

[1] A revelação desta força, no Congresso da *União Anarquista Italiana*, acontecido em Bolonha de 1º a 4 de julho de 1920, foi uma surpresa para os próprios anarquistas. Existem hoje na Itália dezenas de milhares de anarquistas, reunidos em algumas centenas de grupos. Além de seis ou sete periódicos, semanais ou quinzenais, o anarquismo tem na Itália um diário (*Umanitá Nuova*, de Milão) que recolheu em um ano mais de um milhão de liras em assinaturas voluntárias, com um movimento de caixa que supera o milhão e com uma tiragem que flutua ao redor de 50 mil exemplares. Por outro lado, existe ao lado do movimento anarquista, o movimento operário da *União Sindical Italiana* que, ainda sendo completamente autônoma de toda a política de partido, tem um sentido explicitamente libertário, conta com dirigentes que são em sua maioria anarquistas militantes e com mais de 300 mil filiados.
(1922) Quando foi escrita a nota acima, o ciclo incendiário e homicida fascista não havia destruído ainda grande parte de tudo isso: organizações e periódicos. Porém, os homens, exceção feita a poucas defecções, estão de pé. Portanto, podemos dizer que nada foi perdido.

[2] Mais da metade deste livro já estava impresso quando apareceu, publicado em *Avanti!* (Milão, 1920) , um novo livro de Lênin, *Stato e Rivoluzione*, no qual ele reconhece a superficialidade de Plekhanov, que tratou do tema *evitando completamente aquilo que era mais atual e politicamente essencial* nas diferenças entre o socialismo e o anarquismo, acompanhando a parte histórica *com considerações filistéias e vulgares tendendo e demonstrar que um anarquista dificilmente pode ser distinguido de um bandido.* Lênin, *Stato e Rivoluzione*, p. 118.

[*] Cesare Lombroso foi o criminalista italiano que classificou o anarquismo como um desvio de personalidade de tipo criminoso, chegando a traçar parâmetros como tamanho de crânio, formato de nariz, de olhos etc., que caracterizariam biologicamente um anarquista, fez isso em um livro intitulado *Los Anarquistas*. Ainda hoje no Brasil, nas academias de polícia, se estudam livros de Lombroso, e os policiais aprendem a identificar criminosos natos, ou "biocriminosos" por traços da face.

[3] Falamos de "terrorismo" não em seu significado particular de política terrorista de governo, mas no sentido geral de uso da violência até os extremos limites mais mortíferos, que pode realizar-se tanto por um governo, por intermédio de seu corpo armado, como diretamente pelo povo, no curso de um motim e durante a revolução.

[4] Neste sentido Bovio dizia que a Revolução "comete piedosamente atos cruéis e evita a feminina piedade; absolve um assassinato e condena aos Soderini" (família de muitas posses na época). G. Bovio. *Dottrina dei pertiti in Europa*. Nápoles, 1886. p. 137.

# Revolução e Expropriação

*Luigi Fabbri*

Da revolução surgirá um estado de coisas que será o resultado do livre desenvolvimento das forças populares no seio da própria revolução, da vontade do proletariado, emancipado do jugo patronal e governamental, e reorganizado na forma que acreditar mais conveniente. Os organismos novos que se formem para prover as necessidades da vida social, as várias agrupações, pequenas ou grandes, locais ou regionais, nacionais ou internacionais, criadas pelo impulso das mais variadas necessidades, serão o que seus componentes queiram.

O importante (afim de que a revolução não tenha sido feita inutilmente) é que ninguém possa explorar o trabalho alheio, que ninguém se encontre obrigado a trabalhar para outros, que as pessoas não devem ser forçadas a viver numa forma de organização imposta por outros, e que as distintas agrupações sejam livres para desenvolver sua própria atividade na órbita do bem coletivo (quer dizer de forma que não se prejudique os demais) e de cooperar com aqueles com os quais possuem identidade ou alguma necessidade comum.

Quando o proletariado tiver se desembaraçado de seus dominadores políticos e econômicos, o maior dos erros seria impor, contra a sua vontade, um tipo único de organização social que, por perfeita que seja em teoria, perderá toda as suas virtudes, pelo simples fato de ser imposta pela força. A imposição violenta, por obra de um governo central e ditatorial, poderá ter o êxito momentâneo e aparente das coisas feitas por imposição. Porém, quando naturalmente o esforço violento dos ditadores se esgotar, a revolta, por muito tempo comprimida, estourará; e os governantes deverão admitir

que por sua conta e risco contribuíram para tornar odioso entre as massas aquele ideal em nome do qual haviam exercido a autoridade e a coerção.

* * *

Uma das razões favoráveis à ditadura, que levantam os socialistas, é que teremos necessidade de um período de "governo forte" proletário, durante e depois da revolução, para fazer e levar ao fim a expropriação dos capitalistas. "Conquistemos com a revolução o governo e, por meio dos poderes públicos formados eleitoralmente ou insurrecionalmente somente pelos proletários, de um modo gradual, por um período mais ou menos grande, mas sempre de alguns anos, procederemos a expropriação legal da burguesia. *Continuarão existindo burgueses não expropriados todavia; haverá ainda duas classes: o proletariado, classe dominante, e a burguesia, dominada e a caminho de sua gradual eliminação.*[1]

Aqueles que falam assim concebem a revolução segundo o velho sentido político. Ou seja, querem uma revolução política. Assim, como pensam que chegarão ao poder os socialistas, depois, segundo eles, serão estes que farão por meio do governo a revolução social. É uma daquelas formas de socialismo utópico que Friedrich Engels criticava perto de 1878 polemizando com Dühring, demonstrando como sendo a força econômica a causa primeira do poder político, este não pode manter-se em mãos do proletariado se ele não transforma, antes de tudo, os instrumentos de produção em propriedade do Estado, quer dizer se primeiro não se leva a cabo a expropriação.

Os anarquistas, como se sabe, querem fazer de outro modo a expropriação, e já dissemos como é distinta a nossa concepção das relações entre Estado e capitalismo. Os instrumentos de produção deverão passar diretamente às mãos dos trabalhadores, de seus organismos de produção. Nós pensamos, além disso, que o poder político não é somente efeito da força econômica, mas que um e outro são, alternadamente, causa e efeito. Disso já nos ocupamos detalhadamente em páginas anteriores.

Mas, ainda que abrindo mão das razões particulares sugeridas pela concepção anarquista, e seguindo as idéias gerais admitidas pelos socialistas, em especial pelos marxistas, nos parece que é radicalmente errônea a opinião daqueles que tentam subtrair da ação insurrecional das massas a tarefa da expropriação, para confiá-la a um governo revolucionário ou pós-revolucionário.



Nós não acreditamos nas virtudes reconstrutivas e organizadoras do Estado e por isso somos anarquistas; mas também aqueles que não o são, ainda que pensando que uma forma estatal pode ser necessária para manter unido o corpo social, se são socialistas, e marxistas por conseguinte, não podem admitir como possível a existência de um Estado proletário e socialista enquanto perdure o sistema patronal, ou seja, enquanto o proletariado siga vítima da exploração e do domínio econômico parte da burguesia.

Como poderia o proletariado ser classe dominante no plano político e permanecer ao mesmo tempo como classe economicamente submetida? A nós, isto parece um erro gravíssimo daqueles que, sugestionados pelo exemplo russo, não se dão conta de que os socialistas não só podem equivocar-se como também ser obrigados pela força das circunstâncias a fazer o que não seria aconselhável de nenhum modo em situações distintas. E a Rússia é um mundo essencialmente distinto da Europa Ocidental.

Se o proletariado, ou em seu nome uma minoria consciente, conseguir com a revolução abater o governo central burguês e não aproveitar imediatamente a ausência do cão de guarda da burguesia para expropriá-la em todos os pontos do território; se imediatamente a ação das grandes massas não se aliar ao lado da minoria que abriu o caminho, de modo que os proletários tomem em suas mãos a administração da propriedade; e se ao contrário, deixarem a propriedade em pé (ou seja, deixarem que os burgueses fiquem como proprietários da riqueza), contentando-se em chegar a ser governantes, ou melhor, como nomeá-los e ter simplesmente como privilégio o direito de votar, é fácil prever os graves acontecimentos que ocorreriam, sem necessidade de termos nenhum dote de profeta.

A previsão é completamente marxista, mas não por isso menos justa. Passado o primeiro momento de comoção, o governo político voltará a ser determinado pelo fator econômico. Que os governantes se digam, ou tenham sido, socialistas ou proletários, tem pouca importância; eles, para permanecer no poder, não poderão ser mais que a expressão mais ou menos dissimulada da classe que permaneceu economicamente privilegiada. Se a maioria dos trabalhadores estiver ainda debaixo da dependência econômica da burguesia, quando tiver que eleger seus representantes elegerá em grande parte aqueles que deseja a burguesia... igual a hoje.

Hoje votam também os burgueses, mas seus votos isolados, não

bastam de maneira alguma para constituir uma maioria parlamentar; e se a maioria do parlamento é burguesa, deve-se ao fato de que a maioria dos proletários vota por seus exploradores. Depois da revolução, se os patrões permanecem como tais, o sufrágio universal proletário servirá apenas para criar uma nova forma de politicagem e burocracia, integrada por mediadores entre a classe operária e a classe burguesa, os quais, como todos os mediadores, com roupagens e nomes novos, acabarão trabalhando no interesse dos mais fortes economicamente.

A existência do governo no dia seguinte à revolução, enquanto não seja possível abolí-lo, será um perigo permanente para a própria revolução; mas o perigo será duplo se ao seu lado, ainda que seja formalmente hostil, continue existindo o privilégio econômico. Os dois privilégios, o do poder e o da riqueza, antes ou depois, acabarão pondo-se de acordo contra as massas populares e os frutos da revolução serão certamente dizimados. O governo, ainda que se diga socialista, não escapará das leis de sua natureza; mudarão as pessoas privilegiadas, as formas do privilégio, as divisões de classes, haverá desmoronamentos das riquezas etc., mas o Estado, ao continuar existindo como fonte de privilégios políticos, tenderá sempre a refletir os interesses da classe que goze do privilégio econômico e portanto, a conservá-los, abatendo seus ramos secos, mas favorecendo sua contínua reprodução.

Para impedir tudo isso, ainda segundo o conceito marxista que dá ao Estado uma tarefa de reconstrução e de reorganização, enquanto deixa a tarefa destrutiva para a revolução, é absolutamente necessário que a revolução, desde seu primeiro momento, seja radicalmente expropriadora. Isso é mais necessário ainda para nós anarquistas, que temos todas as razões para temer que um novo Estado, eventualmente surgido da revolução, acabe apoiando-se na burguesia sobrevivente, toda vez que a esta seja deixada a enorme força que constitui a riqueza. Quem tem o poder sobre as coisas tem o poder sobre as pessoas, como dizia Malatesta. A burguesia, que fica sendo dona da propriedade por um período mais ou menos largo, mas sempre mensurável por anos, terá todo o tempo que necessite para recompor-se e voltar a assenhorar-se da autoridade política.

* * *

Negar a função expropriadora da revolução, entendida como um ato resoluto que rompe as resistências políticas e armadas da burguesia,



é inconcebível, impraticável e inconciliável com o triunfo da própria revolução. Porém, talvez por sorte, seja impossível evitar esta função.

O povo, o proletariado, não concebe a revolução senão como um ato de expropriação. Se dissermos ao povo: "Deixe as riquezas aos senhores e vamos nós para o governo, e depois os faremos entregá-la pouco a pouco", corremos o risco de rirem na nossa cara e nos dizerem que não desejam arriscar a pele nas trincheiras da revolução por nossa linda cara! Para interessar desde o primeiro momento as grandes massas na causa da revolução é preciso que esta tenha imediatamente um conteúdo, uma finalidade, um objetivo prático e imediato de *caráter econômico*.

Se deixarmos somente ao poder revolucionário central a tarefa de expropriação, ocorrerá também a desgraça de que as grandes massas, distantes dos centros urbanos perderem todo o interesse na revolução, poderiam pouco a pouco ver diminuído seu entusiasmo e ainda mais, serem ganhas pela reação, com motivos e pretextos oriundos das tradições e superstições do passado.

É preciso que, em toda cidade, em toda localidade e aldeia, assim como nos campos, vencida a resistência do poder político, os proletários sejam chamados imediatamente - isso se não fizerem espontaneamente como é mais provável - a apoderar-se localmente da propriedade territorial, industrial, bancária etc., a colocar fogo imediatamente em todos os títulos de propriedade, nos arquivos cadastrais, notoriais etc.

Muitos burgueses, é natural, nos primeiros momentos dos conflitos *desaparecerão* nas formas mais diversas. Porém, se os proletários quiserem acrescentar também a expropriação contra os sobreviventes - uma espécie de "seqüestro de pessoas", seja como reféns, seja como algo necessário para prosseguir tecnicamente a produção -, este será um assunto para tratar no terreno dos fatos e de modo algum é coisa para ser descartada de antemão. O modo prático de proceder é uma questão para ser discutida, mas somente depois de estar de acordo com o princípio geral, de que se deve desde o primeiro momento insurrecional, lançar mão da expropriação. Sobre o restante será fácil entender-se rapidamente. Não faltam para cumprir esta tarefa os organismos proletários necessários - grupos locais, organizações e sindicatos proletários e corporativos, comitês ou conselhos operários, por comuna, por província ou região etc. -, através e por meio dos quais o proletariado exercerá, com sua ação direta, sua própria força expropriadora, sem confiar esta missão a um Estado central, proletário de nome, mas de fato composto por umas poucas pessoas de um só partido.

Como se pode negar que isso seja possível, até o ponto de preferir a ação problemática do Estado, não o compreendemos. No entanto, não apenas nós vemos esta possibilidade como também alguns socialistas, entre eles (como nos foi relatado) uma parte dos bolcheviques russos que, precisamente por isso, se chamam ou são chamados de "imediatistas".

Mais que possível, a expropriação desde o primeiro momento insurrecional, dizíamos acima, é talvez inevitável. A expropriação, ou seja a tomada de posse das fábricas, dos estabelecimentos, dos instrumentos de trabalho de maneira geral e de todos os produtos acumulados é uma das formas pelas quais começará a revolução; de certo modo isso poderia também preceder a própria insurreição. Depois da ocupação operária dos fábricas metalúrgicas italianas em setembro de 1920, é fácil prever que todo movimento proletário um pouco sério, todo movimento do povo, será de agora em diante acompanhado precedido ou provocado por tentativas similares de tomar posse da propriedade dos capitalistas. É bom recordar, além disso, que antes mesmo que surgisse a idéia da ocupação das fábricas, uma fórmula bastante em voga entre os socialistas, os sindicalistas e os anarquistas, e em geral entre a classe operária de tendências avançadas, foi a da *greve geral expropriadora*.

* * *

Tudo isso é uma demonstração do quanto é errônea aquela espécie de fatalismo pelo qual certos socialistas marxistas acreditam que é *impossível expropriar a burguesia desde os primeiros atos revolucionários*. São palavras textuais que temos visto empregadas nos periódicos que defendem o bolchevismo, mas em vão buscamos entre eles argumentos concretos, fora das afirmações axiomáticas e apriorísticas, que demonstrem esta pretensa impossibilidade.

É verdadeiramente tão difícil para os operários seguir trabalhando por sua própria conta depois de haverem expulsado seus senhores? Os operários já estão nas fábricas, os inquilinos nas casas e os camponeses na terra etc. E ainda onde é preciso proceder diretamente à ocupação, uma vez vencida a resistência armada governamental, se apossar e trabalhar não pode exigir mais que um esforço mínimo. Para que confiar tal missão expropriadora a um governo ditatorial central, que complique as coisas e as postergue indefinidamente? Deixemos de lado a questão da utilidade ou inutilidade da existência do Estado numa sociedade socialistas da conciliação ou não do Estado com a sociedade socialista, porque apesar



da questão estar relacionada é diferente, pode ser tratada de maneira separada e nossas idéias sobre a questão já foram expostas.

Isolemos um pouco a questão da possibilidade histórica, social e técnica de iniciar a expropriação por parte do proletariado desde o primeiro momento da revolução durante o período insurrecional. Mesmo aqueles que citam em seu apoio o *Manifesto Comunista* de 1847 se equivocam; e a custa de fazer-lhes repetir (como se já não tivessem dito, e algo semelhante dizia também Plekhanov de Bakunin) que falamos de um marxismo que conhecemos de ouvido; insistimos em sustentar o conceito essencialmente marxista: que o governo é sempre a expressão da classe economicamente mais forte, cúmplice e aliado desta. Supondo, mas não aceitando, que um Estado deva existir depois da revolução, passado o período insurrecional, se neste período os burgueses não foram expropriados, ou seja, convertidos nos mais débeis economicamente, em breve voltariam a ser os mais fortes até no plano político; melhor dizendo no governo, ainda que com o nome e aparências socialistas, voltaria a ser na realidade um governo burguês.

Não há nada no *Manifesto Comunista* que revele em seus autores uma opinião contrária a esta. No final do segundo capítulo se trata *a intervenção despótica do proletariado, por meio do domínio político em cujas mãos centralizará todos os instrumentos de produção, no direito de propriedade e nas relações de produção burguesa*; conceito discutível desde o ponto de vista anarquista, mas nada irreconciliável com uma expropriação que se realize no primeiro período insurrecional, contemporaneamente à destruição do governo burguês ou imediatamente depois. É claro que nós não acreditamos na possibilidade de uma "socialização instantânea", já que nem sequer a insurreição poderia ser instantânea. Além disso, nós estamos falando da expropriação, do ato material de tirar a riqueza dos capitalistas, e não no processo de organização socialista, que exigirá um tempo maior, se bem que o espaço de uma geração imaginado pelo bolchevique russo Radek nos parece excessivo.

Voltando a Marx, para um maior aprofundamento, agreguemos que este final do capítulo II, que somente em aparência ou de maneira bem distante, e não de um modo certo e direto, se aproxima do conceito ditatorial, remonta a 1847; e os próprios Marx e Engels advertiram num prólogo de 1872 que "a aplicação prática dos princípios gerais dependerá em todo lugar e em toda época das condições históricas do momento; e não se deve dar por isso demasiada importância às propostas

revolucionárias que se leêm ao final do capítulo II, que poderiam ser distintas em vários aspectos". Mais adiante, eles mesmos advertem que *não basta, como demonstrou a Comuna, que a classe operária tome posse da máquina do Estado tal como é, para dirigi-la a seus próprios fins.*[2]

Acreditamos não contradizer, mas sim completar este pensamento acrescentando: é preciso também tomar posse da riqueza social, das engrenagens da produção e de consumo, sem admitir logicamente, desde nosso ponto de vista, que a máquina estatal deva ser conquistada em vez de destruída; e tudo isso desde o primeiro momento.

* * *

Karol Radek escrevia, faz algum tempo, que "a ditadura é a forma de domínio pela qual uma classe impõe, sem maiores considerações, sua vontade sobre as demais classes". Nós pensamos que não é necessária uma ditadura para trabalhar sem consideração alguma contra a burguesia e nos parece que, com a ditadura ou sem ela, com a ação governamental ou com a ação direta proletária, o melhor meio de trabalhar sem *considerações* contra o capitalismo é começar por expropriá-lo desde os primeiros instantes da revolução. Porém Radek acrescenta: *A revolução socialista é um longo processo que começa com o destronamento da classe capitalista, mas termina somente com a transformação da economia capitalista em economia socialista, na república cooperativa operária; este processo exigirá no mínimo uma geração de ditadura proletária etc.*[3] Deixando de lado por um instante a questão das ditaduras, porque ainda admitindo a ditadura persiste a necessidade da expropriação insurrecional da burguesia, observamos que o *longo processo* a que se refere Radek inclui toda a complexa revolução socialista e não somente o fato material da expropriação. Que este processo deve *começar o destronamento da classe capitalista*, estamos de acordo, mas sustentamos que é impossível "destronar uma classe" somente arrancando-a do poder político, ou seja, sem retirar-lhe a formidável arma da riqueza.

Vale dizer que uma insurreição bem sucedida pode tirar do governo os burgueses e fazer com que os operários (ou o que é mais provável os advogados dos operários) o ocupem, mas se os burgueses não são expropriados insurrecionalmente e se espera que um governo o faça mais tarde, por leis, decretos etc., será, na verdade, como dizer ao cavalo que



espere o capim crescer para comê-lo! A insurreição pode romper com as leis do determinismo econômico por um período breve, ou seja, vencer as resistências armadas de uma classe economicamente poderosa, mas para chegar à vitória é necessário que transforme as condições econômicas com a mesma violência, no breve ciclo de sua ação, de tal modo, que estas determinem por sua vez, um maior desenvolvimento da revolução e a derrota definitiva dos elementos burgueses que quiserem levantar novamente a cabeça.

Para isso é necessário tirar a propriedade dos burgueses desde o primeiro momento, de maneira que não sejam jamais os privilegiados. Depois... quem não trabalha não come! Porém, se não se age assim e se confia a tarefa de expropriação ao governo ditatorial socialista, para que este faça este trabalho em não menos de uma geração, se, portanto, se dá tempo à burguesia de respirar em seus palácios, em suas terras e em suas fábricas, não passará muito tempo sem que ela volte a ter *seu* governo, pouco importa que seja de nome socialista ou proletário.

Quando muito mudaremos para isto: certos burgueses desaparecerão na tempestade ou se converterão em proletários; a burguesia se renovará, incorporando-se a ela certas *elites* de operários privilegiados, de homens de partido, dirigentes, mas a revolução não terá alcançado seu fim: o comunismo.

* * *

Perguntamos anteriormente, que dificuldades reais (vencida a oposição governamental) poderiam impedir que a atividade expropriadora se desenvolvesse com rapidez, como tarefa paralela à insurreição, ou o que sucedesse em seguida à derrubada do poder estatal. Um raciocínio abstrato ou puramente dialético, por marxista que seja, não basta para nos fazer compreender como e porque os camponeses deverão continuar aceitando o proprietário e levando-lhe uma parte ou todos os frutos da terra por eles trabalhada? Porque os trabalhadores dos estabelecimentos e fábricas não poderão expulsar o patrão e continuar trabalhando para a comunidade popular? Porque o povo não poderá se apoderar de todo material útil para manter-se, vestir-se e esquentar-se, distribuindo rapidamente entre todos o mais necessário, e reunindo o restante nos armazéns postos à disposição da comunidade? O que, em suma, pode impedir os proletários de trabalhar à sua maneira e tomar o que desejem

desde o momento em que já não exista um governo que defenda aos proprietários e aos capitalistas? É provável que eles desapareçam, ao menos enquanto um novo governo não lhes devolva uma certa segurança de poder reaparecer tranqüilamente!

Porque há de ser impossível tudo isso? Quem ou como poderá impedi-lo? Sua possibilidade técnica, tal como nós entendemos, será, sem dúvida, difícil de explicar na linguagem pseudo-científica preferida pelos marxistas, porque as coisas muito simples se dizem somente com uma linguagem simples e comum. Porém, quando estas coisas são ditas aos proletários, eles compreendem, e compreendem perfeitamente que aquilo que se precisa fazer não é muito difícil e que o fariam bastante bem por si mesmos.

Certamente não basta tirar a riqueza dos patrões, não basta tirar-lhe os meios de produção; é necessário também continuar produzindo. É preciso, portanto, organizar a produção de um modo socialista. Também isto há se ser feito rapidamente, porque sem comer, tampouco se vive no período revolucionário. Porém, com isso entramos em outro terreno, que já não é o da expropriação, o da espoliação da classe burguesa, mas o concernente à maneira de organizar e utilizar a riqueza social retirada dos capitalistas.

Como se poderá organizar a produção e o consumo no dia seguinte da revolução é um problema que não foi colocado hoje na mesa de discussão, e nós teríamos que repetir inutilmente o que outros já disseram se quiséssemos estender este ponto. Escritores socialistas e anarquistas, e outros não socialistas mas que trataram objetivamente a questão, dedicaram a este tema livros e folhetos. Além disso, certas novelas chamadas utópicas, como as geniais de Bellamy e de Morris, poderiam ser proveitosamente consultadas.

Do ponto de vista anarquista, o problema do armazenamento das mercadorias alimentícias, de moradia, de vestuário e em geral da produção e do consumo, foi objeto de estudo para Kropotkin em seu conhecidíssimo livro *A Conquista do Pão*. Em vários pontos este livro foi superado hoje, porque muitos problemas não se apresentam sob o mesmo aspecto que possuíam há trinta ou quarenta anos. Além disso, alguns de seus erros foram esclarecidos e corrigidos implicitamente pelo próprio autor em suas obras posteriores: especialmente o excessivo otimismo e a visão da atividade produtiva encarada demasiadamente do ponto de vista da grande indústria.



Seria muito útil a revisão daquele livro, sua "atualização" como se diz na linguagem burocrática da estatística. E já que o autor não está em condições de fazê-lo, podem fazê-lo seus leitores por si mesmo, com seu próprio critério. Neste caso, deverão levar em conta uma obra muito recente de Kropotkin, muito interessante, na qual estuda-se com mais atenção o problema da produção, e demonstra-se a possibilidade de combinar a produção material com a agrícola e o trabalho manual com o intelectual, de modo que se obtenha o máximo rendimento com o menor esforço e também com os menores sacrifícios da liberdade e da individualidade humanas.[4]

No entanto, para o que mais nos preocupa hoje, muitas páginas de *A Conquista do Pão* são todavia de atualidade e deveriam ser consultadas. Nelas se demonstra não só como é possível, mas também proveitosa, a distribuição e a produção de uma maneira igualitária, imediatamente, no ato mesmo da revolução, tão logo a derrota das forças armadas burguesas nos permita dispor livremente dos meios de produção e dos artigos de primeira necessidade já produzidos. Porém, Kropotkin comete um erro, esclarecido por Saverio Merlino pouco depois da aparição do livro[5] - quando diz brilhantemente como se poderia agir - de não especificar quem deveria agir, de não estudar os organismos especiais que deverão ser utilizados para as necessárias funções de produção e distribuição. Fala genericamente do povo e confia demasiadamente na espontaneidade das massas, quase na sua improvisação, diríamos.

Verdadeiramente, naqueles tempos de 1880 a 1890, se vivia num período de elaboração de idéias e de propaganda, no qual talvez tivesse sido difícil e parecido arbitrário e utópico imaginar os organismos proletários que surgiriam mais tarde. A isto se deve a lacuna citada. Além disso, poderia justificar-se um certo otimismo pelas condições gerais mais prósperas, enquanto que a crise atual nos obriga a olhar com mais rigor, e com cores mais sombrias, o problema da produção. Mas, hoje estamos em condições de integrar bem melhor que há trinta anos, com idéias práticas, a visão de conjunto projetada então, uma vez que há toda uma rede de organismos novos que o proletariado foi criando desde aquele tempo até nossos dias.

* * *

Podem nos responder que a expropriação, ou ao menos o fato de que não existam mais proprietários, dependerá também da possibilidade de viver sem eles, de substituí-los vantajosamente na organização da produção. Não deixamos de reconhecer que para chegar à socialização completa será necessário um período muito maior que o insurrecional e expropriador. No entanto, isso não significa que desde o primeiro momento, ainda que seja um regime comunista organizado de maneira imperfeita, ainda que seja com bastante dificuldade, não se possa viver de tal modo, que nenhum de nós tenha necessidade de deixar-se explorar e oprimir pelos demais.

Porque, na realidade, o mais importante para o socialismo é isso: *que cada um possa satisfazer suas necessidades sem deixar-se explorar e oprimir pelo outro*. É isso o que querem os trabalhadores e o meio de conseguir tal coisa e mantê-la, ou seja, o tipo de organização social que se haverá de adotar, vem em segundo lugar e somente como meio necessário para alcançar o fim expressado.

Nós somos comunistas, com efeito, porque estamos convencidos de que este resultado pode obter-se de maneira durável e definitiva somente por meio da socialização da propriedade em sentido comunista. Porém, o que importa é que o resultado seja alcançado; e a primeira condição para alcançá-lo, o primeiro passo, é retirar dos ricos os meios de explorar os pobres: ou seja, despojá-los de suas riquezas privadas.

Eis aqui porque a expropriação é a condição primeira do desenvolvimento e ainda do triunfo da revolução. Os meios termos, o deixar subsistir formas de exploração, quer dizer, deixar aos capitalistas a força econômica, que para eles é o meio de ação específica, equivale a deixar os dentes para a víbora. Deveria-se seguir lutando contra eles então, e não se chegaria nunca a estar seguro de vencê-los completamente. Se a insurreição, ao contrário, for expropriadora, a víbora se faria inerte, os capitalistas já não teriam dentes para morder e a liberdade não colocaria em suas mãos nenhuma arma.

Realizada a expropriação, a liberdade (que não se deve confundir com a livre concorrência, com a liberdade econômica de produção e exploração do regime capitalista) não estará em luta com as necessidades da produção para todos e com a igualdade social. A contradição existente hoje devido às divisões sociais de classes e do monopólio burguês será suprimida e ficará impossibilitada com a expropriação.

Marx e Engels, no seu *Manifesto*, chegaram até a afirmar que "o



comunismo não retira de ninguém a possibilidade de apropriar-se dos produtos sociais, *impede somente de valer-se deles para escravizar o trabalho alheio*". Que o trabalho não seja escravizado: eis aqui o princípio verdadeiramente socialista; ou seja, o socialismo é uma afirmação e não uma negação da liberdade.

Certamente, uma vez derrubado o Estado burguês e expropriador dos capitalistas, a obra de socialização definitiva não se fará instantaneamente, mas - tanto dentro de uma direção autoritária, como seguindo as normas libertárias, porém, melhor com estas últimas - através de um período de organização experimental. A organização socialista da produção e do consumo, como a das outras relações sociais, poderá ter seu princípio, e é bom que a tenha, desde o primeiro momento da revolução, mas não poderá ser bastante completa, nem definitiva, enquanto o povo não possa dedicar-se a ela sem nenhuma outra preocupação, enquanto, na calma e na paz, não se possam ensaiar suas formas mais apropriadas, aperfeiçoá-la e terminá-la.

Enquanto durar o trabalho de reorganização, desde o momento em que o Estado burguês tenha sido derrubado e o capitalismo expropriado, o mais importante será evitar a possibilidade de qualquer nova exploração e opressão dos trabalhadores, porque é isso que poderá fazer renascer o capitalismo das suas próprias cinzas. Para evitá-lo, o remédio preventivo mais radical é a expropriação imediata por meio da insurreição. Quando os trabalhadores tiverem tomado em suas mãos a propriedade e não exista por outro lado a violência estatal para mantê-los submetidos, nem para defender os ricos que tentem resistir ou a qualquer pobre que queira enriquecer-se, os ricos não poderão mais existir e não haverá tampouco assalariados. Quer dizer, será impossível aquele *submetimento do trabalho alheio* de que fala Marx, ainda quando a reorganização social não tenha sido todavia terminada.

A menos... a menos que o perigo venha da eventual ditadura socialista que, vencidas as resistências do velho regime, chegue a converter-se por sua vez em opressora da nova sociedade, transformando os trabalhadores de escravos do capital privado em escravos do Estado. Voltamos assim à nossa preocupação constante, uma das preocupações que nos fazem ser anarquistas.

* * *

Uma coisa é expropriação e outra é a organização comunista da sociedade. A primeira é o ato com que se destrói o direito de propriedade, o que é mister realizar com rapidez; a outra é um ato de reconstrução, que também é preciso considerar de imediato, mas que será necessariamente mais extenso e complexo do que o da destruição.

É mister, desde o primeiro momento, não somente continuar produzindo para viver, mas também, começar a organizar com métodos, a produção, prosseguí-la e ao mesmo tempo organizar a distribuição e o consumo. Porém, para tudo isso, o meio mais inábil e incompetente de todos, é um governo composto de poucas pessoas que o dirigem desde um posto central. E isto será assim, tanto se estas pessoas subiram ao poder por um golpe, como se foram levadas a ele por meio de eleições proletárias.

Maiores e melhores virtudes organizadoras (sem os defeitos e perigos da burocracia estatal), têm a ação direta proletária e popular, que age pela sua própria iniciativa, mediante seus próprios organismos livres, saídos e formados por ela própria. Tais organismos, através dos quais se encaminharão as funções de produção e distribuição - e que ao mesmo tempo garantirão o mínimo de ordem e de coordenação indispensáveis - serão, além dos núcleos que surjam em forma espontânea da revolução, precisamente aquelas agrupações já constituídas, proletárias, socialistas, sindicalistas, anarquistas, os sindicatos e as uniões de ofício, organizados por localidade ou por indústria conforme o caso, as cooperativas de classe, as ligas camponesas, os conselhos de fábrica, enfim, aqueles comitês ou *soviets* comunais, regionais e inter-regionais, cujo exemplo nos chega da Rússia e dos quais se está pensando que na Itália também poderão ser logo órgãos da economia socialista.

Recordemos, apesar de já termos dito, que aqui nós consideramos os *Soviets* como associações de produtores, para a produção e consumo comunistas, as quais não tem de nenhuma maneira necessidade de serem sobrepostas por um governo ditatorial que somente estancaria e estorvaria sua útil função econômica.

A todos estes distintos tipos de organização podem somar-se outros. Organizações operárias e profissionais, que hoje são pouco comuns ou demasiadamente tímidas e moderadas, serão certamente utilizadas pela revolução: sociedades de socorros mútuos, corporações de empregados, de ferroviários, de telegrafistas, do pessoal técnico, engenheiros, químicos etc., assim como também certas instituições de origem e natureza burguesa (depois de haver expulsado os capitalistas e toda direção não



exclusivamente técnica, bem entendido), porém assimiláveis e facilmente transformáveis em organismos da vida revolucionária, como entes autônomos e cooperativas de consumo, certos grandes armazéns de estocagem e oficinas públicas e privadas de distribuição, alguns dos mais importantes serviços de utilidade geral que hoje são administrados com único fim de especular ou como instrumento de governo etc. O pessoal empregado, ainda quando não seja estritamente proletário, mas que constitui uma categoria que pouco se diferencia dele, não teria necessidade de governo e de ministros, de patrões ou empresários para continuar seu trabalho.

Algumas ocupações e serviços poderiam também ter necessidade de uma organização de tipo centralizado e muitas outras não. Porém, toda esta espécie de centralização de funções e não de poderes, especificamente para alguns tipos de serviço, é muito diferente da centralização, de funções e de poderes ao mesmo tempo, de todos os serviços e de toda a autoridade nas mãos de um governo ditatorial único. Ainda para tais serviços e trabalhos o governo seria, no mínimo, supérfluo.

No entanto, para que a revolução possa tomar uma orientação libertária, descentralizadora, anti-estatal, é preciso que também a preparação moral e material anterior, e em conseqüência disso nossa propaganda, se encontrem informadas por tais princípios. No lugar de habituar as massas à idéia da ditadura e a esperar pela conquista do poder como único meio de desatar todos os nós, em lugar de atribuir toda tarefa técnica revolucionária aos comitês centrais, à direção de um partido ou de uma confederação etc., é preciso preparar os grupos e organismos já existentes para desempenhar a tarefa para a qual se sentem mais capazes ou capacitá-los para alguma se não o estiverem; e ao mesmo tempo formar aqueles novos organismos, mais ou menos embrionários, de distribuição, de reedificação e de elaboração que podem ser necessários, de modo que não nos encontremos no dia seguinte à derrubada do poder sem nada preparado, sem um preciso programa prático para realizar, e, por conseguinte, obrigados a tolerar um novo poder que substitua o antigo, substituindo também nossa ausente capacidade coordenadora e produtiva.

A formação dos conselhos de operários e camponeses poderia ser útil desde já. Seu modo de organização é ainda mais libertário que o das velhas organizações operárias existentes, já que é predominantemente por fábrica, no lugar de ser por ofício ou região. Eles podem ter uma maior homogeneidade e capacidade revolucionária com a condição de

não se converterem em outro ornamento reformista, numa cópia inútil das comissões internas das fábricas etc. Porém, não é tarefa nossa aprofundar em detalhes este assunto. Nos basta haver assinalado alguns aspectos da questão para demonstrar que uma orientação anarquista da revolução não está somente de acordo com nossas idéias mas é melhor ainda que a autoritária, mais eficaz e também mais possível.

**Notas:**

[1] Assim escreveu Amadeo Bordiga (transcrito ao pé da letra, são suas palavras textuais), no periódico bolchevique *Soviet*, de Nápoles, de 5-10-1919.

[2] Para estas citações consultar o *Manifesto* na edição *Opere Complete di Marx Engles e Lassale* (volumen I).

[3] K. Radek, *El desarrollo del socialismo: de la ciencia a la acción*, p. 16.

[4] P. Kropotkin, *Champs, Usines et Atelies*, Edit P. V. Stock, Paris (Em castelhano: *Campos, fábricas y talleres*. Edit. Estudios, Valencia, s/f., traducción de A. López White.).

[5] S. Marlino, *L'Individualismo nell'Anarchismo*, publicado primeiramente em francês na Societé Nouvelle de Bruxelas, e depois em italiano na Tipografia dell'Asino, Roma, 1895.

# A Defesa da Revolução

*Luigi Fabbri*

Uma das mais sérias dificuldades que podem criar obstáculos para o desenvolvimento da revolução, quando estala em um só país por mais vasto que seja, é a hostilidade dos governos burgueses estrangeiros, especialmente quando esta hostilidade se expressa por meio de uma verdadeira guerra armada, com tentativas de sufocar a revolução invadindo com exércitos o território insurreto.

É preciso então defender, ainda militarmente, o território da revolução: isto é evidente. Enquanto perdurar tal necessidade deverá manter-se um exército, deverão existir todos aqueles organismos anexos e afins com os quais todo princípio anarquista está em aberta contradição. Não porque sejam meios violentos, entenda-se bem, senão porque são violentos de uma forma mais ou menos governamental. Enquanto durar esta necessidade, talvez não seja possível uma organização verdadeiramente anarquista, ao menos nos primeiros momentos, o que equivale dizer que, tal necessidade será um freio perigoso para a revolução e que, enquanto subsistir, a revolução não poderá desenvolver-se e sofrerá forçosamente uma contenção em seu curso.

Desde este ponto de vista, a atual guerra que, ainda sem ter sido declarada abertamente pelos governos burgueses, estes fazem contra a Rússia, é duplamente prejudicial a revolução. De forma direta há a ameaça do sufocamento militar intentado do exterior e da fome causada pelo bloqueio econômico; indiretamente prejudica a revolução pelo motivo anteriormente exposto, quando lhe impõe a defesa militar, ou seja, com meios contrários a sua própria natureza, criar-lhe o perigo militar interno

inconscientes, inertes, apáticas etc. Os anarquistas do Jura tiraram em linhas gerais as seguintes conclusões: faltou mais consciência para o povo, à classe. Uma massa inconsciente nunca fará uma revolução. Para isso não bastaria um partido clandestino, pelo contrário, a organização deveria ser pública para exercer uma forte propaganda conscientizadora; a organização revolucionária concebida em nada se assemelhava às "sociedades secretas" dos tempos de Bakunin.

Mesmo revelando um grande entusiasmo revolucionário e um idêntico empenho à causa, os comunistas anarquistas não seriam lembrados por terem defendido com o fervor demonstrado pelos antigos companheiros bakuninistas, e os contemporâneos ainda impressionados com as suas táticas, às conspirações que tanto evocam as "sociedades secretas", seus "catecismos" e seus "militantes ocultos", como os chamava Nettlau.[29] Da mesma forma, embora reconhecessem o despreparo revolucionário das massas, como outros anarquistas, não chegariam a defender uma "ditadura coletiva e invisível"[30] considerada "o melhor meio para aproximar os dois pólos, as massas ainda pouco desenvolvidas e as grandes exigências reclamadas por uma revolução social"[31]. Bakunin esperava poder contar "com homens seriamente revolucionários, apaixonados pela destruição, que tenham o diabo no corpo"[32]. Não correspondem inteiramente a esse tipo, os revolucionários ideais descritos nas páginas de Kropotkin e de Reclus. Nem seria típica do comunismo libertário a idéia expressa certa vez por Bakunin, segundo a qual "não se deve ilustrar o povo, mas conduzi-lo à revolta"[33]. Com o anarco-comunismo é justamente o contrário que se dá, a estratégia se alterou, a linha mestra do anarco-comunismo será a de educar as massas de modo a prepará-las para o momento revolucionário. A palavra propaganda reflete a estratégia do anarco-comunismo. Malatesta, ao contrário de Bakunin, dizia que "Nosso primeiro dever, consiste, pois, em persuadir as pessoas"[a].

## A concepção teórica do anarco-comunismo

O anarco-comunismo foi bem mais do que uma correção de rumo em relação ao bakuninismo ou uma mudança de perspectiva quanto a organização econômica da sociedade, em oposição ao coletivismo. Os anarco-comunistas construíram uma teoria, uma visão de mundo, diferenciada da que existia anteriormente, na qual se basearam as estratégias e táticas empregadas por eles.

Uma das mais importantes publicações dos anarco-comunistas foi



*Evolução, revolução e ideal anarquista*, de Elisée Reclus. A notável projeção alcançada pela obra de Kropotkin no cenário do pensamento anarquista daquele tempo é responsável, em certa medida, pelo fato de esse livro ser hoje, um tanto ignorado. Não obstante, ele contém o essencial daquilo que se pode denominar de teoria do "comunismo libertário". Esta obra foi muito conhecida pelos anarquistas do Brasil, onde foi publicada em 1904, numa tradução feita por Neno Vasco (Gregório Nanzianzeno de Vasconcellos), na ocasião radicado no Brasil. O livro de Reclus foi publicado em 1897, mas seu conteúdo já estava definido dezessete anos antes. Ele é, na verdade, a última versão de *Evolução e revolução*, um folheto publicado em 1891, que por sua vez, originou-se de uma conferência proferida e publicada em *Le Révolté*, em 1880[34], dez anos antes, portanto, de Kropotkin iniciar a publicação da série sobre a ajuda mútua na *Nineteenth Century* [b].

Neste livro Reclus aproxima os conceitos de revolução e evolução, recorrendo às ciências naturais: "nenhuma oposição se descobre entre essas duas palavras", elas pertencem à uma mesma ordem de fatos, "diferindo apenas na amplitude do movimento"; "a evolução é o movimento infinito de tudo o que existe", enquanto que "esses pequenos sucessos chamados revoluções, astronômicas, geológicas ou políticas (...) fazem parte desse movimento infinito"[35]. O tom evolucionista do anarco-comunismo era assumido como algo positivo e de nenhuma maneira disfarçado: "evolucionistas em tudo, igualmente em tudo somos revolucionários, sabendo que a própria história não é senão a série de execuções, sucedendo à das preparações. A grande evolução intelectual que emancipa os espíritos, tem como conseqüência lógica a emancipação efetiva dos indivíduos em todas as suas relações com outros indivíduos"[36]. Para Reclus as evoluções poderiam redundar em progresso e retrocesso, e o critério que definia em que sentido estava se dando a evolução era o "acréscimo de vida". Para averiguar este progresso, segundo Reclus, "seria necessário conhecer quanto aumentou durante o curso da história a proporção dos homens que pensam e agem conscientemente"[37].

Deste raciocínio Reclus tira algumas conclusões, francamente direcionadas contra os métodos bakuninistas: "não basta gritar: Revolução! Revolução! Para que caminhemos logo atrás de quem sabe arrastar-nos. É natural certamente que o ignorante siga o seu instinto: o touro alucinado corre sobre um trapo vermelho e o povo sempre tiranizado precipita-se enfurecido contra o primeiro que lhe indicarem. Uma revolução qualquer tem sempre um lado bom quando feita contra um amo ou contra

e obriga a revolução a uma auto-limitação, a uma contenção de seu desenvolvimento, que nós esperamos que seja passageira e momentânea, mas que poderá também vir a ser mais ou menos definitiva.

* * *

Em todo caso, o exemplo russo e o de quase todas as revoluções precedentes demonstram que a ameaça militar exterior é uma eventualidade a qual é mister examinar. Admito o inevitável, quer dizer que, a revolução deve defender-se, o problema da ditadura se apresenta nestes termos: é necessária para a defesa do país em revolução a concentração dos poderes mais absolutos nas mãos de um governo ditatorial? É mais útil este sistema, ou é melhor (ainda sob a ameaça exterior), necessário e mais útil conservar o máximo de liberdade possível, o máximo de autonomia a cada organismo e em cada localidade? Nós, é inútil dizer, nos inclinamos pela segunda hipótese, de cuja justeza estamos firmemente convencidos, não por um dogmático apriorismo, mas pelos ensinamentos que nos proporcionaram as revoluções passadas e pelo exame objetivo das condições em que terá que se desenvolver a revolução proletária.

A defesa contra as insídias internas não pode ser assegurada de modo eficaz e com verdadeira inexorabilidade senão pela ação direta e livre do povo. Quando em 1792 os exércitos da reação européia invadiram a França para sufocar a revolução e restabelecer o poder real, os exércitos franceses foram derrotados no princípio; e a vitória só pode se obtida quando os soldados se convenceram de que defendiam realmente a revolução, assegurados disto pelas notícias de que a livre ação direta do povo de Paris havia derrotado em 10 de agosto aos nobres entrincheirados nas Tulherias e posto a família real trancafiada – o lobo, a loba e os lobinhos - , e no seguinte mês de setembro, havia feito uma verdadeira limpeza radical de quantos inimigos internos pode prender. O governo revolucionário nunca poderia conseguir isto, o que indica, diante de tudo, que no interior é necessário deixar liberdade ao povo para exterminar seus inimigos e não centralizar esta tarefa nas mãos de um governo.

Mas ainda como cooperação ativa na obra de defesa militar, será muito mais útil confiar na iniciativa popular que se manifesta na liberdade que nas engrenagens governamentais, nos centralismos ditatoriais, nas concentrações burocráticas, que neutralizam os esforços e a vontade, impedem os serviços e desperdiçam, deterioram, destroem materiais,



provisões, víveres etc. Tivemos um exemplo disso na guerra há pouco terminada, na qual a derrota correspondeu aos Estados mais centralizados (Rússia, Alemanha, Áustria), providos do mais perfeito mecanismo burocrático e ditatorial. Observando nação por nação, cem vezes lemos como, durante a guerra, os serviços estatais eram os que pior operavam e menos cooperavam com a vitória nacional; enquanto contribuíam para ela a livre iniciativa privada e os esforços coletivos populares que, ainda sendo guiados pela necessidade de se salvar da fome e da carestia, de evitar a desgraça das invasões etc., se traduziam em uma cooperação indireta para a vitória militar. Se isto ocorreu inconscientemente, em uma guerra que o povo não compreendia e em relação a qual era, no fundo, hostil; melhor teria sido se houvesse ocorrido, se houvesse feito isso com a consciência de defender seus interesses diretos, a causa de sua emancipação e de sua liberdade!

* * *

Bakunin também se preocupou em seu tempo, com a necessidade de defender o território da revolução contra as invasões estrangeiras e reacionárias quando, no dia seguinte de Sedan, em 1870, o povo francês se livrou do império de Napoleão, o Pequeno, proclamando a República, mas encontrou-se na necessidade de salvar sua incipiente liberdade dos exércitos alemães vencedores. Em seu livro, O Império Cnuto-germânico e a Revolução Social, Bakunin sustentava que não havia mais salvação para a França a não ser pela transformação da revolução política em social, dando ao povo o máximo de liberdade e ao proletariado a sensação de que lutava por uma pátria que havia chegado a ser realmente sua.

Naturalmente, Bakunin não dissimulava a necessidade de uma disciplina e também de uma certa hierarquia nas milícias para prover a defesa militar da revolução.

Mas procurava cuidar-se sobre sacrificar a esta necessidade, o princípio da liberdade, quer dizer, um dos recursos mais potentes da revolução, um dos coeficientes mais eficazes da vitória contra os inimigos externos.

"Amante apaixonado da liberdade, confesso que desconfio muito daquele que tem sempre a palavra "disciplina"na boca, especialmente quando ela significa despotismo de um lado e automatismo do outro... A

estranha escravidão que a sociedade francesa suporta desde a grande revolução deriva em grande parte do culto a disciplina do Estado, herdada de Robespierre e dos jacobinos. Este culto põe a França a perder, paralisando a única fonte e o único meio de libertação que lhe sobra: o desenvolvimento livre das forças populares, lhe fazendo ir buscar sua salvação na autoridade e na ação ilusória de um Estado que não representa hoje nada mais que uma vã pretensão despótica, acompanhada de uma impotência absoluta.

Mas, por inimigo que eu seja do que se chama na França de disciplina, reconheço, no entanto, que uma certa disciplina, não automática, mas sim voluntária e racional, que se harmonize com a liberdade individual, é e será sempre necessária para todo trabalho ou ação coletiva. No momento da ação, em meio a luta, as funções se dividem segundo as faculdades de cada um, consideradas pela coletividade inteira; uns dirigem e mandam, outros executam. Mas nenhuma função se petrifica, nem se fixa e nem permanece irrevogavelmente confiada a mesma pessoa. A ordem e o progresso hierárquico não existem; de modo que o comandante de ontem pode converter-se em subalterno hoje. Ninguém se eleva acima dos outros, ou se se eleva não é mais do que para voltar a cair um instante depois, como as ondas do mar que voltam sempre ao nível saudável da igualdade." (M. Bakunin, Obras, vol. II, pp. 296-297).

Tudo isto deve ser dito em relação aquilo que diz respeito ao governo civil para poder reduzi-lo aos mínimos termos possíveis, e ao mesmo tempo no que se refere ao governo militar da guerra de defesa. Com tal motivo não será demais recordar outra opinião competente de alguém que apesar de ser revolucionário e socialista de tendências libertárias, foi também um militar profissional, um estudioso das coisas militares e da guerra, que estudou essa arte nos livros e sobre tudo na prática, participando nas revoluções e nas conflagrações de 1848-49. Repitamos o nome de Carlo Pisacane, um prático muito mais que um teórico da revolução.

Depois de haver chegado, no estudo das guerras daqueles anos, à conclusão de que, se as massas não realizam diretamente o conceito da revolução, o governo surgido da insurreição não fará mais que substituir o caído e combaterá a revolução se esta não está de acordo com as idéias dos indivíduos que o compõe[1], depois de haver dito em outro ensaio sobre a revolução que a ditadura, impotente para produzir o bem e fonte de



todo o mal, é do mesmo modo *impotente por completo para dirigir a guerra* (este excerto é seguido de uma longa demonstração)[2], volta ao mesmo assunto em outro livro que muitos esqueceram, dedicado exclusivamente a questões militares[3].

* * *

Sobre a forma técnica de organizar as milícias de defesa da revolução em um regime de liberdade, não é nossa tarefa discuti-la aqui, seja porque nos falta a imprescindível competência, seja porque para isso se faria indispensável nos alongarmos ainda mais do quanto (e já é demasiado) temos nos estendido até agora. Seria, sem embargo, necessário que esta questão fosse estudada com antecipação, em vez de remeter-se para isso com demasiada comodidade ao que poderá fazer a não desejada ditadura ou improvisar o povo.

Seria útil para os estudiosos da questão ler o livro antes indicado, que expõe um projeto técnico e prático muito interessante.

Naturalmente, Pisacane falava de uma revolução fundamentalmente nacional, e por conseguinte distinta da que auspiciamos. Além do mais, os tempos mudaram muito, e igualmente os meios de defesa e ataque, seja para uma revolução, seja para uma guerra. Mas nele residia, sempre alerta, um agudo e zeloso sentimento de liberdade e, por outro lado, ele também concebia a revolução nacional italiana como de índole proletária enxertada em um movimento social e anti-capitalista; por conseguinte, a este respeito se pode dizer que Pisacane se adiantou ao seu tempo e falou também para nós. Quanto aos meios materiais hoje diferentes, não é a eles que nos referimos ao falar de uma organização da defesa armada que mais se adapte a um regime de liberdade - por que a matéria bruta, quanto mais é elaborada, melhor se adapta as diversas intenções de quem a emprega - , mas sim ao material humano, que hoje é aproximadamente o mesmo que há cinqüenta ou sessenta anos.

Em seus detalhes, o projeto de Pisacane não estava isento de erros e seria inútil enumerá-los, já que em seu tempo poderiam não ser erros. Mas o que vale para nós é sua demonstração de que uma boa defesa armada da revolução é incompatível com um regime ditatorial.

"Dizer a uma cidade: reconhecer tal chefe, prescrever os limites de um sublevação, é pôr tudo a perder, é prova de falta de sentido prático; *e*

é estranho que aqueles que não falam de outra coisa que do atiramento e da exaltação populares pretendam depois que todos se dobrem a sua vontade suprema; para eles são o povo somente os que obedecem...Nécios! Expulso o inimigo, libertada a cidade, os cidadãos, festejada a vitória, adormecem sobre os louros... e elegem um governo, deixando-lhe o cuidado de dispor de tudo e, sem olhar ao seu redor, não se preocupam mais que em preparar-se para a defesa... O governo, entretanto, se ocupará em ir atrás dos generais, em implantar um exército, escolhendo os chefes entre os amigos, e assim miseravelmente morrem as revoluções. Para voltar a lhes dar vida não há outro meio que não seja o de manter o povo em constante movimento e não abandonar a sorte nas mãos de ditadores... Sem esperar a sentença dos ditadores ou consultar a vontade de tantos outros que em casos parecidos querem governar, as organizações militares como as civis surgirão das entranhas da nação. A unidade resultará precisamente da absoluta liberdade proclamada como lei soberana." (C. Pisacane, *Come ordinare la nazione armata*, pp. 148-154).

Para assinalar alguns dos sistemas aconselhados por Pisacane, diremos que ele quer que a marcha das operações militares seja independente do poder político; que as forças armadas não sejam superiores as necessárias, segundo as fronteiras que seja preciso defender[4]; que as hierarquias e as graduações se encontrem limitadas ao mais indispensável e representem uma verdadeira diversidade de funções; que os militares se achem convencidos da bondade da causa pela qual combatem; que todo oficial seja nomeado por livre eleição de seus comandados; que os interesses das milícias estejam ligados aos da coletividade e que os benefícios que recebam dependam de sua condição de cidadãos e não de soldados; que a unidade de ação resulte não da autoridade dos chefes, mas da forma de instrução das massas, a fim de transformar o ignóbil dogma da obediência cega em convicção profunda[5].

* * *

Poderia assinalar aqui, outros meios úteis para refrear a sempre possível tendência dos chefes militares a exceder e estender sua autoridade em prejuízo da revolução. Por exemplo, o sistema adotado em certo modo pela revolução francesa, e elogiado também por Mazzini, de delegar comissários civis, representantes da revolução ante os soldados, mas não



enviados por um poder central e sim pelas comunidades livres, pelas Comunas revolucionárias, entre os soldados que elas mesmas proporcionaram. Estes comissários estariam investidos de um poder maior que os demais, de modo tal que os soldados da revolução se sintam sempre acompanhados pela solidariedade de todo o país e que a vigilância deste refreie os desejos autoritários e liberticidas, possíveis de se desenvolver em qualquer um que, por qualquer motivo, supere aos demais em poder.

Mas é inútil, repetimos, entrar em tais particularidades, que indicamos só para dar uma idéia do que pensamos. Tampouco se poderá obter nesta direção nada perfeito já que, para o bem ou para o mal, ela será sempre uma direção nada anarquista por certo. Alguns defeitos previsíveis desde já e visíveis para o leitor anarquista poderão ser eliminados, algumas imperfeições evitadas; mas a contradição subsistirá como um fato que se haverá de sofrer por força maior. Mas uma coisa é sofrer por força da adoção de algumas medidas autoritárias, buscando as menos autoritárias possíveis e limitando ao máximo o poder, e outra coisa bem distinta é eleger entre estas medidas justamente a mais autoritária e a mais tirânica que existe – como a ditadura - , fazendo-se *a priori* seus pregoeiros e apresentando-la às massas como um ideal que merece ser alcançado.

Além do mais, na propaganda, não se pode descuidar do elemento psicológico. Em troca, os socialistas, indicando ao povo como seu fim mais digno o estabelecimento da ditadura, contra a qual sempre, ainda que fosse necessário, seria preciso alertar a desconfiança proletária, corre-se o perigo de preparar um terreno propício para os inimigos da classe trabalhadora; por isso em um mal dia, em lugar da ditadura do proletariado teríamos pela frente a do militarismo.[6] Confiemos em ser profetas!

Que seja possível uma defesa anarquista da revolução, ainda militarmente, ainda que a nós mesmos nos pareça difícil, não deve, sem embargo, ser excluído do todo quando até uma revista completamente favorável à ditadura do proletariado nos falava em 1919 da resistência oposta a Denikin na Ucrânia pelo general anarquista Makhno, uma das personalidades mais notáveis do país (segundo expressava o dito periódico) e que exerce sobre as massas uma enorme influência.

"Anarquista militante, inimigo de toda ditadura centralizadora, ainda em matéria militar, se compreende que suscite a animosidade de Trotsky, que não quer colaborar com os voluntários. Ele é, sem embargo, um espírito ardoroso e sincero; homem completamente devoto do regime

dos soviets, mas baseado em uma descentralização regional. A revolução lhe deverá muito, talvez por seu esforço toda a Ucrânia chegue a ser sovietista na próxima primavera."[7]

Makhno dirigiu grupos insurretos contra a política agrária do partido comunista, inspirada em um programa inadequado as condições do país; ao não tê-las estas em conta pelos bolcheviques, determinaram contra eles a inimizade de uma grande parte da população. Isso confirmaria o que tínhamos dito anteriormente, ainda no que se referia as relações entre os revolucionários da indústria urbana e as massas camponesas. Mas aqueles mesmos grupos de ontem, considerados "contra-revolucionários", porque eram anti-bolcheviques; se converteram depois na mais formidável ameaça às costas de Denikin e de Wrangel, favorecendo inclusive as operações do exército vermelho comunista.

* * *

De qualquer modo, nós compreendemos que depois da revolução poderá se estabelecer um regime não-anarquista e que ainda, ao menos por hora, esta é a eventualidade mais possível e mais provável. E isso pode ocorrer, seja porque a maioria dos trabalhadores que participarão parecem mais propensos a um regime socialista republicano, enquanto os proletários anarquistas constituem uma minoria; seja por influência de fatores diversos e externos, entre os quais deve se enumerar a eventualidade acima examinada de ataques militares por parte de Estados burgueses estrangeiros. Nós podemos querer que a revolução tome uma determinada orientação; a revolução, pela força dos acontecimentos, por circunstâncias imprevistas, por vontade das massas etc., pode logo tomar uma direção contrária, considerada por nós como menos proveitosa.

Mas, em tal caso, deveremos nós anarquistas, nos por contra a revolução ou nos retirarmos desdenhosos a um "Monte Sagrado", nos encerrarmos na torre de marfim de nossa intransigência, recusarmos nossas forças a defesa da revolução só porque esta não marcha completamente de acordo com nossos desejos? Nem em sonhos! Podemos e devemos nos recusar a contribuir com erros alheios, mas nosso dever de lutadores contra o Estado burguês, contra o capitalismo e sua sobrevivência, pela expropriação e pela liberdade, é um dever que subsiste e que devemos cumprir com maior energia quanto mais avançadas e intransigentes sejam as nossas idéias. Permanecem íntegros para os anarquistas, o dever e o



interesse de defender a revolução, apesar de sua orientação estatal e apesar de seus métodos, contra os inimigos de dentro e de fora.

Estar ausentes, recusar-se ao supremo dever da defesa da revolução, significaria trair a si mesmos, pois nos resultados se teria uma revolução ainda menos radical e menos libertária. Ao contrário, qualquer governo que surja da revolução será tanto menos opressor e permitirá maior liberdade quanto mais os libertários, os defensores da liberdade, tenham sido e sigam sendo, os esforçados defensores da revolução em todos os campos da batalha multiforme. A revolução estará animada de tanto maior espírito igualitário, quanto mais existam no país forças de oposição, ultra-revolucionárias e libertárias, que defendam ainda no interior o espírito integral da revolução; quanto mais numerosos sejam os núcleos, as associações e as instituições que reivindiquem a liberdade de admnistrar por sua própria conta e seus próprios interesses e de organizar com análoga liberdade suas relações com o resto da sociedade.

Objeta-se que esta oposição ao poder futuro poderia favorecer as tentativas contra-revolucionárias internas e externas, debilitar a posição geral e a defesa militar da revolução. Dizer isto significa não compreender o caráter e o espírito da oposição anti-governamental e libertária. Por outro lado, a falta de uma oposição ao governo poderia muito bem provocar uma degeneração maior no mesmo, até o ponto de este se converter no centro da tão temida contra-revolução. Mas ainda que isto não acontecesse deve-se compreender que a oposição anarquista estaria sempre em uma direção ainda mais revolucionária, destinada a ferir com toda a energia possível e intransigência os restos do passado, e nunca a favorece-los; além do mais, ainda estando na oposição, ela nem por isso deixaria de dar seu concurso mais ativo – e isto seria seguro e infalível – para combater no terreno da ação, de acordo com as demais forças revolucionárias de outro tipo, qualquer tentativa reacionária e burguesa de fora ou de dentro.

* * *

Ouve-se dizer entre nós, desde os tempos de Bakunin, que a revolução será anarquista ou não será; mas há quem entenda esta formula de modo errôneo, como se dissessemos: a revolução terá uma orientação anarquista e se encaminhará para o anarquismo, ou não queremos saber nada dela. Não é assim. Bakunin queria fazer compreender que para ter êxito a revolução precisa desatar todas as forças latentes no povo, sem

freios nem coerções, em todas as partes e em todos os sentidos, e de fato é de se prever que isto ocorra no primeiro momento insurrecional. Se se perdesse tempo demasiado ordenando, controlando etc., se em todas as partes se esperam ordens dos chefes ou de um centro, é quase seguro que a reação chegaria a prevalecer. O triunfo da revolução será mais seguro se a iniciativa revolucionária se desenvolve de forma voluntária em todas as partes do território, se ataca diretamente os organismos autoritários e se, uma vez abatidos estes, passa-se a expropriação.

Contribuirão para a revolução, e poderão ser também de grande utilidade, as forças organizadas, ordenadas, movidas por este ou aquele centro, guiadas por chefes etc. Mas só estas forças seriam insuficientes e chegariam sempre demasiado tarde[8] se a primeira ação anarquista, mais ou menos indisciplinada formalmente, mas unânime por uma disciplina interior mais sólida, visto que será o produto de uma unidade de tendências, não houvesse vencido as primeiras resistências, desbravado o terreno de operações e impedido as forças do inimigo, com o assalto imprevisto e em todos os pontos, poder reunir-se, concertar-se e coligar-se. Ainda neste sentido, pois, a ação anarquista (entendida não somente no sentido de partido, mas também de modo mais geral) tem uma função imprescindível, e sem renunciarmos a ela para nos incorporar a uma espécie de exército com seus quadros esperando ordens de chefes ou de centrais de comando, talvez fosse a renúncia da vitória.

A revolução, portanto, ainda que não seja anarquista no sentido que quiséramos, não deixará de ser uma revolução e não nos impedirá de tomarmos parte nela; mas por mais ou menos libertária, ou por mais ou menos autoritária que for, o certo é que *quanto mais anarquista seja a revolução, tanto mais completa será e terá maiores possibilidades de vencer*. A missão dos anarquistas é, pois, a de imprimir à revolução a direção mais anarquista possível.

* * *

Se da revolução não surgir o anarquismo, é previsível que se dê lugar a instauração de uma república socialista; mas a forma política importará pouco, e muito mais, por outro lado, importará a essência do seu conteúdo. Pois bem; da revolução surgirá uma forma de governo tanto mais débil e, por conseguinte tanto menos opressora quanto mais avançada e radical tenha sido a própria revolução, e quanto mais nós



tenhamos participado nela aportando nosso ardente espírito de liberdade, destruindo todas as sobras autoritárias possíveis e realizando em maior grau as organizações autônomas para a vida coletiva. Ainda no seio de um regime anarquista, nós deveremos tentar a realização do anarquismo até onde o permitam nossas forças.

Esta será a ação exata dos anarquistas para a defesa da revolução. Deste dever e de sua importância não se dão conta aqueles aos quais basta a hipótese de que da revolução não pode surgir o anarquismo para deduzir que deveríamos... provisoriamente, renunciar a ele e nos fazermos, nós também, partidários do governo que se constitua e até talvez, fazer parte do mesmo!

Da revolução poderia surgir também uma república burguesa, e tal eventualidade não nos impedirá de participar igualmente na revolução com nosso próprio programa, mas deveríamos ainda neste caso, sermos partidários e cooperadores do novo regime? Todos compreendem que não é possível. Pois bem! Na mesma situação nos encontraremos sempre, como opositores desde fora, enquanto não surja da revolução um regime anarquista.

Além do mais, não é de todo impossível que a revolução possa ocorrer em um sentido libertário desde que haja, em número suficiente, pessoas convencidas e dispostas a lhe dar tal orientação. Hoje, no período de propaganda e preparação revolucionária, tal propaganda e preparação não podem ter por nossa parte outra orientação além da anarquista, para que se aumente cada vez mais o número de convencidos e se difunda amplamente entre as massas o espírito libertário, e para conseguir, ao mesmo tempo, que a revolução ao estalar possa desenvolver-se no sentido desejado por nós, por completo ou no que for possível. E isto ocorrerá em uma medida tanto maior quanto mais propaganda e preparação anarquista realizarmos. Se, ao contrário, começarmos desde hoje, como quiseram certos socialistas amigos nossos, a sustentar que para o triunfo da revolução é necessário um governo, ou melhor, uma ditadura, contribuiríamos para criar ou para aumentar artificialmente tal necessidade, em vez de eliminá-la; e difundiríamos assim entre as massas um espírito contrário a nossas idéias e aos interesses da revolução.

Devemos, pois, propagar desde agora, em todo o possível, idéias e sentimentos que possam dar um espírito e uma orientação anarquista a revolução; e em tempo de revolução deveremos reivindicar o direito de aplicar tal orientação, ainda como minoria. Será esta a melhor defesá da revolução.

* * *

Nossas idéias, a concepção que temos da organização social futura, nosso critério sobre o desenvolvimento da revolução nos impõe, pois, uma determinada linha de conduta, ainda, na muito provável eventualidade do estabelecimento de um novo governo no período revolucionário, seja mais liberal, com uma forma de república social de tipo federalista, seja mais autoritário e centralizado, como o auspiciam os partidários da *ditadura do proletariado* e como toda ditadura é por sua própria natureza.

Esta linha de conduta – que deve ser ao mesmo tempo revolucionária e anarquista – surge implicitamente de tudo quanto temos dito até agora; e explicitamente, em grande parte, tem sido exposta por nós quando temos admitido a hipótese da necessidade de uma defesa militar da revolução e por tanto de alguma forma de autoridade e de um mínimo inevitável de instituições governamentais. Se tal hipótese há de se verificar ou não, no todo ou em parte, não é questão para ser discutida aqui. Nós preferimos que não ocorra, e para evitá-la deveremos trabalhar todos: mas a questão é outra. Quer dizer, admitamos que este estado de coisas se realize, contra nossos desejos e nossos esforços, pela preponderância de pareceres opostos, por circunstâncias imprevistas ou por força maior dos acontecimentos; então, na relação com nossas idéias, quer dizer, para alcançar mais solicitamente sua realização, *no interesse prático da própria revolução*, que atitude que seja de maior utilidade poderão adotar os anarquistas em especial e as forças com mais consciência revolucionária do proletariado em geral?

É disto, efetivamente, que trataremos de ver no capítulo seguinte, a modo de conclusão deste livro.

**Notas:**

[1] C. Pisacane, *Guerra combattuta in Italia negli anni 1848-49*, p. 137. (leia-se as *Considerazioni* de p. 299 em diante)

[2] C. Pisacane, *Guerra sulla revoluzione*, p. 203. (leia-se sobre este assunto todo o capitulo, especialmente da p. 185 a p. 208)

[3] O livro em questão tem por titulo: *Ordinamento e Constituzini delle Milizie, ossia la Nazione armata*; foi reeditado em 1901 a cargo de Ghisleri, com prólogo de Rensi, pelo editor Sandron, de Palermo.

[4] Recorde-se a este propósito o trágico experimento húngaro: Entre as causas do desastre da república comunista húngara deve notar as hostilidades iniciadas contra a Romênia, sem que os soldados estivessem persuadidos de que defendiam a revolução. Os mesmos que haviam derrotado a checos e eslovacos ao defender-se deles, foram por sua vez



vencidos quando iniciaram o ataque aos romenos.

[5] C. Pisacane, *Come ordinare la nazione armata*, p. 137.

[6] (1922). Por desgraça, ainda nisto não nos equivocávamos muito. Hoje já existe na Itália uma ditadura reacionária e militaresca, apoiada na destrutiva barbárie fascista. E talvez quando esta nova edição for publicada, a ditadura militar propriamente dita seja já, um fato consumado!

[7] Assim aconteceu de fato, pouco depois de ter escrito isso. Veja-se *L'Ordine Nuovo*, de Turim (que até então era uma revista semanal, e não diária como hoje) #29 de 13-12-1919.

[8] Veja-se o capítulo IV, o episódio que relata o bolchevique Victor Serge sobre a ação desenvolvida pelos anarquistas em Petrogrado em defesa da revolução, ameaçada nas portas da cidade pelas tropas de Iudenich.

# A Função do Anarquismo na Revolução

*Luigi Fabbri*

O movimento proletário e subversivo está divido hoje em frações e correntes mais ou menos hostis entre si, que sem embargo tem um mínimo de objetivos comuns a realizar, em especial de demolição, e que por outro lado não poderão realizar sem que se unam de fato, ainda que seja apenas transitoriamente, no momento da ação.

Os anarquistas, os socialistas e as organizações gremiais de uma ou outra orientação tendem a conjuntamente derrubar as instituições políticas e econômicas atuais. Por outro lado, na Itália, dado que o regime italiano é monárquico, a necessidade de eliminar a monarquia nos faz ter em comum com os republicanos a luta contra o primeiro obstáculo que nos é apresentado. Isto sem ter em conta o fato de que os republicanos mais jovens, especialmente os operários, entendem por "república" um regime não capitalista, quer dizer contrario às repúblicas burguesas que fazem a delícia da Europa e da América.

Os anarquistas não estão de acordo com os socialistas nem com os republicanos: com os primeiros, pela direção autoritária que querem dar ao movimento e a revolução; com os segundos, pelos mesmos motivos que com os socialistas e além do mais pela imprecisão perigosa de seu programa no terreno econômico, que não garante ao proletariado um aniquilamento real do privilégio capitalista. No entanto, nós estamos sempre dispostos a cooperar com uns e com outros naqueles fins, ainda que limitados, que com eles temos em comum. Para prestar-lhes tal cooperação ou recebe-la, é talvez indispensável que deixemos de ser anarquistas, que ingressemos no partido republicano ou no socialista?

Não vemos de maneira alguma tal necessidade, e ninguém, entre nós ou entre os adversários, tem sustentado nunca semelhante absurdo.

Dados o ambiente, a situação atual e a mentalidade dominante entre as massas, não excluímos absolutamente que os outros partidos cumpram sua função útil e por hora necessária.

Mesmo os republicanos, voltando a ser o que eram antes da guerra, podem ter uma função especial própria, derivada da tradição histórica e da situação da monarquia, estranha à alma italiana e acampada em Roma como em terra de conquista.Temos ainda, os socialistas, que hoje constituem a maior força do campo operário, e que poderiam convocar o grosso do futuro exército revolucionário; mas sua política é pouco apropriada para uma colaboração ativa com os anarquistas. O desejo de conquistar o poder impulsiona os dirigentes socialistas a negar, de fato senão de palavra, o direito a existência de todo outro movimento revolucionário; pretendem ser assim os únicos representantes dos direitos e dos interesses da classe operária.

Querendo enquadrar todo o movimento e toda a revolução sob sua autoridade e sua única direção aceitam, é verdade, toda colaboração estranha que os ajude, mas sem reconhecer a esta nenhuma liberdade de iniciativa; e disto deriva um perpétuo obstáculo para uma verdadeira concórdia que de outro modo seria possível. De tal maneira se superestimam em sua função específica, que impedem os anarquistas de desenvolver sua própria. Mas em troca nossa função não nos impediria absolutamente de cooperar com os socialistas sempre que estes estiverem animados de um maior espírito de tolerância e de compreensão para todas aquelas coisas nas quais nos harmonizamos e para todos aqueles fins que temos em comum.

Sempre que os socialistas se empenham numa luta, ainda que paroial, contra o capitalismo e contra o governo, por melhoras imediatas, por uma diminuição da exploração e da opressão, por um aumento do bem estar e da liberdade, estão seguros da solidariedade dos anarquistas no terreno da ação direta popular e proletária. Tanto mais nos solidarizaremos, ao seu lado e a vanguarda, quanto mais cheguemos ao terreno da luta em um conflito contra o capitalismo e o Estado.

* * *

A dissidência se manifesta ali onde começa a função específica dos anarquistas como revolucionários e como inimigos da autoridade.



Ainda estando presentes em todas as partes aonde haja luta, por pequenos ou grandes fins, contra o privilégio econômico ou político, os anarquistas não deixam de dizer que todo melhoramento obtido enquanto durar a opressão capitalista e estatal é ilusório ou de breve duração. Depois da guerra, isto se mostra ainda mais verdadeiro. Por outro lado, se sua solidariedade é plena e entusiasta quando se trata da ação do povo que sai à rua, do proletariado que se organiza e faz greves parciais ou gerais, que toma por campo de luta a fábrica e a oficina, que resiste ou ataca ao capitalismo em seu próprio terreno, os anarquistas se voltam nitidamente hostis a toda tentativa de transformar o estado de luta em acomodação com o inimigo, em colaboração de classe, em participação nas funções diretivas do capitalismo e representativas do Estado burguês.

Está ali a razão pela qual os anarquistas são e permanecem adversários da política eleitoral e parlamentar do reformismo legalista e colaboracionista, de toda relação que não seja de inimizade e de contenda acirrada contra os patrões e contra o governo. A função, o dever dos anarquistas no movimento social atual consiste precisamente, como revolucionários que são, nisto: em manter aberto o sulco e vivo o estado de luta entre o proletariado e o capitalismo, entre o povo e o governo; como inimigos de todo poder, em ter desperto o espírito de revolta contra toda autoridade coercitiva e legal, em combater ainda dentro do próprio movimento proletário as tendências autoritárias, centralizadoras e ditatoriais seja de indivíduos ou de partidos. Assim, os anarquistas dão ao problema do Estado na prática, na ação imediata, dia a dia, a mesma solução negativa que na teoria dão, seja trabalhando na desagregação e destruição do Estado atual (ainda juntamente com outras forças que cooperem nestes fins diversos), seja obstaculizando desde já a formação ou a consolidação de um Estado ou governo futuro. A luta contra o Estado (como apontamos já ao final; do segundo capítulo deste livro) é a função principal que, sem excluir as outras funções, caracteriza o anarquismo frente a todos os demais partidos.

Quanto mais os anarquistas desenvolvam esta função própria, tanto mais a revolução se aproximará e se desenvolverá no sentido de uma maior justiça e de uma mais ampla liberdade.

Mas para exercer tal função revolucionária e libertária, os anarquistas têm a necessidade de permanecer o mais possível com eles mesmos, isto significa não se deixar absorver pelos partidos ou movimentos que eventualmente se encontrem mais próximos e com os quais tem ocasião de combater em alguma batalha comum, sejam socialistas, sindicalistas

ou republicanos. Também a influência que poderíamos vir a exercer sobre estes partidos e movimentos distintos do nosso será maior e mais eficaz se partir de fora, aberta e explicitamente, que se proceder enganosa e dissimulada desde dentro.

* * *

Compreende-se como esta posição intransigente impede que os anarquistas obtenham certos resultados, apoiar a classe operária em circunstâncias determinadas em que – não havendo nos operários a vontade de sacrifício necessária para chegar diretamente ao fim ou aparecendo tal sacrifício demasiado desproporcional para a sua própria pequenez – é impossível ter êxito sem pactuar com o inimigo, sem compromissos com o capitalismo e com o Estado, sem recorrer as leis, sem servir-se do concurso dos politiqueiros.

Neste caso os anarquistas, se os são verdadeiramente, devem ter o valor de não se preocuparem com o êxito e de dizer a seus companheiros trabalhadores: "renunciem a um resultado que os custará a dignidade e em abandono de possibilidades futuras mais do que obtereis; e trabalhem para que se fortifiquem para estar em condições de obter muito mais com a vossa ação direta; mas se o nosso conselho não os convence, não espereis de nós o concurso em um ato que não aprovamos, que não entra em nossa missão; e voltem-se para outra parte em busca de recursos".

Esta linguagem e esta atitude estão destinados, é certo, a nos conseguir em tempos ordinários a atenção das grandes massas. Mas assim preparamos o terreno para os tempos extraordinários. Quer dizer, formamos aquela minoria revolucionária cuja missão é dar os primeiros golpes de picareta nas portas fechadas do amanhã. Então os anarquistas já não estarão sós e as minorias se converterão em maiorias. Mas isto sucederá com a condição de que tais minorias não abdiquem hoje de sua específica missão negadora, intransigente, orientada para o futuro, seduzidas demais pelo desejo de acrescentar suas próprias filas mais além do possível e bastar-se para todas as necessidades que se apresentem em cada circunstância.

Os anarquistas, partido de minoria, não podem bastar para todas as funções do movimento social e operário. Sem se preocupar com uma colheita prematura, deixando aos demais todos os aparentes êxitos imediatos, deixam para trás também as funções de transigência, de



submissão ou de autoritarismo que a baixa mentalidade das grandes massas cria e alimenta. Movem-se livres e independentes no seio da massa, em contato com ela, participando de seus sacrifícios e de suas revoltas, mas não de suas debilidades, de suas transações e de suas renúncias.

Este é, entende-se, o programa ideal de anarquismo; o qual não exclui individualmente, por desgraça, também os anarquistas que transigem, renunciam e se mostram débeis. Nós falamos da orientação geral anarquista, a qual deve estar em coerência com as idéia que a animam. Na realidade ela pode cair em faltas e erros, como ocorre com os outros partidos. Mas o que a distingue destes é o reconhecimento de seus próprios erros, inevitáveis sempre no que se agita e se opera, e o esforço contínuo para evitar-los e corrigi-los, para realizar o melhor que seja possível sua função específica de ser o punhado de levedura de que falava a parábola bíblica.

Fermento de liberdade e de revolta, além de divulgador de idéias, o anarquismo tem como tal, e em coerência com seu programa, um terreno tão vasto para cultivar que não sobra tempo nem modo de invadir o campo das atividades alheias, para o qual é por seu lado pouco apto. Se conseguir concluir completamente, o que não é nada fácil, sua missão específica, haverá trazido o máximo e o melhor tributo, seja para a revolução, seja para a reedificação da futura "cidade do bom acordo" da qual falava Reclus, na qual os homens viveriam, segundo a justiça, livres e iguais.

* * *

Nossa discussão sobre a ditadura promoveu uma grande quantidade de questões que se referem a ela mais ou menos diretamente e que tem estreitos vínculos com o problema da revolução, assim como também com o da tarefa que em seu seio deverão desempenhar os anarquistas.

Entre os adversários dos anarquistas muitos poucos se dão conta da função específica do anarquismo na revolução. Também há algum anarquista que por estar amarrado nas engrenagens da atividade prática e revolucionária perde de vista o conjunto das coisas; ou que entendendo por anarquismo um simples ardor revolucionário, não parece perceber exatamente o posto que os anarquistas ocuparão na complexa e vasta guerra social na qual vai se afundando a sociedade moderna.

Apontamos isso em algum outro capítulo do livro. A tarefa e a função dos anarquistas antes e durante a revolução tem um fim

determinado, um determinado campo de ação, e não pode pretender abarcar todas as necessidades, resolver todas as questões que vão se apresentando até o dia em que seja possível instaurar um regime anárquico-comunista.

Além disso, é verdade – e só os adversários de má-fé podem nos imputar uma oposta crença infantil – que é muito pouco provável um salto do atual estado de coisas a outro perfeitamente de acordo com nossas idéias e nosso programa. Uma revolução é necessária, antes de tudo para que mude o ambiente e transforme, como em um crisol, a consciência das maiorias; e talvez não baste apenas uma revolução. O período revolucionário não será breve nem bastarão para o superar as insurreições do primeiro momento. Durante este período se experimentarão regimes diversos, mais ou menos imperfeitos, mais ou menos autoritários, mais ou menos manchados de violência, de injustiça e de desigualdade.

Nada mais provável e mais natural! A humanidade prossegue seu caminho através de quedas e erros; e mesmo as quedas e os erros cumprem sua função útil, já que sem eles, sem as lições das dores que produzem, os homens não sabem se aproximar da verdade. Pode ocorrer, portanto, que a revolução nos brinde com resultados com os quais nós anarquistas não estejamos de acordo: uma república mais ou menos socialista, uma ditadura mais ou menos tirânica, novos governos e novas explorações, privilégios ou injustiças de outro tipo etc., e que tudo isto assuma um caráter de necessidade por nossa debilidade e pela inconsciência das massas, porque entre nós ou fora de nós as forças inimigas são muitas todavia, porque os egoísmos cegos e as superstições impedem a harmonia das vontades e dos interesses, porque, numa palavra, faltam todavia as condições reais para o cumprimento de nossos anseios.

Bem, existem aqueles que, em vista destas dificuldades, se desconhecem a si mesmos e aos próprios fins político-sociais para se ajustarem desde já as dificuldades que entrevêem, para transigir com o erro e com a tirania. Posto que prevêem um estado de coisas imperfeito, o aceitam sem mais, todavia na nobre impaciência de sair do imperfeito estado atual; vêem o erro e o dano ao futuro, e desde que o consideram inevitável, se convertem em seus partidários. Renunciam assim ao fim último do socialismo livre, do anarquismo comunista, para correr em atrás de transações que lhes parecem necessárias: a república social, a constituinte, a ditadura do proletariado, o socialismo marxista, acomodando-se de tal modo, no fato senão nas palavras, a outros partidos, servido a outros fins e outros interesses, relegando para outros tempos o



melhor que têm em mente.

"Devemos então sacrificar o bem próximo a algo melhor e distante e correr o risco de fazer assim o jogo dos inimigos do proletariado e da liberdade?", perguntam eles. E agregam o eterno argumento, justo em si mais que os oportunistas tem tergiversado até a falsificação: *É preciso ser práticos*.

Pois bem, a questão é precisamente esta: é mais *prático* adaptar-se ao mal, ainda que seja inevitável, ao erro, ainda que seja transitoriamente imposto pelas circunstâncias, até o ponto de fazer-se seus partidários; ou pelo contrário, resistir ao erro e ao mal o máximo possível, os mostrando em sua verdadeira luz e projetando continuamente sobre os fatos as soluções que cremos serem possíveis? Nós pensamos que o segundo método é muito mais prático que o primeiro. Assim e tudo, as previsões sobre a direção que tomarão os acontecimentos, as nossas como as alheias, poderiam estar equivocadas e ser logo desmentidas pelos próprios acontecimentos. Eleger um caminho que parece errôneo, com base em previsões para o futuro, poderia nos conduzir a algum desastre, do qual seriamos responsáveis precisamente porque conhecíamos de antemão o erro que aceitávamos.

Mas aparte disto, e ainda se as previsões mencionadas se confirmassem, é um fato inegável que um mal qualquer ou um erro inevitável serão na realidade transitórios e cessarão quanto antes houver quem resista a eles, quem mantenha viva a consciência do mal e do erro, dos prejuízos que deles podem surgir, da necessidade de libertar-se e acabar com eles o mais rápido possível. Se, pelo contrário, todos se adaptam a essa situação e já antes que as circunstâncias o imponham com força se vá criando entre o povo um estado de ânimo favorável ao erro, e entretanto aqueles que conhecem o caminho da verdade e da justiça renunciam a ele antecipadamente por temor ao pior, o mal e o erro então fincarão raízes profundas, tenderão por conseguintes meios aptos para se consolidar, e o dia que se quiser abatê-los serão necessários esforços e sacrifícios incrivelmente mais penosos e mais duros.

* * *

Tudo isto não significa que se deva sacrificar, em homenagem a algo melhor distante, aquele pouco bem estar que se possas obter imediatamente, através dos males e dos erros mencionados; isto não quer

um regime de opressão; mas se deve provocar um novo despotismo, é lícito perguntar se não era melhor ter-lhe dado outra direção. Já é tempo de empregar unicamente forças conscientes; os evolucionistas, chegando enfim ao perfeito conhecimento do que pretendem realizar na próxima revolução, têm outra coisa a fazer do que se amotinar descontentes, lançando-os na refrega sem fim nem bússola"[38]. E mais adiante Reclus afirma que "já não basta, pois, repetir as velhas fórmulas vox populi, vox Dei[c], e soltar gritos de guerra fazendo estalejar bandeiras ao vento. A dignidade do cidadão pode exigir dele em tal ou qual conjuntura, o levantamento de barricadas e a defesa de sua terra, cidade ou liberdade; mas não imagine resolver a menor questão pelo acaso das balas. É nas cabeças e nos corações que as transformações têm que realizar-se antes de tenderem os músculos e de mudarem em fenômenos históricos"[39].

O anarco-comunismo era uma corrente que procurava se revestir de ares científicos, assim como outras correntes socialistas da época, o anarquismo seria então uma ciência da revolução: "a ciência social que ensina as causas da servidão, e de ricochete, os meios de emancipação, emerge pouco a pouco do caos das opiniões em conflito. O primeiro fato posto em foco por esta ciência é que nenhuma revolução pode fazer-se 'sem evolução prévia".[40] Sendo assim, "a condição primeira do triunfo é estarmos desembaraçados da nossa ignorância (...)"[41].

Ao lado da obra fundadora de Reclus podemos colocar a *A Ajuda Mútua como fator de progresso entre os animais e os homens*[d], como as duas obras fundamentais do anarco-comunismo, e sem dúvida foi Piotr Kropotkin o principal expoente desta corrente. Neste livro de Kropotkin certamente encontramos a teoria mais bem articulada do anarco-comunismo, pela riqueza da pesquisa e da argumentação. O livro foi fruto de uma série de artigos, segundo o próprio autor "minhas investigações sobre a ajuda mútua entre os animais e entre os homens foram impressas pela primeira vez na revista inglesa Nineteenth Century. Os dois primeiros capítulos, sobre a sociabilidade entre os animais e sobre a força adquirida pelas espécies sociáveis na luta pela existência eram uma resposta ao artigo do conhecido fisiólogo e darwinista Huxley, aparecido en Nineteenth Century, em fevereiro de 1888"[42].

Nas suas investigações sobre a vida animal, Kropotkin concluiu que, ao contrário do que a maioria dos darwinistas afirmavam, era a solidariedade, a ajuda mútua entre os membros de uma mesma espécie, que garantia a evolução. As espécies internamente mais solidárias sobreviviam e evoluíam, enquanto as demais pereciam. O interesse inicial



de Kropotkin nestas pesquisas era refutar as teorias desenvolvidas a partir de Darwin, o chamado darwinismo social, que estimulava a concorrência e a luta entre as pessoas. Vale lembrar que tudo isso foi escrito por Kropotkin na Inglaterra, país mais avançado nas relações capitalistas, onde o darwinismo social converteu-se em ideologia a serviço da manutenção e expansão das relações capitalistas. Kropotkin rejeitou que a luta pela existência, contrapondo os seres humanos entre si, fosse uma "lei natural": "não podia estar de acordo com este ponto de vista, porque já estava convencido de que reconhecer a desapiedada luta interior pela existência, nos limites de cada espécie, e considerar tal guerra como uma condição para o progresso, significaria aceitar algo que não só não havia sido demonstrado ainda, como de nenhum modo é confirmado pela observação direta"[43].

O estudo das sociedades humanas, em diferentes épocas históricas, revelou, para Kropotkin, algo bem diverso: sempre que em alguma sociedade observa-se algum "desenvolvimento progressivo", é porque as lutas entre os indivíduos foram restringidas ao mínimo, e, em seu lugar, atuaram poderosamente os princípios da ajuda mútua. O livro de Kropotkin encerra-se com uma afirmação rápida e amplamente assimilada pelos adeptos dessa concepção, servindo-lhes como uma espécie de divisa: "na ampla difusão dos princípios da ajuda mútua, mesmo na nossa época, vemos, também, a melhor garantia de uma evolução mais elevada do gênero humano"[44]. Estava indicada a estratégia para o anarquismo comunista. Mais adiante discutiremos que tipo de práticas e conseqüências gerou a aplicação desta estratégia.

Os textos de Kropotkin e Reclus trazem uma determinada concepção de história. Evolução, progresso, revolução, ciência, determinismo, natureza, são conceitos presentes e fundamentais no anarco-comunismo. A revolução seria uma tendência natural e inevitável na história, algo para o qual as pessoas deveriam se preparar, mas não forçar a marcha da história. A sociedade anarquista comunista seria a forma de sociabilidade mais elevada para a espécie humana. Dentro desta idéia, evidentemente se despreza a necessidade de preparação da nova sociedade ou da projeção de formas de organização social; isso se daria espontaneamente. O anarco-comunismo de Kropotkin traz embutido o espontaneísmo em termos de organização anarquista, ele nunca deu ênfase na necessidade de se construir uma organização anarquista, afinal se as coisas rumavam para o anarquismo isso era inútil e desnecessário. Também observamos um evolucionismo - pelo viés da espécie, biológico - que se assemelha muito

dizer que a tensão em busca de uma maior verdade e uma superior justiça deva assumir formas e manifestações que na realidade sejam úteis à reação e possam ser exploradas pelos inimigos da emancipação operária.

Por exemplo, para falar da Itália, é muito provável que uma revolução neste momento ou em um tempo próximo nos leve ao estabelecimento de uma república que, não obstante suas tendências mais ou menos socialistas, estaria bem distante de se assemelhar a uma organização anarquista. Nós deveremos por isso obstaculizar a revolução, ou permanecer indiferentes, só porque não nos dará o que queremos? Nenhum anarquista pensaria assim: já dissemos isso antes. Pelo contrário, deveremos participar dela com toda energia, seja com o fim imediato de derrubar o maior número de instituições de privilégios e de opressão, seja com o de aproveitar a momentânea ausência ou debilidade governamental para reforçar nossa posição de anarquistas, criando e multiplicando instituições livres, voluntárias, fundadas no acordo mútuo; que sejam o ponto de partida de uma nova ação, que representem a defesa da liberdade em oposição a qualquer governo que se constitua.

Se, em previsão de que o ponto de chegada mais provável da revolução seja uma república mais ou menos ditatorial ou socialista, renunciássemos desde já a nossa função de anarquistas e aderíssemos ao movimento e a propaganda republicana ou socialista ditatorial, ainda que não chegássemos a ser em tal caso mais que um inútil duplicado de outros partidos, fecharíamos de fato o nosso próprio caminho, nós cessaríamos de ser uma força independente e seríamos absorvidos pelos partidos do governo de amanhã. Os anarquistas, em uma palavra, abdicariam de suas funções de defensores da liberdade e propulsores da revolução.

Para que os anarquistas possam exercer tais funções de propulsores é necessário que fiquem fora, "empurrando o carro", segundo uma expressão que Mazzini usava para seus partidários.

Assim, pois, jamais poderão assumir as responsabilidades do governo, por mais revolucionário que este seja ou se diga; jamais atarão as mãos até o ponto de poder ser obrigados a obrar contra suas próprias convicções ou a não obrar livremente segundo as mais distintas e imprevistas necessidades do momento revolucionário. Quando falamos de rechaçar responsabilidades, nos referimos sempre as que podem nos afastar do povo, fazer-nos perder o contato com ele, diminuindo sua simpatia; aquelas que podem nos fazer retroceder dos postos de vanguarda aos de retaguarda; não as responsabilidades, se entende, inerentes ao fato



insurrecional e revolucionário frente a burguesia. Devemos reafirmar que somos um partido orientado para o futuro, e não comprometer este futuro com renuncias de modo que nos atem demais ao presente e sejam um obstáculo para proceder mais adiante.

* * *

Frente a ditadura proletária, ao governo revolucionário, nosso posto está na oposição intransigente nos princípios e na realidade mais ou menos benévola, mais ou menos ativa, com maiores ou menores tréguas segundo o que o governo seja ou faça e segundo as necessidades impelidas da luta contra as forças burguesas e reacionárias, sobreviventes no interior ou procedentes do exterior.

Certamente, a oposição frente a um governo ou ditadura operária, socialista e revolucionária, por contrária que esta possa ser a nossas convicções, não poderia ter o mesmo caráter que a oposição atual, de verdadeira hostilidade de inimigos, ao governo e a ditadura da burguesia. Pelo menos não assumiria tal aspecto senão quando o chamado governo operário levar ao extremo suas provocações liberticidas e se converter em um perigo real para a revolução, de igual gravidade que o da reação burguesa.

O norte dos anarquistas em sua ação será sobre tudo o interesse da revolução. Para tudo aquilo que os socialistas façam de bom haverá sempre o concurso livre e voluntário, mas eficaz, de todos os revolucionários sinceros, compreendidos os anarquistas, tanto no que se refere a luta contra a burguesia como ao trabalho de reconstrução e de defesa do povo contra as necessidades e contra a fome.

"Nós estaremos com os socialistas – dizia um periódico anarquista – enquanto se encontrarem na oposição; e contra eles desde o momento em que assumam o poder, unindo-nos a eles somente na luta contra a reação e em defesa da revolução, e os ajudando ou os secundando em tudo aquilo de bom e de socialista que façam; combatendo-os honesta, mas, energicamente no que fizerem de ruim, a fim de exprimir todo o conteúdo social-revolucionário da Revolução."[1]

Para este fim cremos que, muito mais que as polêmicas e as formas violentas e irritantes de luta, muito mais que as palavras e as afirmações dogmáticas, ajudarão os fatos. Os anarquistas, aonde quer que se encontrem em número suficiente ou tenham bastante simpatizantes e

massas dispostas a seu favor, aproveitarão a desaparição dos organismos estatais e a conseqüente maior liberdade para proceder desde o primeiro momento a expropriação, para destruir todo resíduo dos velhos regimes autoritários, para organizar a vida social sobre bases comunistas e libertárias, para criar todas as formas possíveis de ação livre a fim de satisfazer as necessidades de toda espécie do povo trabalhador, sem cuidar-se das ordens contrárias que possam vir dos novos governos que haverão de surgir nas regiões mais atrasadas. E começarão a federar entre si, na medida em que surjam, estas instituições populares livres, a fim de constituir uma força, um baluarte da liberdade, não importa se em minoria, que ponha freio ao novo poder e assegure a necessária autonomia a tais atividades práticas da iniciativa proletária e libertária.

Não é difícil prever que a livre iniciativa encontrará as melhores formas de desenvolvimento tanto no indivíduo pelo que a ele se refere como nos vários tipos de agrupação e de associação, segundo as funções destas. Grupos locais, comitês regionais e comunais, sindicatos de ofício, federações de indústria, uniões de empregados dos serviços públicos, do aprovisionamento e da distribuição, conselhos de fábricas, sociedades culturais, ligas de trabalhadores e camponeses etc., serão o terreno natural para o florescimento da iniciativa popular no sentido em que é entendida pelos anarquistas, seja para a destruição da autoridade estatal, seja para a sua inutilização.

* * *

No curso desta dissertação falamos várias vezes dos *Soviets* ou conselhos operários como organismos revolucionários e temos assinalado o erro que é confundir-los com a ditadura. Agora acrescentaremos que o regime dos *Soviets*, no sentido exato da palavra (e como não chegou a ser na Rússia, a expressão de um governo ditatorial de partido que subjugou, domesticou e subordinou os *Soviets*, impedindo toda a vida livre e toda oposição) nos parece que se aproxima muito a um tipo de organização social como a que nós desejamos, ou pelo menos que já tem um conteúdo libertário suficiente para permitir uma evolução para a anarquia, através de modificações e adaptações sucessivamente sugeridas pela experiência e pela necessidade. Os Soviets representam na realidade (como dizia nosso amigo Luigi Bertoni) o poder mais amplo, mais numeroso, direto e popular que existiu até agora na história; por conseguinte, o menos absoluto e



tirânico, o menos ditatorial.[2]

Nestes novos organismos, surgidos da ação direta do proletariado, nestas instituições de produção e distribuição organizadas e administradas pelos próprios produtores e consumidores, concebidas livres de toda sobreposição do poder político, que chegue a predominar nos Soviets e que se coloque acima do movimento autônomo dos trabalhadores,[3] os anarquistas poderão desenvolver toda a sua ação, precisamente para combater, obstaculizar, limitar ao menos o poder arbitrário das ditaduras pessoais ou de partido que eventualmente se criarão no seio da revolução. Nos *Soviets*, os anarquistas, e os revolucionários em geral poderão desenvolver com amplitude sua dupla missão negativa e positiva: a defesa da liberdade contra qualquer novo poder que se forme e de reconstrução social sobre bases comunistas. Os *Soviets* junto com outras organizações proletárias suficientes para realizar todas necessidades da vida de uma sociedade sem governo, representarão a resistência popular contra qualquer governo que se queira constituir, a livre iniciativa, o espírito de independência das massas; serão os núcleos autônomos dos produtores, federados entre si, desde as cidades ou aldeias até as províncias, as regiões, aos mais vastos territórios nacionais, as uniões internacionais, segundo as funções, os tipos de produção, os serviços públicos, as exigências do consumo e todas as necessidades que devam atender.

Defender sua autonomia das exigências e das invasões e explorações estatais será uma função necessária, eminentemente revolucionária, além de anárquica, até que chegue o dia em que tal autonomia seja completa, com a eliminação absoluta do Estado ou da ditadura. Só então se poderá dizer que a revolução social obteve um trunfo cabal e que a emancipação do proletariado, e com ela a da humanidade inteira, foi realmente alcançada.

* * *

Esta é uma missão relativamente limitada, não há dúvida; mas para cumpri-la nunca teremos forças abundantes para nos permitirmos o luxo de nos dedicarmos também a tarefas que não nos correspondem.

Indubitavelmente, se faltarão as condições necessárias para o estabelecimento de um regime anarquista, surgirá um governo qualquer, mais ou menos revolucionário, e, portanto será preciso que algum grupo ou partido assuma esta missão de governar. Já fazemos tal comprovação,

deveremos nós anarquistas assumir esta tarefa? Nunca! Se o rebanho humano tem necessidade de pastores, não queremos ser-lo, nem saberíamos ser-lo. Continuaremos por isso estando contra todos os pastores, na medida em que eles próprios mereçam e que, tanto mais hostis quanto mais propensos os vejamos empregar o seu mando autoritário ou as tesouras para tosar. Começaremos, entretanto, nós mesmos, desde o princípio, por nos negar a ser oprimidos, espancados, tosados.

Os socialistas dizem sempre que a "ditadura", será passageira, um estado imperfeito de transição, algo como uma dolorosa necessidade. Temos demonstrado os erros e os perigos existentes nesta crença; mas dado, e não concedido, que a ditadura seja realmente necessária, seria sempre um erro apresentá-la como um fim ideal, fazer dela uma bandeira para ser colocada no posto da bandeira da liberdade. De todos os modos deve-se convir que um das condições *indispensáveis* para que tal ditadura seja dispensável e passageira na realidade, para que não se consolide e seja o prelúdio de uma estável e duradoura tirania no futuro, quer dizer, para que possa cessar de existir o quanto antes, deve existir contra e fora dela uma oposição alerta e enérgica de revolucionários, uma chama viva de liberdade, um partido forte que a impeça de se estabilizar e a combata para lograr destruí-la assim que tenha perdido sua razão de ser... se é que teve alguma vez!

Função natural do anarquismo, que lhe pertence por sua própria essência e por sua tradição, será a de representar na revolução esta oposição mais revolucionária ainda, esta chama de liberdade: o porvenir, numa palavra. Aqueles que temem que disto surja uma vantagem para a reação cometem um grave erro. A contra-revolução triunfaria se a tendência anarquista faltasse, isso sim! E nunca esta tendência seria excessiva. O espírito de revolta do anarquismo, instintivo ou consciente, foi a alma de todas as revoluções, e será o da revolução social. Esta não terá nada a temer e sim tudo o que esperar de nosso zeloso amor a liberdade, de nossa oposição racional e esclarecida a todo poder oficial que se sobreponha, porque será sempre uma oposição subordinada aos interesses da própria revolução.

Os anarquistas não esquecerão nunca que, ainda que a revolução não tenha vencido os seus inimigos, todos os seus esforços deverão ser dirigidos contra estes; e portanto defenderão a revolução, qualquer que seja sua orientação, das insidias e dos assaltos das forças burguesas e reacionárias, com uma intransigência e ardor superiores aos de todos os



outros partidos.

Dizia Bovio, que *o partido revolucionário por excelência deve ser anarquista.* E será. A revolução poderá ser feita, repetimos pela milésima vez, ainda com uma orientação não-anarquista, mas será o tanto mais completa, quanto mais anárquica seja; e se salvará de um retorno ao passado, de um salto para trás, quer dizer, haverá triunfado de todo só quando tiver dado aos homens toda a liberdade, impossibilitando qualquer dominação e qualquer ditadura de qualquer espécie que seja e sob qualquer nome que se esconda. Eis aqui porque, continuando o combate pelo anarquismo e não pela ditadura, sustentando que a prática libertária da revolução é mais útil para o seu êxito que a prática autoritária, estamos seguros não só de continuar sendo coerentes com nosso ideal, mas também de estar e de permanecer no terreno da realidade mais que outros grupos e partidos; em suma, de ser os melhores artífices práticos do triunfo da revolução.

* * *

Se nesta forte e profunda convicção os anarquistas chegam a ver seus esforços coroados pelo êxito na revolução que se aproxima, não obterão nenhuma vantagem, nem como indivíduos nem como coletividade militante, exceto a que a obtenham em comum com os demais homens, feitos mais livres, em uma sociedade mais rica, mais fraterna e mais justa.

Se os anarquistas fracassarem – se recrudescer a reação, se a revolução for derrotada ou der lugar a uma nova tirania mais ou menos encoberta e de qualquer modo que se chame - , não lhes escapa que pagarão muito caro o seu sonho e seu amor a liberdade. O ódio aos dominadores, velhos ou novos, seria vingado sem misericórdia alguma de sua rebelião jamais definitivamente apaziguada. Mas, ainda que em tal caso, os anarquistas, seguros de sua reivindicação em um futuro distante, cairiam com a cabeça erguida, ainda cheios de fé no Ideal, repetindo a antiga invocação estóica: *Ave, libertas, morituri te salutant!*

**Notas:**

[1] *L'Avenir Anarchico,* Pisa, 22/08/1919.
[2] *Il Risveglio,* Genebra, 08/11/1919.
[3] E. Malatesta, em uma entrevista no *Avanti!*, Milão, dezembro de 1919.

# O anarco-comunismo organicista e o sentido da organização anarquista

Antes de mais nada, a publicação destes textos e de outros já publicados pelo coletivo editorial[1] cumpre o papel de divulgar textos desconhecidos do anarquismo, que por si só demonstram que o anarquismo não só é múltiplo, mas tem sérias divergências entre suas várias correntes. Textos que defendem um partido anarquista, a utilização da violência revolucionária e combatem o individualismo, podem parecer novidade para muita gente, mas fazem parte da história do anarquismo e têm mais de 80 anos. Neste artigo que fecha o livro, o coletivo editorial faz suas avaliações sobre os textos publicados, examina a permanência do anarco-comunismo nas práticas do anarquismo de hoje e termina discutindo a questão da organização dos anarquistas na atualidade.

## Uma avaliação crítica

Entre os textos de Luigi Fabbri começamos pelo texto sobre organização anarquista, escrito e apresentado para congressos anarquistas. Consideramos um texto primoroso em relação a este tema e só temos a acrescentar na argumentação de Fabbri. Ele conseguiu reunir e sistematizar num só texto muitas opiniões históricas dos anarquistas defensores da organização. A nossa ressalva é menos em relação à organização em si, e mais no que tange à estratégia e às táticas desta organização. Malatesta e Luigi Fabbri herdaram a estratégia propagandista do anarco-comunismo, embora tenham rompido, como já comentamos anteriormente, com muita coisa da tradição anarco-comunista.

Os textos seguintes, do livro *Ditadura e Revolução*, são muito diferentes e pertencem mais ao campo da reflexão teórica. Destacamos como algo positivo o tratamento dado à questão da violência, onde o autor deixa claro que combater uma ditadura não significa abrir mão da repressão contra a burguesia, fato inevitável e necessário numa revolução, falando numa etapa de "terrorismo libertário". Luigi também diferencia etapas de um processo revolucionário: a construção, o momento de ruptura revolucionária com a expropriação e destruição do Estado, e construção da nova organização social num sentido socialista.

Outro aspecto fundamental do texto de Fabbri é sobre a necessidade da expropriação imediata numa revolução. E mais do que isso, a relação que ele analisa entre propriedade e Estado, avaliando que sem a expropriação, sem a eliminação da base econômica do Estado, a destruição deste fica comprometida e ameaça a própria revolução. Neste ponto ele destaca a contradição dos socialistas marxistas com suas próprias teorias, que conferem aos aspectos econômicos posição determinante, mas que não renegam isso na prática ao proporem uma revolução que principia pela política e deixa o ataque à base econômica para um segundo momento.

Fabbri também esboça, sem aprofundar-se no tema, uma forma de poder popular que surgiria após a ruptura revolucionária, baseada nos organismos proletários e populares, na sua época os sindicatos, conselhos operários, associações de trabalhadores etc. É uma questão de fundamental importância para pensarmos hoje, sobretudo para aqueles que rejeitam qualquer forma de poder estatal e verticalizada e ao mesmo tempo sabem que não existe vazio de poder e as coisas não vão andar "naturalmente" da noite para o dia. É necessária a construção de um poder popular, horizontal, baseado em organizações no próprio movimento social, na prática da democracia direta e ação direta e que tenha capacidade de coordenar as decisões coletivas necessárias. As formas e a caracterização do poder popular permanecem um tema em aberto para a discussão nos dias de hoje.

Neste ponto, temos algumas críticas a Luigi Fabbri. Todo seu texto é permeado por uma confiança exagerada no poder criativo da espontaneidade popular. Este parece ser um dos motivos pelos quais Fabbri não avança muito na questão de como se organizaria a sociedade socialista libertária após a revolução. Tirando algumas indicações genéricas o anarquista italiano termina sempre apostando que o povo saberá o que fazer no momento oportuno. O curioso é que Fabbri critica Kropotkin



pelo seu otimismo exacerbado, mas ele próprio ainda carrega muitos valores do anarco-comunismo kropotkiniano. Termos como "natureza", "harmonia natural", "espontaneidade", "livre iniciativa" etc. estão presentes durante todo o texto.

Também reflete esta concepção o papel que ele propõe aos anarquistas antes, na preparação da revolução: "fazer propaganda". Somente no momento revolucionário os anarquistas deveriam passar à ação. Por isso mesmo ele diz que os anarquistas são "um partido de idéias". Atribui-se um papel de destaque ao poder das idéias e muito pequeno à prática dos anarquistas. No final das contas, isso reflete uma concepção de história idealista, sugerindo que a realidade muda pela conscientização das pessoas. Nós entendemos que sem uma maior ênfase na prática do anarquismo entre a classe explorada, de pouco adiantará a difusão, sempre limitada, de idéias. E, além disso, por mais que as idéias se estendessem, nunca mudariam nada por si só, seriam apenas o primeiro elemento, exigindo sempre a prática como elemento vivo e transformador.

Outra crítica refere-se à forma de utilizar a violência revolucionária, ou libertária, como chama Fabbri. Ele afirma que isso pode ser feito sem a necessidade de um Estado, com o que concordamos. Mas ao mesmo tempo acredita que esta tarefa pode ser realizada por grupos locais, totalmente independentes uns dos outros, acreditando que o povo saberá por si só ser justo e eficiente na repressão. Novamente aparece uma valorização exacerbada da espontaneidade popular. No caso da violência encontramos três problemas. O primeiro é que a atuação descoordenada de vários grupos que fariam a repressão e aplicariam as penas que avaliassem necessárias poderia facilmente descambar num terror indiscriminado e sem critério algum, portanto nada garante que haveria justiça. Em segundo lugar, num embate contra as forças da burguesia é necessária a coordenação de esforços, a unificação dos corpos armados. Não se trata aqui de discutir a forma concreta disso (guerrilha, exército popular etc.), algo que somente é possível definir diante de uma situação dada. O que é preciso demarcar é que a coordenação das ações é uma exigência concreta e a prática histórica dos anarquistas ucranianos, de 1918 a 1921, e dos anarquistas espanhóis, de 1936 a 1939, para citar somente dois casos, o comprovou.

Em terceiro lugar, entendemos que não pode existir na revolução autonomia para o aparato militar, seja ele um grupo, uma guerrilha ou exército. Dar liberdade neste caso significa gerar um corpo armado que

decide e atua como bem entende, sem se submeter à orientação e às decisões dos organismos populares da revolução. O risco de uma militarização, de um descompasso entre as demandas populares e os desejos do corpo armado, e do estabelecimento pela força de um governo se multiplicariam com esta autonomia.

Mesmo com todas as críticas que fazemos o livro tem a virtude de colocar para os anarquistas problemas reais de um processo revolucionário e aprofundar discussões normalmente muito vagas. E isso tem tudo a ver com o contexto histórico em que foi escrito, uma situação que obrigava os anarquistas a pensar nas atitudes práticas a tomar. Estava em curso a Revolução Russa e a Itália vivia um processo revolucionário, com as greves gerais e ocupações de fábrica. Infelizmente em ambos os casos a revolução foi derrotada no início da década de 1920.

Quanto aos textos de Malatesta, são de uma natureza bem diferente. Todos eles foram escritos para periódicos, o estilo é outro e o público também. De qualquer forma pouco temos para acrescentar em relação aos textos. O que se reafirma é a defesa do princípio da organização, da organização das massas, da organização dos anarquistas em partido, a diferenciação entre o âmbito social, de massas e o âmbito específico da organização anarquista, a crítica ao individualismo e a posição de Malatesta sobre a violência, tema que nos pareceu bastante atual neste momento.

Comparado a Luigi Fabbri, Malatesta tem muitas semelhanças, mas algumas diferenças importantes sobretudo na forma de tratar a herança anarco-comunista. Por um lado, ele manteve durante toda sua vida uma intensa atividade propagandista e dirigiu vários periódicos anarquistas e operários, o que tem a ver com a estratégia da propaganda dos anarco-comunistas. Também afirmou em muitos textos a propaganda das idéias como a principal atividade dos anarquistas. Por outro lado, sua trajetória de vida está em constante tensão com esta opção, ele próprio foi um militante organizador e não se limitou a participar do movimento operário para apenas fazer propaganda. As inúmeras insurreições populares nas quais tomou parte são prova disso. Encontramos entre seus artigos, tanto escritos exaltando a propaganda, quanto escritos dizendo que as coisas se mudam com a ação e não com palavras.

A história de vida de Malatesta, ligado ao bakuninismo de início e sempre vivendo como um trabalhador explica as atividades ligadas tanto à ação quanto à propaganda. Já Luigi Fabbri foi formado dentro da



tradição anarco-comunista, era 25 anos mais jovem que Malatesta e absorveu bem mais do anarco-comunismo. Além disso, foi professor durante sua vida, trabalhava com textos, livros, etc., e não teve uma vida tão agitada quanto a de Malatesta e isso certamente contribuiu para uma inclinação maior pela estratégia da propaganda e conscientização.

## A permanência dos valores anarco-comunistas no anarquismo atual

Como já colocamos em nosso texto introdutório sobre o anarco comunismo, há uma parte considerável do meio anarquista que sem reivindicar-se desta corrente, sem ao menos conhecê-la muitas vezes, sem usar conceitos como estratégia e tática; acaba de diferentes formas, abraçando a estratégia educacionista e coscientizadora. Zines, shows, livros, palestras, boletins, informação pela internet, tudo isso por acaso não serve no final das contas ao objetivo de conscientizar. E não se trata apenas de mais uma atividade, na maioria dos casos é "a" atividade central dos grupos.

Repete-se, em condições piores do que a virada e início do século XX, a mesma estratégia com roupagens novas, muitas vezes em nome do novo, do moderno. Avaliamos que hoje, com a extensão do aparato ideológico da burguesia, as condições para agir neste campo são ainda mais difíceis do que há 80 ou 100 anos atrás. Na época não havia TV, rádio e todo aparato de entretenimento que existe hoje, sindicatos e movimentos chegavam a publicar jornais diários,que embora de menor circulação e volume conseguiam resultados expressivos. Mas o que dizer de hoje?

Não estamos dizendo que este trabalho seja desprezível, mas apenas limitado na sua abrangência, o que não significa abandoná-lo, mas encará-lo de outra forma e com expectativa diferente quanto ao poder de atração que exercerá e possibilidade de atingir grande quantidade de pessoas. Existem outras armas para se combater o sistema para que joguemos todas as nossas esperanças na propaganda e conscientização. O fato de canalizar todas as energias num único campo pode levar a situações desanimadoras. Muitos superam o desânimo e continuam, mas em muitos casos, a frustração acaba em afastamento das atividades militantes, em outros desemboca numa aversão ao"povo inconsciente", "burro", "imbecilizado". A culpa pelo fracasso é transferida ao povo, a pessoa se exime das responsabilidades pelo fracasso, não enxerga seus erros e

limitações, consegue uma desculpa para se tornar cético, abandonar os trabalhos militantes e "cuidar da vida". Será mais um daqueles casos onde se passa de incendiário a bombeiro, um pessimista de plantão, pronto a dizer "já passei por isso, desista..." Em outros casos, o ceticismo é mais leve e busca-se refúgio num pequeno grupo de afinidade, livre de "impurezas", um "pequeno mundinho libertário", um grupo elitista e "aristocrático" que constrói valores próprios e fechados, que pouco se diferencia de uma seita. No final das contas tudo resultou de uma estratégia errada, em desacordo com a realidade e por isso mesmo infrutífera.

**Uma organização anarquista para quê?**

Os textos publicados levantam discussões que vão mais além do que discutir se os anarquistas são a favor ou contra organização. Há algum tempo atrás esta discussão era central no movimento libertário, toda vez que se falava em organização abria-se uma polêmica enorme. Os temores de criar um monstro burocrático apavoravam tanto que muitos anarquistas rechaçavam totalmente a idéia, alguns chegavam ao cúmulo de afirmar que organização era algo estranho ao anarquismo.

Felizmente este tempo está passando e as coisas amadurecendo, ficando claro que existem tanto os anarquistas individualistas e/ou espontaneístas, contrários à formação de uma organização; quanto anarquistas partidários da organização. Isso sempre fez parte da história do anarquismo e dificilmente vai deixar de fazer, ainda existem anarquistas avessos à organização e individualistas assumidos, tudo bem; que cuidem de suas vidas. Enquanto isso, nós lutamos por aquilo que acreditamos. Porém, nós que somos defensores da organização dos anarquistas entendemos que já é o momento de avançarmos em direção a outras questões.

É impossível se falar de organização em termos abstratos, assim como é infrutífero começar a discutir suas formas concretas (se vai se organizar por núcleos, que instâncias terá ou não, qual o método decisório, quais os critérios para ingresso etc.) sem antes discutirmos o que se pretende com uma organização anarquista. Algumas tentativas de formar federações, confederações e organizações anarquistas pelo Brasil fracassaram nos últimos anos. Certamente não faltou vontade aos que se envolveram nestes processos, e nós nos incluímos entre eles. Outros fatores contaram como a falta de maturidade e experiência dos militantes, mas



principalmente faltou em nossa opinião, discutir qual o objetivo de formar uma organização anarquista. Qual a estratégia para alcançar este objetivo? Quais as táticas para tornar real esta estratégia?

Sem responder a estas questões, entrar na discussão de detalhes será pouco produtivo. As formas concretas que vai tomar a organização anarquista não estão dadas, não existe um modelo pronto e acabado a ser aplicado, o máximo que existe é uma orientação geral a respeito de princípios como horizontalidade, federalismo, participação, ação direta etc. Mas isso é muito pouco, e às vezes muito vago, pois cada um entende estes conceitos de um forma diferente.

Muitas vezes as mesmas pessoas que procuram valorizar a diversidade, procuram disfarçar as divergências e sugerem que o acordo quanto ao objetivo é suficiente para se formar uma organização. Assim, se todos tem como objetivo "a revolução" e são anarquistas, isso bastaria. Alguns vão mais além, e traçam como objetivo "destruir o Estado e o capital", coisa com a qual concordam praticamente todos os anarquistas e que também não diz muito. O necessário é discutir os meios, a estratégia e as táticas.

Sem discutir estas questões o mais provável é que se forme uma organização, seja ela que nome tenha (federação, união, partido, frente etc.) que agrupe distintos grupos anarquistas com práticas distintas, às vezes conflitantes, e que possuem, mesmo que de maneira não declarada, opções estratégicas diferentes. A tendência é que os conflitos que foram colocados debaixo do tapete em nome da unidade, acabem aparecendo na medida em que a organização começa a caminhar. Cada um puxa para um lado e o resultado é que a organização, o coletivo, não consegue caminhar. Daí, para surgirem conflitos que se tornam pessoais é um pulo e a experiência da organização termina de maneira traumática para muitos militantes.

Não estamos dizendo que todos devem ter o mesmo tipo de prática numa organização, ou sugerindo qualquer forma de uniformização ou padronização. As formas de se atuar podem ser distintas, mais do que isso, precisam ser distintas para se atingir o capitalismo em vários pontos. Mas, isso tudo, deve estar dentro de uma mesma estratégia, e observando o movimento anarquista como um todo, francamente não vemos a variedade de práticas confluir para o mesmo rumo, o que não tira o valor de cada luta em particular, mas limita e muito seus efeitos.

Também não estamos afirmando que seja necessária a elaboração

prévia, em detalhe e profundidade, de um programa, para somente depois se construir uma organização anarquista. Esta tarefa é sem dúvida muito importante, mas pode ser levada adiante com o tempo. O que avaliamos como imprescindível é a definição de alguns marcos na discussão. O primeiro deles consideramos como dado, ou seja, é o próprio entendimento de que uma organização anarquista é necessária e tem um papel a desempenhar num projeto revolucionário, coisa que Malatesta, Fabbri, Bakunin, Makhno, Durruti e muitos outros anarquistas pensavam.

Outro ponto fundamental para nós é compreender a distinção que existe entre uma organização anarquista e o movimento social. Isso pressupõe que nós não buscamos um movimento anarquista de massas, não buscamos movimento anarco-sindicalista, anarco-estudantil, anarco-comunitário etc. Concebemos o anarquismo como um método de luta, um projeto político. Pensamos que a ideologização ou partidarização de qualquer movimento social, divide e enfraquece de um lado e acaba substituindo a organização anarquista por algo mais amorfo por outro lado.

O que pensamos é numa organização anarquista que atue em vários âmbitos: no âmbito da propaganda das idéias, na formação política, em trabalhos internos, e nos movimentos sociais (bairros, ocupações, escolas, universidades, espaços de trabalho etc.). Existindo um objetivo e uma estratégia, as táticas são decorrentes. Entendemos que deve ser uma discussão e uma decisão coletiva e horizontal da organização anarquista colocar mais energia nesta ou naquela atividade em determinando momento.

Apesar de serem necessárias várias frentes e modalidades de atuação, toda organização tem limites: tem um número restrito de membros, tem necessidades materiais e financeiras que podem limitá-la, tem dificuldades internas etc. Nesta situação torna-se impossível atuar em tudo. Além disso, a organização deve analisar a realidade, avaliar em que campo é mais interessante atuar num dado momento. Isso obriga a escolher certas atividades com critério. E isso não é privilégio de uma organização, qualquer grupo por menor que seja, qualquer indivíduo escolhe o que vai fazer, prioriza determinadas atividades em detrimento de outras que avalia menos importantes. Muitas vezes estas opções não são pensadas e se cometem erros, se desperdiçam energias, pessoas se frustram e se afastam. Uma das tarefas da organização é avaliar onde vamos depositar nossas energias.



Em nossa opinião, a atuação nos movimentos sociais é peça fundamental de um projeto revolucionário. Outras tarefas também têm a sua importância, como a propaganda, por exemplo, mas são secundárias a nossa ver. Neste ponto, manifestamos uma clara discordância com Luigi Fabbri e em grau menor com Malatesta. Apesar de concordarmos quanto à idéia de uma organização anarquista divergimos sobre a sua estratégia.

Terminamos por aqui nosso texto de discussão dos textos publicados. Procuramos uma atitude em que não se tratem os textos e autores clássicos do passado como objetos sagrados aos quais se presta reverência. Por outro lado, não queremos desfazer do passado, seguindo modas políticas e intelectuais, que, sem saber, repetem coisas já ditas por outros há tempos, não é preciso reinventar a roda.

*Luta Libertária*

---

[1] BAKUNIN, Mikhail. *Socialismo e Liberdade* e MAKHNO, Nestor. *Anarquia e Organização.*

Bibliografia:


Teses:

**LUIZETTO**, Flávio Venâncio. *Presença do Anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional, 1900-1920*. Doutorado, FFLCH-USP; São Paulo 1984.

Livros:

**BAKUNIN**, Mikhail. *Socialismo e Liberdade*. Luta Libertária, São Paulo 2002.

**CAPPELLETI**, J. Angel. *El Pensamiento de Malatesta: idealismo ético y socialismo libertário*. Recortes, Motevidéu 1990.

**FABBRI**, Luigi. *Dictadura y Revolución*. Proyección, Buenos Aires 1967.

**KROPOTKIN**, Piotr. *La Moral Anarquista*. Júcar, Madri 1978.

**KROPOTKIN**, Piotr *Textos Escolhidos*. L&PM, Porto Alegre 198?

**LUIZETTO**, Flávio. *Utopias Anarquistas*. Brasiliense, São Paulo 1987.

**MAKHNO**, Nestor. *Anarquia & Organização*. Luta Libertária, São Paulo 2001.

**MALATESTA**, Errico. *Escritos Revolucionários*. São Paulo, Novos Tempos 1989.

**MALATESTA**, Errico. *A Anarquia*. São Paulo, Imaginário 1999.

**MALATESTA**, Errico. *Textos Escolhidos*. L&PM, Porto Alegre 1984.

**MALATESTA**, Errico.*Anarquistas, Socialistas e Comunistas*. São Paulo, Cortez 1989.

**MALATESTA**, Errico.*Socialismo y Anarquia*. Ayuso, Madri 1977.

**NETTLAU**, Max. *La Anarquia Através de los Tiempos*. Júcar, Madri 1975.

**Livros lançados pelo coletivo editoral Luta Libertária:**

**MAKHNO**, Nestor. *Anarquia & Organização*. Luta Libertária, São Paulo 2001.(100 págs)
Este livro traz textos de Makhno e do grupo *Dielo Trouda*, do qual fez parte. E traz também textos de Piotr Archinov, outro militante que viveu os episódios revolucionários na Ucrania e textos de debate entre estes, Makhno e Malatesta, em torno da plataforma de organização proposta pelo *Dielo Trouda*.

**BAKUNIN**, Mikhail. *Socialismo e Liberdade*. Luta Libertária, São Paulo 2002.(110 págs)
Seleção de recortes temáticos onde se procura focalizar temas importantes na obra de Bakunin, que ainda são muito atuais e úteis para quem pensa em socialismo e anarquismo enquanto ferramentas na luta pela superação do capitalismo.

Impressão e Acabamento:
Expressão e Arte Editora
Rua Waldemar Martins, 926 – Casa Verde – SP
Tels.: 3951-5188 / 3951-5240 – arteimpressa@node1.com.br

## Luigi Fabbri

Fabbri é um autor e militante pouco conhecido aqui no Brasil, mas isso não significa que seus textos sejam de menor importância, pois seus escritos trazem também elementos enriquecedores para o debate das lutas sociais e para o estudo do anarquismo, já que o autor muitas vezes contraria o estereótipo que se faz do pensamento libertário.

Luigi Fabbri nasceu em 1877, em Fabriano, na Itália, na maior parte de sua vida trabalhou como professor e também não tardou a se envolver nas lutas sociais de seu tempo. Foi também militante anarco-comunista, amigo de Pietro Gori e Malatesta, com quem sempre teve grande afinidade. Com o primeiro trabalhou na revista Il Pensiero, com o segundo também esteve envolvido na publicação de jornais e revistas anarquistas e no trabalho de organização da União Anarquista Italiana.

Fabbri sempre marcou presença em diversas reuniões e congressos anarquistas pela Itália e Europa e na década de 1920, com os fascistas subindo ao poder, e o aumento da repressão, foi obrigado a se exilar. Foi primeiro para a França, depois para a Bélgica e acabou por se fixar no Uruguai, onde publicou a revista Studi Sociali. Luigi Fabbri faleceu em 1935 ainda exilado no Uruguai.